FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
Departamento de Estudos Portugueses e Românicos
Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes

REINO DE BABILÓNIA, DE SÓROR MADALENA DA GLÓRIA: TEXTOS E PARATEXTOS (REEDIÇÃO E LEITURA)

Dissertação de Mestrado, elaborada sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Morujão, apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ana Luísa Pêgo Reis

Porto
2010

Para a minha avó
In memoriam

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio incondicional que sempre me deram.

Ao meu irmão, por ser o meu investigador privado em Coimbra.

Ao Guilherme, por ter juntado o seu talento ao de Debrie na correcção da gravura inicial.

Ao Doutor Laurence Grove e ao Doutor Luís Gomes, pela generosa divulgação do precioso livro *Mosaics of Meaning – Studies in Portuguese Emblematics*.

À Doutora Cristina Cunha, pela valiosa ajuda na decifração do *Termo de Preguntas Feitas a Dona Magdalena da Glória* e pela realização do curso livre *Manuscritos de Antanho*, uma óptima preparação para descodificar documentos de outras épocas.

À Doutora Isabel Morujão, pelo carinho, paciência e dedicação que mostrou por este trabalho.

A todas as outras pessoas, demasiadas para conseguir enumerar aqui, que me ajudaram na elaboração desta dissertação.

Sumário

I. *Reino de Babilónia* de Sóror Madalena da Glória: Porquê Reeditar?	VII
II. Mosteiros Femininos: Uma Realidade (Des)Conhecida	XV
III. Os Paratextos	XVII
IV. Literatura de Religiosas: Uma Escrita em Rede?	XXII
Critérios de Edição	XL
Bibliografia	XLVI

Reino de Babilónia, de Sóror Madalena da Glória

Capítulo I	37
Capítulo II	47
Capítulo III	57
Capítulo IV	65
Capítulo V	73
Capítulo VI	83
Capítulo VII	91
Capítulo VIII	101
Capítulo IX	109
Capítulo X	123
Capítulo XI	133
Capítulo XII	143
Capítulo XIII	155
Capítulo XIV	165
Capítulo XV	175
Capítulo XVI	183

I. *Reino de Babilónia* de Sóror Madalena da Glória: porquê reeditar?

a) Uma área de estudos em desenvolvimento

O ressurgimento do interesse pela literatura portuguesa de autoria feminina – iniciado pontual e longinquamente por Mendes dos Remédios, com *Escritoras Doutros Tempos (Extractos das Obras de Violante do Céu, Maria do Céu e Madalena da Glória)*, em 1914, mas só retomado mais sistematicamente a partir da década de 90 com a edição, logo em 1990, de *A Preciosa*, de Sóror Maria do Céu (edição de Ana Hatherly) e em 1994, com a edição de *Rimas Várias*, de Sóror Violante do Céu (edição de Margarida Mendes) – justifica em parte esta reedição de *Reino de Babilónia*, de Sóror Madalena da Glória, para um público actual.

Cumprindo-se, neste final de 2010, vinte anos certos sobre essa reedição pioneira de Ana Hatherly, a reedição de *Reino de Babilónia* que agora se apresenta adquire para nós um especial sabor de celebração, que procura dar continuidade a esse gesto fundacional. De facto, é nestes últimos vinte anos que se desenvolve com maior vigor uma investigação mais sistemática das autoras femininas da Idade Moderna, religiosas e não só, com a realização de colóquios[1], a elaboração de trabalhos académicos vários, mesmo a nível de mestrado e doutoramento, com relevo para investigadoras como Ana Hatherly, Vanda Anastácio, Isabel Morujão, Micaela Ramón, Sara Augusto, Filomena Belo, Anabela Galhardo do Couto, Dídia Outeiro Cruz e Maria Manuela Paulo e, no Brasil, Beatriz Amazonas Cardoso ou Lígia Bellini, entre várias outras[2]. A edição de compilações de textos sobre o tema, como é o caso do volume da

[1] A título de exemplo, o colóquio *D. Maria de Portugal, Princesa de Parma*, em 1999, e, mais recentemente, os encontros culturais de S. Cristóvão de Lafões.

[2] Vanda Anastácio dedicou-se sobretudo à Marquesa de Alorna, com *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*, em 2007, *Sonetos*, em 2008, editados no Brasil, e *A Marquesa de Alorna (1750-1839). Estudos*, em 2009. Ana Hatherly edita, em 1990, *A Preciosa*, de Sóror Maria do Céu. A tese de doutoramento de Isabel Morujão, *Por trás da Grade: Literatura Conventual Feminina em Portugal: Séculos XVII e XVIII*, Porto, FLUP, 2005, aborda temas e formas da poesia monástica feminina, procurando entender a sua funcionalidade no contexto intra e extraconventual. Outra tese de doutoramento sobre o tema é a de Maria Micaela Ramón, *A Novela Alegórica em Português dos Séculos XVII e XVIII – o Belo ao Serviço do Bem*, Braga, UM, 2006, que se detém em diversos exemplos de prosa religiosa feminina. Sara Augusto possui diversos ensaios sobre novelas alegóricas. Nas teses de mestrado, Filomena Belo apresenta *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deus, a Venerável Madre Elenna da Cruz por Sóror Maria do Ceo*, Lisboa, UNL, 1990, e Anabela Galhardo do Couto apresenta *Dualismo e Reversibilidade em* Enganos do Bosque, Desenganos do Rio *de Sóror Maria do Céu*, Lisboa, UNL, 1991. *A conquista do reino dos céus segundo*

História e Antologia da Literatura Portuguesa dedicado à *Literatura de Conventos – Autoria Feminina*, compilado por Isabel Allegro de Magalhães, do livro *Monjas Dominicanas* e ainda de *Mulher. Espírito e Norma*, vai, assim, conferindo densidade a esta área de estudos.[3]

O actual cânone literário português relativo aos séculos XVII e XVIII exibe uma presença maioritariamente masculina, com poucas – quase nenhumas – mulheres a figurarem nos manuais escolares e nas histórias da literatura. No entanto, as mulheres religiosas terão contribuído para uma fatia considerável da produção manuscrita e impressa nacional, com larga repercussão no horizonte de leitura dos Portugueses, como o comprova Isabel Morujão, no seu *Contributo para Uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos Séculos XVII e XVIII*: um total de quase setenta obras publicadas num espaço de quase duzentos anos. É, assim, função destas reedições e estudos contribuir para a revisão do cânone literário desta época, dando a revelar nomes, obras e géneros.

O alargamento do cânone literário destes séculos mais remotos contribuirá, certamente, para uma melhor compreensão do universo cultural da mulher portuguesa da Idade Moderna, especificamente da mulher religiosa e, ainda, para uma percepção mais clara do movimento editorial desta época, permitindo perceber horizontes de expectativa, dinamismos de certas formas, géneros e funções assignados à literatura em geral e à produção feminina em particular. Por esta razão nos centraremos fundamental-

---

Madalena da Glória ou Reyno de Babylonia, ganhado pelas armas do empyreo, Lisboa, UNL, 1993, foi a tese de mestrado de Dídia Outeiro Cruz, seguida de *Aves Ilustradas, de Sóror Maria do Céu – Edição Comentada Precedida de Um Comentário*, de Maria Manuela Paulo, em 1994. Beatriz Amazonas Cardoso apresentou a tese *"Eu sou mulher e não tenho a pena de Homero" – Theresa Margarida da Silva e Orta e as Origens da Escritura Feminina Portuguesa*, São Paulo, USP, 2009. Lígia Belllini elaborou o artigo "Vida Monástica e Práticas de Escrita entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime", publicado na *Campus Social* de 2006/2007, e "Experiência e Ideais de Vida Religiosa em Mosteiros Portugueses Clarianos, nos Séculos XVII e XVIII", em 2009, em parceria com Moreno Laborda Pacheco.

[3] Além destes títulos, encontrámos ainda compilações poéticas que incluem mulheres religiosas do Barroco, como a *Antologia da Poesia do Período Barroco*, da organização de Natália Correia, em 1982, os *Poemas de Amor: Antologia de Poesia Portuguesa*, uma compilação feita por Inês Pedrosa em 2001 e, mais recentemente, em 2009, o livro *Os Dias do Amor*, compilado por Inês Amorim, e, já este ano, *Poemas Portugueses – Antologia de Poesia Portuguesa do Séc. XIII ao Séc. XXI*, da organização de Rui Lage e Jorge Reis-Sá. A estes livros adiciona-se o CD *O Prazer de Pecar*, poemas declamados por Vítor de Sousa, que saiu em 2008 e que inclui justamente o poema "Tenho amor, sem ter amores" de Sóror Madalena da Glória, e ainda o projecto do grupo Capela Joanina & Flores de Música, que estreou em Abril de 2010 no Centro Cultural de Belém e que esteve em Novembro do mesmo ano no Festival de Música Antigua de Úbeda y Baeza, em Espanha, que inclui a declamação de poemas de autores do Barroco, incluindo Sóror Violante do Céu e Sóror Madalena da Glória.

mente, nestas breves palavras de justificação, na análise dos paratextos reveladores dos contornos e particularidades da circulação do livro em Portugal.

b) Alguns dados sobre a autora, Madalena da Glória

Tanto quanto se sabe, Sóror Madalena da Glória nasce em 11 de Maio de 1672, filha de Henrique Carvalho de Sousa, Provedor das Obras do Paço de Sintra, e de D. Helena de Távora, também ela poetisa[4]. O local do seu nascimento permanece ainda incerto. O abade Castro e Sousa declara o seu local de nascimento como o Paço de Sintra[5], mas o "Termo de preguntas feitas a Dona Magdalena Eufémia de Vilhena"[6] *(vide Documento 1)* refere que a freira é natural de Lisboa, freguesia incerta[7]. O mesmo documento indica que, ao fim de dez meses de noviciado, Madalena Eufémia de Vilhena professa no Mosteiro da Esperança em 1688[8], sob o nome de Madalena da Glória. Inicia a produção literária em 1733 com *Astro Brilhante em Novo Mundo*, e a esta obra cinco outras se seguirão. Como explicar, entretanto, este lapso grande de tempo entre a data da profissão e a edição da primeira obra? Sóror Madalena da Glória tem já 61 anos quando se estreia como autora publicada e, no entanto, pouco tempo separa cada um dos seus livros. Tal poderia ser explicado por uma imitação da humildade materna que a religiosa quis respeitar em vida da mãe (D. Helena de Távora

[4] Segundo Diogo Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana*, Tomo II, Lisboa, 1965), D. Helena de Távora teria escrito quatro volumes de poesia, infelizmente condenados ao fogo aquando da sua entrada no convento, como sinal de humildade e desapego da fama.

[5] A. D. de Castro e Sousa, *Descrição do Palácio Real na Vila de Sintra, Que Ali Têm os Senhores Reis de Portugal*, Sintra, Câmara Municipal – Arquivo Municipal de Sintra / Arquivo Histórico – Gabinete de Estudos Histórico-Documentais, 2005.

[6] Biblioteca do Patriarcado, Exames de Religiosas, cota Ms 353, fl 111.

[7] A hipótese de Sóror Madalena da Glória ser da freguesia de Santa Catarina, como sugere o "Termo de preguntas feitas a Dona Magdalena Eufémia de Vilhena", parece-nos, no entanto, acertada, tendo em conta que este foi o lugar do nascimento e dos dois casamentos de D. Helena de Távora, sua mãe. Santa Catarina é, ainda, a freguesia onde se situava o Mosteiro da Esperança.

[8] Desconhecemos as razões da entrada no convento. Foi sugerido por Castro e Sousa (*op. cit.*, p. 37) que foi por "divina vocação", mas o conhecimento da data da morte de Henrique Carvalho de Sousa, cuja certidão de óbito não nos foi possível encontrar, poderia trazer luz a estes motivos. A morte de Henrique Carvalho e Sousa, assassinado numa briga, segundo D. António Caetano de Sousa (D. António Caetano de Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza…*, Lisboa, Regia Officina Sylviana, 1745), foi certamente um choque, pelo menos para D. Helena de Távora, que se fechou em casa durante 14 anos, dedicando-se unicamente aos filhos (cf. Machado, *op. cit.*, tomo II, p. 432).

falece em 1720) e que a poderá ter impedido inicialmente de divulgar os seus escritos, apesar de dela ter herdado o prazer da escrita.

No entanto, sabe-se que, à data do fim do noviciado, a freira saberia pelo menos assinar, como fica provado no "Termo de preguntas feitas a Dona Magdalena Eufémia de Vilhena" por ocasião da sua profissão no Mosteiro da Esperança. Mas em 1749, data em que publica o seu último livro (*Reino de Babilónia*), Sóror Madalena é obviamente uma mulher letrada, com cinco livros publicados (um dos quais reeditado), com um sólido conhecimento da escrita barroca e dos seus símbolos e códigos.

Há que apontar que *Reino de Babilónia* é um texto desigual, onde convivem, no mesmo espaço narrativo, trechos de verdadeira beleza e outros de alguma imprecisão sintáctica e semântica. Tal facto sugere alguma instabilidade no processo de criação literária de Madalena da Glória, que pode ter sido influenciada para a escrita pela convivência com Sóror Maria do Céu, escritora sua contemporânea, residente no mesmo convento da Esperança, tal como sugere Inocêncio Francisco da Silva. Após 1749, ano em que se edita *Reino de Babilónia*, não se conhece mais nenhuma obra desta autora. Sóror Madalena da Glória conta, em 1749, com 77 anos, e sobreviverá mais dez[9]. É possível que a idade já avançada a tenha impedido de escrever. Mas é também possível que no interior dos muros da Esperança tenha havido sequelas de um acontecimento que certamente terá afectado as rotinas diárias das religiosas: o terramoto de 1755. Este terramoto de Lisboa, de magnitude 9 na escala de Richter, provocou a destruição de zonas inteiras da cidade, incluindo igrejas e casas religiosas (como o Mosteiro da Rosa e o Convento do Carmo, por exemplo). Além disso, houve vários incêndios e um tsunami que devastaram a cidade. O Mosteiro da Esperança (actual Quartel dos Sapadores Bombeiros, na Av. D. Carlos I) ficava perto do rio, pelo que a sua localização o tornou vulnerável. Não ficou destruído, mas como avaliar o impacto de um terramoto na vivência do dia-a-dia do convento? Como avaliar a ressonância que teve em Sóror Madalena da Glória, então com 83 anos de idade?

Recentemente, em 2007, Anabela Galhardo Couto editou a tradução para italiano de alguns excertos dos *Brados do Desengano* de Madalena da Glória, incluindo alguns dos seus poemas. É altura, pensamos, de divulgar também em Portugal uma

[9] Segundo Inocêncio da Silva: "Ignoro a data do seu óbito, parecendo contudo que ainda vivia em 1759." (Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português*, tomo V, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998).

autora portuguesa quase desconhecida, que no seu tempo foi vivamente aplaudida como "Fénix dos Engenhos"[10].

Finalmente, entendemos que a reedição desta obra em particular é importante por se tratar da obra de uma escritora que terá sido bastante popular na sua época, e que já na altura conheceu a reedição de uma das suas obras e a tradução para castelhano de outra, *Astro Brilhante em Novo Mundo*, por Fr. Antonio del Riego[11]. Esta obra foi publicada no Peru, o que talvez se explique pela naturalidade de Santa Rosa de Santa Maria, que terá nascido neste país, em Lima.

c) *Reino de Babilónia*: Uma babel de enigmas

Em 1834, um decreto da autoria do então Ministro da Justiça, Joaquim António de Aguiar, determinou "a imediata extinção de todas as casas de religiosos (art.º 1) e a incorporação dos seus bens na Fazenda Nacional (art.º 2), à excepção dos vasos sagrados e paramentos que seriam entregues aos Ordinários das dioceses (art.º 3)". No caso dos conventos masculinos, este decreto concretizou-se na imediata expulsão dos religiosos das suas casas. O Estado tomou conta dos edifícios e dos bens que lá se encontravam, fazendo inventário das suas propriedades e haveres.

No caso das senhoras religiosas, a lei previu a manutenção dos mosteiros até à morte da última professa. Como resultado desta medida, muitas religiosas foram obrigadas a ir vendendo o espólio do mosteiro como meio de subsistência, enquanto outras legavam os seus bens a familiares e amigos. Nesse lapso de tempo, muitos mosteiros foram pilhados e raramente foram feitos inventários dos seus bens.

Neste contexto desolador, são importantes os achados como aquele que apresentamos aqui como Documento 2. Trata-se da reprodução da folha de rosto de um exemplar de *Reino de Babilónia* pertencente à biblioteca de livros raros da Universidade de Yale, nos Estados Unidos da América, onde se lê, na primeira página, a seguinte

[10] Inocêncio Francisco da Silva, *op. cit.*, p. 345.

[11] Sóror Madalena da Glória, *Astro Brillante en el Nuevo Mundo*, *Fragrante Flor de el Paraiso*. Traducida de portugues en castellano por el R. P. Fr. Antonio de Riego [...] y la saca a la luz [...] D. Estevan de Rojas y Melo, Prebendado en propriedad de la Sta. Iglesia Cathedral de Manila, Hijo de la Ciudad de Lima, en el Reyno del Peru, Patria de la Gloriosa Santa, a quien como Paysano mas apasionado, y devoto la consagra, ofrece, y dedica, Manila, Collegio y Universidade de Santo Thomas, Thomas Adriano, 1755.

inscrição manuscrita: "Do uzo de Soror Joaquina Marina | de S. Jozé. | Hẽ da capela da Madre | de Deus do Calvario de | Evora", como se sabe, um mosteiro de clarissas. Esta indicação não deixa de ser curiosa pela questão que imediatamente se impõe: já é sabido que algumas religiosas possuíam bibliotecas, mas por que razão haveria uma novela no interior da capela?

Transcendendo as instâncias da produção (autor, prefaciadores, editores e outros "agentes" do género), a importância deste tipo de "sinais" nos livros é a de assinalarem um percurso do livro (a existência de um leitor empírico real). Neste caso, a anotação refere a usuária e o local do uso, fornecendo dados consideráveis para a história da recepção e da intervenção do leitor. Mas, se a marca feminina do leitor empírico real não surpreende, o mesmo não se pode dizer do local de leitura. Os emblemas da obra que abrem cada capítulo (transferidos dos *Pia Desideria* para outra obra também religiosa), a par com a paráfrase dos salmos no capítulo XVI, constituindo embora marcas de miscigenação de géneros comuns à novela do século XVIII, poderão explicar a presença desta obra na capela do mosteiro, ao mesmo tempo que revela tipologias literárias não muito expectáveis nesse espaço de oração e canto.

É possível que as freiras utilizassem então o livro em causa não como entretenimento, mas sim como guião de orações. Parece-nos que poderia ser esta a razão da existência de um exemplar de *Reino de Babilónia* neste local do mosteiro, tendo em conta que o capítulo XVI apresenta a transcrição dos salmos penitenciais em latim e, também, a sua paráfrase em língua vulgar. Aliás, não seria este um caso isolado, no contexto da vida monástica feminina. Sabe-se hoje que Sóror Maria Madalena de Jesus deixou uma paráfrase de salmos em *Exposição Parafrástica de Alguns Salmos de David em Sentido Místico*[12].

A descoberta de outros livros pertencentes à mesma capela poderia trazer mais respostas. No entanto, a dispersão, escassez, ou em alguns casos, a inexistência de

[12] A este respeito, veja-se o que diz Isabel Morujão (*op. cit.*, p. 77): "A Madre Soror Maria Madalena de Jesus, que produziu várias obras em modalidades diversas, que vão do registo poético ao escrito místico e ao texto litúrgico, escreveu, a acreditarmos em Fr. Jerónimo de Belém, um comentário parafrástico aos Salmos, intitulado *Exposição Parafrástica de alguns Salmos de David em sentido místico, dividida em duas partes*, obra que as religiosas do seu convento muito valorizaram (leia-se, leram várias vezes e muitas delas) e que, "por ser feita em romance, se entrou na dúvida de poder-se usar dela sem escrúpulo; mas por se livrarem dele, recorreram as Religiosas ao Tribunal do Santo Ofício, donde alcançaram licença para o lerem, como a outro qualquer livro espiritual." O livro de Fr. Jerónimo de Belém em questão é *Crónica Seráfica da Santa Província dos Algarves da Regular Observância do nosso Seráfico Padre S. Francisco. Em que se trata de sua Origem, Progressos e Fundações de seus conventos*, Lisboa, na Oficina de Inácio Rodrigues, 1750-1758, tomo III, p. 367 e seguintes.

catálogos dos bens pertencentes aos mosteiros femininos constitui um espinhoso entrave ao estudo da produção e recepção da literatura feminina religiosa dos séculos XVII e XVIII. As notas manuscritas deste exemplar permitem-nos traçar um curso da história do livro que se manifesta num curso da história de uma cultura infelizmente caída no esquecimento, sobre a qual muito se perdeu.

Reino de Babilónia terá sido uma obra bastante apreciada e valorizada, a que deve ter correspondido um grande empenho editorial, a avaliar pela esplêndida colecção de ilustrações (emblemas) do gravador Debrie[13], que se socorreu da série de emblemas presentes em *Pia Desideria*, de Hermano Hugo, bastante conceituados na época, sobre os quais José Adriano de Carvalho se debruçou em "As Lágrimas e as Setas"[14]. Todos estes factos, sobretudo o mérito do gravador em causa, sugerem-nos que a obra terá sido, inicialmente, uma "aposta editorial", embora o resultado final seja desigual na totalidade dos exemplares conhecidos. De *Reino de Babilónia*, cuja tiragem é desconhecida, sabemos da existência de apenas alguns exemplares: quatro em Portugal (um pertencente à Biblioteca Municipal do Porto, outro à Biblioteca Nacional de Portugal, dois exemplares nas posse de alfarrabistas), cerca de sete nos Estados Unidos (destes sete, sabemos que um está na biblioteca do Columbia College, em Nova Iorque, outro pertence à colecção Peter A. Wick dos alfarrabistas Ars Libri, que adquiriram a colecção deste filólogo e coleccionador de obras portuguesas e castelhanas, e outro, já mencionado, está na Universidade de Yale), quatro no Reino Unido e um na Suíça. Deste grupo de exemplares, apenas pudemos observar três, constatando que não há entre eles diferenças a nível do texto, notando-se, no entanto, que o número de emblemas destes exemplares varia. Adicionalmente, o contacto dos actuais donos destes exemplares revelou que os exemplares da Biblioteca Nacional e da Ars Libri têm os dezassete emblemas, o da Biblioteca Municipal do Porto, nenhum, e o do Columbia College e um dos pertencentes a alfarrabistas portugueses, apenas alguns. O exemplar do Columbia College tem ainda a especificidade de ter gravuras trocadas (por exemplo, a gravura referente ao capítulo VI aparece duas vezes, uma na sua posição devida, outra antes do capítulo IX). Dos outros exemplares, não nos foi possível confirmar o número de imagens. Sobre os motivos da ausência ou troca das ilustrações, podemos apenas

[13] O prestigiado parisiense Guilherme Francisco Lourenço Debrie esteve em Portugal durante alguns anos a convite do rei D. João V. Aqui deixou um grande número de trabalhos enquanto desenhador.

[14] José Adriano de Carvalho, "As Lágrimas e as Setas. Os *Pia Desideria* de Hermano Hugo, S. J. em Portugal" *in Via Spiritus*, 2, 1995.

constatar que esta confusão confirma que as gravuras se incluíram só depois do texto e que alguma coisa se terá passado para existirem exemplares tão desiguais. Seria falta de verba? Descuido de impressão? Estes são enigmas a que não conseguimos dar resposta. Em todo o caso, a impressão apresenta descuidos evidentes, sobretudo na proliferação de gralhas e deslizes linguísticos, cuja origem não é possível detectar. De facto, atendendo aos vários agentes que interferem num livro até à sua finalização, será sempre prudente modalizar afirmações peremptórias. Mas o facto é que, mesmo a nível dos paratextos, se encontram construções algo relaxadas, como a informação que se colhe logo na abertura do livro: "Vende-se no largo da Conceição Velha, nas casas dos Religiosos do Carmo em todo cima, e outros livros religiosos."

Algumas formas verbais e lexicais ocorrentes na obra denunciam um discurso às vezes demasiado próximo do registo oral, o que pode indiciar um processo de auto-aprendizagem: *handem* (em vez de *hão-de*), *seres* (em vez de *serdes*), *emprender* (em vez de *empreender*), *alumeia* (em vez de *alumia*), etc. Estes elementos levam-nos a questionar sobre a realidade de alfabetização feminina nos séculos XVII e XVIII, quando ainda faltava em Portugal o plano de estudos proposto para a educação feminina pelo Pe. Teodoro de Almeida em 1782.[15]

Apesar do berço nobilístico de Sóror Madalena, não é certo que a origem seja garante de uma instrução consolidada. Onde e quando terá Sóror Madalena desenvolvido a arte da escrita? Aplicando a Madalena da Glória os parâmetros de avaliação dos níveis de literacia apresentados por Maria José Azevedo Santos em *Assina Quem Sabe e Lê Quem Pode*, é possível concluir-se que os traços evidenciados pela assinatura da religiosa, no termo de perguntas que assinala o final do seu noviciado e a permissão para professar, permitem situá-la num nível de alfabetização "intermédio"[16]. Alfabetizada, assim, ainda antes de entrar para o mosteiro, certamente por sua mãe, há que entender o que leva a religiosa a encetar o caminho da produção literária, sobretudo porque o faz muito tardiamente. Terá sido de facto decisivo o contacto com Sóror Maria do Céu? Terá sido o Mosteiro da Esperança o mediador na consolidação da instrução de

[15] A este respeito, veja-se Zulmira Santos, *Literatura e Espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

[16] Maria José Azevedo Santos, em *Assina Quem Sabe e Lê Quem Pode* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004), defende que o nível de alfabetização dos indivíduos pode ser descoberto através da análise das suas assinaturas. Ao analisar algumas assinaturas femininas, pode perceber-se quais as senhoras que teriam uma prática de escrita mais frequente, e em quais esta seria mais rara, servindo isto como indício do seu nível de formação intelectual.

Sóror Madalena? Ou serão os registos linguísticos marcados pela oralidade o resultado editorial de um técnico impressor semi-alfabetizado?

Valerá a pena relembrar que entre a assinatura que possuímos, datada de 1688, e a edição da sua primeira obra, *Astro Brilhante em Novo Mundo*, medeia um espaço de mais de quarenta anos…

II. Mosteiros femininos: Uma Realidade (Des)conhecida

Apesar de serem poucos os documentos que nos indiquem como era a vida nos mosteiros nos séculos XVII e XVIII, podemos tentar responder a algumas perguntas que se impõem quando iniciamos o estudo da existência de produção de literatura num espaço de clausura.

O que escreviam as religiosas? Conhece-se uma gama de géneros literários variados, como cartas[17], poesia (incluindo a forma da epopeia, uma modalidade superior, de acordo com Aristóteles), prosa, em forma de meditações, novelas, biografias e autobiografias…

Sobre o que escreveram? Frequentemente sobre Cristo, a sua mensagem e a sua vida; sobre outras religiosas e sobre santos; mais raramente, temas não religiosos, como a nação, o amor profano.

Quando escreviam as religiosas? Presumivelmente, as religiosas escreviam no espaço entre as orações e trabalhos do mosteiro. Se o mosteiro era um espaço votado ao silêncio e à reflexão, é normal que as forças motrizes do pensamento dessem luz também à imaginação.

Por que escreviam e para quem? Sabe-se, através de vários documentos, que alguns confessores incitavam as religiosas que a eles se dirigiam em confidência a escreverem, descrevendo nas suas narrativas vivências espirituais, conversas que entabulavam com Cristo, etc.[18] Se há cartas entre confessores e as suas "confessadas",

---

[17] Sobre a correspondência de religiosas, ver Fr. António das Chagas, *Cartas Espirituais* (ed. Isabel Morujão), Porto, Campo das Letras, 2000 e Isabel Morujão, "Um Epistolário Português de Clarissa: Contributo para a Reconstituição de Um Património Esquecido" (comunicação para o III Congresso Internacional de El Franciscanismo en la Península Ibérica – no prelo).

[18] Sobre estes impulsos de escrita, ver Isabel Morujão, "Sinais de Fogo. Entre a Voz e o Silêncio: Literatura e Espiritualidade nos Mosteiros Femininos" *in* AA.VV., *Mulher. Espírito e Norma*, Associação dos Amigos do Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, 2009.

há ainda o conhecimento de várias composições panegíricas presentes em diversas obras da época, publicadas nos paratextos, como encómio ao autor ou à obra em questão. O mosteiro, como espaço santo, era ainda um símbolo de virtude para a população das cidades e, por essa razão, havia curiosidade em conhecer a produção escrita que daí saía. Também isto poderia representar um incitamento para as religiosas que escreviam por impulso próprio. A leitura poderia também representar uma inspiração para religiosas que gostassem de escrever e tivessem gosto nessa actividade, como revelam os pequenos relatos que nos foram deixados nas crónicas religiosas[19], embora se suponha que a hagiografia fosse a modalidade mais lida. Fr. António das Chagas aconselhava as suas orientandas a lerem "vidas de santos, ou o *Combate Espiritual* ou o *Amor de Deus* de S. Francisco de Sales ou o Padre Puente"[20] Outras religiosas revelam-se também leitoras versáteis. Sabe-se que Sóror Violante do Céu, por exemplo, leu livros como *Flores de España, Excelencias de Portugal*, os *Discursos Varios Políticos* de Manuel de Severim Faria (um conjunto de biografias), entre outros, tendo também participado numa homenagem poética a Lope de Vega por altura da sua morte. Neste *Reino de Babilónia*, Sóror Madalena da Glória revela conhecer nomes como Ovídio, Plínio e Calderón. Dependendo dos conventos, alguns incitariam à leitura e à cultura que cada religiosa trazia, como é o caso do Convento da Rosa, onde Sóror Violante do Céu arrecadou vários prémios literários[21], e que teria mesmo tertúlias frequentadas por senhoras nobres[22]. Alguns mosteiros possuíam bibliotecas, e algumas religiosas tiveram mesmo as suas bibliotecas privadas, como o confirmam Isabel Morujão e Olímpia Loureiro[23].

---

[19] Jerónimo de Belém, *Crónica Seráfica da Província dos Algarves*, Lisboa, 1752-1758, e Cardoso, Jorge e D. António Caetano de Sousa, *Agiológio Lusitano* (ed. Maria de Lurdes Correia Fernandes), Porto, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

[20] "Carta XLV" *in* Fr. António das Chagas, *Cartas Espirituais* (ed. Isabel Morujão), Porto, Campo das Letras, 2000.

[21] Vejam-se as composições da autora no *Parnaso Lusitano* (tomo II) intituladas "Glosa da authora premiada em hum certamen do Convento do Carmo em Lisboa" e "Glosa de la autora premiada en un certamen en Lisboa".

[22] A este respeito, consultar "Alguns dados sobre Violante do Céu", *in* Violante do Céu, *Rimas Várias* (ed. Margarida Vieira Mendes), Lisboa, Editorial Presença, 1994. Isabel Morujão, em "Livros e Leituras na Clausura Feminina de Setecentos" *in Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, Porto, XIX, 2002, refere também o facto de que D. Luísa de Gusmão visitava com frequência o Convento da Madre de Deus, por duas das suas damas terem professado nele.

[23] Isabel Morujão, "Livros e Leituras na Clausura Feminina de Setecentos" *in Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, Porto, XIX, 2002, Olímpia Loureiro, "Os livros das monjas do Convento de S. Bento de Ave-Maria do Porto (finais do século XVIII)" *in Congreso Internacional del monacato*

Finalmente, resta responder à questão de quem lia efectivamente estas obras produzidas pelas religiosas. Sem dúvida, as religiosas e os religiosos. Fora deste âmbito da religião, dependendo de obra para obra, claro, haveria também outros leitores que não apenas as religiosas ou os confessores. Haveria certamente uma rede de leitores, o que se torna, aliás, patente dentro das próprias obras, no espaço dos paratextos. Tal presença pode ser observada nas dedicatórias e nos poemas laudatórios, que também mostram, por vezes, uma escrita suscitada pela sociedade[24]. Os próprios censores dão provas do conhecimento literário nacional e estrangeiro, citando os de *Reino de Babilónia* autoras como Sóror Juana Inés de la Cruz e a beneditina Jacquelline Bouette de Blemur, exemplos de literatura monástica estrangeira que sem dúvida ajudariam à integração da escrita das religiosas portuguesas no circuito editorial.

Assim, os mosteiros não são realidades fora do mundo, evidenciando uma rede de ligações sociais intensas com o exterior e com outros mosteiros.

III. Os paratextos

Gérard Genette, em *Seuils*, diz que o texto em raras ocasiões vem nu, fazendo-se acompanhar de uma série de produções, verbais ou não verbais, que o apresentam[25]. Estas produções são os paratextos, designação que provém da relação entre a palavra *texto* e o prefixo *para*, que define simultaneamente dois lados de uma fronteira e, portanto, um espaço não muito específico, mas ainda assim não muito vago. Os paratextos são um conjunto heterógeneo de práticas e discursos diversos, inconstante e variável de obra para obra. Também o seu aspecto funcional é difícil de definir, com diferentes paratextos a apresentar funções diversificadas.

Seuils é sobretudo um levantamento e definição de diferentes tipos de paratexto, passando pelas diferentes tipologias que Genette lhes atribui. Há paratextos textuais (os

---

femenino en España, Portugal y America (1492-1992), tomo 2, León, Universidad, 1993, Olímpia Loureiro, "Bibliotecas e leituras do clero do Porto (1769-1770)" *in Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora,* vol. 2, Évora, 1994, e, ainda, José Adriano de Carvalho, "Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura entre Franciscanas e Clarissas em Portugal no séc. XVII" *in Via Spiritus*, Ano 4, 1997.

[24] Tal é observado em *Reino de Babilónia* no poema de Alberto Azevedo Coutinho, que se refere a si mesmo como "médico lisbonense [que] persuadiu à Excelentíssima Autora a impressão deste livro".

[25] Gérard Genette, *Seuils*, Paris, Éditions du Seuil, 1987, p. 7.

mais comuns, que se apresentam através de um código linguístico), icónicos (imagens ou ilustrações), materiais (escolhas tipográficas) e factuais (as informações existentes sobre um autor ou o seu próprio livro). *Reino de Babilónia* apresenta paratextos de todos estes tipos, com a dedicatória a Francisco Ferreira da Silva, o prólogo ao leitor, as licenças, os poemas introdutórios e a própria folha de rosto a fazerem parte dos paratextos textuais; as dezassete gravuras de Debrie a ilustrarem o plano do campo icónico; o desenho das páginas (sobretudo os inícios de capítulo e a folha de rosto) a exibir a materialidade paratextual e, na área do factual, toda a bagagem informativa que o leitor teria já sobre o autor e a obra em questão, mas que é enunciado também pelos censores. O autor de *Reino de Babilónia* é uma mulher, Leonarda Gil da Gama, "natural da serra de Sintra", aparentemente pouco conhecida e cuja ligação à serra poderia indiciar uma prática de escrita pouco erudita. No entanto, Leonarda Gil da Gama assinara já outros livros, e uma rápida leitura dos primeiros paratextos permite-nos encontrar pequenos indícios da verdadeira identidade da autora. Fr. Manuel do Rosário, que assina a primeira licença, refere a autora como uma "disfarçada Leonarda Gil da Gama", "famosa serrana de Sintra". Fr. Tomás de São José, na sua licença, descobre ainda mais o véu do mistério da serrana de Sintra ao referi-la como "célebre", dizendo que o livro é precioso e "escondido pelo nome da autora, que só em anagrama se declara; […] e é escondido pela terra em que diz se gerou, porque na aspereza de uma serra se disfarça". O mesmo censor questiona ainda o leitor: "que importa que a sua autora se queira fazer rústica e serrana se a fama das suas virtudes e escritos declara a sua pessoa sábia e ilustre, e dá a conhecer o seu nome por *magnífico* e *glorioso*?" E continua o jogo, dizendo ainda que a autora "teve o seu nascimento na terra; porque sempre no seu nome se admira alguma coisa *da Glória*".

Finalmente, Fr. João de São José mantém o mesmo tipo de discurso, continuando a desconstruir o do pseudónimo: "Em o [monte] de Sintra fazem eco as vozes desta serrana, e não é a primeira vez que em os montes fizeram eco as vozes de uma desenganada em hábito penitente, respeitada em todo o mundo com o título de Madalena." A par destes pequenos enigmas, a palavra "Esperança", grafada com a inicial maiúscula, aparece pontualmente[26], e todas estas pistas indicam que Leonarda

[26] Em Fr. Manuel do Rosário: "… de muitos livros que hoje nobilitam e enriquecem a República literária, logo desperta novos estímulos a Esperança"; "Não sei como a curiosidade tão própria da corte não tem levado a muitos a descortinar as suas penedias, com a esperança de encontrar com o berço desta célebre serrana. Mas já me persuado que assim como Leonarda Gil da Gama descobriu sempre na sua, por mais

Gil da Gama era o pseudónimo de alguém que todos conheciam: sob o signo da Esperança – do convento da Esperança –, há alguém que tem mais da corte do que da serra[27] e o seu nome é Madalena da Glória. No entanto, de acordo com os censores, Sóror Madalena da Glória era não só conhecida como também apreciada. Como explicar, então, o pseudónimo?

"Leonarda Gil da Gama" é um pseudónimo anagramático de "Magdalena da Glória". Segundo Gérard Genette, o pseudónimo é também um paratexto – e neste caso parece ser um paratexto textual e factual – e portanto parte de um todo que compõe o livro e o seu enredo. Segundo Genette, a escolha de um pseudónimo é uma "action mimétique de toute puissance créatrice"[28] e, assim, um jogo barroco de Sóror Madalena da Glória com o seu próprio nome. É ainda um jogo facilmente reconhecível pelos seus contemporâneos, também habituados aos códigos enigmáticos do Barroco. O pseudónimo ganha, no entanto, uma importância acrescida, ao corresponder a uma autoria feminina, contribuindo para legitimar as obras escritas por senhoras em tempos em que a cultura não era exigida às mulheres. É que, continuando a subscrever Genette, "le choix de ce nom est en lui-même une oeuvre d'art"[29].

Genette refere ainda que o responsável pelos paratextos é habitualmente o editor ou o autor, ou os dois, podendo haver ainda um terceiro a escrever um paratexto (por exemplo, um prefácio ou uma introdução). No entanto, para o caso de *Reino de Babilónia* (e para o caso de qualquer livro editado em Portugal e Espanha nos séculos XVII e XVIII), é aqui que a teoria de Genette evidencia lacunas. Não há um único terceiro, mas múltiplos terceiros, responsáveis por uma série de paratextos imprescindíveis para a publicação do livro: os censores. Além dos censores, há uma outra série de autores de paratextos que temos de levar também em consideração: os que escrevem os textos laudatórios. Assim, a teoria de Genette evidencia lacunas descritivas e classificativas, quando aplicada ao contexto peninsular referido. Torna-se por isso

---

que disfarçada, Angélica tantos ressabios da terra hereditária do Campo Damasceno, nem menos puderam ocultar tão afectados disfarces da Serrana de Sintra os ressabios que a inculcam toda de corte, para o descobrir sem rebuços a Esperança". Em Fr. Tomás de São José: "Que importa que a sua humildade a pretenda esconder nos apertos de uma clausura, se as virtudes em que resplandece a fazem luzir fora dos limites da melhor Esperança?" Em Fr. João de São José: "E como para este se encaminha a *Conquista*, e para a posse da celestial Jerusalém a Esperança, julgo não ter cousa contra a fé ou bons costumes."

[27] Em Fr. Tomás de São José: "Mas que importa que este tesouro mostre ser gerado nas asperezas de uma serra, se logo se conhece que tem a sua origem nas delícias de uma corte?"

[28] Gérard Genette, *Seuils*, Paris, Édition du Seuil, 1987, p. 16.

[29] M. Alexis Léger, citado por Genette em *Seuils*, *op. cit.*, p. 49.

imprescindível o trabalho de Anne Cayuela, *Le Paratexte ao Siècle d'Or*[30], dedicado aos paratextos das obras castelhanas dos séculos XVII e XVIII, sobretudo às licenças.

Genette faz uma incontornável introdução teórica ao que são os paratextos. No entanto, não atende a toda a complexidade da realidade editorial dos séculos XVII e XVIII. De facto, esta realidade, além de incluir elementos paratextuais correntes, como a folha de rosto, a dedicatória ou o prólogo, apresenta ainda, em Portugal, licenças de impressão, sem as quais um livro jamais poderia ser publicado, bem como "textos de recomendação" e até informações sobre a compra do livro ("Vende-se no largo da Conceição Velha, nas casas dos Religiosos do Carmo em todo cima, e outros livros religiosos."). Podemos ainda considerar, dentro dos paratextos, as notas laterais que surgem ao longo de *Reino de Babilónia*. Estas notas, cuja proveniência não conhecemos com toda a certeza, complementam com frequência o texto, descodificando passagens e simbolismos, por vezes associando excertos bíblicos ao texto. Seriam estas notas uma sugestão do editor ou de um religioso, como forma de aumentar o valor alegórico e virtuoso do texto? Seriam pistas deixadas pela própria autora? Estas são questões para as quais só acharíamos resposta com a descoberta do original manuscrito.

Se considerarmos a larga fatia de paratextos existente em *Reino de Babilónia*, com oito aprovações e catorze textos laudatórios, há uma longa margem de poética paratextual que fica por classificar, mas que, pela importância que adquire na compreensão da obra e do seu contexto, urge analisar.

Os censores de *Reino de Babilónia* são muito encomiásticos. Uma análise das palavras mais comuns nos três textos das licenças permite constatar que as palavras mais recorrentes são *serrana*, *serra* e *Sintra* (cada uma com onze ocorrências), cujas repetições constituem um enfatizar dos traços de Leonarda Gil da Gama, que assina o livro. Este prolongamento da personagem tem o propósito de se opor a outros termos de menor "serrania". De facto, as palavras mais comuns que se seguem a estas são termos como *eminência* ou *precioso* (cada uma com sete ocorrências), *famosa* (seis ocorrências), *grande*, *corte*, *célebre* e *luzida* (cada uma com cinco ocorrências). Estes termos de grandeza são acompanhados por uma série de vocabulário relacionado com a actividade da escrita, nomeadamente *pena* (sete ocorrências), *autora*, *engenho*, *escritora* (cada um com cinco ocorrências) e ainda podemos considerar aqui *voz* (quatro

[30] Anne Cayuela, *Le Paratexte au Siècle d'Or*, Genebra, Librairie Droz, 1996.

ocorrências). É de notar, ainda, que esta autora é *discretíssima* (a palavra "discreto" e suas variantes surgem dez vezes), de talento *escondido* (palavra que surge seis vezes). Os censores de Sóror Madalena da Glória salientam, assim, a sua eminência enquanto escritora, apesar da proveniência serrana.

Os censores também mostram ter em atenção o tema e a narrativa do volume que têm em mãos. O facto de *Reino de Babilónia* ser uma alegoria moral (o livro aparece, aliás, geralmente referido pelos censores como "alegoria" ou "parábola", nunca como "novela"[31], justamente para evidenciar a sua função didáctica e catequética em detrimento da sua eventual dimensão de deleite) torna favorável a sua impressão, uma vez que a ética barroca era francamente receptiva ao *prodesse ac delectare* horaciano.[32] Tal vai ao encontro dos valores simultaneamente "preciosos e escondidos" da obra, como diz Fr. Tomás de S. José na sua aprovação. A convivência de dois objectivos no mesmo texto – o *prodesse* e o *delectare* – assegura desde logo o sucesso da obra junto dos leitores e também dos censores. Como diz Fr. Tomás de São José: "É precioso este livro pela matéria de que trata; é precioso pelo estilo que nele se admira; é precioso pela frase com que se adorna". O mesmo autor continua a ideia questionando a importância de neste livro tudo serem "enigmas e disfarces, se nele vemos claramente […] como uma alma pode ficar rendida aos afectos suaves do seu Esposo Divino?"

O facto de o título incluir as palavras "discurso moral" impede qualquer expectativa de carácter profano em torno do género novela. Quanto ao interior, as notas marginais que marcam o livro (cuja proveniência – da autora ou do editor – só se poderia compreender com a descoberta de um manuscrito) revelam as simbologias da obra e "guiam" a leitura, impossibilitando outras interpretações.

Finalmente, os censores seguem a estratégia da exaltação das "heroínas", escritoras ou não. Fr. Manuel do Rosário lembra a existência de Sóror Juana Inés de la

[31] A este respeito diz Maria Micaela Ramón (*op. cit.*, p. 145) que, "no contexto dos séculos XVII e XVIII, a palavra *novela* não gozava de reputação favorável, suscitando associações de sentido com a falta de verosimilhança ou com um excesso de imaginação amorosa incompatível com a boa conduta moral e espiritual", remetendo para Zulmira Santos, que explica que tal desprezo viria de uma desconsideração pela novela de cavalaria, alargada posteriormente a outras narrativas de ficção em prosa.

[32] Maria Inês Nemésio, em *"Exemplares Novelas" e «Novelas Exemplares»: Os Paratextos de Ficção em Prosa no Século XVII*, tese apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Dezembro de 2009, diz que "a forma como os autores de literatura de 'recreação' e entretenimento encararam este controlo revela que tinham consciência da necessidade de imprimir aos seus textos a *utilitas* no caminho da concretização do binómio horaciano do *prodesse ac delectare*, considerando-o mesmo o critério indispensável para verem circular as suas obras. A leitura dos pareceres favoráveis dos censores, no caso das novelas que aqui apresentámos, é bem elucidativa do peso que tinha a acção dos mecanismos censórios neste campo."

Cruz, mexicana. Fr. Tomás de São José compara Sóror Madalena da Glória à misteriosa mulher do Apocalipse, incluindo Leonarda Gil da Gama no "Catálogo das Heroínas Portuguesas" e, finalmente, Fr. João de S. José mostra ainda conhecer Sóror Madalena de Montemar e Sóror Jacquellina Bouette de Blemur, comparando ambas com Sóror Madalena, pela beleza da escrita e pela fama da sua pena. Esta era uma das estratégias dos censores, quando se tratava de avaliar a produção feminina, como podemos ver em Anne Cayuela[33], que refere as "Corinas, Safos y Aspasias" citadas por um censor ao louvar os méritos de uma escritora. Tal estratégia tinha como objectivo legitimar a actividade de uma mulher numa área habitualmente entregue apenas aos homens. Segundo Cayuela, estes pontos comuns nas censuras a mulheres tinham por objectivo assegurar a sua "'dignité' d'écrivain", numa época em que a figura feminina deveria representar "l'obéissance, la réserve, et surtout le silence"[34].

O discurso da censura tem sido uma área bastante estudada, entre os paratextos dos séculos XVII e XVIII[35], e muito do que se pode dizer acerca dele pode transferir-se para os textos laudatórios que antecedem a obra propriamente dita.

IV. Literatura de religiosas: uma escrita em rede?

Reino de Babilónia conta com catorze poemas laudatórios à obra e à autora. Destes, um não está assinado, terminando com ponto e vírgula. É, possivelmente, uma falha da edição. Quatro deles estão assinados por iniciais (D.F.J.D.C.; D.F.X.B.; F.T.A.M.B.O. e F.J.R), cujos nomes não conseguimos descodificar. Dois estão assinados como "De um cego com vista" e "De um principiante". Finalmente, as restantes sete composições têm o nome da pessoa que as escreveu.

À semelhança das licenças, também estes poemas jogam com o vocabulário de louvor. Sobre a obra, *triunfo* (nove ocorrências), *luz* (oito ocorrências) e *troféus* (quatro ocorrências) são alguns dos vocábulos mais comuns. Sobre a autora surge *Glória* (com dezasseis ocorrências), um jogo óbvio com o seu nome, *fama* (onze ocorrências), *alto*,

[33] Anne Cayuela, *op. cit.*, p. 177.

[34] Anne Cayuela, *op. cit.*, p. 176.

[35] Além de Anne Cayuela e Maria Inês Nemésio, Maria Teresa Martins defendeu em 2001 a tese de doutoramento *A Censura Literária em Portugal nos Séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

louvor (seis ocorrências), *prodígio* (quatro ocorrências), *raro*, *nobre*, *assombro*, *vencimento*, *divino* e *imortais* (cada um com três ocorrências). Da mesma forma, a mulher escritora também aparece com frequência, através de vocábulos como *escritos* (sete ocorrências), *pena* (seis ocorrências), *livro* (quatro ocorrências), acompanhados por vocabulário de índole intelectual, como *entendimento* (seis ocorrências), *memória*, *eloquência* (cada um com cinco ocorrências), *engenho* (quatro ocorrências) ou *juízo* (três ocorrências). *Discreto* tem seis ocorrências. São vários ainda os autores que fazem referência ao facto de esta ser a sexta obra da autora.

Além do encómio à autora, os autores destes poemas também dão grande ênfase à história em si. *Babilónia* surge dezoito vezes, *armas* e *empíreo*, treze vezes, jogos relacionados com o título do livro. Há muitos substantivos concretos, como *mundo*, *templo*, *terra*, *pátria*, *império* e até *espada*. Casos como *mundo* e *pátria* referem-se ao leitor e à sua recepção do livro. *Templo* e *império* são vocábulos de grandeza associados geralmente à autora e *terra* contrapõe-se a *céu*. O vocabulário bélico é muito usado, respondendo ao nome da novela. D.F.J.D.C. diz "À campanha saís […] a conquistar com tantas galas", e o "Cego com vista" compõe a sua composição com mulheres guerreiras, com a autora no lado vencedor[36]. Por isso, ela é também uma "heroína", entre o quadro das grandes mulheres.

Mas quem foram estes autores que colaboraram nos preliminares de *Reino de Babilónia*? Qual a sua relação com a autora e com o mosteiro? Como dissemos anteriormente, é praticamente impossível descobrir a identidade das pessoas que assinam com siglas e expressões de anonimato. Da mesma forma, algumas das pessoas que assinam permanecem desconhecidas para nós, pois, além de ser difícil descobrir a identidade de alguém de quem nos separa um intervalo temporal de duzentos e cinquenta anos, o calendário regulamentar para desenvolver uma investigação no âmbito do mestrado não permite pesquisas aprofundadas, sempre necessárias para épocas mais recuadas no tempo.

Quem abre o espaço das composições laudatórias é sintomaticamente uma mulher, Dona Joana de Noronha e Nápoles. Esta Joana Teresa de Noronha e Nápoles é uma presença recorrente nos paratextos das obras de Sóror Madalena da Glória, sendo

[36] "Soube escolhê-las, e sem muito estudo, / Leonarda, e assim triunfa, pois lhe acode / O Empíreo com lança, espada, escudo."

também ela religiosa, professa no Mosteiro de Santos-o-Novo[37]. Além deste poema, também escreveu dois para cada uma das partes dos *Brados do Desengano*, pelo que a relação entre as duas já vem de 1736. Devia tratar-se de uma relação próxima, pois Sóror Madalena da Glória dedica-lhe, em 1742, *Orbe Celeste*. Santos era também um mosteiro de "senhoras de sociedade". Desconhecemos a natureza da relação entre ambas. O facto de Dona Joana Teresa ter importante ascendência social justificou o facto de Sóror Madalena Glória a ter escolhido como "protectora" de *Orbe Celeste*. No entanto, a admiração entre ambas parece ser mútua, como fica provado pela frequência da presença da assinatura de Dona Joana Teresa nos livros de Sóror Madalena. Além dos poemas a Sóror Madalena da Glória, Dona Joana Teresa publicou um livro, *Novena da Amabilisima Senhora de Monte Carmelo*, em 1747[38]. Este facto, aliado aos poemas de rara beleza que inclui nas obras de Sóror Madalena, indica que também Dona Joana Teresa poderia ter feito parte de uma elite religiosa intelectual da época.

Dois dos autores que louvam poeticamente Sóror Madalena identificam-se como médicos. O Doutor António José Pestana apresenta-se como "médico lisbonense" e o Doutor Alberto Azevedo Coutinho como "médico lisbonense [que] persuadiu à Excelentíssima Autora a impressão deste livro". Conseguiu-se apurar a identidade destes dois médicos. Após consulta do Arquivo da Universidade de Coimbra, verificámos que Alberto Azevedo Coutinho ingressou na faculdade em 1731 e acabou o curso em 1736. António José Pestana iniciou o curso de Medicina em 1734 e abandonou a frequência universitária em 1739 *(Documentos 3 e 4)*.

De António José Pestana pouco mais se sabe. O seu nome volta a surgir numa *Lista de Bacharéis de D. Pedro I*, junto da data de 1767 *(Documento 5)*, posterior à data que nos interessa.

De Alberto Azevedo Coutinho sabe-se mais alguma coisa. Em 17 de Março de 1777, um documento[39] *(Documentos 6, 7 e 8)* mostra-nos um Alberto Azevedo Coutinho pedindo, com humildade, ajuda nas despesas da família numerosa, por ter a seu cargo três irmãs solteiras e ainda um irmão, a cunhada e os seis filhos menores dos

---

[37] Identidade desvendada por Frei João de Nossa Senhora, num poema laudatório de *Orbe Celeste*, que Sóror Madalena da Glória dedica a Dona Joana Teresa de Noronha e Nápoles.

[38] D. Joana Teresa de Noronha e Nápoles, *Novena da da* (sic) *Amabilisima Senhora de Monte Carmelo*, Composta por D. Joanna Thereza de Noronha, e Nápoles. Lisboa, Off. de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N. S., 1747 (Cota: R. 28079 da Biblioteca Nacional de Portugal).

[39] Cota RGM – D. Maria I, liv. 1(2), f. 5/6/7 da Torre do Tombo.

dois, e para isso solicitando para o irmão o ofício de Escrivão do Estanco Real do Tabaco. Tem ainda, nesta época, o alvará da administração da capela de Souzinho *(Documentos 7 e 8)*, em Santarém, algo que mantém pelo menos até 1787, como se pode ver no *Índice da Chancelaria Mor do Reinado da Senhora D. Maria I (Documentos 9 e 10)*. O percurso de Alberto Azevedo Coutinho passa, então, por Coimbra entre 1731 e 1736. Dez anos depois, está em Lisboa, onde parece ser muito próximo das freiras do Mosteiro da Esperança. A forma como Alberto Azevedo Coutinho se apresenta nos paratextos, ao orgulhar-se de convencer Sóror Madalena da Glória a publicar *Reino de Babilónia*, sustenta sem dúvida esta afirmação. É possível que tenha sido o médico do mosteiro, ou de algumas das religiosas, mas não conseguimos documentá-lo. E como ligá-lo a António José Pestana? Os dois médicos frequentaram dois anos de faculdade juntos. Viriam as relações entre eles daí?

Dos restantes autores dos poemas laudatórios, apenas temos pistas sobre João Manuel de Melo, que seria, provavelmente, também um conhecimento antigo de Sóror Madalena da Glória, pois o seu nome está presente nos preliminares de duas obras anteriores da religiosa: na 1.ª parte de *Brados do Desengano* e em *Orbe Celeste*. No entanto, nada mais conseguimos descobrir sobre este autor.

O que dizer de autores como "Um principiante" e "Um cego com vista"? A misteriosa identidade do "cego com vista" parece ser um prolongamento da narrativa de *Reino de Babilónia*, comparável, aliás ao "precioso mas escondido" de que fala o censor Fr. Tomás de São José. São inúmeras as vezes em que, na novela, a cegueira aparece como oposição à luz, representando, assim, a cegueira metafórica da falta de discernimento do que é certo e do que é errado. O autor ou autora deste poema preferiu apresentar-se metaforicamente como um cego com vista, revelando assim as virtudes da obra e a sua eficácia junto dos leitores, a quem concede visão. Quanto ao "Principiante", ainda levanta mais questões. A fraca qualidade da sua composição leva-nos a pensar se não aludiria ao facto de ser um principiante na escrita. Por outro lado, num jogo com *Reino de Babilónia*, não seria o autor um principiante nos caminhos do Bem?

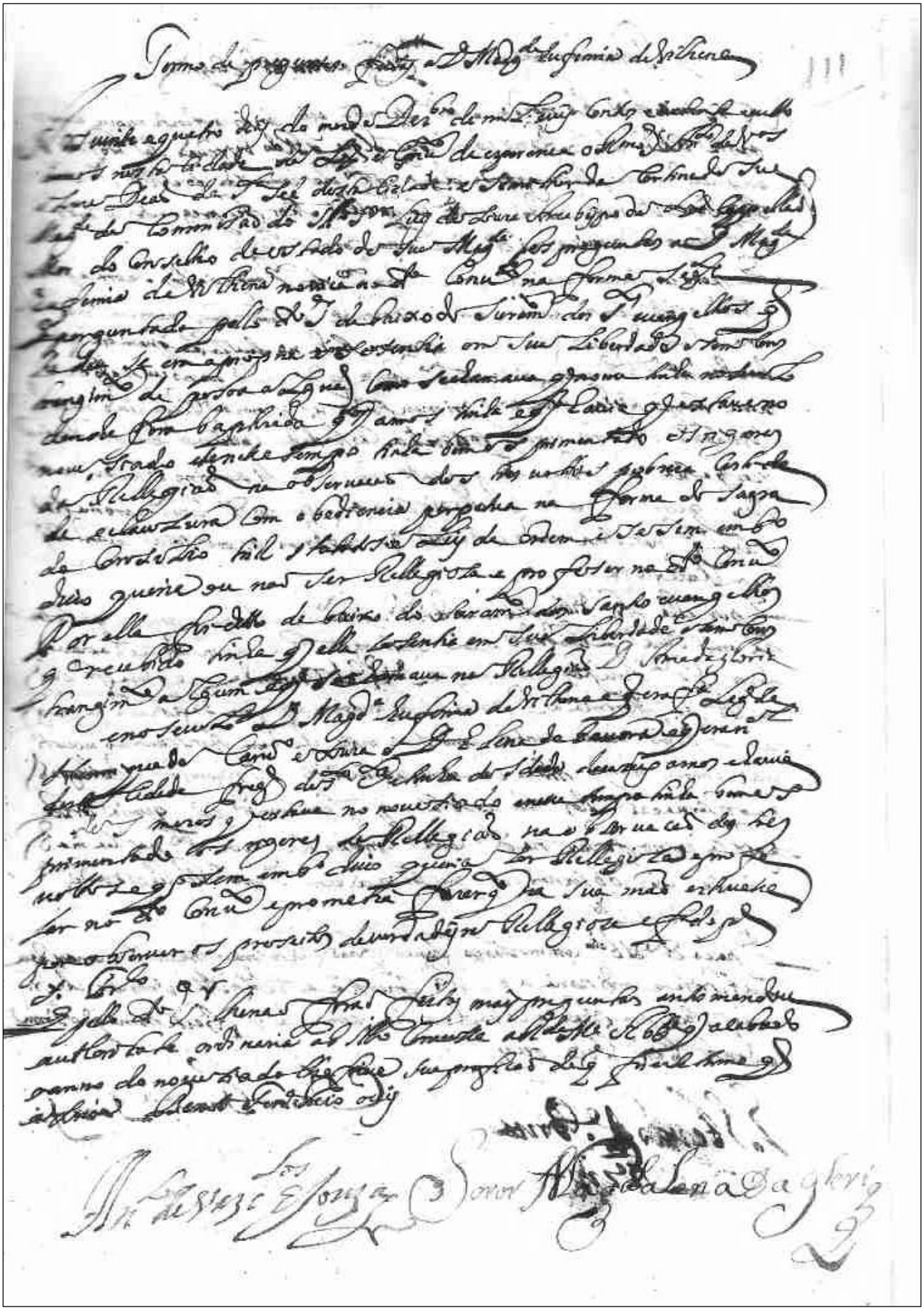
Por fim, resta-nos questionar sobre as identidades que se escondem por trás das iniciais. Seriam decifráveis pelas pessoas que liam a obra na época? Nesse caso, serviriam apenas para servir a virtude da humildade ou exibiriam o sentido prático de abreviar um nome comprido? Serviria o anonimato para disfarçar a identidade de quem não se queria expor? Talvez uma identidade feminina?

O que terá levado estas pessoas a escrever nos preliminares desta obra? Talvez se possa sugerir que há aqui uma questão de promoção dos próprios. Anne Cayuela diz, a respeito de censores, que alguns "approuvent les livres par vanité, afin de voir figurer leur nom dans les préliminaires du livre et non pour le respect de la religion et l'exemple public"[40]. O mesmo poderia acontecer no caso dos autores destes paratextos, pois as suas composições, marcadamente superlativas e encomiásticas da arte da religiosa mais do que das suas virtudes ("raro engenho", "engenho ardente/ da vossa erudição", "venerado assombro", "sábias produções, altos conceitos", "sábia Minerva", "prodígio de Castália"), raramente descrevem, resumem ou apresentam o conteúdo da obra que enaltecem, tecendo elogios repetitivos sobre a sua autora. Haveria certamente espaço para aqueles que pretendiam, com a sua contribuição, homenagear a religiosa e a sua obra, mas não é de descurar a hipótese de que alguns tenham aproveitado o ensejo para se autopromoverem, entrando na rede de relações sociais que ligavam os conventos à corte. O prestígio assignado às religiosas de algum modo envolvia os que com elas se relacionavam e, por sua vez, a importância social de alguns membros da corte protegia e enaltecia a publicação das religiosas.

Os laços de amizade parecem ser, também, uma realidade incontornável. Nos casos de Dona Joana Teresa de Noronha e Nápoles e de Alberto de Azevedo Coutinho, parece haver realmente relações estreitas para com a autora. Nos restantes casos, nada podemos concluir. Faltam-nos ainda dados que ajudariam a desvendar as linhas destas redes de conhecimentos que envolviam os mosteiros. Não há dúvida de que a escrita de senhoras religiosas era celebrada pelo seu público, podendo até ser uma forte condicionante intelectual com efeitos na sua vida cultural, suscitando por vezes uma autêntica escrita em rede. Por essa razão, seria interessante investigar mais a fundo estas pessoas, as suas vidas, profissões, famílias, estabelecendo a forma como se relaciona-ram com o mosteiro e com as religiosas e compreender as ligações entre conventos e corte e dos conventos entre si. De qualquer forma, a percepção das redes literárias, espelhos das redes da sociedade, será certamente mais um contributo para a desmistificação da ideia do mosteiro como espaço fechado. De *Reino de Babilónia* foi possível apurar o que atrás se expôs. No entanto, a investigação continua, e mais se saberá acerca destas senhoras religiosas, dos seus leitores, dos seus recenseadores e amigos, em suma, das redes culturais da sociedade portuguesa do século XVIII. Assim

[40] Anne Cayuela, *op. cit.*, p. 29.

se compreenderá melhor a vida cultural da cidade de Lisboa, uma cidade cuja arte pulsa também em torno dos mosteiros.



Documento 1 – Termo de preguntas feitas a Dona Magdalena Eufémia de Vilhena

Termo de preguntas feitas a Dona Magdalena Eufémia de Vilhena

Aos vinte e quatro dias do mês de Dezembro de mil seis centos e oitenta e outto anos, nesta cidade de Lisboa e Convento da Esperança, o Reverendo António de Vasconcelos e Souza, Deão da Santa Sé desta Cidade e sumilher da cortina de Sua Majestade, da Comissão do Ilustríssimo Senhor Luís de Sousa, Arcebispo de Lisboa, Cappelão Mor do Conselho de estado de Sua Majestade, fez preguntas a Dona Magdalena Eufémia de Vilhena, noviça no dito Convento na forma seguinte. E perguntada pelo dito Senhor debaixo de Juramento dos Santos Evangelhos que lhe deu, se era a própria e se tinha em sua liberdade e sem constrangimento de pessoa algũa, como declarava que nome tinha no século, donde fora baptizada, quantos annos tinha e quantos havia que estava no noveseado e se nesse tempo tinha bem esperimentado os rigores da Rellegião na observação dos três vottos pobreza, castidade e clausura com obediência perpétua na forma do Sagrado Consílio Tridentino Statutus e Lei da ordem e se sem embargo diso queria ou não ser rellegiosa e professar no dito Convento.

Por ella foi ditto debaixo do Juramento dos Santos Evangelhos que recebido tinha que ella se sentia em sua liberdade e sem constrangimento algum e que se chamava na Rellegião D. Ana da Glória* e no século D. Magdalena Eufémia de Vilhena e que era filha legítima de Henrique Carvalho de Sousa e D. Elena de Távora e que era natural desta cidade, freguesia de Santa […]** e tinha de idade desazeis anos e havia dez meses que estava no novisiado e nesse tempo tinha bem esperimentado os rigores da Rellegião na observação dos três votos e que sem embargo diso queria ser Rellegiosa e professar no dito Convento e prometia fazer quanto na sua mão estivesse por observar os preceitos de verdadeira Rellegiosa e filha do Padre São Francisco.

E pello dito Reverendo lhe não foram feitas mais preguntas, ante[s] mandou authoritate ordinaria ab illo Consílio o Reverendo ilustre Abbade que acabado o ano do noviciado lhe fize[sse] sua profição de que fiz este termo que assinei Bento Ferreira o dis.

Assinado: ANTÓNIO DE VASCONCELOS E SOUZA; SOROR MAGDALENA DA GLORIA

---

* Apesar de no documento estar escrito “D. Ana da Glória”, Sóror Madalena da Glória assinou “Magdalena”, pelo que podemos interpretar “Ana da Glória” como um erro do escrivão.

** O documento apresenta uma letra maiúscula que pode ser interpretada de várias formas, com um "ta" em expoente, que nos permitem ler Santa Justa ou Santa Catarina.

Documento 2 – Folha de rosto e nota manuscrita do exemplar de *Reino de Babilónia* pertencente à Universidade de Yale (cota 2005 1373)

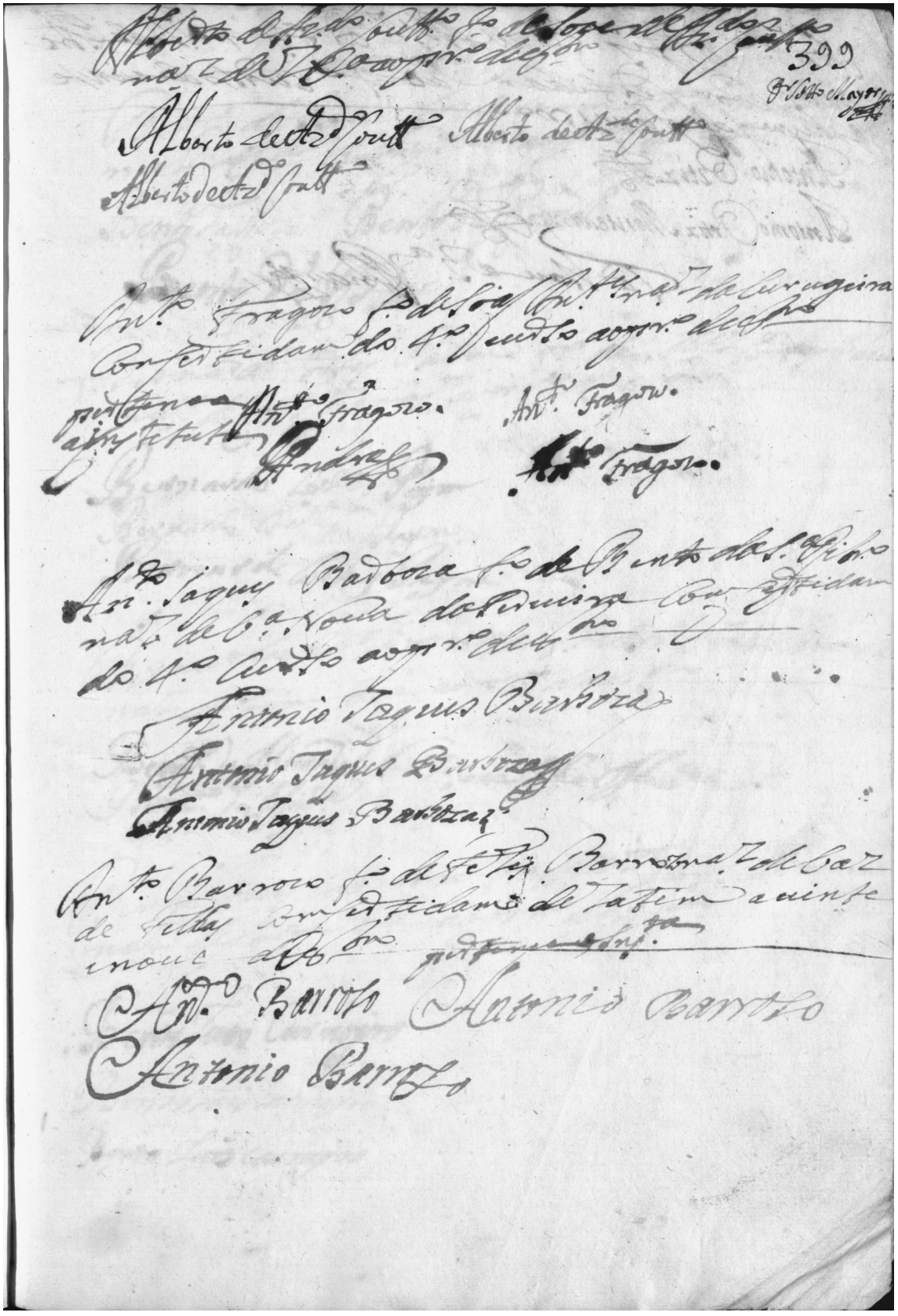
Douzo de Sor.r Joaq.na Mar.na
de S.ta Joze.

hê da Capella de Nossa
Senhora do Calvario de
Evora

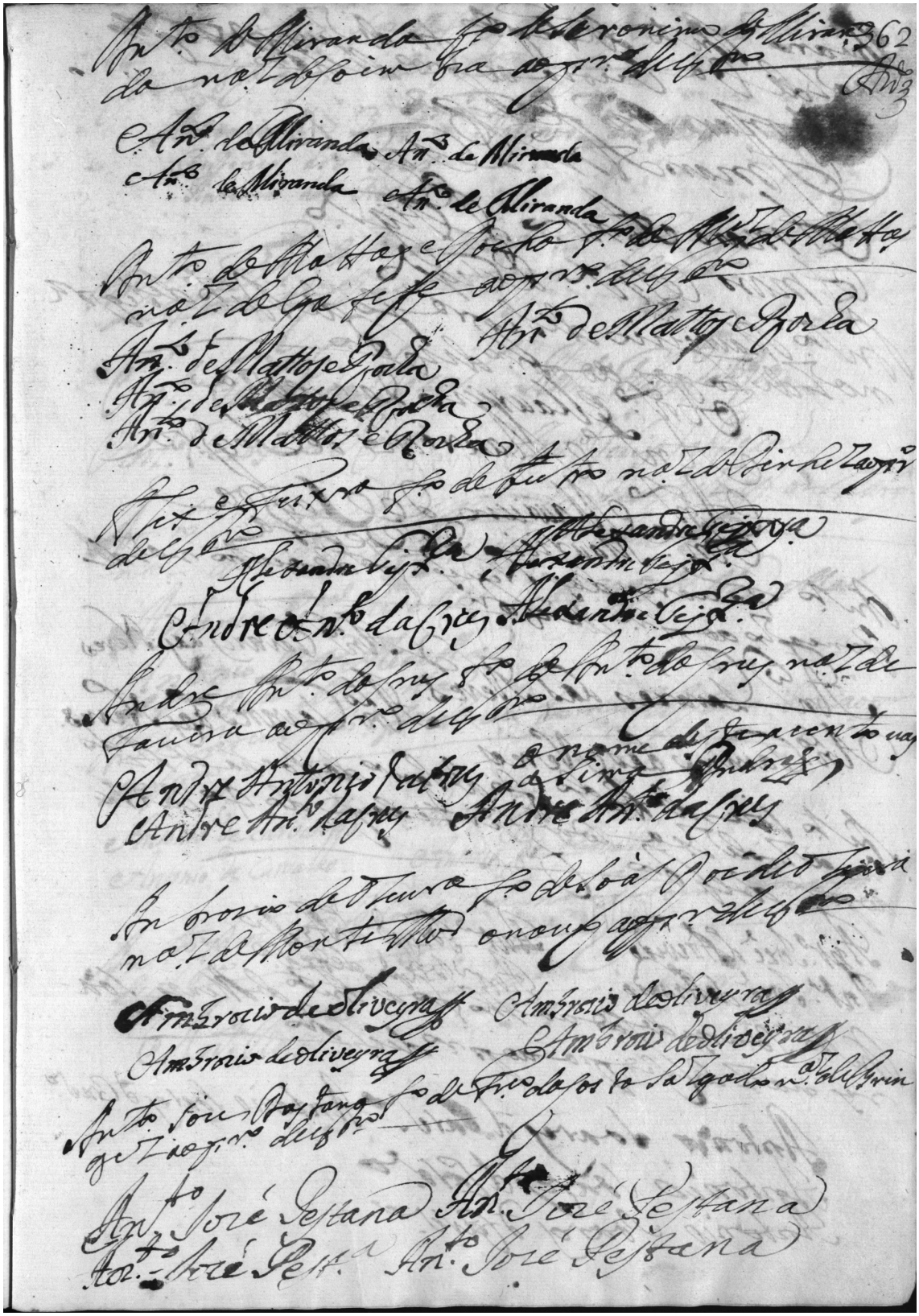
REYNO
DE
BABYLONIA,
GANHADO PELAS ARMAS
DO
EMPYREO;
DISCURSO MORAL,
ESCRITO POR
LEONARDA GIL DA GAMA,
Natural da Serra de Cintra.

Offerecido ao Senhor
FRANCISCO FERREYRA DA SYLVA,
Cavalleyro profesſo na Ordem de Chriſto, &c.

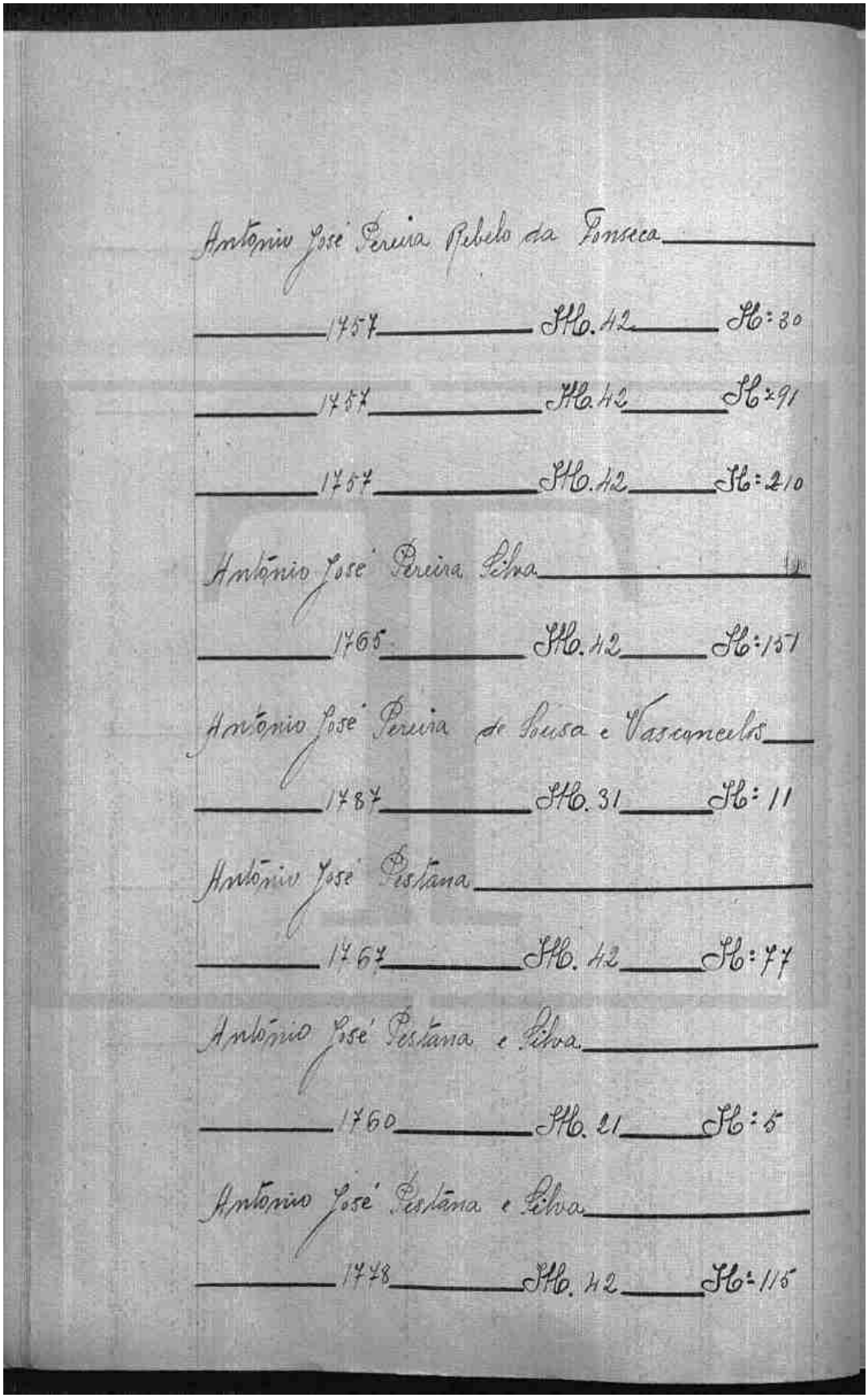
LISBOA:
Na Officina de PEDRO FERREIRA Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha N.S.
Anno M. DCC. XLIX.
Com todas as licenças neceſſarias.



Documento 3 – Folha de matrículas dos alunos do ano lectivo de 1731 / 32
(cota AUC-IV-1ª-D-1-4-2)



Documento 4 – Folha de matrículas dos alunos do ano lectivo de 1734 / 35
(cota AUC-IV-1ª-D-1-4-5)



António José Pereira Rebelo da Fonseca

1757 Mc. 42 Mc: 30

1757 Mc. 42 Mc: 91

1757 Mc. 42 Mc: 210

António José Pereira Silva

1765 Mc. 42 Mc: 151

António José Pereira de Sousa e Vasconcelos

1787 Mc. 31 Mc: 11

António José Pestana

1767 Mc. 42 Mc: 77

António José Pestana e Silva

1760 Mc. 21 Mc: 5

António José Pestana e Silva

1748 Mc. 42 Mc: 115

Documento 5 – *Lista de Bacharéis de D. Pedro I*
(cota PT-TT-ID/1/259 – Fl. 74v)

Manoel Homem de Carvalho Amado de 800$ de Tença
efectiva cada a. em sua vida por conta dos 3000$ de Tença
e Habito da Ordem de Christo com que foi deferido. Os dit-
tos 800$ de Tença lhe serão assentados em um dos Almo-
xarifados do Reino em que couberem sem prejuizo de 3.
e não houver prohibição, e atenção. d'elles de 12 d'Abril de
1764, em diante dia d'esta m. até ao do assento será na for-
ma que S. Mag. foi servida resolver na Cons. do Conselho
da Fazenda. Esta m. lhe faz com a clausula de na forma
do Decr. de 17 de Janr. de 1689. De que lhe foi passado pa-
drão a 15 de Março de 1777.

Ouve S. Mag. por bem fazer m. a Manoel Homem
de Carv. Amado de 800$ de tença efectiva em sua vida com.
para o lograr a Titulo do Habito da Ordem de Christo, que
lhe tem mand. lançar, os quaes se assentarão em um dos Al.
moxarifados do Reino em que couberem sem prej. de 3. e
não houver prohibição, com atenção. de 12 de Abril de 1764.
que hé o dia do decr. desta m. até o do assento será na
forma que S. Mag. foi servida resolver na Cons. do Cons.
da Fazenda. Esta m. lhe faz com a clausula de na forma
da do Decr. de 17 de Janr. de 1689. De que foi passado
padrão a 9 d'Abril de 1777.

Alberto d'Az. do Coitinho.

S. Mag. havendo respeito a lhe representar Alberto d'Az. do Coit.
Medico da sua Camara que tinha a honra de a servir havia
mais de 25 ann. sem que n'elles fizesse uma falta no R. Serv.
que para sustentar tres irmãs solteiras habitualm. e uma
numerosa fam. lhe era preciso o adjutorio de seu irmão Jg.
J. d'Azevedo Coit. com quem se achava vivendo, tendo este sua
m. e seis filhos menores aos q. não poderia sustentar sem a
serventia em que se achava havia mais de seis ann. do Of.
d'Escrivão do Estanco, e por que por falecim. de Luiz Felis de
el Mend. Amaes se achava vaga a propriet. vitalicia do d. Of.
e o d. seu irmão o tinha servido com a verd. intelligencia

zelo que era notorio, e constava da Certidão que juntava, assim como assim como tinha servido havera mais de 20. annos outros sem.os Off.os da R.a Fazenda sem que por todos os ditos Servicos tivesse ainda desp.o algum, elle o supplicava, e o Sup.e da m.ma sorte offerecia todos os que tinha feito. Pedindo a Sua Mag.e quizesse pella sua R.a Pied.e e pelo Amor de Deos fazer-lhe a Esmola de Propried.e vitalicia do Off.o d'Escrivão do Estanco para o d.o seu irmão Jg.co Jo.e d'Azevedo Coit.o em attenção á necessid.e em que elle, o Sup.e e a sua numerosa fam.a ficarião na falta do d.o Off.o Attendendo ao que o Sup.e representou e em remuneração de seos servicos, e de seu irmão Jg.co Jo.e d'Azevedo Coit.o da propried.e vitalicia do Off.o d'Escrivão do Estanco do Tabaco que se acha vago por fallecim.to de Luiz Telis de Mend.a Arraes, cuja m.ce lhe faz com as clauzulas geraes com que são providos os Off.os da reparticão do Tabaco. Com as d.as Off.os haveria em cada um a.o de seu ordenado o que lhe he permettido no Alvará Geral d'elles da m.ma reparticão com os mais proes, e precalços que direitam.te lhe pertencerem. De que lhe foi passado o Alvará a 17. de Março de 1787.

S. Mag.e por justos e particulares motivos que lhe forão presentes, e se fizerão dignos de sua R.a Consideração, Ha por bem e por Graça fazer m.ce ao d.o Alberto d'Az.do Coit.o Medico de S. Real Camara da Capella incorporada na R.a Coroa denominada de Souzinho instituida na Igreja de S. João na V.a de Santarem para a possuir em sua vida com.te, e ficando obrigado a satisfazer quaes.q.r emb.os digo quaes.q.r encargos que se acharem impostos na m.ma Capella pelo seu instituidor. De que se lhe passou Alvará em 5. de Julho de 1787.

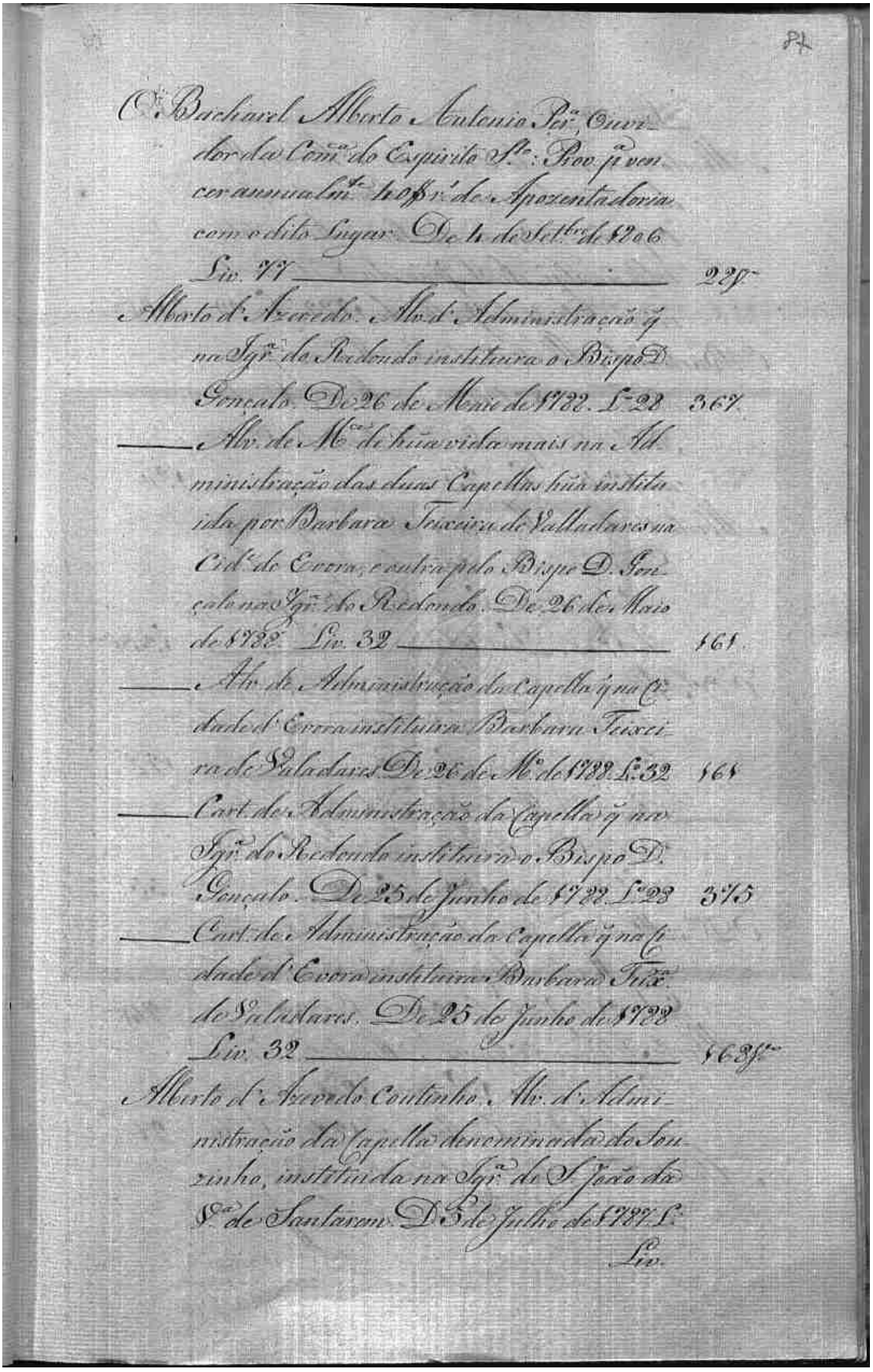
S. Mag.e por justos m.tos que lhe forão presentes, houve p.r bem por ser de Deer.o de 24. de Maio do prez.e a.o fazer m.ce ao d.o Alberto d'Az.do Coit.o Medico de S. R.l Camara de uma vida mais na Capella que actualm.te administra pertencente á R.a Coroa denominada do Souzinho, e instituida

Documento 7 – Requerimento de Alberto Azevedo Coutinho
(Cota RGM – D. Maria I, liv. 1(2), f. 6 da Torre do Tombo)

Cem Rs. no L.to da T.a Rainha N.S.
Maço 2 Doc.

D.or Alberto de Azevedo Cou
tinho N.al desta Sid.e de Soure de
Azevedo Coutt.o

Sou Rey. Attendendo eu a respeito que me fez o D.or Alberto de Azevedo Coutinho de Soure de Azevedo Coutinho, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Medico desta Cidade de Lisboa, e a que concorrem as circunstancias, que pede a Ordenança do Liv.o 1.o tit.o 58 §. 1.o, e 2.o, e a Ordem de 7 de Fevereiro de 1750 para ser admittido a Examinar-se de Medico nesta Cidade, e Reyno, e a que tambem concorrem as circunstancias, que pede



Documento 9 – *Índice da Chancelaria Mor do Reinado da Senhora D. Maria I*
(cota PT-TT-ID/1/164 – Fl. 87)

Liv. 29 _____ 313

Alberto de Azevedo Coutinho. Alv. de Mce. de hũa vida mais na Administração da Cap.ª denominada do Souzinho instituida na Igr.ª de S. João da S.ª de Santarem. De 5 de Julho de 1727. Liv. 29 313f.ª

O Bacharel Alberto Carlos de Menezes, Juiz de Fora da S.ª de Soure. Alv. de Mce. de Predicamt.º de pr.ª Banco. De 2 de Dezbro de 1805. Liv. 75 _____ 130

Alberto Carlos de Menezes. Cart.ª de Inquiridor, Distribuidor, e Contador do Juizo do Geral da Cid.e de Leiria. De 13 de Janeiro de 1800. Liv. 60 _____ 135f.ª

O B.el Alberto Carlos de Menezes. Cart.ª de Lugar de Juiz de Fora da S.ª de Soure. De 16 de Junho de 1800. Liv. 62 _____ 172

_____ Prov. de Mce. dos Officios de Inquiridor, Contador, e do Geral da Cid.e de Leiria. De 16 de Janeiro de 1790. Liv. 22 _____ 55

O Dr. Alberto Carneiro de Figr.ª Prov. de partido de Medico da Camara da S.ª de Povos. De 21 de Janr.º de 1788. Liv. 32 _____ 74f.ª

Alberto Feliciano Chaves. Alv. de Guarda das Ribeiras das Sás com 120$ de Ordenado. De 6 de Março de 1720. Liv. 16 71

Alberto Fernandes da Costa e outros. Prov.ão a Camara da Cid.e do Porto lhe nomear duas

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Esta reedição para um público actual de *Reino de Babilónia* tem por base o exemplar desta obra existente na Biblioteca Nacional de Portugal, com a cota R. 3384 V., datado de Lisboa, 1749, que constitui a única edição que a obra teve. A preferência por este exemplar em detrimento do que pertence à Biblioteca Pública Municipal do Porto deve-se ao facto de este último não possuir os emblemas que ocorrem no da Biblioteca Nacional. Sempre que o exemplar utilizado apresentava manchas ou dificuldades de leitura, recorreu-se à versão disponível *online* através do Google Books, que tem o selo do Columbia College, em Nova Iorque.

Com o objectivo de actualizar a apresentação do texto sem afectar as suas características-base, próprias da época em que foi escrito, expomos de seguida os critérios usados na modernização da língua. Conscientes de que editar um texto de uma época remota é sempre interpretá-lo, optámos por registar todas as alterações relevantes em nota de rodapé.

Aspectos gerais:

1 – Corrigiram-se gralhas tipográficas óbvias, sem assinalar;

2 – Desdobraram-se as abreviaturas;

3 – As citações nos paratextos foram mantidas em itálico;

4 – No caso de extractos completos em itálico na novela, retirou-se o itálico, mantendo-se este só em pequenas expressões que necessitem de diferenciação em relação ao texto circundante;

5 – Em alguns capítulos, no final, introduziu-se entre parênteses rectos a palavra "capítulo", implícita na edição de 1749, para a frase não ficar incompleta;

6 – No caso das palavras iniciadas por maiúscula, mantiveram-se as maiúsculas dos nomes de personagens (incluindo as que não tem nome, como o Príncipe, o Embaixador, a Pastora ou o Monarca, quando se refere ao Príncipe), das estações do ano, dos vocábulos referentes a Deus, dos nomes de povos, quando englobam a totalidade desse povo, dos vocativos, de Sol e Lua (quando astro), e de outros casos que se tenham achado necessários;

7 – Introduziram-se, em notas de rodapé, os significados de algumas palavras de difícil acesso nos dicionários comuns;

Na ortografia:

8 – Normalizou-se a acentuação, flutuante no século XVIII, de acordo com as normas actuais;

9 – Actualizaram-se as grafias dos ditongos vogais nasais encimados por til, seguidas por *-m* ou *-n* antes de consoante ou em final de palavra, como é o caso de *exposiçam* (que passou a *exposição*) e *obrigaçoens* (que passou a *obrigações*);

10 – Substituiu-se a grafia dos ditongos *io*, *oe*, *eo*, *ae* e *ao* por *iu*, *ói* ou *oi*, *éu* ou *eu*, *ai* e *au*, respectivamente. A *Ortografia da Língua Portuguesa* de Duarte Nunes de Leão[41] indica que, por esta altura, qualquer destes casos já tinha evoluído para ditongo;

11 – Substituiu-se a grafia de *ea*, *ee* e *eo* para *eia*, *eie* e *eio*. Pensa-se que, neste caso, na época, a pronúncia já tinha evoluído da situação de hiato para a interposição do iode;

12 – No caso de *alumea*, grafou-se *alumeia* e não *alumia* (como seria correcto), porque a grafia *-ea* sugere a pronúncia *eia*. Esta escrita, juntamente com outras ocorrências de natureza mais oralizante, poderá indiciar uma alfabetização irregular da autora;

13 – Actualizaram-se os usos do *h*. Foi suprimido, quando no meio ou início de vocábulo, nos casos em que não tinha expressão fonética, como em *attrahir-se*, que passou a *atrair-se*, e *jacintho*, que passou a *jacinto*, ou em *hum*, que passou a *um*. Adicionou-se um *-h* na grafia do verbo *haver*, que aparece sem ele em alguns momentos do texto;

14 – Corrigiu-se a única ocorrência do artigo *ũa* por *uma*. Como se trata de uma única ocorrência (presente, aliás, nos paratextos e não no texto propriamente dito), optou-se por actualizá-la, registando-a, no entanto, em nota de rodapé, em nome de um eventual interesse filológico;

15 – Actualizaram-se as grafias do *-y* nos casos em que têm o valor fonético de *i.* Por exemplo, *cypreste* e *entreguey* passam para *cipreste* e *entreguei*;

16 – Actualizou-se a grafia das formas verbais de 3.ª pessoa do plural terminadas em *-ão* de acordo com o uso actual. Assim, por exemplo *forão > foram, erão > eram*.

No entanto, manteve-se a grafia da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *ver*, *vir*, *crer*, *pôr* e seus compostos, como *tem*, *vem*, *crem* e *põem*, respectivamente, que tinham na época realização monossilábica, conforme se prova pela sua ocorrência na poesia, onde qualquer dissibilação das mesmas conduziria a uma hipermetria do verso. Leite de Vasconcelos, em *Lições de Filologia Portuguesa*, explica a evolução destas formas verbais desde o latim (cf. pp. 364, 366 e 367);

17 – Simplificaram-se as consoantes dobradas, como *ll*, *nn* ou *cc*;

18 – Actualizaram-se as grafias com consoantes mudas, como *ch* para *c,* em casos como *chrystal*; de *gn* para *n,* em casos como *signaes*; de *pt* para *t,* em casos como *captiva*; de *ps* para *s*, em casos como *psalmos*; de *gm* para *m*, em casos como *augmentou*; de *sc* para *c*, em casos como *sceptro*; de *mn* para *n*, nos casos como *columna* ou *damno* (que, em ocorrência poética, rima com *ano* e não *amno*). Estes casos indicam uma tendência

[41] Duarte Nunes de Leão, *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, pelo Licenciado Duarte Nunez do Lião, Lisboa, per Ioão de Barreira impressor del Rei N. S., 1576.

literária ou editorial da época para a latinização, com o objectivo de tornar a língua portuguesa mais próxima do latim e, portanto, mais bonita e elevada, mas não traduzem um comportamento real da oralidade. A este respeito, guiámo-nos por Duarte Nunes de Leão, em *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, nas secções I e II das "Regras Geraes da Orthographia da Lingoa Portuguesa";

19 – Foram inseridas consoantes surdas, de acordo com o uso em vigor na altura da redacção desta dissertação, que, por já estar quase pronta no momento da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico, não se norteia pelo mesmo. Assim, observou-se o caso específico de *olfato*, mudado para *olfacto*;

20 – Uniformizou-se o uso das sibilantes *c*, *ç* e *s* de acordo com a norma actual. Da mesma forma, actualizou-se a grafia do *z*, do *g* e do *j*. Por exemplo, *socegados* foi corrigido para *sossegados*, *pizava* para *pisava*, *offença* para *ofensa*, *magestade* para *majestade*;

21 – Quanto às formas alternantes, optou-se por uniformizá-las em função da presença, no texto, de ocorrências mais modernas (por exemplo, *noute* / *noite, disvelo* / *desvelo, pertender* / *pretender*), embora se tenham registado em nota de rodapé os casos em que interviemos, para preservar a imagem do estádio evolutivo da linguagem e da grafia da época;

22 – As palavras foram separadas ou unidas de acordo com a norma actual, por exemplo nos casos de *por que* e *porque,* distinguindo-se o advérbio interrogativo de causa da conjunção causal e final, *a pesar* (actualizado para *apesar*), *senão* e *se não*, distinguindo o advérbio de exclusão da oração condicional, etc.;

23 – Aglutinaram-se expressões que hoje constituem uma unidade gráfica, como *a manhã* (que passou a *amanhã*) ou *amor próprio* (hoje *amor-próprio*);

24 – Foi feita a introdução do hífen para associar a certas formas verbais os pronomes pessoais átonos *-la*, *-lo*, em posição enclítica ou mesoclítica. Por exemplo, corrigiu-se *repetillos* para *repeti-los*;

25 – Observou-se o uso das formas *vassalage*, *plumage* e *corage*. Optou-se por actualizá-las nos excertos em prosa, inserindo uma nota de rodapé com a versão original, não se corrigindo as mesmas ocorrências na poesia, pois afectaria a métrica dos versos;

26 – Corrigiu-se o uso de formas como *handem* e *seres* para *hão-de* e *serdes,* por se tratar de erros. No entanto, a forma *handem* regista na obra duas ocorrências, que poderão resultar simultaneamente de uma confusão com o verbo *andar* e de uma tentativa de conjugar a 3.ª pessoa do plural do verbo *haver* por semelhança com a 3.ª pessoa do singular *há-de* (tal como ainda hoje se observa em *hadem*);

27 – Para o plural, manteve-se a hesitação entre a grafia *lhe* e *lhes* por *lhe* ser a forma dominante no texto. No entanto, deixou-se registada a oscilação por ser significativa de um momento de dinamismo na língua portuguesa.

Na pontuação:

28 – Em relação à pontuação, procurou-se intervir o mínimo possível. No entanto, alteraram-se alguns usos de vírgula, sempre que eles interferiam com os seus actuais casos proibitivos. Também frequentemente se alteraram os dois pontos e o ponto e vírgula, de acordo com o uso actual;

29 – A pontuação foi levemente actualizada, de forma a simplificar a leitura a um leitor actual, sobretudo nos casos de maior incompreensão do texto. De qualquer modo, regista-se em nota de rodapé a versão da 1.ª edição, sempre que a pontuação desta apresenta possibilidades diversas de interpretação;

30 – Em alguns casos, simplificou-se a pontuação, quer pela introdução de parágrafos, quer pela separação das frases em frases mais curtas e menos complexas;

31 – O ponto de interrogação, de rara ocorrência no original, foi adicionado sempre que a sua presença se tornou evidente e necessária. Em casos mais raros, usou-se também o ponto de exclamação, quando a entoação da frase assim o justificou;

32 – A fim de facilitar a leitura, foi feita pontuação nos diálogos, de acordo com as normas actuais, que preconizam dois pontos e travessão.

No latim:

33 – Desdobraram-se abreviaturas sem assinalar (em casos como *opertoriũ*, para *opertorium*, por exemplo).

No castelhano:

No castelhano, seguimos as normas ortográficas actuais, procurando manter as especificidades do texto original. Assinale-se que a língua castelhana ocorre nesta novela sempre em formas poéticas, pelo que a actualização se viu espartilhada por factores que se prendem com a rima e a métrica. Fundamentámos as nossas opções sobretudo em Sebastián de Covarrubías[42].

34 – Actualizaram-se as grafias antigas das fricativas (*s*, *ss*, *x*, *c*, *ç*, *sc*, *z*);

35 – Das formas mais arcaizantes conservámos a metátese *decilde*, em vez do actual *decidle*, e mantiveram-se alguns vocábulos em uso na época, como *escuro*, *mesmo*, etc.;

36 – Por se tratar sempre de forma poética, não querendo desrespeitar a rima e a métrica, mantiveram-se casos como *Cila*, em vez de *Escila*, *reprehender*, em vez de *reprender*, e *experimentar*, em vez de *exprimentar*;

[42] Sebastián de Covarrubías, *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, Madrid, por Luis Sanchez, 1611.

37 – No caso do *h* mudo, em posição inicial ou medial, as palavras foram actualizadas de acordo com o critério actual. Por exemplo, alterou-se *rethórico* para *retórico*, *oy* e *ay* para *hoy* e *hay*;

38 – Actualizou-se a hesitação entre o *i* e o *y* nas palavras de acordo com a norma actual;

39 – Normalizou-se a acentuação, flutuante no século XVIII, de acordo com as normas actuais;

40 – As palavras foram separadas ou unidas de acordo com a norma actual, por exemplo nos casos de *a fuera, a donde* e *hede (hallarte),* para *afuera, adonde* e *he de (hallarte),* respectivamente;

41 – Retiraram-se os hífenes dos verbos de acordo com o uso actual, por exemplo em *precipitar-se*, corrigido para *precipitarse*;

42 – Simplificaram-se as consoantes dobradas de acordo com o uso actual como *ll* (em *illustre*), *mm* (em *llamma*), *tt* (em *attended*), *ff* (em *affecto*) ou *ss* (em *excesso*);

43 – Corrigiram-se gralhas óbvias, sem se assinalar.

BIBLIOGRAFIA

I. Fontes Manuscritas

a) Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa*: Termo de preguntas feitas a Dona Magdalena Eufémia da Glória* (cota: Ms 353, fl 111).

b) Arquivo da Universidade de Coimbra: *Cadernos de matrículas da Faculdade de Medicina de 1731-32* (cota: AUC-IV-1ª-D-1-4-2), 1734-35 (cota: AUC-IV-1ª-D--1-4-5), *1735-36* (cota: AUC-IV-1ª-D-1-4-6) e 1738-39 (cota: AUC-IV-1ª-D-1--4-9).

c) Arquivo Nacional da Torre do Tombo – ANTT: documentos com as cotas RGM D. Maria I, liv. 1 (2), f. 5, 6 e 7, RGM D. José, liv. 11, fl. 276, PT-TT-ID/1/259 – Fl. 74v, PT-TT-ID/1/164 – Fl. 87 e PT-TT-ID/1/164 – Fl. 88.

II. Dicionários, Catálogos, Enciclopédias, Gramáticas, Prontuários

- ANDRADE, Adriano da Guerra, *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1999.

- BARRETO, João Franco, *Ortografia da Lingua Portugueza*, per Joam Franco Barretto, em Lisboa na Officina de Joam da Costa a custa de Antonio Leyte mercador de livros, na Rua Nova, 1671.

- BARREIRA, Isidoro de, *Tratado das significaçoens das plantas, flores, e fruttos, que se referem na Sagrada Escrittura: tiradas de divinas, e humanas letras, com suas breves considerações* pelo Padre Fr. Isidoro de Barreyra, Lisboa, na officina de Manoel Lopes Ferreyra & à sua custa, 1698.

- BARROS, João de, *Grammatica da Lingua Portuguesa*, Olyssipone, apud Lodovicum Rotorigium, Typographum, 1540.

- *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Clementinam*, Mattriti, BAC, 1991.

- BLUTEAU, Rafael (1789), *Diccionario da Lingua Portugueza* (reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva), Tomos I e II, Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

- CHEVALIER, J. e A. Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Ed. Teorema, 1994.

- COROMINAS, Joan, *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, Madrid, Gredos, 1984.

- COVARRUBÍAS, Sebastián de, *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, Madrid, por Luis Sanchez, 1611.

- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

- DUBY, Georges, *Histoire des femmes. XVIe-XVIIIe Siècles*, Plon, 1991.

- FEIJÓ, João de Morais Madureira, *Ortografia ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa*, Lisboa, Lisboa Ocidental, Oficina de Miguel Rodrigues, 1739.

- FIGUEIREDO, Cândido de, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Venda Nova, Bertrand, 1986.

- FONSECA, Martinho Augusto da, *Subsidios para Um Diccionario de Pseudonymos Iniciaes e Obars Anonymas de Escriptores Portuguezes* (edição facsimilada), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1972.

- GOMES, J. Pinharanda, *Criptónimos e Pseudónimos de Escritores (Contributo)*, Separata da revista *Gil Vicente*, 2002.

- GRIMAL, Pierre, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Lisboa, Difel, 2009.

- LAPA, Albino, *Dicionário de Pseudónimos*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1980.

- LEÃO, Duarte Nunes de, *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, pelo Licenciado Duarte Nunez do Lião, Lisboa, per Ioão de Barreira impressor del Rei N. S., 1576.

- MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana: Historia, Critica, e Cronológica, na Qual Se Comprehende a Noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, Que Compuserão desde o Tempo da Promulgação da Ley da Graça até o Tempo Prezente*, reprodução da edição *princeps* de 1741-1759, Coimbra, Atlântida, 1965-1967.

- MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.

- NEVES, António Álvaro Oliveira Toste, *Pseudónimos: Achegas para Um Dicionário de Pseudónimos de Escritores Editados em Portugal*, Coimbra, [s.n.], 1962.

- OLIVEIRA, Américo Lopes de, *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello Editores, 1981.

- OLIVEIRA, Fernão de, *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1581) (ed. facsimilada), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988.

- PEREIRA, Pe. Bento, *Thesouro da Lingoa Portuguesa*, Composto pelo Padre D. Bento Pereyra, Lisboa, Off. de Paulo Craesbeeck, & à sua custa, 1647.

- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Almedina, 1990.

- SILVA, Inocêncio Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858

- TAVARES, Jorge Santos, *Dicionário de Santos*, Porto, Lello Editores, 2001.

- VAN DER BORN, A. (ed), *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Petrópolis, Vozes, 1971.

- VASCONCELOS, J. Leite de, *Lições de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1966.

- VIEIRA, P.e Domingos, *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, 5 volumes, Porto, Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.

III. Bibliografia da autora

- GLÓRIA, Sóror Madalena da, *Aguia Real, Fenix Abrazado, Pelicano Amante, Historia Panegyrica, e Vida Prodigiosa do Inclito Patriarca, Que Alcançou Ouvir da Boca de Deos o Titulo de Grande, S. Agostinho.* Dedicada a SS. Virgem Maria Senhora Nossa com o Titulo de Sr.ª da Graça, Escrita por Leonarda Gil da Gama Natural da Serra de Cintra, Lisboa, Off. Pinheirense da Musica e da Sagrada Religião de Malta, 1744.

- GLÓRIA, Sóror Madalena da, *Astro Brilhante em Novo Mundo, Fragrante Flor do Paraiso, Plantada no Jardim da América*: Historia Panegyrica, e Vida Prodigiosa de Sta. Rosa de Sta. Maria, Oferecida á Santíssima Virgem do Rosário, Escrita por Dona Leonarda Gil da Gama, Natural da Serra de Cintra, Lisboa Occidental, Off. de Pedro Ferreira, 1733.

- GLÓRIA, Sóror Madalena da, *Brados do Desengano contra o Profundo Sono do Esquecimento, Em Tres Historias Exemplares para Melhor Conhecerse o Pouco Que Durão as Vaidades do Mundo, e o Poder das Divinas Inspiraçoens*, Escritas por

Leonarda Gil da Gama Natural da Serra de Cintra, Lisboa Occidental, Off. de Miguel Rodrigues, 1736.

- GLÓRIA, Sóror Madalena da, *Brados do Desengano contra o Profundo Sono do Esquecimento. II Parte*, Escrita por Leonarda Gil da Gama, Natural da Serra de Cintra, Lisboa Ocidental, Off. de Musica, 1739.

- GLÓRIA, Sóror Madalena da, *Brados do Desengano contra o Profundo Sono do Esquecimento. Em Tres Historias Exemplares para Melhor Conhecer-se o Pouco, Que Durão as Vaidades do Mundo, e Poder das Divinas Inspiraçoens*, Escritas por Leonarda Gil da Gama, Natural da Serra de Cintra. I. Parte, Lisboa, Off. de Domingos Rodrigues, 1749.

- GLÓRIA, Sóror Madalena da, *Novena de Sancta Rosa de Sancta Maria*, Lisboa, Off. de Musica, 1734.

- GLÓRIA, Sóror Madalena da, *Orbe Celeste Adornado de Brilhantes Estrelas, e Dois Ramilhetes: Hum Colhido pela Consideração, Outro pelo Divertimento.* Dedicado á Ilustrisima Senhora D. Joana Tereza de Noronha e Napoles, Autora Leonarda Gil da Gama, Lisboa, Off. de Pedro Ferreira, 1742.

- GLÓRIA, Sóror Madalena da, *Reyno de Babylonia, Ganhado pelas Armas do Empyreo*; Discurso Moral Escrito por Leonarda Gil da Gama, Natural da Serra de Cintra, Lisboa, Officina de Pedro Ferreira Impressor da Augustissima Rainha N. S., 1749.

IV. Bibliografia sobre a autora

- COUTO, Anabela Galhardo, *Gli Abiti Neri. Letteratura Femminile del Barocco Portoghese*, Roma, Il Filo, 2007.

- CRUZ, Dídia Outeiro, *A conquista do reino dos céus segundo Madalena da Glória ou Reyno de Babylonia, ganhado pelas armas do empyreo*, Tese de Mestrado para a Universidade Nova de Lisboa, 1993.

- HATHERLY, Ana, "Sor Juana e Sóror Madalena da Glória", *in* CARVALHO, Joaquim de Montezuma de*, Sor Juana Inés de la Cruz e o Padre António Vieira ou a Disputa sobre as Finezas de Jesus Cristo*, Lisboa, Vega, 1998.

- MORUJÃO, Isabel, *Por trás da Grade: Poesia Conventual Feminina em Portugal (Séculos XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento para a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

- RAMÓN, Micaela, *A Novela Alegórica em Português dos Séculos XVII e XVIII. O Belo ao Serviço do Bem*, Tese de Doutoramento para o Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, 2006.

- RAMÓN, Micaela, "O Poder da Imagem – Emblemática e Persuasão numa Novela Alegórica Portuguesa do Século XVIII", *in Do Entre as Artes. Envolvimento e Clímax*, 2007.

V. Bibliografia Geral

- AA. VV., *D. Maria de Portugal, Princesa de Parma (1565-1577) e o Seu Tempo*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

- AA. VV., *Da Memória dos Livros às Bibliotecas da Memória* (dir. José Adriano de Freitas Carvalho), Porto, 1998.

- AA. VV., *Monjas Dominicanas. Presença, Arte e Património em Lisboa*, Lisboa, Aletheia Editores, 2008.

- AA.VV., *Mulher. Espírito e Norma*, Associação dos Amigos do Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, 2009.

- ANASTÁCIO, Vanda (ed.), *Cartas de Lilia e Tirse*, Lisboa, Edições Colibri, 2007.

- ANASTÁCIO, Vanda, "Alcipe e os Salmos" *in Via Spiritus*, n.º 12, 2005.

- AUGUSTO, Sara Manuela Ribeiro Martins, *A Alegoria na Ficção Romanesca do Maneirismo e do Barroco*, U.C.P., 2004.

- AVALLE-ARCE, Juan Bautista, *La novela pastoril española*, 2.ª ed., Madrid, Ediciones Istmo, 1974.

- BARBEITO CARNEIRO, María Isabel, *Mujeres y Literatura del Siglo de Oro (Espacios Profanos y Conventuales)*, Ediciones del Orto, 2006.

- BELÉM, Jerónimo de, *Crónica Seráfica da Província dos Algarves*, Lisboa, 1752--1758.

- BELLINI, Lígia, "Vida Monástica e Práticas da Escrita entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime", *in Campus Social*, n.º 3 / 4, 2006/2007.

- BELLINI, Lígia e Moreno Laborda Pacheco, "Experiência e Ideais de Vida Barroca em Mosteiros Portugueses Clarianos, nos Séculos XVII e XVIII", *in Revista de História* 160, Bahia, 2009.

- BELO, Filomena, *Rellação da Vida e Morte da Serva de a Venerável Madre Elenna da Cruz por Sóror Maria do Ceo: transcrição do Códice 87 da BN precedida de um estudo histórico*, Tese de Mestrado para a Universidade Nova de Lisboa, 1990.

- BLECUA, Alberto, *Manual de Critica Textual*, Madrid, Castalia, 1983.

- CARDOSO, Beatriz Amazonas, *"Eu Sou Mulher e Não Tenho a Pena de Homero". Theresa Margarida da Silva e Orta e as Origens da Escritura Feminina Portuguesa*, Tese de Doutoramento para a Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

- CARDOSO, Jorge e D. António Caetano de Sousa, *Agiológio Lusitano* (ed. Maria de Lurdes Correia Fernandes), Porto, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

- CARVALHO, José Adriano de Freitas, "As Lágrimas e as Setas. Os *Pia Desideria* de Herman Hugo, S. J. em Portugal", *in Via Spiritus*, 2, 1995.

- CARVALHO, José Adriano de, "Do Recomendado ao Lido. Direcção Espiritual e Prática de Leitura entre Franciscanas e Clarissas em Portugal no séc. XVII" *in Via Spiritus*, Ano 4, 1997.

- CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de, *Poesia de Agudeza em Portugal*, Tese de Doutoramento para a Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2004.

- CASTRO E SOUSA, A. D. de, *Descrição do Palácio Real na Vila de Sintra, Que Ali Têm os Senhores Reis de Portugal*, Sintra, Câmara Municipal – Arquivo Municipal de Sintra / Arquivo Histórico – Gabinete de Estudos Histórico-Documentais, 2005.

- CAYUELA, Anne, *Le Paratexte au Siècle d'Or*, Genebra, Librairie Droz, 1996.

- CÉU, Sóror Maria do, *A Preciosa* (ed. Ana Hatherly), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.

- CÉU, Sóror Violante do, *Parnaso Lusitano de Divinos, e Humanos Versos*, compostos pela Madre Soror Violante do Céu religiosa dominica no Convento da Rosa de Lisboa, dedicado à Senhora Sóror Violante do Céu religiosa no Convento de Santa Martha de

Lisboa, Segundo Tomo, Lisboa Ocidental, na oficina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca, 1733.

- CÉU, Sóror Violante do, *Rimas Várias* (ed. Margarida Vieira), Lisboa, Presença, 1994.

- CHAGAS, Fr. António das, *Cartas Espirituais* (ed. Isabel Morujão), Porto, Campo das Letras, 2000.

- COUTO, Anabela Galhardo do, *Dualismo e Reversibilidade em Enganos do Bosque, Desenganos do Rio de Sóror Maria do Céu,* Dissertação de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas (Época Moderna) apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991.

- FARIA, Francisco Leite de (coord.), *Santa Clara e as Clarissas em Portugal*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994.

- FLETCHER, Angus, *Allegory: The Theory of a Symbolic Mode*, Ithaca, Cornell University Press, 1990.

- FREITAS, César Augusto Martins Miranda de, *A Novelística Portuguesa no Século XVII: o Caso Mateus Ribeiro*, Tese de Mestrado para a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.

- GAMA, Joana da, *Ditos da Freira*, edição crítica de Anne-Marie Quint, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos – FLUL, Colecção "Cultura no Feminino", 2010.

- GENETTE, Gerard, *Seuils*, Paris, Editións du Seuil, 1987.

- GOMES, Luís (ed.), *Mosaics of Meaning – Studies in Portuguese Emblematics*, Glasgow, Glasgow Emblem Studies, 2008.

- LOBO, Francisco Rodrigues, *A Primavera* (ed. Maria Lucília Gonçalves Pires), Lisboa, Vega, 2003.

- LOUREIRO, Olímpia, "Os livros das monjas do Convento de S. Bento de Ave-Maria do Porto (finais do século XVIII)" *in Congreso Internacional del monacato femenino en España, Portugal y America (1492-1992),* tomo 2, León, Universidad, 1993.

- LOUREIRO, Olímpia, "Bibliotecas e leituras do clero do Porto (1769-1770)" *in Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora,* vol. 2, Évora, 1994.

- MAGALHÃES, Isabel Allegro de (coord.), *História e Antologia da Literatura Portuguesa: Século XVII. Literatura de Conventos – Autoria Feminina*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

- MARTINS, Maria Teresa, *A Censura Literária em Portugal nos Séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

- MELO, D. Francisco Manuel de, *Apólogos Dialogais*, ed. Pedro Serra, Porto, Campo das Letras, 1998.

- MELO, D. Francisco Manuel de, *Carta de Guia de Casados*, ed. Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Campo das Letras, 2003.

- MELO, D. Francisco Manuel de Melo, *O Fidalgo Aprendiz*, ed. Evelina Verdelho, Corunha, Biblioteca-Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor, Departamento de Galego-Português, Francês e Linguística, 2007.

- MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino, *Orígenes de la Novela*, vol. II, Madrid, Consejo Superior de Investigación Científica, 1943.

- MORUJÃO, Isabel, *Contributo para uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos Séculos XVII e XVIII (Impressos),* Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, 1995.

- MORUJÃO, Isabel, "Livros e Leituras na Clausura Feminina de Setecentos", *in Revista da Faculdade de Letras. «Línguas e Literaturas»*, Porto XIX, 2002.

- MORUJÃO, Isabel, "No Deserto Espiritual: Entre a Cruz e a Grade", *in Revista Portuguesa de Psicanálise*, n.º 24, 2003.

- MORUJÃO, Isabel, "Um Epistolário Português de Clarissa: Contributo para a Reconstituição de Um Património Esquecido" – comunicação para o III Congresso Internacional de El Franciscanismo en la Península Ibérica (no prelo).

- NATÁRIO, Anabela, *Portuguesas com História – Séculos XV e XVI*, Lisboa, Temas e Debates, 2008.

- NEMÉSIO, Maria Inês de Andrade e Castro Monjardino, *"Exemplares Novelas" e «Novelas Exemplares»: Os Paratextos da Ficção em prosa no Século XVII*, Tese de Mestrado para Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

- PAULO, Maria Manuela, *Aves Ilustradas, de Sóror Maria do Céu – Edição Actualizada Precedida de Um Comentário*, Tese de Mestrado para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1994.

- PÉRES PRIEGO, Miguel Ángel, *La Edición de Textos*, Madrid, Ed. Sintesis, 1997.

- PIRES, Maria Lucília Gonçalves, *Xadrez de Palavras. Estudos de Literatura Barroca*, Lisboa, Cosmos, 1996.

- PIRES, Maria Lucília Gonçalves e José Adriano de Carvalho, *História Crítica da Literatura Portuguesa Maneirismo e Barroco*, Lisboa/São Paulo, Verbo, 2001.

- RAMÓN, Micaela, "Para Uma «Classificação Genológica» das Formas Narrativas de Ficção do Período Barroco", *in Revista Portuguesa de Humanidades,* Vol. 11, 2007.

- RAMÓN, Micaela, "Psicomaquia, esponsais e salvação eterna. O universo alegórico de três novelas portuguesas barrocas de autoria feminina", *in Diacrítica*. Ciências da Literatura, n.º 21/3, 2007.

- REMÉDIOS, Mendes dos (ed.), *Escritoras Doutros Tempos: Extractos das Obras de Violante do Céu, Maria do Céu, Madalena da Glória*, Coimbra, França Amado, 1914.

- SANTOS, Maria José Azevedo, *Assina Quem Sabe e Lê Quem Pode*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004.

- SANTOS, Zulmira, *Literatura e Espiritualidade na Obra de Teodoro de Almeida (1722-1804)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002 [edição da autora].

- SARAIVA, A. J, e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2005 [17.ª edição].

- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 1986.

- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa, Coimbra*, Centro de Estudos Românicos, 1971.

- SOUSA, D. António Caetano de, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, Lisboa, Regia Officina Sylviana, 1745.

- SOUSA, D. António Caetano de, *Memorias Historicas, e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, Lisboa, Regia Officina Sylviana, 1755.

VI. Fontes disponíveis online

- Bibliografía de Escritoras Españolas (BIESES) - http://www.uned.es/bieses/

Debrie inv. et sculp. 1749.

REYNO
DE
BABYLONIA,
GANHADO PELAS ARMAS
DO
EMPYREO;
DISCURSO MORAL,
ESCRITO POR
LEONARDA GIL DA GAMA,
Natural da Serra de Cintra.

Offerecido ao Senhor
FRANCISCO FERREYRA DA SYLVA,
Cavalleyro profeſſo na Ordem de Chriſto, &c.

LISBOA:
Na Officina de PEDRO FERREIRA Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha N.S.
Anno M. DCC. XLIX.

Com todas as licenças neceſſarias.

Vende-se no largo da Conceição velha, nas casas dos Religiosos do Carmo em todo cima, e outros livros curiosos.

DEDICATÓRIA AO SENHOR

FRANCISCO FERREIRA
DA SILVA,

Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, &c.

O agradável influxo da benignidade que no ânimo de V. M. firmemente assiste me atraiu a buscar na sua protecção seguro amparo a este volume, que lhe ofereço, sem receio de que V. M. se dê por ofendido da limitação desta oferta, pois, ainda que pareça pequena na extensão, é muito grande no afecto com que a executo, e inclui (segundo publica o título que lhe dá a sua discreta e ilustre autora) não menos que a grandeza de um Reino o mais opulento e com as mais felices armas conquistado. Donde venho a persuadir-me que nem eu podia a V. M. mais oferecer, nem a minha obrigação podia buscar melhor meio para gratificar o muito que a V. M. me reconheço devedor.

A magnificência deste livro, no título que lhe dá a sua autora, parece-me que se acha desempenhada nos elegantes e discretos discursos desta obra; pois bem parecem do Empíreo os conceitos morais que, com invencíveis armas de claros desenganos, forçosamente hão-de deixar vencidos os que na Babilónia deste Mundo militam desenganados, causa por que entendo que este livro mui similhante àquele que o Profeta Zacarias disse que viu vir voando: *Vidi, & ecce volumen volans*, para confusão ou maldição dos vícios: *Et haec est maledictio*, para glória das virtudes, crédito da Nação Portuguesa e lustre da família Seráfica, de que é ilustre filha a sua autora. Esta é a grandeza e soberania da obra que neste pequeno volume a V. M. com atenciosa veneração ofereço, para que debaixo do seu feliz amparo possa ser defendida da calúnia dos críticos e estimada dos discretos e doutos. Igualmente pretendo, por este meio, mostrar do modo que posso o grande desejo que tenho de gratificar a V. M. o muito que me reconheço seu obrigado, que certamente com mui extensas expressões o referira (como ordinariamente fazem os que dedicam livros) se não reconhecera a dificuldade desta empresa; basta-me porém dizer que o muito que a V. M. sou devedor me impele a pedir-lhe, se quisesse dignar de consentir, que eu lhe dedicasse esta obra, a qual, amparada com a sombra do seu nome e dos seus ilustres apelidos de Ferreira e Silva, entendo que aparecerá no teatro do Mundo defendida dos golpes da calúnia e habilitada para que todos a leiam com estimação e vejam com respeito.

Zac. 5. v. II
V. 3.

Bem sei que quem costuma dedicar um livro cuida muito em exagerar a esclarecida nobreza e ilustres merecimentos do sujeito que escolhe para seu protector e patrono. Mas como reconheço que tudo quanto neste particular podia dizer não havia passar de uma simples narração, que, por limitada, mais havia de servir de desabono que de elogio, me resolvi a deixar sepultado no silêncio o em que não posso deixar de ser diminuto. Se eu pudera gravar em um cíngulo todas as estrelas, como fez Salamão, ou debuxar em um vestido todas as flores, como disseram os Antigos que fizera Júpiter, não teria dúvida em que me animar a fazer uma florente e mui alta

árvore, ornada dos ilustres ramos de que V. M. descende; nem também me seria mui difícil referir as morais virtudes de que V. M. se adorna. Mas, como não me é possível investigar[1] empresa tão árdua e subida, não quero que este desalinhado obséquio da minha tosca pena escureça o esclarecido lustre da sua descendência e o relevante merecimento das prendas de que a sua pessoa se acha adornada.

O que suposto, corto pelas longas páginas que podia encher de seus louvores, se me animasse a referir a ilustre nobreza de que V. M. se pode sem vaidade jactanciar e os acertados procedimentos com que V. M. se sabe haver, tão senhor de si, que pode servir de exemplo de modéstia e norma de prudência, causa por que me atrevo a dizer, sem receio de parecer encarecido, que adquiriu V. M. por sorte ou por providência, uma alma que, se a escolhesse por eleição a mão mais ambiciosa, parece-me que não elegeria outra. Julgo que este elogio vem para V. M. mui próprio e entendo que não se pode supor que é nos palácios da lisonja fabricado, pois Salamão o fez a si mesmo. Não quis Salamão jactanciar-se do real sangue que pulsava nas suas veias, nem da magnificência das suas riquezas, domínios e estados, mas não se atreveu a calar a jactância, que tinha de lhe ter dado uma tal arma a divina providência. *Puer autem eram ingeniosus, & fortitus animam bonam*. Isto que Salamão chegou de si a afirmar posso eu de V. M. dizer, sem receio de que pareça lisonja, pois quem a V. M. conhece não deixa de ter desta verdade cabal experiência. A que tenho do muito que lhe sou obrigado me excita a fazer-lhe oferta deste livro que a minha veneração lhe dedica; e ainda que não ignoro que é limitado obséquio, também sei que o seu generoso ânimo não se agrada tanto do procedimento da quantidade como da qualidade. Por isso espero que seja de V. M. bem aceito, e também não duvido que, pondo-lhe os olhos do seu agrado, será de todos bem visto. A pessoa de V. M. guarde Deus por muitos e felices anos, para que tenha a honra de me confessar perpetuamente.

Sap. 8 v. 9.

A V. M.

Mais humilde venerador

Reinério Bocache

[1] "Envestigar" na edição de 1749.

LICENÇAS
DO SANTO OFÍCIO

Aprovação do M. R. P. M. Fr. Manuel do Rosário, Mestre em S. Teologia, Consultor do Santo Ofício e Cronista da Ordem dos Pregadores.

EMINENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR:

Na alusão e parábola de uma rústica aldeã com o suposto nome de Angélica, conquistada a desvelos[2] de um soberano Príncipe, descreve a disfarçada Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Sintra, a conquista de uma alma da dispótica e ímpia jurisdição da infernal Babilónia para a celestial Jerusalém.

Todo é parabólico e alusivo e todo igualmente devoto que discreto volume, não só pelo artefacto, mas pelo artífice, e soube quem o fabricou dar tão vivas cores a esta parábola, que arrebatadas docemente as potências se deixam levar da cópia pelo original e se namoram da mesma sombra para seguir a luz.

É compilatíssimo este nome da famosa serrana de Sintra para este género de escritos. Apenas se lê na primeira folha de muitos livros que hoje nobilitam e enriquecem a República literária, logo desperta novos estímulos a Esperança, para encontrar no volume uma discretíssima alusão, respirando suavemente ternura, doutrina e discrição.

Célebre nas cartas geográficas, topográficas e náuticas, conhecia eu até agora a famosa Serra de Sintra, não só por ser conhecido promontório aos marinheiros, mas por contribuir das suas entranhas os mais preciosos materiais às mais sumptuosas fábricas. Nos séculos futuros a fará mais conhecida a sua famosa serrana nas Bibliotecas dos Escritores, na memória que deixarem de seus discretos volumes.

Não sei como a curiosidade tão própria da corte não tem levado a muitos a descortinar as suas penedias, com a Esperança de encontrar com o berço desta célebre serrana. Mas já me persuado que, assim como Leonarda Gil da Gama descobriu sempre na sua, por mais que disfarçada, Angélica, tantos ressabios da terra hereditária do Campo Damasceno, não menos puderam ocultar tão afectados disfarces da serrana de Sintra os ressabios que a inculcam toda de corte, para o descobrir sem rebuços a Esperança.

Com furor poético, e não só com picante mas sanguinolenta pena, escreveu Eurípedes, tão declarado inimigo das mulheres, que, depois de largas sátiras, chegou a dizer que tudo o que se achava escrito em desdouro seu por vários autores era última vontade sua que a ele se atribuísse, e só invejava a quem o escrevera, porque de tudo o que disse e podia dizer-se só ele queria ser autor. Agradeça-lhe o sexo tão extravagante como ímpio desejo, e a alguns sectários seus, se ainda os há. Mas o certo é que não se faz acredor a tão irracional censura um sexo que tão largo assunto tem dado a copiosos Catálogos de Heroínas famosas, não só nos antigos, mas nos modernos séculos, não só nos estranhos, mas nos próprios e vizinhos[3] países.

[2] "Disvelos" na edição de 1749.
[3] "Vezinhos" na edição de 1749.

Ainda hoje Espanha, fecunda Mãe de grandes engenhos, podendo gloriar-se de tantas heroínas no seu continente, soberba e ufana se jacta da sua célebre Sóror Joana Inés de la Cruz, de México, de engenho tão raro, que se atreveu a entrar a duelo com o gigante engenho do incomparável Vieira, e só[4] não roubou a clava das mãos de Hércules para ficar com triunfo: *Magnis tamen excidit ausis*.[5]

Mas não se jacte Espanha, que as artes e ciências são tão vinculadas ao influxo do seu terreno, que se comunicam das aulas aos estrados, das disputas e literárias fadigas aos enleios do espelho e almofada; e para que não fique com aquela jactância podendo Portugal formar lustrosa esquadra de discretíssimas heroínas que enobreçam o orbe literário, sai a campo a famosa serrana de Sintra, cujo engenho culto, discreto, pio e doce ensinando recreia e persuadindo suavemente arrebata.

Isto é o pico que a famosa Leonarda Gil da Gama soube dar às suas obras, podendo delas Horácio, corrigindo o verso e mudando o género, para crédito do sexo, escrever que chegara nos seus escritos ao último ponto: *Omni tullit puntum, quae involvit utile dulci*[6]. E como neste segue o mesmo estilo sem descrepância aos ápices da fé e consonância aos bons costumes, me parece digno da estampa. V. Eminência mandará o que for servido.

Convento de S. Domingos de Lisboa 21 de Abril de 1746

Fr. Manuel do Rosário

[4] "Se" na edição de 1749.

[5] Da expressão de Ovídio: *Quem si non tenuit, magnis tamen excidit ausis* ("Se não conseguiu, pelo menos caiu numa tarefa de grande ousadia").

[6] *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*: "Recebe sempre os votos, o que soube misturar o útil ao agradável." (*in* Horácio, *Arte Poética*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 1984).

Aprovação do M. R. P. M. Fr. Tomás de São José,
Presentado em a Sagrada Teologia, Qualificador do Santo Ofício, Definidor[7] actual,
Ministro que foi do seu Convento de Santarém e do de Lisboa, etc.

EMINENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR

Por mandado de V. Eminência vi este livro, que com o título de *Reino de Babilónia ganhado pelas armas do Impíreo*[8] intenta imprimir Manuel da Silva, autora a célebre Leonarda Gil da Gama, natural da Serra de Sintra, e confesso a V. Eminência que, logo que reparei em tal nome e em tal livro, assentei que nele havia de achar algum tesouro precioso, ainda que escondido, e não me enganei no meu discurso, porque tudo quanto neste livro examino, ainda que precioso, é escondido. É precioso este livro pela matéria de que trata; é precioso pelo estilo que nele se admira; é precioso pela frase com que se adorna; e é precioso pela poesia com que se reveste. Porém, sendo este livro tesouro tão precioso, é também um tesouro escondido. É escondido pelo nome da autora, que só em anagrama se declara; é escondido pelo método, que só em parábolas se explica, e é escondido pela terra em que diz se gerou, porque na aspereza de uma serra se disfarça.

Mas que importa que este tesouro mostre ser gerado nas asperezas de uma serra, se logo se conhece que tem a sua origem nas delícias de uma corte? Que importa que a matéria deste livro seja toda enigmática e parabólica, se a doutrina é muito clara e sublime? Que importa que a sua autora se queira fazer rústica e serrana, se a fama das suas virtudes e escritos declara a sua pessoa, sábia e ilustre e dá a conhecer o seu nome por *Magnífico e glorioso*? Que importa que a sua humildade a pretenda[9] esconder nos apertos de uma clausura, se as virtudes em que resplandece a fazem luzir fora dos limites da melhor Esperança? Que importa, finalmente, que neste livro tudo sejam enigmas e disfarces, se nele vemos claramente como pelas armas do Empíreo[10] se pode ganhar o Reino de Babilónia ou como uma alma pode ficar rendida aos afectos suaves do seu Esposo Divino?

Na Serra de Sintra há pedras, fontes e plantas. E assim, se a autora quiser conservar desta Serra a naturalidade, seja muito embora serrana, mas advirta que com o seu engenho e arte se converteram as pedras toscas em diamantes preciosos, as fontes de cristal em afluências de sabedoria e as agrestes plantas em sazonados frutos, todos tão bons e admiráveis quantos são os seus livros que tem composto, como excelentes partos de seu entendimento fecundo, os quais, ao mesmo tempo que recreiam as potências, servem de admiração aos sábios.

Mas que muito, se esta ilustre e discreta pastora se jacta de ter na Serra de Sintra o seu assento e solar, e quem tem assento e tal solar há-de ser necessariamente luzida e exaltada? É a Serra de Sintra chamada comummente pelos historiadores o monte ou promontório da Lua, e quem tem debaixo dos pés a Lua, ou o monte da Lua serve de solar ou assento, que há-de ser senão uma matrona luzida, uma heroína

[7] "Difinidor" na edição de 1749.
[8] "Impírio" na edição de 1749.
[9] "Pertenda" na edição de 1749.
[10] "Impírio" na edição de 1749.

exaltada e luzida, como aquela misteriosa mulher que viu São João no seu Apocalipse Cap. 5. *Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus eius, & in capite ejus corona stellarum duodecim*?

Seja pois muito embora esta famosa pastora natural da Serra de Sintra, que, quando se quer mostrar mais humilde, então se vê luzida como o Sol, tão fidalga como as mesmas estrelas e tão exaltada, que a mesma Lua lhe serve de solar ou trono. Oculte muito embora estas luzes na parda nuvem de um saial, que quando o Sol se vê entre nuvens então comunica mais activos os resplendores; esconda muito embora a sua glória nas brenhas de uma serra, porque mal se pode ocultar quem como racional cidade está fundada sobre a eminência de um monte: *Non potest civitas abscondi super montem posita* (Mat. 5). Diga finalmente que teve o seu nascimento na terra; porque sempre no seu nome se admira alguma cousa *da Glória*.

E à vista disto, que hei-de dizer a V. Eminência, se não que este livro é digníssimo de sair à luz e de se estampar nos corações de todos. Pois não tem cousa que ofenda os dogmas da nossa santa Fé ou bons costumes, antes nele acharão todos para a reforma dos costumes um grande incentivo, para a firmeza da Fé, uma forte coluna, para crédito da Nação, uma mortal glória, e para o Catálogo das Heroínas Portuguesas, mais esta sapientíssima pastora. Assim me parece: Vossa Eminência mandará o que for mais justo.

Trindade Lisboa 18 de Julho de 1746

Fr. Tomás de São José

Vistas as informações, pode imprimir-se o livro de que se trata, e depois de impresso torne para se conferir e dar licença que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa 22 de Julho de 1746

Fr. R. Alencastre. Silva. Abreu. Amaral. Almeida.

DO ORDINÁRIO

Aprovação do M. R. M. Frei João de São José, Monge Beneditino.

EXCELENTÍSSIMO E REV. SENHOR

Com a mais pronta obediência satisfaço expondo o que sinto em a matéria que V. Excelência me manda ponderar e acerca da qual se digna ouvir o meu parecer. O argumento da obra intitulada *Reino de Babilónia* julgo sublime; a nobreza e gravidade com que se expõe, excelente. A alegoria moral e ascética leva constante a discreta pena da excelentíssima escritora, que judiciosamente elegeu este agradável método para combater o fastio do coração humano ou desterrar a náusea que alguns menos devotos conservam aos assuntos pios. Já o grande Orígenes ideou ou, para melhor dizer, amplificou esta máquina (primeira fantesia do ímpio Luciano em discurso seguido) valendo-se do artifício alegórico em o terceiro século, com mais celebridade que muitos dos antigos escritores da Grécia, da África e do Lácio. Mas duvida-se ainda se conseguiu vencer a displicência ou se a aumentou, como presume um judicioso crítico. Não enfastia a presente obra, antes pela suavidade de que está cheia lhe sucederá o mesmo que se representou a Apolo em os Ragualhos de Trajano Bocalino. Presentara-se ao fingido Númen aquela decantada e, no seu género imortal, composição, o *Pastor Fido* do Cavalheiro Guarini, e, devorando-a Apolo, lambia os dedos, diz o satírico escritor. Com mais verdade e fundamento discorro que, oferecendo-se ao público este livro, como em o Apocalipse outro a S. João para o devorar, gostando os leitores de tanta espiritual delícia, em o suavíssimo composto experimentarão a doçura que na língua e pena do Evangelista se explicou em um favo. Para mais suavizar-se concorrem as expressões líricas que contém. E era justo que, se para o humano agrado se conspiraram algumas penas portuguesas, quais foram entre muitas as de Bernardino Ribeiro, Jorge de Montemayor, Francisco Rodrigues Lobo, nas *Saudades*, na *Diana* e na *Primavera*, se aparassem e apurassem outras penas em que excedesse o pio ao profano. Assim discorreram no século passado em Espanha o grande e espiritualíssimo varão Dom João de Palafoz, compondo aquela artificiosa alegoria que intitulou *Pastor de noche buena*, e o ilustrado espírito do autor do *Deseoso*, que dizem ser um místico grande da Venerável Congregação de S. Jerónimo. Merecendo bem por esta causa a presente obra não só o nome de celeste como de outra perguntava ou duvidava Estácio, mas pelo objecto o título de divina e, se fora decente, dissera o mesmo da escritora. Dissera com mais razão que do Ariosto a Itália, porque se este usurpa o nome de divino, apesar dos deslizes que afeiaram no *Orlando* os afectos de Angélica e Medoro, merecendo diferente conceito, como exprimiu com verdade o pai da mentira por boca de um energúmeno, dizendo, ao entrar pela porta da Igreja certo eclesiático, que trazia consigo Orlando: *Deixem vir o meu Sacerdote, que traz em o seio o meu Evangelho* (refere-o o douto D. Alamim). A discretíssima serrana, que purifica os afectos de Angélica, fazendo se entranhe nos corações a celestial doutrina, com menos violência usurparia o epíteto. Mas deixados hipérboles, desejara unicamente a pena áurea, que Paulo Jovio afirmava sabia aplicar aos elogios para converter em o mais bem merecido a censura, atendendo a que é tão delicado o

rasgo da pena da escritora, que ignora a sombra do grosseiro, por mais que intente acreditar-se rústica montanhesa, sendo para pastora muito cortesã, como do Pastor Fido escreveu um engenho. Eu bem sei que a soledade é amada dos espíritos contemplativos e que respira ou inspira um não sei quê, assim se explicou o Ovídio da Companhia de Hermano[11] Hugo. Mas se a autora se diz serrana, será no afecto, que em efeito e realidade tem muito de corte. Enfim, seja o que for, estilo tão cortesão é de terra que vê Palácio. Eu me persuadira que o templo de Cíntia, que deu nome ao promontório da Lua mais célebre do que o servir de baliza ao mundo, de termo ao oceano, podia pela eminência ser casa régia do Sol, maiormente sendo hoje convertido o monte em Parnaso, mas a celeste Urânia, que influi a pena da Escritora, não sei se ocupa outro monte. Em o de Sintra fazem eco as vozes desta serrana, e não é a primeira vez que em os montes fizeram eco as vozes de uma[12] desenganada em hábito penitente, respeitada em todo o Mundo com o título de Madalena. Assim inspira em cláusulas sonoras o desengano, arruinando os muros de Babilónia com vozes, quando edifica outros com harmonia. E se a *Conquista do Reino* é sua, como de seus maiores foi muito particularmente a *Restauração* do nosso, deva o mundo a esta pena o que deveu Portugal a uma espada, e reconheça-se o impulso mais nobre, ainda quando herdado, derivando-se também pelas veias a da poesia, hereditária por sua discretíssima Mãe[13], Cisne que admirou suspenso o pátrio Tejo nas ribeiras, e de que conserva distinta saudosa memória. Nem o Pai, que escolheu por vocação, deixa de influir, porque também São Francisco de Assis não só escreveu em prosa, mas aumentou o número dos Santos Padres que, excedendo o cômputo de cem, enobreceram as numerosas poéticas expressões. E contando a sua venerável dilatada família, do século treze até o princípio do presente, seis mil escritores e trinta e três escritoras, como observou um erudito Monge de S. Bento, gloriosamente se vê aumentado o cômputo nesta idade. Finalmente, a nobilíssima escritora, ainda quando encobre o nome por ocultar a Glória que resultaria, pode gloriar-se de que escute Portugal em a esclarecida Religião Seráfica Penitente uma voz tão sonora e tão clara, não tendo que invejar a nossa corte à de Paris a harmonia com que escreve em prosa e verso a religiosíssima Senhora Sóror Madalena de Montemar, filha do Excelentíssimo Duque deste nome, e Monja Beneditina, que modernamente renova em França o esplendor com que contribuiu à mesma Ordem em sete volumes Sóror Jacquellina Bouette de Blemur em o século passado. Outros tantos são os volumes que a discreta serrana tem composto, de que estão seis impressos. Parece-me por crédito da Nação pode e deve V. Excelência concorrer para que, com brevidade, veja o sétimo a luz pública, e para que tenham as colunas da casa da sabedoria cada uma pendente um troféu, e as maravilhas do Mundo em que entravam os muros de Babilónia, à vista o desengano. E como para este se encaminha a *Conquista*, e para a posse da celestial

[11] "Hermario" na edição de 1749.

[12] "Ũa" na edição de 1749. Ocorre uma única vez, por isso optou-se por corrigir.

[13] "Mão" na edição de 1749. É Dídia Outeiro Cruz (CRUZ, *op. cit.,* p. 18) que sugere esta gralha, possivelmente corrigida à mão no volume presente na Biblioteca Nacional de Portugal. Esta referência faz sentido se considerarmos que D. Helena de Távora, mãe de Sóror Madalena da Glória, era uma conhecida poetisa na época.

Jerusalém a Esperança, julgo não ter cousa contra a Fé ou bons costumes. V. Excelência mandará o que for servido.

S. Bento da Saúde 3 de Agosto de 1746

Fr. João de S. José
Monge Beneditino

Pode-se imprimir o livro de que se faz menção e depois de impresso torne para se conferir e dar licença para correr.

Lisboa 9 de Agosto de 1746

Melo

DO PAÇO

Aprovação do M. R. P. Dom Caetano de Gouveia, Clérigo Regular da Divina Providência, etc.

SENHOR:

Esta obra, que Vossa Majestade me manda ver não contém cousa alguma contra o seu real serviço. Vossa Majestade ordenará o que for servido.

Lisboa, nesta Casa da Divina Providência 22 de Dezembro de 1746

D. Caetano de Gouveia, C. R.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taixar, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá.

Lisboa 7 de Janeiro de 1747

Almeida. Carvalho. Mourão.

AO LEITOR

Já quando a minha pena começou a entreter a minha malancolia na aplicação deste pequeno volume foi trazendo à memória mais a tua censura que a tua piedade. Mas quem escreve sem querer lisonjas do aplauso não teme a crítica, nem se alvoroça na esperança do louvor.

Não escrevi pelos ditames da ciência, que adonde a curiosidade só é a causa ficam desculpáveis os erros da ignorância, e podes, ou malévolo ou bem intencionado, criminar ou não arguir, que um ânimo triste busque, no que ignora, o remédio, quando no a que se expõe leva o mal a que se arrisca, certo na ponderação de quem o condena.

Bem sei que discursos sem a utilidade acham contrário o juízo que os examina; mas quem como eu se paga de negar-se algumas horas às próprias imaginações não aplica a memória aos golpes da calúnia, senão ao que pode suavizar-lhe o ânimo, como se justifica nesta curiosa empresa de que, se disseres mal, lembra-te do que te expõe aos olhos o misterioso das pinturas, e nunca ficam de morte cor as estampas, que já levam rectas as primeiras linhas.

VALE.

Em louvor da Autora

ROMANCE HENDICASSÍLABO

Outra vez temerária a musa intenta
Elogiar aquele raro engenho,
A que todo o louvor desigual fica,
O que igualar não pode algum conceito.
Mas desculpe-me a mesma remontada
Esfera, a que a tosca pena eleve,
Que nunca proibido, mas louvável,
Será sempre ter altos pensamentos.
Por esta obra sexta em tudo prima
Ficaram em perpétuo esquecimento
As que de um pólo a outro divulgado
Tem do clarim volante os claros ecos.
Não digo as cinco que lhe precederam
Vossas, mas sim as outras com que ao sexo
Ilustraram aquelas Heroínas
A que já erigiu a fama templo.
A todas elas digo, e dirão todos
As ventagens levais com tal excesso,
Que ainda as mais sábias pelo ser parece
Seguirem só os vossos documentos.
Prodígio, que finge a antiguidade,
Das doces liras de Anfião e Orfeu,
Que dos bosques as feras atraíam,
Que andavam para ouvi-los os penedos.
Grande cousa parece, mas já hoje
Se vê que nada foi, e é muito menos
Do que vossa pena os rasgos fazem,
Não as pedras, as almas suspendendo.
Não suspendais os voos, Águia Régia,
A luz não escondais, claro luzeiro,
Deixai que gire e que admirando ilustre
Os próprios e os estranhos hemisférios.
Levantai, levantai em mais escritos
Novos padrões, que ao vosso nome eterno
Façam nesta, e em todas as idades,
Da Pátria glória só Leonarda sendo.

De Dona Joana de Noronha e Nápoles

Ao mesmo assunto

SONETO

Tal o estampido é, o engenho ardente
Da vossa erudição sempre aplaudida,
Que para Babilónia ser rendida
Basta que vós sejais quem a amedrente
Com armas do Empíreo preeminente.
À campanha saís, e quem duvida
Que, sendo impulso vosso, renda a vida
A mesma oposição irreverente.
Saís a conquistar com tantas galas
A nécia confusão da Babel forte,
Que o Sol se assombra em suas Régias falas.
De ver quando empenhais com feliz sorte
O escudo e pena da fermosa Palas,
Que vos cede troféus à eterna morte.

D. F. J. D. C.

Em louvor da Autora

ROMANCE HERÓICO

Douta heroína, venerado assombro,
Cujas prendas gentis raro talento,
Deixam em doces êxtasis do pasmo
A nobre perspicácia dos engenhos.
Ao mundo todo já ilustrado tendes
Com sábias produções, altos conceitos,
Vencendo as hidras de obstinados vícios
Hércules douto vosso entendimento.
São os vossos escritos simulacros,
Que por votos pendura no seu templo
A fama, que em harmónicas cadências
Vos soleniza assombro com seus ecos.
Esta pois remontada nos seus voos
Vos aplaude feliz por bocas cento,
Cujas excelsas vozes tem durado
O círculo feliz de todo um evo.
Vosso nome Sibila Lusitana
Concilia no mundo um tal respeito,
Que basta ouvir-se nele o nome vosso,
Para de adorações ser digno objecto.
Com as armas felices desse Empíreo
Sujeitais Babilónia ao vosso império,
De cujo vencimento ides formando
Uma coroa imortal, augusto império.
A este douto livro o mundo pode
Tributar oblações, votar incensos;
Porque outro sacrifício menos nobre
Não fora culto, fora sacrilégio.
Só vós, e mais ninguém, deste sagrado
Assunto explicais os mistérios;
Que progressos, que em tudo são heróicos,
Só com eles lidar sabem protentosos.
Uma alma em cada cláusula discreta,
Deste volume a suspensões aberto,
Lhe infundis para as glórias do triunfo,
Fazendo eterno o próprio vencimento.
Tanta conquista a vosso pulso estava
Reservada; porque nele estou vendo,
Do nome aquela glória transferida
Que o Céu lhe destinou para este emprego.
Se ainda existira Babilónia antiga,

Esse de Semíramis[14] trono excelso,
Mais, que daquela os triunfos celebrara
Por mais altos brasões vossos troféus.
A forte maravilha de seus muros,
Seus vistosos pênsis mais que do tempo
Dessa vossa conquista o impulso raro
Ruidosos bustos já de si mesmos.
Todo um Céu animais para este estrago,
E em cada ideia lhe inspirais um incêndio:
Que mais glória pretende[15] aquela ruína,
Que ver divinizado o rendimento?
Dita da pátria sois, do raciocínio
Ilustre sempre venerado excesso,
Devendo Lícia mais triunfos nobres
Mais, que as armas, a vosso entendimento.
Vossos escritos são os seus tesouros;
Mais preciosos que os do lídio Creso;
Vossa vida sua glória, e o mundo todo
Inda em sua extensão estreito templo.

Do Doutor António José Pestana,
Médico Lisbonense

[14] "Simíramis" na edição de 1749. Na mitologia, Semíramis foi uma rainha assíria kendária.
[15] "Pertende" na edição de 1749.

À Senhora

LEONARDA GIL DA GAMA

SONETO

Valentona guerreira, e presumida,
Meia composta, e meia desgranhada,
Sem esperar de todo estar toucada,
Semíramis[16] se apressa enfurecida.

Não por Babilónia estar perdida
Cidade sua, basta haver cercada
Monta, capitaneia, leva a espada,
Foge o que a cerca vendo-a destinada.

A Babilónia conquistar não pode
O bárbaro por mais que empenha tudo;
Mas oh que as armas escolher não sabe.

Soube escolhê-las, e sem muito estudo,
Leonarda, e assim triunfa, pois lhe acode
O Empíreo com lança, espada, escudo.

De um cego com vista

[16] "Simíramis" na edição de 1749.

Ao mesmo assunto

SONETO

Prostrado um Reino observa o entendimento,
O Céu vencido aqui mostra a memória;
Porque da Glória hoje é a vitória
Muito mais que do Empíreo o vencimento.

Este a impulsos do teu gigante alento
Do Céu à força aquele, diz a história,
Mais é ter triunfo um Céu da tua glória,
Que a terra ser troféu do Firmamento.

Esta acção deixa a terra persuadida[17]
Quando com tuas obras ocupada,
Que mais vive a fama já esquecida.

De maravilha estás justificada,
Quando só na Esperança introduzida
Já tens em prémio a Glória antecipada[18].

De um principiante

[17] "Presuadida" na edição de 1749.
[18] "Anticipada" na edição de 1749.

Ao mesmo assunto

SONETO

Da cega Babilónia já se admira
A confusa desordem regulada,
Somente tua pena iluminada,
Luzes em tanto horror introduzira.

Sem poder subir mais, viu que subira
Por ti, do Empíreo a altura remontada;
Quando na sacra empresa decantada
Mais glória a sua glória conseguira.

Babilónia não julga por violência
A conquista; pois vê na douta história
Que elevações deveu à decadência.

Das armas do Empíreo cresce a glória,
Buscando por parcial tua eloquência,
Para a fama igualar com a vitória.

De João Manuel de Melo

Em louvor da Autora compondo este discreto livro

SONETO

Sábia Minerva, que de Apolo a lira
Celebra acorde tua invicta fama,
Prodígio de Castália hoje te aclama
O discreto furor, que a ti te inspira.

Única Fénix, que na ardente pira,
Batendo as asas tua musa inflama
Do alto pindo[19] aquela verde rama,
Que cultos rende, quando mais te admira.

Tanto remontas teu canoro alento,
Que desse Empíreo as forças igualando,
Triunfos alcança o teu entendimento.

Em Babilónia os erros conquistando,
Te confessa da glória novo invento
O Sol, que a Esfera vai alumiando.

De Henrique Félix Maldonado

[19] Segundo o Padre Domingos Vieira, montanha consagrada a Apolo e às Musas.

Em aplauso do livro intitulado Reino de Babilónia conquistado pelas armas do Empíreo*, composto por sua Autora a Senhora Leonarda Gil da Gama, e é sexta obra sua*

ROMANCE

Do mundo na sexta idade
Correndo apressado giro,
Por terminar no ocaso
Lá desse final juízo;
Deste infalível letargo
Donde a fé é objectivo,
A certeza desse quando
Só pertence ao infinito;
Das escrituras sagradas
Não consta o termo perfixo,
Como não repugna a elas,
O poder estar propínquo;
Como são da omnipotência
Arcanos todos divinos,
A providência incriada[20]
Lá reserva os seus abismos;
Porém como de abeterno,
Esse Deus Uno e Trino,
Dos possíveis em a massa
Tinha os mortais previsto.
Portentos do seu poder
Obrou, nas idades, cinco,
Que se terminaram quando
Nasceu o Redentor Cristo;
E por decreto absoluto,
Em a lei da graça, digo
Em esta sexta idade:
Mais ostentou seus prodígios
Sendo entre esses todos
O preclaro[21], e peregrino,
De uma Madalena Santa,
Que os pés de Cristo há ungido.
Porém outra Madalena
De quem fala este elogio,
(Leonarda Gil da Gama)
Da Glória, anagrama, afirmo;
Foi desempenho da graça
Haver esta luz nascido

[20] "Increada" na edição de 1749.
[21] "Perclaro" na edição de 1749.

Com tão soberanos dotes,
Naturais, e adquiridos;
Para ilustrar o Orbe
Com seus raios tão luzidos,
Quantos são caracteres,
De seus imortais escritos;
Dando à luz cinco volumes
Tão discretos, e eruditos,
Como os publica essa fama
Com seus ecos repetidos;
Em este texto tratado,
Tanto requintou o estilo,
Quanto a matéria elevada
Pois são rasgos do Empíreo,
E com armas tão celestes,
Bem se vê ficar vencido,
O Reino de Babilónia
Com tão portentosos tiros.
E sendo de Babilónia
Os muros, sexto prodígio,
Maior maravilha acho,
No assunto deste livro:
Pois com tanta elegância
Descreve os seus aforismos,
Que de Palas as ciências,
Parece as tem exaurido;
Se choveu grãos de ouro,
Por aquela haver nascido,
Orvalho de diamantes
Chovem desta em seus escritos;
As ciências em Atenas,
Aquela, lhes deu princípio;
Porém esta em Portugal,
Goza o nome científico,
Graças ao pai das luzes,
Com louvores repetidos,
Se devem dar: pois nos deu
Divinizado juízo;
E esse jardim de Clara
Donde florece este lírio,
Aclame eternas ventages
Na posse de tal prodígio;
Pois sendo como se ostenta
Angélico Paraninfo,

São seus dogmas, só as armas,
Com que vence, lá no Empíreo;
E gozando cá na terra
Tantos lauréis merecidos,
Vos espera eterno prémio,
No celeste Paraíso.

Em louvor do Livro que se intitula Babilónia conquistada pelas armas do Empíreo

SONETO

Enfim, já Babilónia hoje domina
Melhor triunfo em teu sublime fado,
Se a soberba erigiu esse alto estado,
A humildade to assegura na ruína.

Conquistada te vês por mão divina
Assunto desse Empíreo venerado;
Se uma pena te tem só conquistado
Se não temeste o Herói, teme a Heroína.

Sempre foram as armas da eloquência,
Por mais que débil sexo as esgrimisse[22],
Triunfo, que se viu sem contingência.

Quem este livro escreve já o predisse
Nos termos mais discretos da veemência,
Nas obras da virtude, a mais felice.

D. F. X. B.

[22] "Esgremisse" na edição de 1749.

Religiosissimae & Ilustrissimae D. Magdalenae à Gloria librum, Regnum Babyloniae, *in lucem danti.*

EPIGRAMMA.

Nunc scio cur muris Babylona Semiramis urbem
Coctilibus cinxit, ne foret acta solo.
Senserat haec Turris (*) quae surrectura fuisset
Virtutem, timuit quod Babylona premat.
Nec sibi tunc lusit venturi tristis imago;
Nam Babylon Regnum, Turre agitante, cadit.
Speque manum validam firmante per aethera spargit.
Pro *telis calamos*, quos bene Turris agit.[23]

*Magdalena id est, turris Apud Lauretum.

F. T. A. M. B. O.

[23] Tradução: "Agora sei por que construiu Semíramis a cidade de Babilónia com muralhas de tijolo: para que não fossem elas feitas com terra. Conhecendo a virtude da Torre a erigir, temeu que esmagasse Babilónia. Mas mesmo então se deixou iludir pela triste ideia do que viria: que, ao abalar a Torre, Babilónia cai. Quando a esperança afirma uma grande força, em vez de dardos se espalham canas, mas estas, a Torre aguenta-as bem."

SONETO

Se o vosso alto e sutil entendimento
Em louvor a si próprio se empenhara,
Pondero, que de absorto, desmaiara,
Por faltar-lhe expressão o pensamento:

Fique pois, apesar do esquecimento,
Simulacro divino, luz preclara,
No templo da memória, em sublime ara,
Imagem vossa, em lâmina de argento.

E por mais aplaudir vossas memórias,
O mundo vos erija eternos vultos;
Pois não cabe na esfera das histórias:

Se os próprios pensamentos, por ocultos,
Não vos imortalizam tantas glórias,
Sirvam próprias estátuas para os cultos.

Manuel António Castelo Branco

O DOUTOR ALBERTO DE AZEVEDO COUTINHO,

Médico Lisbonense persuadiu à Excelentíssima Autora a impressão deste livro

Se as ambições que deixaram teus escritos
Valias forem para os seus progressos,
Comece novo teu ideado assombro,
Porque respire a fama, gema o prelo.

Se de outras produções na fé se adora
Essa, que ilustra as aras do segredo,
Que aplausos não terá na voz da fama
Se lhe sobra o rumor para o respeito.

Logrem-se em teus acertos repetidos
Inda mais os dictames que os mistérios,
Que às heróicas imagens do discurso
Não basta o culto só do sofrimento.

Se não derem carácter de doutrina
Rudes imitações aos teus desvelos,
Basta que se aproveite nos assombros
A cópia inimitável dos exemplos.

Multiplique-se em tantas da eloquência
Imagens puras teu divino engenho,
Que no número a fama confundida,
Até faça elogio o esquecimento.

Desatem-se as Castálias eruditas
De teus fecundos imortais conceitos,
Por mais que as eleições fiquem perplexas
Na afluência feliz dos pensamentos.

Veja o Mundo que em chamas de outro Apolo
Acendes douta a luz do entendimento,
Negando-te ao furor em que cobarde
Na injúria da razão se afina o pulso.

Prenda a hercúlea cadeia, que oficinas
Com vozes de ouro escandaloso obséquio,
Com que a vaidade em vítimas de fumo
A cerimónia infama dos incensos.

Postrem-se já de Babilónia os muros
A valente eficácia de teus ecos,
E melhorando os mármores, que estragas,
Dos pedaços de horror fabrique os templos.

Mas não! Perca-se embora nas ruínas
O mesmo altar do desengano austero
Não ache (inda que grite a fé na história)
Suspeitas de Babel no estrago o medo.

Raio de luz vibrando de Minerva,
Ainda as cinzas lhe consuma o zelo;
Porque até na memória da vaidade
Não tenha exéquias tanto horror soberbo.

Os pedaços da aurora, com que o fausto
Fez em jaspes profanos[24] pencis belos,
Aras serão ao desengano santo:
Pois são lisonja efímera dos ventos.

Mova animado já do furor sábio
Teu pulso as armas do sagrado império;
Pois se hão-de[25] desatar em teus aplausos
As línguas que confundem o seu receio.

Respeite essa eloquência soberana
Infames crimes do acidálio peso,
Reduza à fria original espuma
Do altar do vício idolatrado incêndio.

Percam nestes dictames eruditos
Tíbias desculpas obstinados erros,
Que enfraquecido na cautela o golpe,
Nunca desgraça pode ser sucesso.

Leiam já teus escritos elegantes
A inveja, o pasmo, a memória, o tempo,
Que impaciente já se reprime a fama
Em lábios imortais, bronzes e alentos.

[24] "Porfanos" na edição de 1749.
[25] "Handem" na edição de 1749. "Handem" poderá tratar-se de um possível cruzamento com o verbo "andar" devido ao "an" comum, mas também uma tentativa de regularizar com a 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo (há-de).

Em aplauso da Excelentíssima Autora

DÉCIMAS

1.

Com erudições divinas,
Ornada de invictas palmas,
Para edificar as almas,
A Babilónia arruínas;
Para a soledade inclinas
A tanto espírito; a tanto,
Que é corte o deserto santo;
Pois, a Tebaida estragando,
Nova Tebas vai formando
A fiança do teu canto.

2.

Como não terás vitória
Do mundo contra o dilírio,
Vibradas armas do Empíreo,
Pelos impulsos da glória:
Honrem tempos da memória
Os triunfos da eloquência;
Pois mal terá resistência
Quem, para alcançar troféus,
Movendo as armas dos Céus,
Mostra ser inteligência.

3.

Dos ascendentes diviso,
Que em ti renasce o esplendor,
Se os troféus do seu valor
Continua o teu juízo;
Sem dúvida foi preciso[26]
Tanta heroicidade herdada,
Sempre a vencer costumada,
Porque aparasses agora
Tua pena vencedora
Na sua triunfante espada.

[26] "Perciso" na edição de 1749.

4.

Tua discreta pastora,
Será de Cíntia na esfera,
De quanto o vício fez fera,
Vigilante caçadora;
Por bela, por vencedora
Do mundo que ímpio flutuava;
Sendo, na influência tua,
Dos desenganos farol,
Fará colossos do Sol
Os promontórios da Lua.

F. J. R.

Em louvor da autora

SONETO

É flor, é luz, é sol de ardentes raios,
Senhora, vosso engenho peregrino,
Mais que humano parece ser divino
Esplendor, que está dando ao Sol desmaios.

Convosco a sua luz são só ensaios,
Que competir-vos fora impulso indino,
Se é só de vossa aras culto dino,
Astros rendidos, florecentes Maios.

Glória da pátria sois sábia Heroína,
Se o nobre ser a vós serve de esmalte,
Do régio sangue vós sois croa dina.

Vivei, e vossa fama o triunfo exalte,
Quando aplaudir-vos seu clarim afina,
E dessa glória, a glória se dilate.

Francisco Venâncio de Sá

CAPITULO I.

J. M. J.

Reino de Babilónia

Ganhado pelas armas do Empírio,

Discurso Moral

CAPÍTULO I

Primeiro impulso da alma, que se acha perdida na noite[27] da culpa.

EXPOSIÇÃO

Perdida já na noute do descuido
Angélica sem luz nos descaminhos;
Amor, que a destinava a melhor dia,
Luzes lhe dá, que aclarem seu perigo.

Em vale confuso, povoação da antiga Babilónia, se criou uma aldeã terrena pela natureza, mas celeste pela formosura, sem que o humilde do nascimento cortasse as altivezes do génio, antes da grossaria da terra brotavam os espinhos daquela presunção, que costuma ser estrago do conhecimento, sepultado na vaidade. Sabia Angélica (que A Alma era este o nome da aldeã) que era formosa, porque com o cristalino espelho das fontes costumava consultar os extremos da beleza, para esquecer-se dos perigos de desvanecida. Pôs nela os olhos o filho do supremo Imperador[28] e, afeiçoado aos seus agrados, achou que era pouco para conquistá-la dar por ela a própria vida; e disfarçando a grandeza do seu poder, nada prezava tanto como pretendê-la[29] para esposa. Começou a fazer alarde das finezas, avaliando em pouco para acreditá-las trocar o ceptro pelo cajado, pelo burel a púrpura, e as rosas com que a imperial coroa

[27] "Noute" na edição de 1749.
[28] "Emperador" na edição de 1749.
[29] "Pertendê-la" na edição de 1749.

lisonjeia[30], pelos espinhos que magoam, sujeitando o seu domínio a padecer por amá-la, tudo o que da majestade desdizia.

Comunicou-lhe o agigantado do seu amor, dizendo-lhe a destinava para o brilhante diadema de rainha, se soubesse conresponder-lhe fiel quanto ele amava desvelado. Propôs-lhe o melindroso recato com que havia temer o seu ciúme, que até dos raios do sol não queria fiá-la, e ainda sem a segura confiança da fé com que ela havia respeitá-lo, começou a enriquecê-la, adornando-a das jóias mais preciosas dos seus tesouros, dando-lhe para assisti-la fiéis companheiras que a todas as horas lhe acudissem e um dos mais confidentes dos seus vassalos. Pagava-se de vê-la Senhora, por mais que conhecia nela inclinações de humildade. Amava enternecido, assistia desvelado, dissimulando com piedade os descuidos em que se achava esquecida por ingrata, apurando nos benefícios, com que a favorecia, os excessos de amante e as liberalidades de monarca. Não a perdia de vista, ainda que ela sabendo que o tinha à vista muitas vezes, em si se perdia. Assim continuava a desigualdade do trato, sem que no Príncipe desfalecesse o carinho, nem em Angélica se afinasse mais o cuidado: que como tinha aprendido no tosco elemento da terra a dar abrolhos por flores, pagava as ternezas com desvios, sem bastarem a mudar no Príncipe os afectos.

As Virtudes

Anjo da Guarda

No campo lhe mandava no encendido das rosas embaixadas do abrasado do seu coração, e nos espinhos, retratos da dor que ocasionavam os seus errados pensamentos. De noite[31] a despertava na luz das estrelas, para que, representada nelas a sua amorosa paixão, não adormecesse o agradecimento, descuidado do subido preço da dívida. Falava-lhe sem voz na frase dos extremos e, achando-a sem atendê-los, não deixava de repeti-los, que esta é a condição do verdadeiro amor: apurar-se mais quando é maior o agravo.

Uma noite[32], em que nos sossegados palácios de Morfeu, detida nas aparentes felicidades que em sombras lhe representavam os humanos sentidos quando nos falsos bens se ocupam desvelados, se achava Angélica sem memória das obrigações do nome e, lembrada só das fantesias com que o sono a persuadia de imortal, começou no teatro dos seus pensamentos a representar a fábula das perfeições de que a adornara a natureza, sem fazer recordação de que era barro o cofre em que se depositavam essas perfeições. Tinha o cristal da lisonja sido espelho à sua formosura e como se não fora vidro a sua duração, o cria aço a sua vanglória. Entretida[33] nestas sonhadas ilusões estava Angélica, quando ouviu lhe batia à porta o mais desvelado amante, o filho do Imperador[34] mais majestoso que, impaciente nos excessos da sua fineza, pisava nos desabrigos do Inverno os rigores da neve, que parece vinha arder nas lavaredas daquele amante peito. Trazia ele por lampiões no escuro da noite[35] as estrelas, que eram testemunhas das actividades do seu amor, repetindo as vozes do carinho, por mais que na grosseira aldeã achava fechadas as portas do agradecimento, detida nos melindrosos receios de arriscar-se no frio, tendo no líquido elemento da

[30] "Lisonjêa" na edição de 1749.
[31] "Noute" na edição de 1749.
[32] "Noute" na edição de 1749.
[33] "Entertidas" na edição de 1749.
[34] "Emperador" na edição de 1749.
[35] "Noute" na edição de 1749.

água apostado candidez a neve dos seus pés. Continuava o Príncipe as instâncias do rogo e sofria os desdéns do repúdio, sem que a ofensa dos vagares na resposta entibiassem a persistência[36] do clamor, a que quis dar maior actividade, entregando a voz à cadência dos suspiros neste

ROMANCE

Despierta, bella homicida,
No des más armas al sueño,
Que para vencerle sobran
Las vanas ilusiones del deseo.

No prives de luz al día
Eclipsando los luceros;
Que cuando el Sol se recata
Funesta sombra cubre el Universo.

Deja la vana ilusión,
Que es muy desigual empleo,
Quando despierto te busco,
Te entertengan soñados los sujetos.

Mira que a la escarcha está
Ardiendo en llamas mi pecho,
Y ojos dormidos no pagan
De mi amante desvelo los extremos.

No a mis cariños se nieguen
Tus melindrosos afectos,
Que amor, cuando le desdeñan,
Transforma en los desvíos los desvelos[37].

Mira, que a tu puerta estoy
A deshoras al sereno,
Sin que a dezhazer sus hielos
De mi corazón baste el fuego intenso.

No que a tu puerta a bater
Se diga, que llega a tiempo
Mi amor, que tus ilusiones
Por ilusión no atienden a mi ruego.

[36] "Pressistência" na edição de 1749.
[37] "Disvelos" na edição de 1749. Note-se que o erro poderia, em contexto poético, ser intencional, para construir um jogo, nível fónico, estre "DESVÍos" e "DISVElos".

Mas pues ingrata a mis voces
No escuchas sorda los ecos,
Cuando quieras no has de hallarme
Que amor no sufre injustos los desprecios.

Cessou a voz, ficando a dor da ingratidão de Angélica toda por conta do sentimento do Príncipe que, medida a desigualdade de um monarca, ainda que amante, com o humilde nascimento de uma aldeã, ainda que formosa, fazia mais agravante a resistência, quando a combatia a majestade e a fineza. E magoado o soberano do ser no golpe da negação, voltou as costas, porque o agravo à vista costuma incitar a justiça mais que a piedade e, ainda sendo esta atributo da soberania, não quis aquele real coração acrescentar razões ao seu queixume, por se não precisar a puni-lo, acudindo pelo próprio respeito. Cobrada já Angélica do perdido acordo, ainda que fazia conveniência do próprio abrigo, mais que do amoroso emprego, lá no desalumbrado do seu pensamento ouvia uns ecos, a que desconhecia as vozes a razão, presas as deliberações pela grosseira cadeia do amor-próprio, mas tão eficazes eram as cláusulas, que percebeu[38], diziam:

Nada do que a vida arrisca
A fineza vos esmalta;
Porque essa vida que falta,
Também a fineza risca.

Não são só linces os olhos, que também a conveniência costuma fazer linces os ouvidos; e tanta harmonia fez nos de Angélica esta advertência, que achou lucrava na desatenção, deixando-se cativar do gosto, que a acomodava, por mais que a desluzia. Entre a dúvida e o desejo estava irresoluta, quando de melhor oráculo ouviu mais acertada esta sentença:

Cuidado, que se descuida,
E só de si faz cuidado,
Pouco tem de desvelado,
Se na fineza não cuida.

- Melhor me aconselha esta voz (disse ela), que é ofender o amor, que a tanto custo me busca, querer que nem este pouco me custe a fineza que pago. O Príncipe nos discómodos da noite[39], nos desabrigos da neve, nas chamas do amor se abrasa, apesar da soberania se humilha, sendo pelo poder independente, e eu nos sossegos de amar-me a mim só faço gosto de amar-me! Isto é fazer o entendimento parcial da sem-razão: emende a diligência[40] agora os erros da comodidade, que quem exercitou sem mim o que podia também poderá agora defender-me a mim sem mim.

[38] "Precebeu" na edição de 1749.
[39] "Noute" na edição de 1749.
[40] "Deligência" na edição de 1749.

Atropelando a omissão que a detinha, foi deliberada buscá-lo, mas achou só a confusão da noite[41], porque se tinha negado ao resplendor da luz; tropeçando nas próprias sombras, tudo que topava eram ruínas. Desvelada entrou a buscar o Sol, que se lhe escondera, sem que os passos atinassem mais que com os precipícios, cobertas de funestas nuvens as estrelas; tentava os caminhos e neles se perdia, que quem deixa ao tempo o em que interessa[42] pouco se adianta. Não se fie a inconsideração de que pode um despois emendar o erro de agora, que as horas passam, o tempo voa, e não há confiança segura adonde o tempo e as horas são incerteza, voando os anos por instantes e as horas por respirações, sem que para o ligeiro das suas asas haja mais prisão que segui-las o cuidado, temê-las a vigilância, para evitar o perigo do sucesso.

Já o desvio do Príncipe dava actividades ao susto, perdida a esperança do seu desagravo, ainda que esforçada a diligência[43] por interesse do remédio; e fazendo merecimento de repetir os passos, os prosseguia alargando o espaço aos suspiros, até que, deles feridos os ares, chegassem os ecos a donde os enviavam os desejos. Mas como ainda os impulsos se enlaçavam nos grilhões que não rompiam, a mesma luz, que alumiava, logo enfraquecia e tornava a suspender-se nas sombras de um *não posso* as resoluções de um *já quero*. Cria Angélica que amar alguma cousa bastava para ser amar e não via que para um amor sem limite não era recompensa um amor limitado. Dizia-lhe em erros o discurso que haveria tempo para o desempenho, e não seria logo o retiro do Príncipe para castigá-la, tendo começado na fineza de querê-la: que a vida ainda lhe prometia larga duração, e nela podia remir o que agora dilatava em pagar, porque nem tudo haviam ser temores adonde a confiança era sacrifício.

Clamava saudosa no dilatado da ausência, que agora, dificultadas as vistas, já eram sensíveis as mágoas, efeito certo na humana natureza querer o difícil, aborrecendo o fácil; mas nem o Príncipe respondia, nem ela de todo se desenlaçava. O pensamento lhe propunha a grossaria com que trocara as finezas pelos vagares e, quando queria buscar o remédio, convencida do delito, esmorecia a vontade nos fantasmas[44] do temor, que desta grosseira tela costuma fazer gala a terrena beleza. Flutuando no espelho das trevas, perdida a luz que podia guiá-la no caminho que só a custo de desvelos[45] acertaria a seguir, se queixava dos passados descansos, em que a prendera o débil laço de amar-se a si por amar melhor. Queria com lágrimas buscá-lo, e suspendia-se nas dificuldades de segui-lo. Sentia vê-lo ofendido, mas desmaiava a força para desagravá-lo, crendo que ele a qualquer tempo da satisfação havia esquecer-se do queixume. Ninguém se fie do que lhe prometem as imaginações, que o que tanto importa no que demora se arrisca e quem me deu um dia para consultar não me segura outro para concluir: que o amor, se tem constância de diamante, também tem melindres de flor.

O Príncipe cioso, Angélica descuidada, tudo se punha da parte do seu agravo e ela, ainda que culpada animava a esperança de que ele a qualquer suspiro se rendia, ainda vendo que, para manchar o amor, bastava só um pensamento, ao mesmo passo

[41] "Noute" na edição de 1749.
[42] "Enteressa" na edição de 1749.
[43] "Deligência" na edição de 1749.
[44] "Nas fantasmas" na edição de 1749.
[45] "Disvelos" na edição de 1749.

Eucaristia

que ele, por atrair-lhe os pensamentos, deixara em perpétua memória do seu amor os extremos.

A inspiração

Já a ingratidão que experimentara, vencida da piedade, tinha abrandado o rigor da vingança, vendo que aquela a quem amava padecia. E mandou aos seus ocultos confidentes lhe facilitasse os temores, dando-lhe do seu amor alguma luz; e como o decreto levava império de soberano, facilitou todos os que pareciam impossíveis, desembaraçando a vontade de Angélica, para que no escuro da noite[46], vencido o temor, buscasse o Príncipe a vozes neste

ROMANCE

Anima mea desiderat te in nocte.

Que triste sombra me cobre,
Que adusta noute[47] me embarga,
Todo o coração é susto,
Toda desmaios uma alma.

Quando da brilhante esfera
Busco do Sol a luz clara,
Funestos astros encontro,
Que ostentam sombras por galas;

De felices pensamentos
A esperança se alentava,
E do que em luz prometiam
A noute me desengana.

A memória soçobrando
Do sono na sombra opaca,
A luz da razão, os olhos
Cobriram de negra capa.

Já das vaidades no leito
Sonhando me deleitava.
Ai de um cuidado que dorme
Dos descuidos na borrasca!

Triste, só, em tanto abismo,
Porque a luz do Sol me falta,
Nas arguições da culpa
A desculpa se embaraça.

[46] "Noute" na edição de 1749.

[47] Em contexto poético, optámos por manter a variação *noute*, para salvaguardar os valores fonéticos da palavra.

Aquela flor, que presume
Romper púrpuras de nácar,
Se se esquece de que é flor,
Já recorda no que é nada.

Dilatado em resplendores
Esse de luzes monarca,
Quando presumido sobe,
Tanto em desenganos baixa.

Logo no Reino de Tétis,
Que a luz nas ondas apaga,
Os ardores da vaidade
Na escura sombra amortalha.

Esses, que clarins da aurora
Ao primeiro alvor dão salva,
Destroço logo se vem
Do Falcão, que os arrebata.

Assim eu, perdido o norte,
De Morfeu na escura casa,
Quanto topo são abismos,
Do sono em tristes fantasmas.

Donde estás, belo esplendor,
Que não acerta a esperança
A benquistar as finezas
Das culpas nas ameaças.

Sendo Sol, e sendo amante,
Não sei como se compara,
Que a luz da fineza fique
Nos desvios sepultada.

Dói-te de mim, pois vês
De teu rigor na ameaça,
Que até a vida periga
Dos suspiros entre a chama.

Sempre o presente perigo faz desejado o remédio. Então dá a dor valentias à diligência[48], empenhada pelo temor, mas logo desmaia aquele impulso adonde a mudança é natureza. E ainda do infalível de conhecê-la, faziam no coração do Príncipe

[48] "Deligência" na edição de 1749.

eco os sentimentos de Angélica, inclinando-se a favorecê-la.[49] Mandou o seu Embaixador examinar a que realce chegava aquela fineza, que nos melindres dormira.

O Anjo

Voava ele nas asas da obediência e chegou apressado, a propor-lhe que dívidas de que fora fiadora a Majestade só tinham desempenho dando por elas toda a alma, que o Príncipe por ela desprezara a coroa e vertera o sangue para firmar as escrituras que abonavam o seu amor, e ela, detida nas mal tecidas redes da inconsideração, trocava as luzes pelas sombras, quando ele abraçava a noite[50] de padecer por lograr os dias de amar. Não sei que império tem a verdade, que persuade[51] até a quem menos atende, e começaram de atear-se no peito da descuidada aldeã umas faíscas que, não chegando a chamas, já se exalavam em fumos. Logo será fastio do gosto o que agora é estímulo do desejo: que esta é a condição humana, como segura a experiência. Eram as finezas do Monarca fiadoras da sua mesma duração, e convalecia o susto de poderem faltar-lhe, na certeza de que, nos mais valentes conflitos, nunca no seu amor enfraqueceram os alentos. Este errado discurso emendou a advertência do Embaixador, lembrando-lhe o que podia avivar-lhe os afectos; mas logo os usos do país farão renascer das cinzas dos passados empregos nova prisão dos sentidos, que quem não extingue toda a matéria do fogo quer fomentar o incêndio para avistá-la. Deste perigo se ouviu uma harmoniosa voz, que em suaves quebros cantou esta letra:

Da Babilónia o fogo
Nas pedras arde,
Não as toque quem não
Quiser queimar-se.

Quis Angélica examinar o mistério; e como não achou a quem perguntá-lo[52], deixou-se a não temê-lo, cuidando só em que a formosura da rosa para ser amada lhe basta ser bela, e já ela lhe excedia começando a agradecer. Escura venda dos olhos da razão é a vaidade que, levantando altares aos ídolos do desvanecimento, voa com asas de cera para ser maior a queda; como logo se viu, trazendo-lhe uma das suas donzelas uma rosa, que achara no campo com este papel. Foi lisonja a flor, mas desengano o

SONETO

Esse verde horizonte, em que encarnada
Amanhecestes hoje majestosa,
Se presunções te jura de ser rosa
Desenganos te ensina de ser nada.
Não aspires a ver-te eternizada,
Se te ensaiaste achaque de formosa,

[49] Devido à ambiguidade de interpretação da frase, optámos por transcrever o original: "Então dá a dor valentias à diligência, empenhada pelo temor, mas logo desmaia aquele impulso adonde a mudança é natureza, e ainda do infalível de conhecê-la, faziam no coração do Príncipe eco os sentimentos de Angélica, inclinando-se a favorecê-la."
[50] "Noute" na edição de 1749.
[51] "Pressuade" na edição de 1749.
[52] "Preguntá-lo" na edição de 1749.

Que a doença de flor é perigosa,
Porque nasce da morte ameaçada.
Essa púrpura régia, que hoje ostentas
Das pérolas da aurora guarnecida,
Logo adorno será do monumento:
Se de um dia de flor só te contentas,
O desengano espera prevenida
Para ser da beleza o escarmento.

- Os acasos (disse ela, rasgando o papel) ao ar se entregam, porque são do ar; e não quero por um vaticínio[53], que pode para outrem destinar-se, afligir a consideração. Isto fala de um dia, e há muitos que passa sem falar comigo.[54] Tratemos de viver, coração, que antecipar a dor é duas vezes padecê-la.

O Príncipe, que era desperta sentinela para inquirir-lhe os sentimentos, determinou[55] encontrá-la para punir-lhe os descaminhos, como veremos no seguinte [capítulo].

[53] "Vatecínio" na edição de 1749.
[54] Devido à ambiguidade de interpretação da frase, optámos por transcrever o original: "Os acasos (disse ela, rasgando o papel) ao ar se entregam, porque são do ar; e não quero por um vaticínio, que pode para outrem destinar-se, afligir a consideração. Isto fala de um dia, e há muitos, que passa sem falar comigo."
[55] "Detreminou" na edição de 1749.

CAPIT. II.
Deus tu scis insipientiam meam, et
delicta mea à tê non sunt abscondita
Psal. 68.

CAPÍTULO II

Angélica recaída nas vaidades de Babilónia.

Quebradas as cadeias do recato,
De solta a liberdade presumindo,
Fantasma da vaidade em si retrata,
Fazendo ídolo só seu alvedrio.

Que mal se emendam os deslizes, quando o entendimento se deixa arrastrar da vontade. São fúnebres as suas ideias, e para vencê-las devem abraçar-se da razão os ditames: que adonde as quedas são natureza, não acautelá-las nos tropeços é amar os precipícios. Para um golfo alterado pequeno seguro é uma tábua; o vento combate, o mar se encrespa, as ondas se enfurecem, e padece miserável naufrágio quem se expôs a padecer a tormenta. Como pode não temer a morte nas furiosas iras das feras quem lhe desafia as garras? Soprar as chamas é galantear as cinzas; e não fica destas ignorâncias mais que o desengano nos estragos. Tinha Angélica nascido vil por natureza e, do elemento que lhe deu o primeiro ser, trouxe, entre as soberbas do cedro, as leviandades[56] da cana que, movida ao vento da vaidade, sempre lhe ficam só na folha as esperanças do fruto: terra enfim grosseira, que crendo-se pátria das mimosas flores, não pode defender-lhe a duração, senão amortalhá-las no sentimento. Já o dos agravos do Príncipe tinha desarmado as fortalezas da Fé, e tornou o livre do génio a fazer conveniências do delito e cabedal do divertimento.

A variedade das praças de Babilónia eram declarada guerra da circunspecção, parecendo-lhe a Angélica que dar horas ao recreio não podia ser digno de castigo, nem o distraído[57] de um dia se havia punir por uma eternidade. Propunha-lhe o gosto que o Soberano Artífice da populosa fábrica do mundo a não coarctara às liberdades quando a adornara de tantos atractivos para emprego dos objectos. Logo Angélica conhecerá o veneno em fazendo dele prato o apetite, que o clima de Babilónia, com aparências de suavidade, sabe introduzir o amargo a quem se alimenta das suas produções.

Não lhe faltavam a ela avisos, dados pelo conhecimento, que propunha os arrufos do Príncipe, e os assaltos da ocasião a que se expunha na confusão daquelas praças por donde é infalível o despenhado dos passos; mas estava a razão cativa pelo império da vontade, e não teve domínio o discurso.

Preveniu-se[58] para o passeio, adornou-se da profanidade das galas, toucou-se do ligeiro das plumas, compondo ao espelho do seu engano os laços do seu perigo. Dos anéis do cabelo fez engaste às esmeraldas em que sustentava a presunção de vencer os alvedrios que queria conquistar e, pondo debaixo dos seus pés as pérolas do recato, só dava estimação aos rubins pela chama em que queria abrasar os corações, por só rendê-los, sem escutá-los. Acompanhada do indiscreto clarim do aplauso com que a viam os Babilónios, mais para o reparo ter que censurar que para o gosto ter que

[56] "Liviandades" na edição de 1749.
[57] "Destraído" na edição de 1749.
[58] "Previniu-se" na edição de 1749.

aplaudir, se pôs nas praças esquecida do que a indiscrição lhe prognosticava. Satisfeita dos divertimentos, passava de uns a outros descuidos, quando viu que, arrimada ao duro mármore de uma coluna, estava uma peregrina, que o era na beleza como no traje, sem mais adorno que a modéstia do semblante, nem mais companhia que a suspensão de que despertou, dizendo estas

A inspiração

ENDECHAS

Ay infeliz belleza,
Ten lástima de ti,
Que ardiendo en vanidades
Te consume la llama sin lucir.

En las confusas plazas
Te pierdes, porque allí,
Naciendo a la lisonja,
Al engaño sin duda vas morir.

Mírate al desengaño
De su espejo feliz,
Que no lo enpaña el aire,
Y el aire sobra a transformarte en sí.

Duélete de mirar,
Que amor en esta lid,
Porque el grillo no arrastres,
Su misma libertad supo rendir.

Cúbrete, que te pierdes
Si vas a proseguir
Despeños de ilusiones,
Que de feliz te harán ser infeliz.

Dissimulou Angélica o sobressalto e, cobrada do primeiro movimento do susto, lhe disse:

- E vós, Senhora Peregrina, que importância tendes nestes avisos, para vos fazerdes[59] clarim dos meus vaticínios? Tomai neles parte, que também são arriscadas as peregrinações.

A que ela respondeu com mais inteireza que submissão:

- Para advertir um perigo, a que vai arriscar-se ainda a maior contrária, basta a piedade; e se vós me desconheceis, não é muito que me não atendais, que eu faço o a que estou obrigada, ainda que me desobrigueis do que faço em benefício vosso.

[59] "Fazeres" na edição de 1749.

Sem esperar outra resposta se despediu, deixando matéria aos discursos, por mais que deles queriam apartar-se as imaginações. O Príncipe, que não perdia de vista Angélica e, como desvelado[60] Pastor, a seguia para que se não desgarrasse como perdida ovelha, lhe saiu ao encontro, porque na sua presença se cobrasse, antes que em tão intrincado labirinto se fundisse. Bem pudera ali o agravo desembainhar a espada para o castigo, vendo profanado segunda vez o seu respeito; mas o amor atou de sorte as mãos à vingança, que o que devia ser golpe da ira não passou de demonstração do sentimento e, cobrindo os olhos por não vê-la profana, a deixou confusa. São as vaidades vendas que deixam cegos até os que se prezam de Argos; e quem não adverte o em que pode perigar tem certo o cair, chorando depois o desengano o que pudera prevenir antes o temor. Bem conheceu ela naquele fechar de olhos que o de que o gosto fizera gala fora para o amante luto. Aplicou para ele a vista e achou que por ela depusera da majestade a coroa. Olhou para si e viu que, sendo-lhe próprio[61] o saial, ele lhe dera a púrpura e, envergonhada daqueles fumos que exalava a terra e subiam a se desvanecer no ar, apelou às vozes do pranto, para nas suas correntes se purificar o que já conhecia agravo injusto, e entre o eco dos suspiros se articularam as cláusulas deste

Ego sum Pastor.

ROMANCE

Deus, tu scis insipientiam meam, & delicta mea a te non sunt abscondita.

No aquí de mis devaneos,
Señor, los ojos retires,
Que si la luz me recatas
Sin duda está que peligre.

Estas vanas ilusiones
Desculpa en tu amor se admiren,
Pues son de mis ceguedades
Las vanidades desquite.

Lástimas, y no castigos
Tu mano a mi daño aplique,
Porque digan tus piedades
Más do que mis yerros dicen.

No atiendas a que leviano
Mi pensamiento publique,
Que el aire lo lleva, pues
Es menos que el aire firme.

Desbocado el apetito,
Mirando el prado apacible,
Para pisar sus verdores

[60] "Disvelado" na edição de 1749.
[61] "Próprio" na edição de 1749.

De mis verdores se viste.

Tan antecipado el daño
Vino, que el ser, que me diste,
Ya tenía antes del ser
Estragado lo sensible.

Eva

En una mazana amarga,
Porque más se verifique
Un pomo, que por vedado
A todo un mundo arruine.

Heredada fue mi culpa,
Y hallará el que bien la mire,
Que lo cuerdo es accidente,
Naturaleza es seguirle.

Confieso, que de la tierra
Donde he tenido mi origen,
Aún brotan flores de almendro,
Que imitan al aire libre.

Mira pues, hermoso dueño,
Como puedes eximirte
De perdonar vanidades,
De que nacen mis deslizes.

No dejó al tiempo la emienda,
Porque en mi causa te elige
Para fiador de mi causa
Toda el alma, que en ti vive.

Mírame ya, que al mirarme
En tu vista se consigue,
Que lo que por mi he perdido
A nuevo ser resucite.

No me desdeñes por verme
Vana, pues cuerda te pide
Compasiones mi dolor,
Por que el favor certifique.

Abertos por então os olhos, que nos caminhos de Babilónia tinham trocado pelos nadas do divertimento os cultos da majestade, e novamente cativa a liberdade

de Angélica pela razão de amar a quem tanto estava a dever, entrou a despersuadir[62] os desejos da distracção dos cuidados, desprezando aquelas aparentes suavidades que costumam enganar o conhecimento com injúria do mais nobre, que é a alma. E pesando na balança da consideração quanto lhe importava ter com ela conta, descobriu facilmente os erros dos seus passos, para dar-lhe melhores empregos. Aflita no enternecido da mágoa, dava já vozes o arrependimento, culpando a ingratidão com que, por lisonjear o mal, se apartara do remédio. Eram as lágrimas companheiras das vozes que entre os soluços soavam nestes ecos.

- Como é possível, Príncipe excelso, que, sendo vós quem me deu o ser que não tinha, vos esqueçais do que fui, para estranhar o que sou? O vosso poder me fez a vós semelhante no mais nobre da alma, mas não extinguiu aquelas humildes inclinações que deixam aniquiladas tantas soberanias. Não procedem os erros só da vontade, também necessita de contravenenos o entendimento, que, fazendo na representação inculpáveis as distracções com que se passa o tempo, me deixava passar o tempo sem reparar que o perdia. Prometia-me felicidades, e vejo que no que me prometia me enganava. Cessem já, Senhor, em vós os desgostos[63], que eu farei por não tornar a adormecer no sono que me dificultava os acertos. Feri-vos com a lança do meu desacordo, mas dessa mesma ferida que vos penetrou o coração a violências da tirania espera o meu coração remédio ao mal de que está ferido. É o vosso peito depósito do vosso amor, e de amor ferido não pode haver peito oculto. Perdi a luz como cega, e não será a primeira cegueira a que vós, como sol, deis luz. Hidrópica de vaidosa me deixou o vento da presunção, a que caiu paralítico o discurso, sem forças para largar a piscina que tinha por descanso; e a vossa benignidade fará segundo milagre, aplicando remédio a esta mortal doença. Desvaneceram-se os meus pensamentos a querer escalar dos céus a imensa altura; mas já os conheço pigmeus, caídos no abismo dos desenganos, para emendar aqueles precipícios de que é a dor e será a demonstração melhor fiadora.

Miserere mei Deus.

O Santíssimo Lado

Não ignorava o Príncipe a pouca firmeza do coração de Angélica, que já a experiência tinha a fé muito duvidosa. Mas era nele tão natural a piedade, que a menos persuasão[64] esqueceria os agravos e, lembrado de que não tinha Angélica mais cabedais para resistir-se que os que lhe facilitava a sua mesma grandeza, deixou por conta do que a amava dar forças à satisfação que lhe ouvia, tornando a vê-la com agrados, se a tinha desdenhado com desvios e, para animá-la à prometida firmeza, continuou amante em assisti-la.

Ao correr a aurora as purpúreas cortinas com que em chuveiros de pérolas começa a toucar as flores, lhe mostrava na pouca duração das rosas o desprezo com que pelas imortais devia trocar as caducas, que quem pode aspirar a pisar estrelas não deve satisfazer-se de umas lisonjas da vista, que a poucas horas são desenganos da esperança. Na acorde melodia das aves lhe despertava os sentidos adormecidos, para se acautelarem das penas assustados, vendo que em Babilónia o mesmo que receia magoa. No líquido cristal das fontes lhe lembrava as finas correntes com que quisera prendê-la, para que nas fugitivas felicidades se não despenhasse. Tudo no seu amor

O Puríssimo Sangue derramado

[62] "Despresuadir" na edição de 1749.

[63] "Disgostos" na edição de 1749.

[64] "Presuação" na edição de 1749.

eram finezas a que serviam de pedra de toque as ingratidões. Uma manhã em que os pensamentos de Angélica estavam mais entregues à consideração das venturas em que os Babilónios seguravam as suas esperanças, ouviu ela que, sem o peso dos cuidados, se divertia um passageiro que aliviava o caminho, cantando assim estas

ENDECHAS

Todo Abril florecia
Uma garça formosa,
Que corria medrosa
Do falcão, que a seguia:
Busca rama que a cubra,
E um destro caçador ali a derruba.

Entre essa felpa verde
A mansa rês descansa,
Segura na esperança
Que o pastor a não perde:
Mas dormido o cuidado,
Não ouve o lobo, que lhe leva o gado.

Esse clarim da aurora,
Que despertando as aves
Em requebros suaves
Seu emprego namora;
E essa mesma harmonia
Aviso foi ao tiro, que a seguia.

Naquele monte antigo,
Adonde o fogo acende
O pastor, que pretende[65]
Contra o Inverno abrigo;
Do mesmo fogo a luz
Ao ladrão para o roubo ali o conduz.

Listão de neve corre
Arroio desatado,
Que às flores desse prado
A sede lhe socorre,
E o caminho trocendo
Deixou de ser arroio já mar sendo.

O Sol, que no Oriente

[65] "Pertende" na edição de 1749.

Acendida luz arde,
Lá quando chega a tarde
Os seus raios desmente:
E espelho à formosura,
Quando mar de cristal, é sepultura.

Esses brilhantes raios
Do trémulo diamante,
A sua luz constante
Da morte são ensaios:
Horror é não pequeno
Serem adorno os que são veneno.

O desengano abraça,
Oh beleza liviana,
Que a formosura humana
Em breves horas passa:
Teu engano repara,
Que a vida, e a fortuna nunca pára.

Pouco importam que sejam mistérios os acasos, se os ouve o cuidado sem ponderar o que prognosticam. Dava-lhe, a benefício do amor, a luz nos olhos para alumiá-la, mas ela, sem repará-la, nas sombras se perdia. E, quando no amante eram os extremos, ela confiada nas experiências lisonjeava os perigos, que, em as nuvens do esquecimento escurecendo o temor do castigo, logo os enredos de Babilónia a descuidavam dos prémios, entregue à variedade dos empregos. Ingrata enfim por natureza, recebia os dons, como dívida, sem que da mão que os despendia[66] tivesse mais lembrança. Lá estava Tigranes, Príncipe da Arménia, cativo pelas armas de Ciro, e sua esposa, ambos na mesma prisão. E o vencedor, querendo ostentar a grandeza com que na sua corte se fazia respeitado, convidou os vencidos para um banquete. Entre o opulento das viandas perguntou a Tigranes que daria pela liberdade da sua esposa, a que o cativo respondeu que era na sua estimação nada o reino, pouco o mundo, e lhe não parecia muito, para resgatá-la, verter o sangue e dar por ela a vida. Foi também[67] paga esta fineza, que, restituída a perdida sorte e cobrados ambos da infelicidade do cativeiro, lhe perguntaram a ela que lhe parecera a grandeza de Ciro, a que respondeu que em nada reparara o seu cuidado mais que no amor daquele que por amá-la não só daria o ceptro, mas a vida.

Esta amorosa correspondência, que dura imortal na fama, deslustra em Angélica o discurso, na persistência do desvio, sendo tanto mais crescido o preço da

[66] "Dispendia" na edição de 1749.

[67] Gostaríamos de propor a leitura deste passo como a seguinte: "Foi *tão bem* paga esta fineza, que, restituída a perdida sorte e cobrados ambos da infelicidade do cativeiro, lhe perguntaram a ela que lhe parecera a grandeza de Ciro, a que respondeu que em nada reparara o seu cuidado mais que no amor daquele, que por amá-la não só daria o ceptro, mas a vida."

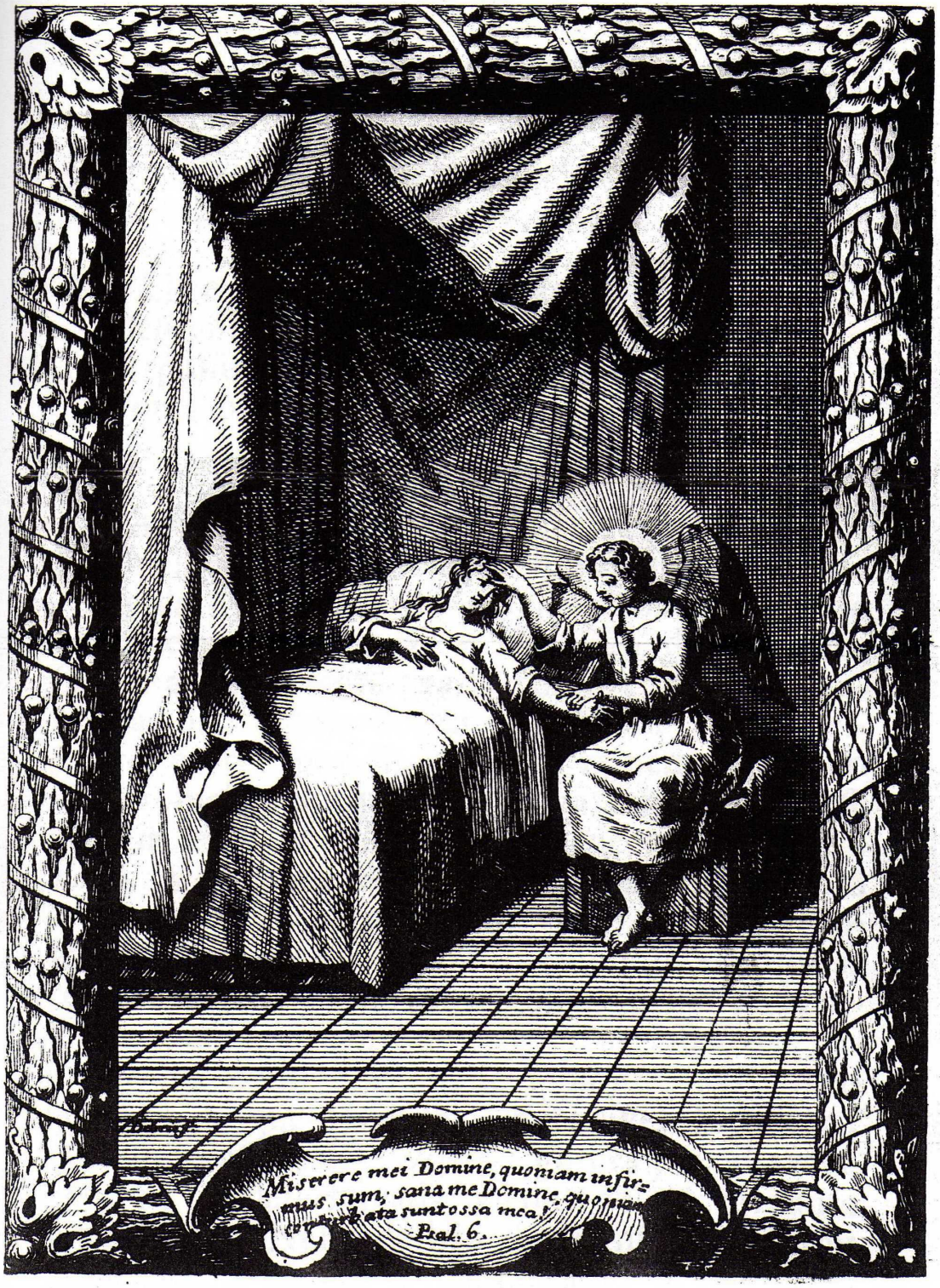
dívida quanto vai do Príncipe da Arménia ao Monarca do Empírio; mas estas são as desigualdades de que fazem gala as cegueiras.

Novamente ofendido, o amante de Angélica, vendo que a dar mais nobres fundamentos a firmeza que ele conquistava não bastava o que a enriquecia[68], se retirou e mandou pelo seu Embaixador advertir à descuidada aldeã quanto perdia em perdê-lo: que soubesse que a circunspecção no trato era o mais fino ouro de que a queria dotada, porque os adornos do corpo paravam em sambenitos da alma, e não devia dar mais valor às vaidades que arriscam que às inteirezas que seguram; que as galas eram inúteis cuidados que nas entranhas dos bichos tem os seus princípios; que as plumas eram desperdícios do ar, que combatidos de qualquer vento, como os pensamentos, caem estragos da consideração; e não deve cuidar nestas aparências quem só deve ter conta com as verdades; que a formosura sem afectação sabe atrair e, ajudada da arte, não se faz respeitar; que se visse no espelho das flores, para se desenganar como mortal, antes que o horror, que atemoriza, trocasse o carmim da púrpura na palidez da mortalha.

Calou o Embaixador, porque só para o essencial da prática trazia expressa licença. Entristeceu-se Angélica, porque tornou o poder das verdades a amortecer o carmim das rosas. Esmorecido o gosto nas claras luzes do desengano, retirou-se o Príncipe, sentido de ver tão depressa esquecida a lei do seu preceito, tantas vezes quebrado pela fragilidade do ânimo quantas vezes dissimulado pela generosidade do poder. Veremos outro sucesso no seguinte [capítulo].

[68] "Enrequecia" na edição de 1749.

CAP. III.


Miserere mei Domine, quoniam infir-
mus sum, sana me Domine, quoniam
Psal. 6.

CAPÍTULO III

Angélica enferma dos desacordos.

Na febre dos humanos desacordos,
Delirante e fernético o juízo,
O pulso em tanto mal, médico douto
Toma para emendar seus parocismos.

São os sintomas nas doenças os que melhor informam o perigo que ameaça a vida nos golpes da enfermidade; mas, para conhecê-la, não basta só a confissão do achaque, senão a deliberação para curá-lo. E como Angélica não podia cortar pela queixa sem primeiro cortar por si, temia o remédio mais do que o mal, porque se amava tanto, que se afligia mais da cura que da necessidade dela. Eram as paixões da alma as que lhe tiranizavam o coração, mas não se atrevia o coração a entrar com as paixões em desafio. Já o valor as resistia melhor, armado algumas vezes do escudo da memória, em que rebatia os assaltos pelo aço da constância o do temor.[69] Mas, enfraquecida a que devia ser invencível fortaleza, quando eram mais vivos os golpes, se deixava vencer, indeterminada a vontade e vacilante o discurso. Neste delírio dos pensamentos foi ganhando o campo a tribulação, a que, prostrado o cuidado, começou a pôr-se indiferente a esperança, sem que os interesses do despacho fossem esporas que apressassem a diligência de consegui-lo, enganado o gosto pelas ilusões do desejo, alegando a seu favor o amor-próprio razões que, formadas nos abusos de Babilónia, destruíam o conhecimento, deixando por conta dos erros abraçar os precipícios. Agravou-se a doença nos vagares da medicina, e recaiu Angélica na perigosa febre que inficionou todas as potências, deixando sem determinação o entendimento para aplicar-se o remédio. Via-se enferma e retirava a memória do que via, cevando-a no que cegava, confiando toda a saúde nos divertimentos da corte, como se não foram os divertimentos o de que procediam os perigos. Propunha-lhe a razão o em que se arruinava, e ela com as sem-razões se defendia, esperando na duração do tempo, que, como nele acharam tantas conveniências, também ela lhe deveria obrigações.

Lúcifer facilita a culpa.

Nestes mal advertidos discursos estava entretida[70] a memória, quando, para avivá-la mais, entrou no seu aposento um homem diferente no traje, na linguagem estranho, no semblante carrancudo, nas acções desassossegado, e que parecia mercador, em um grande lio que trazia carregado de fazendas, e disse:

- Ouço, Senhora, que as vossas imaginações vos são contrárias, porque entregue a ela a consideração vos arruína o sossego. Apoderada de vós a melancolia a que vos rendeis, e compadecido da indiscrição que vos aconselha, me resolvi a boa obra de divertir-vos, que talvez com ela chegue a sarar-vos. Os melhores engenhos do mundo com pena de águia escreveram para recreação do gosto e utilidade do coração; e se esta lição não fora precisa ao entendimento humano, escusado era que Ovídio,

[69] Neste passo, há alguma complexidade na leitura, resultante da expressão "o do temor", que pensamos poder ser gralha de *o* por *ou*.
[70] "Entertida" na edição de 1749.

Plínio e todos os outros autores, que apuradas as ciências fizeram gemer as imprensas e foram oráculos das aulas, nascessem com a louvável aplicação do seu trabalho: que quem lhe deu a luz para discorrer nada fez debalde. E estreitarem a liberdade que Deus deixou livre, sendo só Báculo pastoral e temporal, e eterno o emprego do tempo, é encarcerar o ânimo nos grilhões do susto e enfermar de triste quem nasceu para viver alegre. Aqui achareis nas façanhas dos Florizeis e Palmeirins norma para fiardes[71] de quem vos serve, que em todo o perigo saiba defender-vos, como promete a primeira folha dos livros que vos apresento, e este diz:

Sem susto bem podeis
Deixar amar-vos;
Que amor da valentia
Sempre anda armado.

- E quem (respondeu Angélica) me há-de defender de mim, se em mim está o meu maior contrário? Nem entendo como em reino, adonde as tiranias são triunfo, como se acha em vós só por piedade a boa obra de acudir aos enfermos. Mas não será no fabuloso destes livros que achem remédio as minhas enfermidades.

Ao que o mercador respondeu:

- Também, Senhora, os demasiados reparos confundem os discursos, mas se estes vos não divertem pelas guerras, aqui tendes em pacífica paz metamórfeos[72] de Ovídio, adonde achareis facilitados os empregos nas ninfas e praticados os tiros de Cupido, que das suas setas se não livrou nem a majestade dos deuses, como Júpiter diz:

Se a Júpiter feriram
De amor os Raios;
Que Diana se livra
Dos seus estragos.

- Essa é a mesma causa de temê-los (disse Angélica), que ser despojo de um cego é mais oposição da sorte que influência do destino; e não estão as altivezas do meu peito para tão humilde sujeição. Tirai lá o livro, que dele até a curiosidade foge.

Disse-lhe ele:

- Mais esquecida cuidei que estáveis das práticas da aldeia, que esses repúdios não são moda nas cortes, e sinto ver-vos tão montanhesa, sendo tão bela, que teria Vénus que invejar-vos[73], se deixasses ver-vos; e é lástima que o mais precioso da formosura se faça intratável por medroso, podendo vencer por lindo. Mas se vos assustam de amor os casos, aqui tendes nas ciências com que pisar os medos. Vede um Diógenes por sábio zombar de Alexandre Magno, e vós, por uns vaticínios que introduz a fraqueza do génio, estais destroçando as empresas do juízo. Vede aquele

[71] "Fiares" na edição de 1749.
[72] Metamorfóseos – o Padre Domingos Vieira, no seu *Dicionário Português*, remete para "metamorfoses".
[73] "Envejar-vos" na edição de 1749.

ilustre grego dando nas subtilezas do engenho traças para os créditos do brio, como se vê neste livro, que diz:

Para extinguir a Tróia
No ardente assalto,
Apurou subtilezas
O engenho raro.

- Também dessa lição não quero nada (disse ela), que estudar traições é cometê-las, e estou melhor com as singelezas que com as traças.

- Não deslustreis o que sois (respondeu ele), mostrando que não alcançais o que todos dizem que entendem, ainda quando o não alcançam; mas quero ver se o poético vos diverte mais que o noticioso. Lede esta Comédia de Calderón, que o aperto e solução dos lances bem pode elevar o discurso, sem ser culpa o discreto. Aqui achareis em Salazar o mimo das ideias, em Solís o elevado dos conceitos, e acabai de entender que só é viver o divertir. Não vos façais anacoreta nas Primaveras, que os Invernos vos bastam para contemplativa.

Atalhou a prática o Embaixador do Príncipe, que, conhecendo o dano da fazenda, lhe disse:

- Não façais, Senhora, emprego no que é contrato proibido, e quem aqui compra sempre se perde. Nem vós devíeis, atrevido mercador, profanar respeitos, quando a vosso pesar chorais castigos; ainda mal que em Babilónia tem tanto gasto a vossa mercancia.

Confundida da luz, desapareceu a sombra. Foi-se o mercador perdido, deixando Angélica enfraquecida a fé e inresoluta a dúvida.

Disse-lhe o Embaixador:

- Despertai já desse mortal letargo e fazei memória de tantos paralíticos que deveram a saúde só à profia do rogo; outros, deixando as mortalhas, nas vozes do milagre publicavam o recebido benefício; e se não está tão robusta a confiança, que deixe de ser temor a empresa, eu vos deixo entregue à consideração, para que escolhais ao vosso mal a medicina.

Nestes aflitos acidentes da inresolução estava suspensa Angélica, quando o amor do Príncipe, que acautelado das vistas sempre lhe seguia os passos, conheceu que ela, rendida às violências do mal, se negava ao amargo da triaga, estragado o apetite no mal guisado prato em que bebera o veneno; e compadecido como amante, determinou curá-la como médico. Porém, tinha o seu amor tão polidas filigranas no trato, que queria fossem pretendidas[74] as permissões do seu poder e, sem pretender o extremo de desejadas, não as despendia a benignidade, por maior que seja o empenho da compaixão.

Não consentia a majestade do Soberano aparecer a sua grandeza conquistando a mesma fortaleza que tinha avassalado vencendo; e, costumado a rebuçar os excessos com que amava, quis dispor com indústria a fé que era já sua por direito. Mandou o Embaixador que, acautelado, propusesse a Angélica o perigoso do seu

[74] "Pertendidas" na edição de 1749.

achaque e a eficácia do remédio; e, se o abraçasse a vontade, lhe aplicaria ele por comiseração do que ela se negava por desdém.

Era o mensageiro tão veloz, que media distâncias no espaço dos pensamentos e, chegando sem fadiga do alento, achou que a enferma estava delirante pelos desacordos, e nas eficácias da febre desfalecido o próprio conhecimento, que assim a deixou a pequena aplicação dos passados livros. Quais seriam os efeitos se estudasse os seus capítulos? Propôs-lhe[75] o Embaixador o evidente do perigo, se não buscava tão ciente médico, como o mal era arriscado; que na grandeza do Príncipe havia de achar dispêndios da clemência, e lhe daria cabedal com que restaurasse o perdido, porque ainda que eram custosos os remédios, não podiam esgotar tão largos tesouros; que os suspiros da dor lavravam peitos de diamante, e maior efeito fariam em quem já tinha aberto o coração pela lançada do amor; que desse actividade aos seus gemidos, porque com eles venceria os seus contrários, como sucedera em Sicar, adonde junto de um poço achara ele no mais activo ardor do Sol, na mais empinada carreira dos seus raios, uma mulher que morria de sede por lhe faltarem as forças para alcançar a água da vida:

A Samaritana

Que amor nesta ardente frágua
Mais se inflamou pela dor:
Quem há-de extinguir o ardor
A uma chama, que ardeu na água.

E o Príncipe, usando da sua natural generosidade, refrigerara a sede em que aquele ânimo ardia, dando-lhe na mais pura água o benefício de que dependia, que ele tinha hoje o mesmo poder de que usara então e, em lhe pedindo a mercê, estava pronto para a piedade.

Animada Angélica com esta notícia, considerando quanto arriscava na omissão, quando pedia pressas à dependência, chamou no Príncipe a ciência de médico, no seguro de o achar compadecido, ainda tendo-o desobrigado, e ele, que só esperava a petição para lhe assinar o despacho, fazendo o seu amor conveniência própria o que havia de ser felicidade alheia, gostoso lhe acudia logo que ela o chamou, que fineza que se detém vendo padecer a quem ama desmente a fineza na demora. E no Príncipe foram sempre tão extremosos os excessos, que por gigantes só a sua grandeza pode ser medida dos seus excessos, mas ainda que chegou lastimado, deixou-se persuadir[76] majestoso: que agravos que tocam na imperial coroa, ainda quando se lhe perdoa a culpa, para a satisfação é justa a pena. Conhecia Angélica que estava enferma e, desejosa da saúde, entrou confiada a pedir, mais nas correntes do pranto que na cadência da voz, o bem de que dependia para o mal em que se achava, explicado nestas

[75] "Porpôs-lhe" na edição de 1749.
[76] "Presuadir" na edição de 1749.

DÉCIMAS

Miserere mei, Domine quoniam infirmus sum.

Nos delírios de um cuidado,
Nas ânsias do mal que sinto,
Que dura a vida desminto,
À dor o alento prostrado:
Remédio dificultado
Tão grande febre acendeu,
Que chego a duvidar eu
Nesta rigorosa calma,
Se tenho o fogo por alma,
Se alma ao fogo calor deu.

Esta doença mortal,
A que o alento desmaia,
Para vida mal se ensaia
Se se ateia no imortal:
Seta de veneno tal
Tanto o peito me maltrata,
Que os sentidos, que arrebata
Mal distinta[77] a fantasia,
Do remédio me desvia,
Tendo por vida o que mata.

Do pulso as intercadências
Te informem do meu perigo;
Porque do mal, que não digo,
Já me acusam as evidências:
Médico de tais ciências
É que meu mal necessita,
Que com piedade infinita,
Quando a dor mais desconheço,
Me cure o de que adoeço,
E curar-me não limita.

De meus livres pensamentos
Perturbados os sentidos,
Para o remédio perdidos,
Vivos só para os tormentos[78];
Aplique os medicamentos
Quem à mesma natureza
Deu leis, e com inteireza
Este arruinado edifício

[77] "Destinta" na edição de 1749.
[78] "Tromentos" na edição de 1749.

Restaure por benefício
Da sua imortal grandeza.

Vide humilitatem meam.

A tentação batalha por vencer.

- Vede, Senhor (continuou Angélica), a fraqueza em que a rebeldia das minhas paixões tem transformado aqueles alentos com que eu prometia triunfar dos assaltos, ainda que fossem vigorosos os tiros, e ao primeiro combate me rendi, porque na luta me esqueci de me confiar em vós. Enfraqueceu-a a vontade para prosseguir a peleja e, alucinado o entendimento, ia suspendendo todo o socorro para resistir à bataria. Perdida a memória nos encontros, se desencontrou dos remédios. Queria cobrá-la em vós, e outra vez a achava perdida em mim. Se mandava aos olhos se retirassem dos ídolos, sempre os acho presos no grilhão dos pensamentos. Se quero cerrar os ouvidos aos ecos de tantas enganosas sereias, a dor de desprezá-las faz mais viva a atenção para ouvi-las. Dessaboreado o gosto na negação dos apetites, me enfastia o útil pelo saboroso do veneno. Deliberada estou a serdes[79] vós de quem só fie a minha saúde, afervorada a fé para abraçar nas vossas receitas o milagre das medicinas.

Não pode quem muito ama perseverar[80] no desabrimento, ouvindo as satisfações do agravo, que amor que nega as piedades, quando as roga a sujeição, dá mais créditos à justiça que à fineza. Era o amor do Príncipe o que o fez pisar a opulência do seu reino, adonde o número dos vassalos só pode contar-se pelas estrelas, e todos tão fiéis em respeitá-lo, como quem para temê-lo tinha exemplo nos que, colhidos em uma traição, foram condenados a eterno degredo, adonde, padecendo infelices, choram sem remédio perderem, para sempre, a pátria que gozam os que na observância dos reais preceitos vivem em pacífica posse dos bens que nela se encerram.

A queda de Lúcifer

É a corte deste magnífico Senhor tão opulenta de tesouros, que o seu real palácio se fabricou de materiais tão preciosos, que são dos topázios e esmeraldas as pedras dos seus muros, como testifica o mais mimoso dos seus secretários. Dos músicos da sua capela é tão suave a melodia, que quem uma vez chega a ouvi-los só lhe fica desejoso para imitá-los. E toda esta grandeza trocou o Príncipe pelos espinhos do monte, pelos abrolhos da serra, pelas cabanas da aldeia e pela ingrata conrespondência de Angélica. E vendo que a enfermidade a ameaçava na vida com o cutelo da morte, começou a persuadi-la lhe eram necessárias as sangrias nos olhos, colírio eficaz para as feridas que já chegavam a penetrar a alma. Tomou por sua confissão dela o pulso ao achaque e achou que, de enfraquecida a vontade própria, buscava na do Príncipe os alentos para o uso dos remédios. E compadecido do que ela em amar-se a si tinha errado o caminho da saúde, lhe aplicou o mais eficaz contrário ao seu dano. Mandou-lhe que armasse laços aos pensamentos, para não cair outra vez de Babilónia nos laços. Não ignorava ele que um mal contagioso se renova quando menos se cuida, mas enquanto os remédios se aplicam, não faz o último estrago o veneno.

Evangelista

Os cautérios de fogo magoam, mas utilizam. E quem haverá que, pela utilidade, se negue à sua experiência, se ponderar o que arrisca no mal que se acautela? Quantos infelices navegam rios de fogo em Babilónia, sem temer-lhe as chamas, que são as

[79] "Seres" na edição de 1749.
[80] "Preseverar" na edição de 1749.

crespas ondas que os levam às últimas ruínas! E, podendo em mais suaves medicamentos transformar tão custoso padecer, se deixam levar das ilusões até o perigoso estrago em que conhecem o seu erro.

Queria o Monarca livrar do precipício a sua aldeã, porque a amava, e, deixando-lhe no livre alvedrio aberta a porta às felicidades, se ausentou a experimentar se se apressava a diligência para conseguir os benefícios. A omissão no aproveitar das medicinas é evidente risco no perigoso das doenças, porque, adormecidos os sentidos na consideração de que não são mortais os sintomas, se vão passando os dias no engano das aparências e vem a fazer-se natureza do achaque. Até que, quando menos o imagina o cuidado, se acha no último lance quem para achar a saúde entendia que tinha largo tempo. Apresse Angélica os passos, se não quer infrutuosas as determinações; e vejamos quais foram os seus progressos no seguinte caso.

CAP. IV.

Peccavi. Quid faciam tibi, O custos hominum? quare posuisti me contrarium tibi?
Job. 7.

CAPÍTULO IV

Peleja entre os dous amantes.

A resistir de amor os duros golpes,
Quando da ingratidão está ofendido,
Lhe rende as armas o conhecimento,
Ficando o rendimento sacrifício.

Para curar a febre dos descaminhos em que da ingratidão de descuidada estava Angélica gravemente enferma, foram as sangrias dos olhos o mais eficaz remédio. Tinha a vontade enfraquecido o conhecimento dos corruptos ares de Babilónia e nos divertimentos das suas praças tão trocados os sentidos para fugir-lhe, como afeiçoado o coração para deixar atrair-se dos tropeços em que se arriscava a recair, ainda depois de convalescer. Considerou que o Príncipe lhe receitava a cura sem mais utilidade sua que livrá-la a ela da morte que a ameaçava, e com a subtil lanceta da ponderação abriu a veia do arrependimento e chorou ter sido quem dera alentos ao mal que lhe causava tantos estragos. Entrou animosa nos exercícios de buscar a perdida saúde, ficando o sucesso por conta da fé em que se fortalecia a sua esperança.

Violência achava Angélica na contradição que havia de fazer ao seu gosto, proibidas as fábulas de que os Babilónios enriquecem os seus tesouros, sendo a verdade a que por fazenda desconhecida no seu reino se lhe não dá o merecido preço, e só a confusão dos comércios, a frequência dos bailes (em que sempre as mudanças vão retratando as venturas), a multidão dos jogos em que até quem ganha perde (porque começam donaire, continuam vício e rematam perdição), os passeios do prado, adonde no atractivo das rosas se vem os piques da formosura, sem que lhe sirva o cristal das fontes de espelho para os desenganos. Ali emprega Cupido as setas, só com a utilidade da dor nas feridas, arrastrando as liberdades pelo frágil vidro de que lavra as cadeias aos seus tributários e, se lhe desata as prisões, é para as transformar no duro ferro dos grilhões do ódio, que, fazendo lei da vingança, os sujeita à injustiça.

Desta variável roda se compõe todo o poder daquela corte, adonde todos trabalham com tão multiplicados contrários, que, qual venenosa hidra, renasce uma cabeça de donde outra se corta. Aqui vive a razão, rendida aos impérios da vontade, que só os ditames da vontade se observam como razão.

Destes errados artigos desejava Angélica fugir, por se não tornar a enredar, mas, como o que suaviza é sempre o que mais agrada, lá lhe faziam boa consonância os ecos do divertimento, para maior atracção que as severidades em que se esmera o retiro. Porém, o temor dos repúdios do Príncipe lhe faziam menos aceitos aqueles empregos. E, ainda que com passos remissos, não se negava ao bom logro dos seus afectos, a que achava tão pronta a remuneração, como activo o ciúme do Príncipe, que, por examinar-lhe até os pensamentos, entrou zeloso a puni-los. E rebuçadas as ternuras de amante com as iras de queixoso, acendia as esferas, disparando setas contra as mesmas estrelas e, desembainhadas as espadas da justiça, lhe mandou a Angélica, que se defendesse:

Mas quem de amor aos golpes resistir
Pode, quando das iras vem armado,
Se de ver-lhe na mão a espada forte
Treme o valor, e desfalece o braço?

Bem conhecia Angélica o impossível da luta na desigualdade das armas: ele com poder nunca vencido, e ela sem mais escudo de que cobrir-se que a piedade em que confiava e o respeito a que se rendia. No sensível roubo que facilitou a indústria, cobrindo de velozes peles as mãos que abriram a porta à mais desejada bênção, se acendeu a cólera do roubado, partindo desatado raio, que, cortando com ligeireza a esfera, queria reduzir a cinzas a causa que acendera as suas chamas. Buscava o roubador, para vingar-se, prevenidas as balas da ira e afiado o cutelo da impiedade, tudo que tardava à execução dos golpes. Era desafio das impaciências, mas encontrando-se os dous combatentes, venceu humilhando-se o que não podia defendendo-se. Foi um perdão que pedia íris de paz que, desterrando a tempestade que o ameaçava, mudou em apertados laços da ternura os grilhões que iam decretados para o castigo. Assim Angélica, que já antes de entrar na pendência se via ventajosamente excedida do esforço do seu contendor. Arruinadas as armas, e armada só do aço das finezas, deu no fogo do sacrifício maior calor ao seu rogo, expressado neste

Jacob

Esaú

ROMANCE

Peccavi, quid faciam tibi, o custos hominum? Quare posuisti me contrarium tibi.

Baste já, amor, de pendência,
Façamos pazes aqui,
Que contra as iras de um deus
Que armas podem resistir?

Se rendida me confesso,
Que pretendeis[81] mais de mim?
Não cansais de atirar flechas
Contra um peito de alfenim?

Não vedes que é cobardia,
E que parece acção vil,
Com quem vedes desarmada,
Querer a espada medir?

Eu rendida, vós triunfante,
Vós irado, e eu enfim
Das passadas valentias
Desmaiado o fernesi[82].

[81] "Pertendeis" na edição de 1749.

[82] Não foi feita uma correcção do erro para manter uma certa harmonia do poema, porque a sua substituição por "frenesi" traria uma dimensão muito mais consonântica ao verso e torná-lo-ia,

Como de amante quereis
A fineza desmentir,
Se destes leis à fineza
Já em papel de carmim?

Se as armas aos vossos pés
Por sacrifício ofereci[83],
Como me dais a justiça,
Se a clemência vou pedir?

Vós sabeis que sois valente,
E que eu tão fraca nasci,
Que pode na alma a fraqueza
Fraquezas introduzir.

Contra quem desembainhais
Hoje essa espada, adverti:
Porque triunfar sem contrário
Não é triunfar, é ferir.

Deponde o rigor severo,
Que vos podem arguir.
Porque o rigor ostentais,
Se amante o peito me abris?

Confesso que contra vós
Mil vezes batalhar quis,
Mas sempre fiquei vencida
E a vós vencedor vos vi.

Para que são esses ferros,
Se me deixa presumir
Vosso amor, que vosso amor
Foi sem princípio, nem fim?

Já que rebelde às piedades
Vossas iras mereci,
Se aqui do que fui me aparto,
Não deveis de mim fugir.

Se ao coração me atirais,
No golpe, haveis advertir,

consequentemente, menos melodioso. Pela vontade de respeitar as sonoridades, não introduzimos a nasal final *m*.

[83] "Ofreci" na edição de 1749.

Que ides ferir-vos a vós,
Que estais como em vós em mim.

Cesse a ira, pois já vedes
Que fora afecto servil,
Se não amei por amar-vos,
Amar-vos, porque temi.

A vossa piedade imploro,
Meus rogos chegai a ouvir,
Não me mateis de cruel,
Matai-me de amante sim.

- Já, Senhor (continuou Angélica), tendes apurado no meu rendimento os extremos do vosso poder, que me não veríeis a mim tão outra, se vós, no poderoso, não fôreis sempre o mesmo. Deixai os rigores que atemorizam, que aqui me tendes confessando as emendas que seguram.

Ferida a alma, e abrasada tenho
Nesse de teu amor fogo divino;
E se queres matar-me, de amor seja,
Que muito mais que a vida, amor estimo.

Os eclipses no Sol são ensaios para maiores luzes. A tempestade de hoje faz mais aprazível a serenidade de amanhã. Combatida a fortaleza da vigorosa bataria dos contrários acrescenta aplausos à conseguida vitória. Pouco interessa a vossa coroa em triunfar das minhas resistências, mas é brasão da vossa majestade o conhecimento de que não há convosco medir a espada, sem que seja a mão que a desembainha a primeira que se corta. Nos jardins de Babilónia não há flor que não seja azar. As rosas, que deleitam com aromas, magoam com espinhos que martirizam. Nos arvoredos tudo são víboras que matam e venenos que debilitam. As aves, que suaves cantam, também infelicidades vaticinam. Nos pomares, os pomos, que brindam o apetite, logo amargam ao gosto. As fontes nascem riso de pérolas, para correrem desengano dos cuidados. Já o meu coração troca estas aparências pelas verdades, entregue a vós todo o domínio das potências. Pisa as subtilezas do discurso, por não precipitar-se nos erros da fantasia. Se os maiores potentados da vossa corte vos perderam por ingratos, eu, criada nos tumultos de Babilónia, ignorante das políticas do vosso reino e naturalizada na grossaria de uma terra que a mesma mão que a cultiva a perde, que podíeis esperar de mim, que não fosse enfraquecer o agradecimento, quando mais o alentava o benefício? Deixai, Senhor, já os ameaços da ira, ouvidos os rogos do meu arrependimento, que, se por trigueira vos desagrada o que pareço, nem por isso deixo de ser formosa entre as filhas da minha terra. Mudaram-me a cor os ardores do Sol, mas não a essência que de vós me deu alguma semelhança.

Cantares

Nigra sum.

Se os Babilónios entenderam que, para transformar em pazes a vingança dos castigos, não pode haver mais acertados meios que a sujeição humilhada, de quantos

infortúnios se livraram os seus alucinados ânimos? Mas, cega a luz da razão com as escuras nuvens que levantam os erros dos vícios, tropeçam nos empinados[84] montes da vaidade, para fazerem vanglória do mesmo despenho.

Ofendida da ingratidão de Angélica estava a grandeza do Príncipe, e pôde o humilde do rendimento serenar as empoladas ondas do seu agravo. Para deter todo o ímpeto do mar, quando mais crescidas vão as suas enchentes, não são necessárias eminentes rochas, nem agigantados montes, um grão de areia tão miúda que o vento a leva, o ar a muda, que a vista a não divisa basta para lhe reprimir aquele furor que sobressalta, para desarmar-lhe aquela soberba com que triunfa. Assim a um coração amante basta a ternura de um amoroso suspiro e a confissão de uma prometida firmeza. Viu o Príncipe que Angélica sacrificava nas chamas de arrependida as altivezas de vaidosa e, já derrubadas as elevadas torres que tinha fabricado a sua presunção e que lavava nos rios do pranto as manchas que a subiram a crer-se imortal nas esferas celestes, tendo ele por natureza a piedade, abriu a porta aos favores que estavam detidos pelo agravo, aplicando toda a riqueza das suas minas, para adorná-las das preciosas jóias a que sobe de preço a imortalidade, sem que, para definir os seus quilates, possa haver mais contraste que a fé que os reconhece e a esperança de vir a ser deles desempenho a mesma alma. Satisfeitos os dous amantes, o Príncipe na clemência de perdoar, e Angélica nos favores que recebeu, se ausentou ele, porque não consente a majestade demasiada demora na ventura das presenças, ficando a saudosa aldeã entregue às memórias dos passados arrufos e, temerosa de poder tornar a experimentá-los, não fiando de si vencer os perigos de que já muitas vezes se achara ferida, quando o Príncipe dela se apartava. Na dor da ausência rompeu o coração neste suspiro.

Ay, corazón afligido,
Que en esta ausencia sin par
Hasta la respiración
Prende el aliento para dar un ay.

Neste amoroso letargo estava detido o pensamento, quando dele a despertou uma pastora, que entrou a pedir-lhe uma esmola, podendo do ouro que lhe sobrava nos cabelos suprir o que lhe faltava nos cabedais. Era o vestido da aldeã, mas a beleza muito de corte, e com desembaraço de doméstica começou a cantar este

ROMANCE

A fé persuade a crer.

Arrufos de seu amante
Estava chorando Angélica,
Regando tristes jacintos
Com branco aljôfar de perlas.

As flores se desmaiavam,
Vendo que chora a mais bela;

[84] "Impinados" na edição de 1749.

Que os foros da formosura
Já nem o tempo os respeita.

Ao tempo pede que abone
A sua amante fineza,
Porque a sua fé confirme
O que acusador seu era.

Aquele manso ribeiro,
Que se quebra pelas penhas,
Vendo quebrados cristais,
Também os seus cristais quebra.

Da tristeza de um cipreste
Lhe avisa uma Filomena,
Que não chore ausente amor,
Que quem ama não se ausenta.

Sacramento

Quando da vista se aparta,
O laço então mais aperta;
Porque fica no que ama,
Sem se apartar do que deixa.

Incêndios de amor rebuça,
Quando em nevada aparência,
Mostra que distante está,
Sendo essencial a presença.

Dos amantes pensamentos
De que ela adorna a cabeça,
Ele as pérolas enfia
No fino ouro das madeixas.

Não se queixe quem bem ama,
E repare se se queixa;
Que quem pérolas estima,
Dará mais preço às finezas.

Busque o amante no peito,
Que eu sei, que se nele entra,
Trocará por este alvergue
Do Empírio toda a grandeza.

- Quem sois, bela pastora (lhe disse Angélica), que não sei que império em vós reconheço, que me atraís a vontade, sem vos examinar a essência, e por vós darei o coração se o permitir a quem já o entreguei.

- Eu, Senhora (respondeu a pastora), apascento cordeiros nos campos elísios, porque ali sou a maioral. Tenho certa ciência para conhecer ainda o que não vejo. Alcancei a fraqueza da fé com que vos desassossegava a ausência do vosso amante e, como sei que ele vos ama muito mais do que é amado, entrei a pedir-vos uma esmola de seguros, para pagá-la em certeza de mistérios, que os da fineza do vosso amante são Fénix, que dos incêndios em que arde cada dia ressuscita. E não deveis dar a consideração às dúvidas, senão o agradecimento às uniões, que eu sei se vós não desatardes[85] os laços, que se hão-de[86] eternizar as prisões. E tende entendido que o destro pintor aperta as sombras nos escuros, para que realcem mais os coloridos, que as sombras com que mancha são perfeições[87] ao que retrata. O Sol com o grosseiro de uma nuvem apaga o flamante, para dar maior preço às suas luzes. O Príncipe, nos retiros com que vos magoa, quer acreditar mais o que vos ama, só por ouvir-vos suspirá-lo, se encobre aos olhos, porque o busqueis nos desejos.

- E quem (respondeu Angélica) me há-de livrar de duvidá-lo, conhecendo que não chego a merecê-lo?

- Fazei vós memória de o não ofender (disse a pastora), que este é o caminho de vos segurardes[88] e de me terdes[89] a mim, da vossa parte, como vossa fiadora.

Assim o prometeu Angélica, despedindo-se ambas com sinais de amizade, e daremos dela razão em outros sucessos.

[85] "Desatares" na edição de 1749.
[86] "Hamdem" na edição de 1749.
[87] "Perfeições" na edição de 1749.
[88] "Segurares" na edição de 1749.
[89] "Teres" na edição de 1749.

CAP. V
Memento, quæso, quod sicut lutum feceris me, et in pulverem reduces me!
Job. 10

CAPÍTULO V

Evidências do pó na fragilidade do barro.

Sábio artífice adverte aos Babilónios,
Quando na roda o barro demolindo,
Que se em constâncias crem ser duro bronze,
Logo o frágil metal tocam do vidro.

Memento, quaeso, quod sicut lutum feceris me.

Fortalecida nos desalentos, e armada das determinações da fineza se achava Angélica pelas persuasões da pastora do elísio campo, que se prometia seguridades de bronze contra as armas industriosas de Babilónia. Tudo no coração era lavrar templos à fé, em que oferecia sacrifícios ao seu amor, sem lembrar-se de que para arruinar os protestos da vontade bastam as inconstâncias do pó, em que se não acham nem instantes de firmeza. Praticava com os seus pensamentos o alto ser a que a levantara a sua fortuna, e tudo que não era o firmamento que lhe parecia baixa esfera para o que a sua estrela lhe prometia. Cria-se entre os astros resplandecendo, porque mais activas que as do Sol eram as luzes que o Príncipe lhe comunicara amando. Desdenhava os crepúsculos da aurora, porque da sua luz havia despojá-la o Sol e deste se não satisfazia no oriente, lembrada de que caminhava para o ocaso. Diana lhe parecia menos digna nas enchentes de resplendor, porque nos minguantes a sombra da terra lhe havia diminuir a formosura. Não encontrava no firmamento estrela que luzisse, porque para brilhar haviam esperar o anoitecer[90], e só em si, por benefício do Príncipe, considerava as perfeições do artífice como nascidas no merecimento, e não como participadas do favor, que ainda que já a razão tinha vencido os maiores erros, não se tinham extinguido os que no amor-próprio tinham profundado aquelas raízes, que só arrancadas a golpes do pesar deixam de renascer. E, como dava horas ao espelho das lisonjas do gosto, não lhe ficavam nem instantes para o cristal do desengano das verdades, sem a mistura de umas aparências, que sempre deixam duvidosos os infalíveis.

O Embaixador do Príncipe muitas vezes a despertava, porque ela nos usos de Babilónia adormecia; porém, adonde o descanso é costume, o acordar não deixa de ser violência. Lembrava-lhe ele que a rosa em berço de esmeraldas nascia brinco de coral, crescia emulação do rubim; ali a coroava de ouro a natureza, jurando-a rainha do prado; que eram casoila[91] dos jardins os seus aromas e atractivo dos olhos a sua majestade vendo-a com guardas de archeiros, que lhe defendiam o respeito. E todas estas singularidades paravam, no desprezo da mão que a corta, do tempo que a ultraja, do ar que a desfolha, da grossaria que a pisa, sendo a mesma púrpura que, na manhã, lhe adorna o trono a que, na tarde, lhe enluta o túmulo. Que lá estava aquela grande estátua, a que para a sua formação deram nobre fundamento os mais preciosos metais; e como os alicerces estavam no barro, uma pequena pedra que desceu do monte bastou a derrubar tão agigantado edifício. Que considerasse que no Campo Damasceno vieram os primeiros princípios com que foi edificada Babilónia, e nela se perderam os privilégios que a enobreceram, por uma presunção inconsiderada,

Nabuco

[90] "Anoutecer" na edição de 1749.
[91] "Casóla" significa "laçada", de acordo com Bento Pereira.

e ficara total ruína a que começara particular elevação; que não desse ouvidos a terrenas ideias, quando para mais altos fins foram destinados os seus pensamentos.

Os cinco sentidos

Não achava Angélica dissonância nestes avisos, de que sem dúvida tiraria utilidades, a não contradizê-las uns Conselheiros que, nascendo para servir, se tinham introduzido a dominar; e assustados no receio de perder o império que naquela vontade tinham adquirido, lhe foram praticando umas quimeras, que de todo deixavam suspensos os primeiros impulsos. Disse-lhe um, que tinha presunções de mais nobre:

Sentido da vista

- Que fazeis, Senhora, negada sempre ao que pode divertir-vos, sem ultrajar--vos? Dizei-me para que criou Deus o grande teatro do mundo, tão esmaltado de flores, tão guarnecido dos prateados galões, que em ondeados espaços de água vão bordando a verde relva dos campos, senão para que os olhos tivessem dignos empregos? Acaso ignorais que aquela poderosa mão, que nada fez debalde, a delineou para recreação da humana natureza, e tanto no celeste, como no terreno está a sabedoria de seu autor pedindo reparos aos olhos, porque não fique sem admiração tão perfeita obra, que a não ser para vê-las, escusado era o adorno do globo estrelado, do campo o aprazível, e a variedade diversa das criaturas? Olhai sem melindre, que para isso vos deu Deus os olhos, e se não quisera que tivessem uso, podia criar-vos sem eles.

Olha, não digam quando
Os olhos cerras,
Que as meninas lhe prendem
Por ser travessas.

Ouvir

- Ainda eu acho pior (disse outro companheiro) cerrar os ouvidos a tudo, porque é pôr em igual balança o bom e o mau. Tanto pesa o sibilo da serpente como a música do rouxinol. Galantes figuras faremos no mundo, sem ver, nem ouvir. Para isso daria Deus alma a uma estátua de pedra, que só assim havia de a ter segura. Para que era então a comunicação da gente? Porque quem não ouve também não fala, e por conceito só se entendem as inteligências angélicas. Ouvi, Senhora, que essa é a recreação dos racionais, e não há vivente a quem não sejam muito precisos[92] os ouvidos e, se os tivermos tapados, também a missa não ouviremos e compraremos com uma virtude a transgressão de um preceito:

Ouvi quanto vos dizem,
Porque se houver de
Dizer, só não responde
Quem não entende.

Outro dizia:

O gosto

- O gosto sempre mortificado até dos racionais faz brutos; que estes nasceram para ter o sustento sem eleição da vontade, e aqueles com liberdade para distinguir o que é mais para apetecer. Sujeite o gosto quem ignora, mas quem entende determine

[92] "Percisos" na edição de 1749.

o que mais lhe agrada; porque Deus, quando proibia ao homem a vedada fruta, deixou livres todas as outras, e nenhuma graça tem ver uma maçã formosa e deixá-la como se o não fora. Estes reparos são façanhas da apreensão, e não prudências do temor. Não ateis o gosto a tão estreito laço, que viver da mortificação é não viver, e vós bem podeis lograr o amor, sem parecer que vós tendes ódio, nem quem vos amar vos há-de querer afligir:

Fique aos Anacoretas
Sempre o amargo,
E não façais o gosto
Pomo vedado.

Olfacto

Disse-lhe outro:

- Não há mais fragrantes aromas que aqueles que exalam as flores; são casoilas com que os campos oferecem ao Céu os seus sacrifícios, e não deve proibir-se ao olfacto o que é vítima, com que se perfumam os divinos altares. Aquela maravilha da Arábia, que para assombro da admiração se deixa queimar para renascer, do mais odorífero pão ajunta a lenha, a que gostosa acende o fogo, lisonjeando-se no ardor da chama com a suavidade do fumo:

De Arábia esse prodígio,
Único e grave,
Porque espira entre aromas,
Fénix renasce.

Tacto

Respondeu o último:

- Em Babilónia todos querem ser legisladores, formando leis a que não sabem os fundamentos, e topa toda a sua teologia em apertar os ânimos, estreitando-lhe até as respirações, quando na lei de Deus não há regra que não seja racionável, nem eu encontrei nelas por artigo moer-se com açoutes, arranhar-se com cilícios e carregar-se uma criatura de ferros, como se fora bruto para mortificar o tacto; finalmente o Príncipe vos quer amante, mas não vos quer morta. Lograi-vos dos vossos sentidos, que não pode o coração estar sempre no estreito dos sentimentos. Para tudo vos dará tempo a vida, nem sois vós a primeira que sem exercitar as asperezas do deserto vá habitar felices palácios:

Gaste nas Primaveras
Abril as flores,
Que aos Janeiros lhe ficam
Os duros Robres[93].

[93] Segundo o Padre Domingos Vieira, "robre" é um termo de botânica: um dos nomes vulgares do carvalho, com o tronco e ramos tortuosos, a cortiça escabrosa e com uma altura um pouco inferior à do carvalho propriamente dita.

Não estava tão longe o Embaixador do Príncipe, que não ouvisse o que ali se passava. E, vendo que Angélica, no que atendia aos conselhos, mostrava se afeiçoava a segui-los, acudiu a prevenir o perigo, antes que fizesse operação o veneno, e disse:

- Mal pagais as finezas se lhe ouvis praticar as contradições. Estes heréticos capítulos, com que vos querem destruir os vossos conselheiros, os declaram contra a real coroa vassalos traidores; e nestes não há confiança segura, porque neles tudo é infidelidade[94] manifesta; e se vos lembrardes[95] de que fostes eleita para rainha, não vos fareis dos vossos sentidos escrava. Ter olhos para ver o de que haveis de fugir não é cegar. A fé não tem olhos para ver e nem por isso deixa de ser lince a fé. Vejam os vossos olhos as perfeições que amais, mas não vejam os objectos com que ofendeis; nem seria razão que as mesmas jóias de que podeis ilustrar os extremos do vosso amor sejam setas disparadas ao real coração que se vos rendeu. Sei eu que em Saragoça houve deidade de tão amante fineza, que deixou sem luz o dia, sem raios o Sol, o céu sem estrelas, sem safiras a terra, sem diamantes a formosura, porque houve afecto tão temerário, que ultrajando o respeito de quem a amava, se atreveu a dizer-lhe que aos seus olhos se rendera, e quis ela antes perdê-los à violência do ferro, que manchá-los no indecoro de diverti-los. E se isto é o que fez quem amava, nada fará quem é amada em se negar a ver por se desempenhar. Pouco estima os tesouros quem se não acautela em guardá-los e lhe abre as portas, arriscando-se a perdê-los. As esmeraldas, que em Abril são esperança dos frutos, muitas vezes não chegam a ser nem ainda posse das flores, porque o mesmo Sol que lhe fortifica as plantas, lhe seca as louçanias[96]; e não deveis fiar-vos do tempo, porque vos não pode dar fiador. Não deis ouvidos aos que vos persuadem quando vos precipitam, que Júlia, filha de César, não perdera de susto a vida, se não fora por curiosidade examinar os despojos da guerra, adonde, vendo tinta de sangue a toga de Pompeu, seu esposo, suspeitar-lhe o perigo a ele a deixou a ela morta, que estes são os estragos que se seguem quando se dá aos olhos mais emprego que ao recato. Ouvi as verdades, sem que entre elas vos soem os enganos, que são cocrodilos que lastimam chorando, para matar ferindo. Se os navegantes não escutaram a sonora música da sereia, não se perderam nas ondas. Reparai que os vapores da terra, se lisonjeiam o olfacto com aromas, param em horrores, como caveiras. Os jasmins, que são perfumadores da aurora, já ao pôr do Sol, queimados nos seus raios, são carvões, que não brotam nem o fumo do que foram. Não estragueis o gosto nas demasias do apetite, que será desmentir o racional imitar a vontade as operações do bruto, de que muitas vezes se origina tragar o amargo no que parecia mais doce. Se Marco António se não entregara às delícias do banquete com que o hospedou a grande Cleópatra, não afeminara o valor no descuido das armas com que se fez ludíbrio dos mesmos soldados que o respeitavam general. Nem Ulisses, na grandeza dos palácios de Circe se esquecera da formosa Penélope, se mais que à formosura se não entregara às recreações.

Santa Luzia

Não seja tanto o excesso, com que vos ameis, que vos domine um sentido por fugirdes[97] a um sentimento; que nas grandes batalhas se arma o peito da dureza do

[94] "Infedilidade" na edição de 1749.
[95] "Lembrares" na edição de 1749.
[96] "Louzanias" na edição de 1749.
[97] "Fugireis" na edição de 1749.

aço para resistir aos golpes do inimigo. Ponderai quanto vos importa não perder muito por tão pouco, que o Príncipe, se hoje é cordeiro em sofrer, amanhã pode ser leão em castigar.

Despediu-se o Embaixador, deixando a Angélica indeterminada no que havia de seguir, e deste letargo em que a tinham os seus pensamentos entrou o Príncipe a despertá-la e com uma enigmática insígnia lhe pôs o pó à vista dos olhos, porque abrisse os olhos e se conhecesse pó. Ela, a quem as antecedências já traziam cuidadosa, reparou em que ele de um pouco de barro, que trazia na mão, formava um precioso vaso e logo apertando-o na mesma mão o desfazia, ficando desfeita terra o que era perfeita obra. Já a um grande valido seu tinha sucedido o mesmo, mandando-lhe fosse a casa do oleiro para que visse a fraqueza dos alicerces sobre que levantava grandes torres a vaidade. Conhecida por Angélica a misteriosa frase com que o Príncipe lhe lembrava o que fora, para cair no que era, lhe disse: Jeremias

A que fado desumano
Me condena teu rigor,
Se mais que a setas de amor
Vens a matar-me tirano?
Já que humano
Por um vil barro grosseiro
Trocaste o ceptro primeiro,
E do mesmo manancial,
Puro cristal,
Sendo mar foste ribeiro.

Pois de minha antiga história
Queres que os sucessos diga,
E tanta mortal fadiga
Mais me atormente[98] a memória,
Seja glória
Tua este rigor, que passo,
Pois daquele infeliz caso,
Que em fel o néctar trocou,
Dizem quebrou,
Porque era de barro o vaso.

Aqueles nobres princípios
A que amor princípio deu,
E de alta esfera desceu
Para amantes sacrifícios,
Pois propícios
Quereis que favor me dêm,
É justo vejais que tem
A minha original[99] miséria

[98] "Atromente" na edição de 1749.

Tal matéria,
Que vos toca a vós também.

Naquele humano pomar
De quatro rios regado,
Donde em cristais desatado
Se admira a enchentes um mar,
Foi buscar
Vossa poderosa mão
Um barro com tal senão,
Que, dando-lhe nobre ser,
Quis perder
De fino o alto brasão.

Se de amor nas finas dores
Acreditais mais nobreza,
Olhai, que em mim a fraqueza
Já vem de vossos maiores:
Seus errores
Pela falsa formosura
De uma maçã mal madura
Quiseram, faltos de lei,
Que seu Rei
Vista a mesma vestidura.

A vossa voz deu o ser
Às criaturas mais formosas,
Vestiu de púrpura as rosas,
Fez os campos verdecer,
Resplandecer
Esse altivo firmamento,
E a mim o barro fundamento
Deu, porém com um ser tão nobre,
Que por pobre,
Vos retrata o nascimento.

Essa azul arquitectura,
Essa aurora de escarlata,
Essas cítaras de prata,
Do mar essa formosura;
Bem segura,
De obra vossa presumindo,
O humano ser competindo

[99] "Orginal" na edição de 1749. Optou-se por corrigir, por se tratar de uma gralha, apesar de afectar a métrica do poema.

Que ao barro levou a palma,
Mas a alma,
Vosso alento a foi unindo.

Desses campos a beleza,
Dos astros o luzimento,
O cristalino elemento,
Dos orbes toda a grandeza
Com inteireza
Se renderam, mas de modo,
Que ainda tendo o império todo
Mostrou, na humana fraqueza,
Tal vileza,
Como formada do lodo.

Com rendida sujeição
Essas volantes plumages,
Ofereceram[100] vassalages[101],
Àquele primeiro Adão;
E a oblação,
Tanto seu ser sublimou,
Que convosco o equivocou,
Mas de tão fraco artifício
O edifício,
Que logo se arruinou.

Se quando do barro à massa
Se uniu vossa fortaleza,
Tomastes sua fraqueza
Por brasão da vossa casa,
E se enlaça
Um ser divino e humano
Nesse peito soberano,
Dai, como humano, desculpa[102]
A uma culpa,
Que se originou do engano.

Este pó, que se desfaz,
Fumo, que desaparece,
Nada, que se desvanece,
Terra, que se contrafaz,

[100] "Ofreceram" na edição de 1749.
[101] Apesar de já na época se usar a forma "plumagem" e "vassalagem", optou-se por manter estas formas na poesia, para não afectar a métrica nem a sonoridade do poema.
[102] "Disculpa" na edição de 1749.

Não me traz
Em susto tão evidente,
Que ainda vendo o mal presente,
Me tema contrária a sorte,
Se até à morte,
Padecestes igualmente.

Já sei, Senhor (continuou Angélica), que não há em vós acasos, porque todo sois mistérios. Esse barro nas vossas mãos me está dando a conhecer que como o oleiro dele forma o que lhe agrada, sem que deixe de ser humilde a matéria, ainda que a engrandeça a perfeição, vós, como senhor do campo, e com poder universal, podeis, na casa de Israel, como de nada fazer estrelas, reduzir as estrelas a nada. E, se esta transformação é fácil, por mais altas que fiquem as esferas, como será difícil na frágil natureza do pó! Mas reparai que, ainda que com diversa essência, ambos somos de uma massa, deveis compadecer-vos do em que nos parecemos, por mais que vos sublimeis no em que vos diferençais, e lembrar-vos de que perde a água a pureza do cristal com que nasce, pelos turvos minerais que corre. Deixemos de pleitear, que eu sei me haveis de vencer, nem posso negar-vos o rendimento, vendo a vós monarca e a mim sem mais cabedais que o grilhão que nos enlaça, e a luz que de vós recebo para conhecer nesta

OITAVA

Se busco luz, vós sois sol sem eclipse,
Se formosura, a vossa imortal vejo,
Se ciências, que sábio melhor disse,
Se amor, amar é só vosso desejo;
Se poder, não achei quem o competisse,
Se extremo, no portal está sobejo,
Adverte coração, que é desatino
Pelo humano trocar o ser divino.

Conhecida por Angélica a desigualdade das forças, e confessada a obrigação em que a punham as finezas do Príncipe, alentou ele com o favor de deixar amar-se aqueles desmaiados passos, que tinha quasi mortais a fragilidade dos desejos para segui-lo, e ele, vendo-a lembrada dos seus humildes princípios, lhe disse nos segredos do seu coração que a mais alto tálamo a destinava o seu amor, porque o tinha preso com o dourado fio do seu cabelo, ferindo-o com a seta dos seus olhos, e toda era formosa como a cândida pomba. E com esta amorosa permissão a deixou fortalecida, e para amá-lo determinada, se a inconstância do primeiro ser não for mais poderosa para apagar a luz do conhecimento que o manifesto dos benefícios para eternizar deles a lembrança, que destas ruínas veremos os sinais no seguinte [capítulo].

CAP. VI
Cur faciem tuam abſcondis et arbitra
ris me inimicum tuum
Job. 13

CAPÍTULO VI

Melindres do amor nos piques do ciúme.

Amor, quando mal pago se retira,
De ofendido os desvios prosseguindo,
Quando a face aqui cobre de agravado,
O coração descobre então mais fino.

Não há para um coração amante fineza que mais lhe lisonjeie gosto que o enternecido rendimento em que, negadas as liberdades à vontade própria, se deixam ao amor todas as jurisdições de que se aproveitavam os sentidos para resistir aos poderes da razão. Amava o Príncipe a Angélica com extremos tão manifestos, que davam as evidências o maior calor à fé, para crer ainda o que não chegava a presenciar-se; mas era o seu amor tão mal conrespondido que podia bem a ingratidão ser rémora das finezas, vendo que nem elas tinham desempenho, nem firmeza os protestos de acertar melhor os passos. Porém, estes agudos espinhos, se atravessavam aquele real peito, não passavam de um enternecido queixume sem chegarem a castigo executado. Amava o Príncipe como ele só; e esta singularidade do seu amor o fazia tolerar a grosseira desatenção com que Angélica sepultava na urna do esquecimento as memórias de que só devia fazer cuidado; porque, ainda que as luzes da verdade começavam a vencer a escura noite em que tropeçava o conhecimento, não estavam tão desfeitas as trevas que não necessitassem ainda de mais vivos resplendores para entrar o discurso a fugir das estradas que levam aos precipícios.

Já aos favores que recebia lhe parecia irracionalidade a negada recompensa, acusando o tarde que reparava nos excessos que não merecia. Avivava os desejos de recuperar amando os deslizes em que perigara ofendendo. Este rendimento, que para ela era novo emprego, foi para o amor do Príncipe maior estímulo, avaliando a precisa[103] obrigação de ser amado como penhor, que ela na sua mão depositava para lhe render favores de maior preço; e ele já esquecido dos passados sentimentos se deleitava, vendo lhe entregava ela nos sacrifícios do coração o coração, de que ele já fora acredor em mais digno sacrifício. Nada lhe pareciam já os agravos, remidos pela confissão dos afectos, que estes milagres do amor só se acham naquele amor que do poder foi milagre.

Diferentes efeitos sentia o peito de Angélica despois de conhecidos os perigos a que a expuseram os labirintos daquele reino, aonde os sossegos são abismos. Discorria quanto cega se arriscara, guiada pelas confusas leis de tão infeliz domínio; e voltando os olhos a uma e outra parte, em todas via coberto o horizonte de tenebrosas tempestades, que lhe ameaçavam os últimos fins. Não encontrava estrela que luzisse, nem sol que no ocaso se sepultasse. Temia que os passados descuidos fossem a porta por donde entrasse o repúdio, que até ali tinha sido desvelo[104]; mas logo se animava com a memória de que em Jerusalém não fora menos destruída aquela formosura, que, sendo laço dos alvedrios, fazia ostentação de cativá-los, e desdém de admiti-los. A Madalena

[103] "Percisa" na edição de 1749.
[104] "Disvelo" na edição de 1749.

Sendo o ouro de seus cabelos rede em que, presas as liberdades, deixavam mais livre a vanglória de ver multiplicados os rendimentos, e a um só raio de luz se serenou tanto a impetuosa tempestade em que naufragava, que buscou âncora para salvar-se nas mesmas ondas em que se perdia, sendo aqueles mesmos cabelos as vítimas, se deles se tinham assoprado as chamas. E logo que envoltos no mar do pranto soltaram as velas à fineza, se dera o seu amante por tão penhorado que confessara restaurado o perdido e em recíproca união conrespondidos os afectos:

- Logo se eu (dizia Angélica) nos enredos de Babilónia perdi o norte, que me guiava aos acertos, também desprezando os descaminhos acharão seguro porto os meus cuidados. O Príncipe não me ama menos, e eu desejo amá-lo mais. A esperança se anime, visto ser da alma o melhor alento a esperança.

Tinha ela uma dama deste nome, que a acompanhava, e parecendo-lhe era chamada[105], veio a saber o que queria. E, achando-a com a cor inflamada, os olhos dizendo em línguas de pérolas que o aceso rubim do coração dava para aquele incêndio larga matéria aos pensamentos, lhe disse:

- Vejo-vos, Senhora, tão entregue às vossas imaginações, tão amortecidos aqueles briosos impulsos com que a vossa beleza fazia gala de cativar altivezas, que me atrevo a inquirir a causa que vos pôde transformar. E fiai de mim, que para o vosso sossego talvez seja remédio a esperança. Nas perfeições da arte é ardil recatá--las por não desluzi-las; mas nas paixões da alma é desluzi-las não comunicá-las. O Príncipe me manda que vos assista, sem que me aparteis de vós, e deveis dar exercício às suas ordens, que preceitos soberanos não os observar seria ofender, e muito mais sabendo, que

Eu sou nos bosques amenos,
Adonde aurora amanhece,
A que alento no Sol, que seus raios aclare,
A que faço que o dia nova luz espere.

Eu sou a que ao alto globo
Dessa máquina luzente,
Deixo alentadas nas opacas sombras
A luz das estrelas, que o dia escurece.

Eu sou ao homem a coluna,
Em que sua fé sustente,
Que sem mim se arruínam da fé os troféus,
E comigo da fé os ardores se acendem.

Eu sou a que ao verde prado,
A quem o Inverno empobrece,
Lhe prometo nas flores o fruto mimoso,
Lhe asseguro nas folhas fecundos os meses.

[105] "Chamala" na edição de 1749.

Sou a Esperança, que fiz
Que a morta luz renascesse;
Porque em os incêndios de amantes suspiros
Encontram matéria para mais arderem.

Sou enfim, para animar-vos,
Uma esperança que é
Quem destroça os errados vapores da terra,
Se confia o triunfo em divino poder.

Acertado lhe pareceu a Angélica este aviso, em que achou mais mistério que acaso, e lhe respondeu:

- Como oráculo, mais que humano, decifrastes agora a dúvida em que se embaraçava o meu discurso, e devo crer que para emendar temores hei-de acudir à esperança, como sagrado em que acharam refúgio as tribulações.

- É certo (disse Esperança) que recorrer a ela tem mistério, quando a fé se acha combatida da dúvida, e ainda que eu só não possa fazer o milagre, há virtudes de que são milagrosos os nomes.

- As aflições (continuou Angélica) em que se acha o meu coração na lembrança dos perigos desta corte tem tão enfraquecida a fé de poder neles conservar as finezas do Príncipe, que chega apoderar-se a dúvida do que deve permanecer confiança. Bem vejo que os seus favores os não limitam, nem os comércios das praças, nem os grilhões que nelas encontraram os meus pensamentos, mas o que nele hoje é grandeza do ânimo, quem me diz que amanhã não será fastio do meu desacordo, e venha a punir a justiça quanto hoje dissimula a clemência? Eu quero vencer os temores com o vigor das determinações, mas se a menores assaltos que os que me apresentam os que querem destruir a minha fortaleza se viram derrubadas mais altas torres, eu, a quem o Príncipe mostrou a fragilidade do barro sobre que assenta o grande edifício da humana presunção, em que posso confiar-me, que não seja destruir-me? O pensamento é nuvem que voa, a vontade vento que o contrasta, as ocasiões esporas que o picam, a resistência debilidade que logo desmaia, e Babilónia, toda perigos que me confundem. E o Príncipe potentado, que pode ainda, que como poderoso se não vinga? Dizei-me, em tão valentes contrários, como pode não desfalecer o ânimo, que de tantos inimigos se vê avançar.

Era Esperança de subtil discurso e maduro conselho (que nem sempre no verde das Primaveras deixam de colher-se sazonados frutos), e vendo que em Angélica o acidente da desconfiança podia ser parocismo na fé, lhe disse:

- Por certo que mais vigorosa cuidei que estava a vossa resolução, mas vejo que, ao mais pequeno argueiro que se levanta do pó da terra, se estremecem aquelas forças com que devíeis defender-vos. Eu não digo que desprezeis os possíveis, que seria negar às jurisdições da majestade segurar-vos, quando da falta do merecimento deveis temer-vos. Quero só que vos lembreis que dos mais empolados mares, combatida da fúria dos ventos sobre a âncora da esperança, se segura a mais arriscada viagem. Bem sei que, entre Cila e Caríbdis, só com grande socorro deixa de perder-se

quem se embarca, e para não serdes[106] destroço das ondas, acolhei-vos à luz, que reparte a estrela do verdadeiro norte, e dizei-lhe:

En los procelosos mares,
Quien su esperanza en ti fía,
Com seguridad confía.

E coroada do verde louro desta esperança ganhareis o triunfo, ainda que as balas de Babilónia vos queiram dar o assalto.

Alentada, ainda que temerosa, ia a responder-lhe Angélica, quando viu que o Príncipe atravessava o jardim sobre que caía a janela em que ela estava, e chegando mais perto, cobriu o rostro com a mão, recatando a luz em que ela desejava, como mariposa, arder. Assustou-se no desvio, que já era impaciência de que foram testemunha as vozes neste

ROMANCE

Cur faciem tuam abscondis, & arbitraris me inimicum tuum.

Ah, que de amor, que me mata,
Senhor, o vosso desvio;
E pois não posso a finezas,
Quero prender-vos a gritos.

Feris-me, e escondeis a mão;
Matais-me, e as armas cobrindo,
Por vos negar às piedades
Não quereis ver o conflito.

Se por amar-me deixastes
A nobre corte do Empírio;
Como, vencida a distância,
Retrocedeis o caminho?

Não sois vós aquele amante,
Que de meu amor ferido,
No breve espaço de um nada
Estreitastes o infinito?

Não sois o que por fineza,
Desprezando o ser altivo,
Lá desde as asas dos ventos
Baixastes de amor trazido?

[106] "Seres" na edição de 1749.

Não sois o que equivocando
Vossa grandeza comigo,
Me dais a púrpura régia,
Um tosco saial vestindo?

Como agora me negais,
(Afectando o vingativo)
De amante o real seguro,
Satisfeito já o delito?

Agora escondeis a face,
De mim a luz encobrindo;
Se isto fazeis quando amante,
Que fora quando inimigo.

Não, Senhor, não me está bem
Este modo de carinho:
Eu por ver-vos dera a vida,
E vós matais-me fugindo.

Tirai dos olhos a mão,
Porque em mortal parocismo,
Vendo eclipsado o Sol, temo
Chegue o dia do Juízo.

Se quando a luz me escondeis
Me expondes aos precipícios,
Vede que devo queixar-me
De que ameis o meu perigo.

Para que é vendar os olhos,
Quando neles dous Cupidos
Trazeis, que flechas disparam,
E eu sou alvo desses tiros.

Se vos amo mais que a mim,
E se só de amar-vos vivo,
Esses rigores parecem
Travessuras de menino.

Se de meus passados erros
São esses desdéns indício,
Já estão os erros passados
Por alto preço remidos.

Voltai a mim esses olhos,
Porque pondo-mos, confio,
Hão-de ser piedade em vós
Os que são em mim gemidos.

Estava no peito de Angélica já introduzida aquela chama para que deu matéria a piedade e, apesar dos temores, se exalava nos suspiros a benefício da clemência. Fazia o conhecimento próprio quasi natural a desconfiança; porém vencia o desejo de merecer na ternura o que arriscava no agravo. Entregue a estes pensamentos estava quando ouviu que a eles lhes dava resposta quem se ofendia da dúvida, dizendo-lhe:

Ay de ti, si en mi amor no confías,
Belleza infeliz,
Que a las iras de un Dios solo puede
Amor resistir
İAy de ti!

Si el incendio de amor no avasalla
Mi altiva cerviz,
Que laurel de los rayos librarte
Pudiera sin mí.
İAy de ti!

No es fineza dudar mis piedades,
Pero agravio sí,
Que a mis ojos llega desairado
Dudoso un gemir
İAy de ti!

Si no esperas que amante mi pecho
Se deje rendir,
Vil despojo serán tus alientos
De brazo más vil.
İAy de ti!

Disse-lhe Esperança, que ainda se achava presente:

- Agora vereis quanto importa confiar para conseguir, que a um ânimo real não pode fazer-se-lhe maior agravo, que não esperar dele o perdão do delito; e quem quando estes corriam, picados das esporas da vontade, vos não atalhou os passos com o castigo, agora que vós quereis despertar das sonolências da ingratidão não vos suspenderá os socorros com que vençais os perigos, que para estas ajudas de custo tem sempre abertas as portas dos seus tesouros. Temei-vos de vós, como contrária, mas fiai-vos nele, como soberano, que desconfiar da generosidade de um amante liberal que desperdiçou rubins por nadas de terra, que reparte coroas para prémio de

pequenos méritos, e que até a si se não reserva, porque até a si se dá, prezando a sua fineza mais que a própria vida, parecerá que fazeis vida de desconhecer aquela fineza. Vesti-vos da gala da esperança, e ela vos alcançará a posse da melhor púrpura.

Foram as vozes de Esperança flechas que, disparadas pelo amor, começaram a ferir em Angélica o coração, adonde executado o mais ardente do tiro, abriu por donde se exalassem uns suspiros, que se ainda não eram chamas, já se divisavam faíscas; avivando-lhe os desejos de que até ali andavam ignorantes os cuidados. A memória lhe recordava quantas vezes fugira à permissão dos favores por não agradecê-los, e que agora os buscava ambiciosa, quando o Príncipe mostrava querer retirá-los sentido, e nesta mágoa lhe dizia:

- Bem sei, Senhor, que se não negaram piedades de Pai a um filho ingrato, quando tornou a buscar o abrigo de que tinha fugido cego. Como ele me ausentei, mas já vos busco como ele e, por ir para vós, até de mim vou fugindo. Deixai achar-vos, que determinada[107] estou a seguir-vos. O Pródigo

Veremos se desempenha a constância o que promete a primeira lavareda, continuando o sucesso no seguinte [capítulo].

[107] "Detriminada" na edição de 1749.

CAP. VII
Quis dabit capiti meo aquam et oculis
meis fontem lacrymarum! Hierem. 9.

CAPÍTULO VII

Desafogo da dor no rio das lágrimas.

Erros da ingratidão já conhecendo,
Do desengano a luz vão advertindo,
Para lavar do pranto nas correntes
As manchas, submergidas em dous rios.

Mal curada, ainda que bem ferida, dos golpes das suas experiências se achava Angélica, no descoberto campo das suas imaginações, regando com o desfeito cristal das lágrimas a suave república das flores, adonde a violência dos desenganos tinham[108] desatado em terníssimos chuveiros as grossas nuvens, de que em Babilónia se costumam armar as tempestades. Ali discorrendo o pensamento as incomparáveis finezas com que a grandeza do Príncipe a sublimara ao ser, que não tinha, e a má conrespondência que na sua inconstância achara, oprimido o coração ao peso dos benefícios, começou a invejar de Aretusa a transformação, para por melhor Alfeu se salvarem os seus descuidos nos rios de mais bem-nascidos cuidados. Já aquele empedernido mármore se ia liquidando em ternuras e, conhecida a dureza de tanta ingratidão profiosa, se dava por vencida a sua resistência. Falavam os olhos em lágrimas o que o peito recatava aos suspiros e, entregue toda a dor ao pranto, se deixou aos rigores do sentimento.

Estando o grande Alexandre na conquista de Nisa, vendo que os soldados temiam que a grande altura das águas em que se dilatava um rio, que havia de dar passo ao exército fosse das duas vidas cristalino sepulcro, incitado o valor daquele monarca a mostrar que o seu ânimo igualava ao seu nome, desprendeu o escudo e, fazendo dele segura defensa ao empolado das águas, se entregou destemido às suas ondas; façanha que, admirada pelos soldados, os fez pisar os perigos para lhe imitar os progressos. Isto, que em Alexandre se viu por adquirir fama, que muito é se veja em Angélica por ganhar glória. A de estar na graça do Príncipe já lhe prendia o cuidado e, temendo perdê-la pelos passados empregos, maldizia o tempo em que, por umas aparências, a que os fumos da vaidade correm as cortinas tão ligeiras para vistas, como as cerram para lamentadas por uns nadas, a que dá ser o pensamento, para deixarem de o ter pelo desengano, e finalmente por um ídolo que, rendendo-lhe cultos o amor-próprio, deve negar-lhos a razão, se tinha ela apartado tanto da razão, que de todo a desconhecia. Fazia impaciência, o que ela não avaliava no barro natureza. Estavam então as luzes da fé resplandecendo, se até ali tinham vivido cegando; e vencidas as sombras se deixavam conhecer melhor as verdades, recuperando Angélica agora, no mar das lágrimas, o que tinha perdido nos divertimentos da corte. À força deste impulso rompeu a dor nestes brados.

Toda uma alma em dous rios desfeita,
Todo um mar nos pesares dilate,

[108] Manteve-se "tinham", como na edição de 1749, para a tenção recair sobre os desenganos, e não sobre a violência deles.

E os gemidos ruidosos no vento
Em chuveiros da dor se desatem.

Os alentos, que no pranto se afogam,
Os suspiros, que no fogo nascem,
Se se ficam suspensos na queixa,
Ressuscitem incêndios nos ares.

Dessa corte celeste as safiras
Em moídos aljofres[109] se exalem,
E em batalha esses quatro elementos
Meu confuso discurso os retrate.

Essa nuvem, que corre ligeira,
Essa luz, que alumeia[110] suave,
Se desfeita em chuveiros alenta,
Nos chuveiros, que alenta não pare.

Desses prados a gala mimosa
Na ruidosa corrente se enlace;
Porque as flores, as plantas, as fontes
Minha dor sensitiva reparem.

Desfalecidas as forças na furiosa tempestade das lágrimas, desmaiado o coração nas corpulentas ondas que combatiam os discursos, estava a aflita Aldeana, ora animando os temores em fé da benignidade do Príncipe, ora assustada a confiança no mal merecido das finezas, que em um e outro extremo se detinha o seu cuidado, quando reparou que, no mesmo campo em que corria com inundação de pérolas uma bem lavrada fonte de finíssimos jaspes, estava recostado, qual outro Narciso, um galhardo cavalhero. Parecia igual a ela no nascimento, porque estava no traje igual a ela. Vestia um pano ligeiro, porque até os adornos cansam a quem só de amar-se se adorna. A cabeça era gala dos ares, porque eles lhe davam as plumas por insígnia dos seus pensamentos. Escutava admirado o enternecido pranto de Angélica, como quem só achava para choradas as horas em que as próprias utilidades não ocupam do dia as horas todas. Rompeu a sua suspensão, desatando o silêncio, nesta pergunta:

O amor-próprio já descansa em amar-se.

- Dizei-me, Senhora, adonde achastes ser razão desperdiçar as pérolas, que outra vez não haveis de recolher nesses celestes cofres? Tão pouco valor lhe dais, que fazeis conveniência de quebrar-lhe os fios em prejuízo[111] dos tesouros? Não temeis que o Sol se queixe de lhe eclipsardes[112] os raios, a noite[113] de lhe cobrirdes[114] as

[109] O mesmo que "aljôfar", de acordo com o padre Domingos Vieira.
[110] A forma "alumia" é a correcta mas optou-se por registar esta forma popular como prova de um registo possivelmente pessoal da autora.
[111] "Perjuízo" na edição de 1749.
[112] "Eclipsares" na edição de 1749.
[113] "Noute" na edição de 1749.
[114] "Cobrires" na edição de 1749.

estrelas, e o amor de lhe quebrardes[115] as setas? Sei eu que a aurora se levanta risonha do berço das ondas, e vós com sem-razão estais sepultando o Sol no mar das lágrimas. Deixai as fadigas da dor a quem tem contrária a fortuna, e lograi-vos da fortuna, sem quererdes[116] segurar a sua roda com a vossa dor, que se não vos amais a vós, que sois do mundo o mais amável, não só mostrais que vos desconheceis, mas negais a glória a quem vos deu as perfeições, que vos fazem amável. Não choreis a matar-vos, que é ingratidão convosco; vivei a divertir-vos, que é piedade com todos; que quem vos vir navegar ondas de tribulação, por vos seguir se lançará aos mares, adonde perigam as vidas, e sem tanto arrojo se seguram as viagens. Chorar parece fraqueza, adonde só o esperar é valentia; nem vos engolfeis nos desassossegos, por não arriscardes[117] tantas vidas nos sobressaltos.

Para, Deidad hermosa,
Que de tu llanto el mar,
Anega tu sosiego,
Y amenazan las olas tu beldad.

Desenganem-vos (continuou ele) os mármores desta fonte, que nem tantas continuadas correntes bastam para abrandar as durezas do mármore; e os trabalhos do ânimo debilitam o gosto, sem muitas vezes adiantarem o merecimento. Também chora o insensível de uma penha, e fica imóvel; aprendei da penha a resistir, mas não a chorar, que desmentis a constância, rendendo-vos à ternura.

Respondeu-lhe Angélica:

- Tal é o meu coração de empedernido, que até as pedras o afrontam, que elas choram sendo insensíveis, e eu por sensível devia chorar mais que elas; mas que vos importa a vós o incessante das minhas lágrimas, que, sem eu vos consultar, me pondes tantos argumentos para as suspender?

- Eu, Senhora (respondeu ele), sou um homem de tão melindrosa condição, que por amar-me nunca reparo em perder-me. Não tenho fortaleza mais que na vontade, e só de satisfazê-la faço memória, ainda que o contradiga o entendimento. Estava naquela fonte satisfeito de a ver rir sem chorar, que o que parece chorar não é sentir, e deste prazer me tirastes, vendo-vos chorar, que só a sentir, mas a morrer, como dizem estas

DÉCIMAS

Se por dar lustre aos pesares
Vossas lágrimas teimosas
Correm por margens de rosas,
Porque não cabem nos mares:
A submergir esses ares
Subiram rios crescendo,

[115] "Quebrares" na edição de 1749.
[116] "Quereres" na edição de 1749.
[117] "Arriscares" na edição de 1749.

E certo o naufrágio sendo,
A fineza deslustrais,
Porque podendo amar mais,
Deixareis de amar morrendo.

Deixai que o mar se dilate,
Que o rio se precipite,
Que o vento se fortifique,
Que em água a nuvem desate,
Sem que vós neste combate
Balas de neve esgrimindo,
Que as estrelas vão ferindo,
De neve e fogo tomeis
As armas, com que ofendeis,
De amor os raios cobrindo.

- Deixar-me pelo que amo (disse Angélica) não é deixar-me, é querer-me, que se mais que a mim devo amar a quem por amar se não aparta de mim, fica sendo lisonja para o coração o que é satisfação pelo destino.

- E como podeis vós (tornou ele a dizer) achar gosto no martírio, lisonja no pesar, e conveniência no desassossego? Isto são efeitos do ódio, e não do amor, e vós estais obrigada a amar-vos, porque é duas vezes culpa aborrecer-vos.

- Não vos canseis (disse ela) em persuadir-me, que já não trouxeram o caminho as minhas lágrimas, depois de conhecer dívida as suas correntes.

Ao que ele respondeu:

- É porque no Inverno da vida as primeiras águas são rocio das flores, mas logo cansa a vontade com que as recebem os campos, e cessam de vertê-las as nuvens.

Já a este tempo entrava o Embaixador do Príncipe, que desvelado prevenia os reparos, antes que chegassem a estragos as tribulações; e ouvindo que, contra os reais decretos, se atreviam indignos vassalos, lhe disse com inteireza de valido, e liberdade de desinteressado:

Advertência contra o amor-próprio

- Não há coroa que o ganhá-la, quando não seja a custo do sangue, se não conquiste a desvelos[118] da diligência, e quem aconselha contra o empenho de apressá--las é infalível ao lucro de consegui-las. A majestade do meu soberano se se não desagrava das traições, como justiça, é porque a suspende por clemência, mas não deve fiar-se deste atributo a culpa, que se esqueça de que o agrava, e lhe ferem o peito vassalos rebelados; e se hoje vos vedes descansando nos quartéis do vosso gosto, talvez que amanhã vos peça conta de deixardes[119] pelo gosto, sem defensa, os seus quartéis, quando servi-lo a ele está primeiro que amardes-vos[120] a vós.

"Angélica, a quem o vento das vaidades ameaçava o naufrágio nas tormentas, se se acolhe ao sagrado das finezas, é porque conheceu o seu perigo, e não batera pela vossa persuasão às portas da justiça, arriscando-se a achar fechadas as da clemência;

[118] "Disvelos" na edição de 1749.
[119] "Deixares" na edição de 1749.
[120] "Amares-vos" na edição de 1749.

se tem que chorar no que foi, chore porque não sabe o que há-de ser; e as incertezas do futuro é só o que se deve chorar, que as glórias com que os Babilónios brindam aos da sua corte, se tem instantes para o gosto, deixam para a pena eternidades e, despois de conhecida a pouca duração, nada lhe fica para a desculpa[121]. Agora consulte ela qual pode utilizá-la mais, se chorar para conseguir, se não conseguir para sempre chorar."

Com o fim desta prática o pôs tão bem à visita, de que já tinha despedido a Narciso da fonte, ficando só Angélica entregue ao susto que lhe ocasionavam os seus pensamentos, explicados neste

ROMANCE

Oh quem desse mar pudera
As correntes esgotar;
Porque em meus olhos crescesse
Tanto vertido cristal.

Essas empoladas ondas,
A donde Tétis está
Colhendo a pérola fina
Da fria concha a pesar:

Esse nevado palácio,
Em que Neptuno ocultar
Entre correntes montanhas
A prata brunida faz;

Esse dilatado campo,
De pérolas mineral,
Adonde o Nilo, e Eufrates
De cansados vão parar:

As suas claras correntes
Meu pranto invejando[122] vai,
Que é pouco chorar um rio,
Quem deve verter um mar.

A todo o oceano quisera
Em meu pranto retratar;
Porque a seus dilúvios fosse
O meu pranto original.

[121] "Disculpa" na edição de 1749.
[122] "Envejando" na edição de 1749.

A essa azulada esfera
Vão com impulso eficaz;
Porque subam pelo fogo,
Se descem pelo pesar.

De meus passados deslizes
Tão viva a memória está,
Que a conta desta memória
Pelos olhos correrá.

Se daquele antigo hebreu
Da vara o golpe fatal
Este penhasco ferira
Para em fonte o transformar;

Mal satisfeita a fineza,
Por paga ainda se não dá,
Suspiros de fogo vendo
Em mar de água navegar.

De meus cabelos nos fios
As lágrimas enfiar
Quis, que fosse mais que eles
Das lágrimas o raudal.

Em tão vertidos dilúvios
Melhor se conhecerá,
Que ainda de meu pranto a sede
Se não chegou a apagar.

As inspirações dão matéria às lágrimas.

O Príncipe, que por zelá-la se fazia em toda a parte presente, e mais pago ainda das suas lágrimas que da sua formosura, porque eram realce da formosura aquelas lágrimas, mandou com subtil traça, por suavíssimos aquedutos, acrescentar em borrifos a matéria àqueles prantos, gostoso de avivar tantos extremos, a que só ele podia dar actividades, e começou ela, sem entender o mistério, a sentir sobre sua cabeça um doce chuveiro que, quando mais veemente, era mais apetecido. E ambicioso o coração daqueles amantes sentimentos, o mesmo ar, que respirava, desejava transformar no pranto em que se desfazia, querendo com eles remir, não só os próprios deslizes, mas até os alheios descuidos; que como os divertimentos dos Babilónios eram contra o gosto da majestade do Príncipe, de todos sentia os delitos, empenhado em lhe emendar os erros. Mas, satisfeita da solidão em que a deixaram, sem mais companhia que a dos seus pensamentos, ilustrados já pelo extremoso dos impulsos, e desfeitas as nuvens de tantas escuridades, enganou os sentidos com estes sentimentos, dizendo:

- Que água haverá, que baste a transformar em fontes os meus olhos, levando nos crescidos rios das minhas lágrimas aquelas crescidas ingratidões, que de tantos favores foram ofensas? Vejo-vos, excelso Príncipe, dominando no Olimpo, e que para subir-me ao mesmo trono tirastes este pequeno torrão de terra do campo Damasceno. Este só excesso, que sobrava para prender-me, parece me levou a precipitar-me. Pequeno oceano são todos os dilúvios para neles se afogarem tantas omissões. Que utilidades tirei eu de Babilónia, e seus enganos:

Ecos da verdade são despertador.

- Danos, lhe respondeu o ar no eco aos seus sentimentos. Ao que ela disse:

- Bem sei, que os passados danos
Só podem ser redimidos[123]
Pelos descuidos punidos,
Medida a dor pelos anos.

Pois, coração (continuou ela), se os perdidos anos só se recuperam sentindo, e amando, quem há-de avivar este ardor?

Disse o eco:

- Dor.

A que ela respondeu:

- Se a minha dor há-de ser
Quem há-de suprir meu mal,
Em pena tão desigual,
Venha igual o padecer.

Mas se a debilidade da minha constância se rendeu aos pequenos assaltos, como nas grandes batarias o triunfo há-de conseguir.

- Seguir, disse o eco, e respondeu ela:

- Se amor me há-de conseguir,
Soberano resplendor,
Uma chama desse ardor
Entre meu peito a ferir.

E em virtude da seta levarei a mão que a dispara por guia para seguir os seus influxos, sem que as demoras me suspendam os passos, nem as inresoluções me escureçam os caminhos.

Levantou-se para dar pressa ao oráculo quando de uma tenebrosa névoa se cobriu o ar, anoiteceu[124] o dia, se alterou o vento, e parecia tornar-se o mundo ao abismo do nada. Assustado o ânimo da determinada aldeã, desmaiaram as forças para seguir a empresa, e começou a dúvida a desmentir a voz, que tinha ponderado o pensamento.

[123] "Redemidos" na edição de 1749.
[124] "Anouteceu" na edição de 1749.

Os vícios tempestade contra a verdade

- Que é isto (dizia ela entre o medo e admiração)? Em querendo adiantar os passos os atalha a sombra; para que me confunda a incerteza, a tormenta cresce e à primeira diligência do cuidado se movem as esferas contra mim indignadas. Sem dúvida para o meu precipício se articularam aqueles ecos, que a serem de favorável fortuna, não veria eu, que

Logo o tempo se altera, e o ar ferindo
Do firmamento em torres levantado,
Seu curso altera, no furor bramindo,
E o mar em brancas serras transformado:
As negras asas Bóreas sacudindo
Da parda nuve o Sol deixa eclipsado,
E em chuveiros, que ao Céu o vento cresce,
Dá vista o Céu, e o mar desaparece.

Em fogo ardente o mundo se abrasava,
Em noite escura o ar se confundia,
A negra nuvem mares desatava,
O alto monte um Etna parecia:
Do Sol a luz no fumo se enlutava,
Sepultado na sombra o alegre dia,
Donde em balas de fogo a ira ardendo
O Céu, e a Terra estava combatendo.

Setas de lume o ar atravessando,
Ao cristalino mar descem ferindo;
Que a esse globo celeste ameaçando,
De pavor as estrelas vão caindo:
E o resplendor no rio soçobrando,
A água ali do fogo vai fugindo:
Tremeu o céu, e os orbes estrelados
Seus fixos eixos sentem arruinados.

Os cavalos do Sol precipitados
Do céu apagam o esplendor flamante,
Que do furioso vento ali arrojados,
Líquida urna dão à luz radiante:
No vivo fogo os campos inflamados,
Cada planta parece que é um montante,
E o eco, que no monte vai ferindo
Mostra que da crueldade vai bramindo.

A mansa rês, que sobre a relva passa
Do rigor do Estio a ardente chama,

Ao susto geme, do temor embaça,
Vendo em água afogada a verde grama;
Busca no monte abrigo, e se embaraça,
Mares pisando na crescida rama,
E ali por ondas o cristal crescendo,
Este alterado mar andam bebendo.

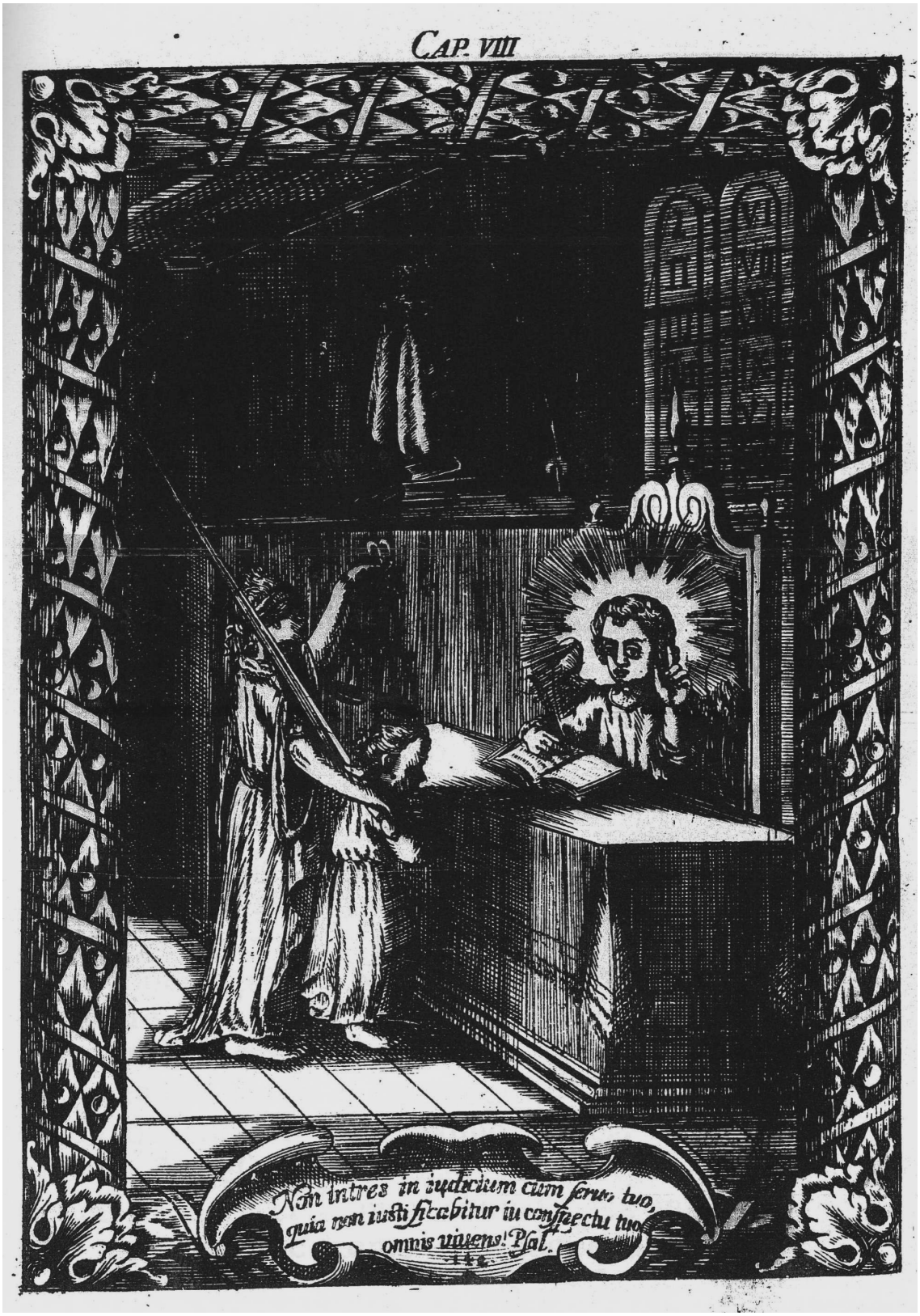
Do roble[125] mais antigo desfolhada
A verde louçania, que o engrandece;
Avisos dava a ave celebrada,
Que os troncos busque, que o perigo cresce;
A fera foge da caverna amada,
E o rio ao mais profundo logo a desce,
E Neptuno, que rege o mar salgado,
Crê que lhe foi tributo dedicado.

Neste mortal perigo desmaiado
Ao alto firmamento recorrendo,
Rendido apela o coração prostrado,
Da divina justiça efeito crendo:
As setas, que dispara o arco irado,
De quem mar, céu, e Terra vão tremendo,
A quem Deus peço, que veja a viva mágoa,
Que alma me enche de fogo, os olhos d'água.

Logo a ira aplacando o rijo vento,
Que à Terra último estrago ameaçava,
Presa de alto poder muda de intento,
Que em branda paz já a fúria transformava:
Sereno o ar se mostra em um momento,
Que o resplendor do Sol já alumiava:
Oh poder do poder, quanto te estendes,
Se o mar, o céu, e a Terra tudo prendes!

Restituída a luz ao fúnebre dia, cobrada Angélica do pavor em que a tinha tão impensado terramoto, acabou de ponderá-lo o discurso, mas não de temê-lo o sobressalto. Entendendo que fora castigo de ela supor o acaso mistério, se deixou na suspensão a esperar mais manifesto final para a sua fé. O Príncipe retirado, o Embaixador já vagaroso, e ela sem saber a que parte havia de encaminhar o cuidado para segui-lo, tudo era enleio do ânimo, e laço que lhe prendia o discurso. Nesta aflição a deixaremos até o seguinte sucesso.

[125] Segundo o Padre Domingos Vieira, o mesmo que "robre".


CAP. VIII
Non intres in iudicium cum seruo tuo,
quia non iustificabitur in conspectu tuo
omnis viuens! Psal.
142.

CAPÍTULO VIII

Sustos do coração no estreito da conta.

A justar contas chama hoje a justiça,
Já nelas alcançado o desperdício;
Mas vendando-lhe os olhos a clemência
Dos erros vai suprindo os algarismos.

Se a maior aplicação do cuidado não basta a numerar nos orbes celestes as estrelas que os adornam, nem no florido dos campos as flores que os matizam, nem no dilatado dos mares as areias que os sustentam, sem que faltem para tão largas adições as figuras, quem, sendo dos erros mais do que do mar areias, do campo as flores e do céu as estrelas, poderá ajustar-lhe os números, sem que se ache alcançado nas contas, por excederem as despesas para que tomou liberdade a inconsideração? Não há vassalo, por mais diligente que sirva a coroa do seu soberano, que se não ache mais acredor ao perdão que ao prémio, sendo o conceder-lho generosidade, ainda quando se pede como justiça.

Bem conhecia Angélica que não devia esperar sem primeiro merecer; mas confiava em que o amor do Príncipe, como não admitia igualdade nos excessos, também nas piedades se singularizava, e alentava o temor na fé da sua experiência.

Já era passada a horrorosa tempestade que teve mortal a esperança, desanimando as forças para o difícil das empresas, vendo, que Céu e Terra ameaçava e, inresoluta na causa que alterava contra ela todos os elementos, formava daqueles estrondos diversos juízos. Já lhe parecia eram para que desistisse de tão dificultosa empresa, que mais que vencer faria precipitar, e logo tornava a cobrar alento, fazendo memória daqueles antecedentes avisos que a mandaram seguir os caminhos para encontrar os acertos.

- Bem sei (dizia ela nesta indiferença de afectos) que aos astros lhe não faz o impetuoso das borrascas desandar a esfera em que costumam luzir, porque deixariam de ser estrelas, se a cobardia lhe trocesse a carreira, antes de chegarem ao seu fim. Se o Sol não tornasse a nascer, porque a sombra da noite lhe eclipsou o resplendor, não lograria os privilégios de único, retirando-se como todos. Morre a rosa, efímera do dia, rompe-lhe o ar a púrpura, estraga-lhe o tempo o trono e fica-lhe só no desalinho o desengano, mas, vestindo nova gala, torna a ostentar as maravilhas de formosa e a majestade de rainha e, sendo a rosa uma flor na pouca duração, o sol uma luz a que se atreve o ocaso, e a estrela uma luminária que a apaga o dia, eu, com mais alma que a estrela, com mais duração que a rosa, com melhor destino que o sol, por que não hei-de vencer uns nadas, que podem da terra ser vapores e morrerem no ar como fumos? Que maior glória que triunfar nas batalhas? Sem peleja não se alcança a coroa. Eu quero coroar-me pelejando para me gloriar vencendo; quero buscar resistindo o que só posso alcançar amando. Vamos, coração, buscar o Príncipe, que ele buscado há-de deixar achar-se.

Esta resolução do fervor atalhou logo o medo, porque, ferindo fogo da ira, viu que, desembainhadas as espadas, entravam dous homens, que da contenda vinham

O mundo opositor do espírito

cegos. Disse-lhe ela que suspendessem as armas, porque na sua presença só tinha entrada o respeito, sem haver porta aberta para a desatenção. Ao que respondeu um deles, que na peleja se mostrava mais valente:

- A mim, Senhora, não me ensinaram a respeitar belezas, senão a vencer conquistas; e nesta já tenho arruinado não só a formosura de muitas Vénus, mas os desvios de infinitas Dianas; com que, se vos cansa a minha fortaleza, confessai-vos rendida, que sem isso não cederei na batalha, nem nela estão as minhas iras para sujeitar-se a flores, senão para esgrimir lanças.

O outro, com mais polido acordo, disse:

- Se vós, Senhora, tomardes[126] por vossa conta defender a minha causa, eu vos renderei as armas e será de ambos a vitória, que do vosso alento se acha dependente o meu esforço.

Disse o primeiro:

- Eu estou na posse de vencer e não quero desistir.

Respondeu o segundo:

- Eu espero aclamar por minha a empresa, porque em maior poder que o vosso devo confiar.

- As armas da formosura (disse o primeiro, que era uma banda negra a sua divisa) estão tanto da minha parte, que nas conquistas sempre me rendem as palmas.

- Sobre as torres dessa vaidade (disse o segundo, que tinha uma banda branca) espero alvorar as minhas bandeiras e pôr por terra as vossas esquadras.

- Para os vossos desafios (disse Angélica), não achareis campo seguro nos meus palácios, que já estão de melhor acordo as suas guardas, e em vós muito duvidosa a justiça: em um, porque se fia a sua arrogância nas indústrias, que são destruição das verdades; em outro, porque busca a defensa no débil das minhas forças, costumadas às ruínas, que estas são as ajudas de custo com que posso favorecer a sua causa.

- Pois sabei (disse o da banda negra) que, como convosco é a demanda, à vossa vista há-de ser a batalha em que as experiências me seguram ficar a meu favor o campo e não partirei o Sol por vos não ofender.

Ao que respondeu o da banda branca:

O Espírito

Suspende en duro acero,
No tu osadía[127] aqui,
Si de lo bello triunfas,
Imagines triunfar también de mí.

A que com mais coragem[128] respondeu o outro companheiro, ainda que diverso no ânimo, semelhante na valentia:

[126] "Tomares" na edição de 1749.

[127] No original, "ouzadia", o que pode ser uma contaminação com o português. De qualquer forma, o mesmo termo aparce no capítulo XVI, também em contexto poético, desta vez grafado como "ossadia". Não se pode, infelizmente, apurar a responsabilidade desta possível contaminação…

[128] "Coraje" na edição de 1749.

Comigo no las armas
Te atrevas a medir,
Que tu ardimiento suele
Morir desmayo, quando impieza lid.

O da banda branca que, ainda que armado, mostrava mais docilidade no génio, respondeu:

Del soberano Olimpo,
Alcázar de zafir,
Los socorros vendrán,
Que te hagan retirar como infeliz.

A que, com a cor perdida, vendo pisada a sua soberba, disse o de negro:

Arma el pecho de furias,
Verás, que a resistir
A mi poder no basta
Bronze bruñido, rayo de plomo vil.

E, voltando para Angélica, lhe disse:

- Da vossa vontade, Senhora, depende pores termo a esta contenda sobre que vínhamos pleiteando e, para melhor julgardes[129] a minha razão, vos quero dizer que sou um Potentado de tão largas jurisdições, que as dilato por todos os espaços do mundo e fora do meu domínio, nem há vida que se alente, nem coroa que se utilize. As leis que nos meus Impérios se observam sempre são a favor do gosto, porque neles só o gosto dá leis. A quem melhor me serve, até os ares lhe rendem alentos, porque lhe fixam os alentos nos ares. Sou senhor de diversos pólos, e neles me tributam tantos tesouros, que não criaria a aurora no desperdício das suas lágrimas as pérolas, se eu lhe não dera para congelá-las as conchas. Os deuses me servem tão rendidos, que Apolo por mim se lhe fecundam os raios, Júpiter em obséquio meu esgrime as iras, Neptuno enriquece os mares, Marte aviva as guerras, Vénus me faz obséquio nos triunfos da formosura, Belona emprega as lanças, Mercúrio exercita as ligeirezas; até Cupido me rende as setas, fazendo meus tributários todos a quem vencem os seus tiros. De meus vassalos se não livram os ceptros, que as maiores monarquias se prezam de assistir nas minhas cortes. Se os campos reverdecem, eu lhe desempenho as esperanças; se o Inverno os esteriliza, recuperam-se na minha grandeza; e finalmente, Senhora, eu sou o todo de tudo, que sem mim o tudo é nada e, sendo estas as prerrogativas do meu senhorio, se me opôs declaradamente contrário para pretender[130] entrar a dominar-vos quem só saberá afligir-vos. Em mim achareis a satisfação do desejo, tudo que pode saciar-vos; em meu contrário o que sobra para entristecer-vos, em mim tereis congelado em copos de neve o rocio da alva nos ardores do Estio, ardente o calor do fogo nas asperezas de Janeiro. Na Primavera vos

[129] "Julgares" na edição de 1749.
[130] "Pertender" na edição de 1749.

recreará o prado com flores, no Outono o pomar com frutos. Para lampiões tendes as estrelas na noite, no dia para entreter-vos[131] o divertimento nos bailes, a melodia nos instrumentos e a harmonia nas músicas, que tudo se acha no grande dos meus estados. As minhas galas se tecem dos melhores fios, as minhas plumas dos matizes dos ares e as jóias dos diamantes da esfera celeste. Vede agora se devo entrar confiado a conquistar-vos, sendo estas as circunstâncias com que entro a pretender-vos[132]. Vós sois formosa e podeis cativar muitos alvedrios, acrescentando nos cultos que se vos dedicarem mais esta adição à vossa beleza. Fazei ostentação do que sois, que tempo vos fica para cuidar no que sereis.

O da banda branca, que tinha estado atento a esta relação das alheias grandezas, respondeu:

O dilúvio

- Não são as vossas opulências as que hão-de pôr por terra as minha valentias, porque já essas elevadas torres se viram em dilúvios de águas submergidas, ficando--lhe apenas relíquias do que foram, com certezas de que à voracidade do fogo se lhe hão-de consumir até as cinzas, tornando ao não ser o de que hoje presumis que sois. Essa aurora, que vos lisonjeia nas suas lágrimas, o vosso fim todos os dias vos prognostica, o Sol, que vos alumeia hoje com luzes, amanhã com eclipses vos desengana; Marte vos diz que não é Deus, pois é ira, Júpiter, que não é divino, pois se humana, Neptuno, que não é firme, se é inconstante, Belona, que não é paz, porque é guerra, Vénus, que não é soberana, se tem deslizes, e Cupido, que não é lince, porque é cego que não é rei, porque é nada, que não tem firmeza, porque voa, que não tem verdade, porque é mentira, que não tem império, porque é filho de um ferreiro, que só tem setas, porque tem traições. As flores que se vos tributam são lisonjas que se murcham, os pomos, perigos que amargam, as galas, fios que se desfazem e as plumas, pensamentos que voam. Este o cabedal do vosso império, em que sempre se arrisca quem se engolfa. Os divertimentos são prantos dissimulados, as melodias, que hoje são trinados clarins, amanhã serão desafinadas trombetas, que tocam a investir[133] e não a recrear. Em mim é tão outra a essência, que só tomo do dia a luz para não perder-me nas sombras; da noite, o temor para não despenhar-me nos tropeços; das riquezas, o conhecimento de que o ouro é terra de que tem a mesma natureza as sepulturas. O precioso das jóias, engano a que deu preço a cobiça; e tudo em vós, traças para introduzir ruínas. Na minha corte vive a verdade sem adulação, o cuidado sem descaminho, a diligência com utilidade, as esperanças com alento de eternas posses. Se Angélica, na recta balança da ponderação, pesar em que parte segura melhor os seus interesses, não trocará pelas aparências as realidades. Fique na sua eleição a escolha, que quem a recorda não a violenta, porque a vontade forçada ofende mais do que obriga, e eu a vou esperar, porque não tenho ordem para contender.

Respondeu o da banda negra, que sempre falava fiado nas forças com que vencia e, com a sua costumada arrogância, disse:

[131] "Enterter-vos" na edição de 1749.
[132] "Pertender-vos" na edição de 1749.
[133] "Envestir" na edição de 1749.

Pouco importa me aparte,
Se para conseguir
Tenho armas cento a cento,
Vitórias mil a mil.

Despedidos os dous contrários, ficou Angélica discorrendo o que ali passara, sem resolver-se no que escolheria. A vontade votava a favor do gosto e lhe mostrava que na fábrica do Universo se empenhara o poder e a sabedoria para todos os que haviam de habitá-la, e não podia ser para ela ruína o que para todos ficara recreação; mas logo lhe fazia grande força o susto de errar o caminho, tornando a cair nos laços do engano, a que já voltara as costas o conhecimento e, como para resistir a esses assaltos, estavam ainda debilitadas as forças, não se determinava a seguir o mais difícil sem violência do coração.

O Príncipe, a quem se não ocultara a passada conferência, acudia ao resguardo, compadecido do perigo, e mandou o Embaixador dizer-lhe que ele, como poderoso, lhe abrira o mais importante dos seus tesouros para que deles tirasse o preço com que a sua pobreza se remisse; mas, vendo que ela agora se inclinava a outras oferecidas riquezas, se resolvia a tomar-lhe contas e não perdoar-lhe o mal que se aproveitara, de que liberalmente lhe dera, e entendesse as havia de punir como juiz e não perdoá-las como amante e, se queria ver o terrível daquele tribunal, aplicasse a vista a um cristalino espelho que trazia na mão, que nele acharia mais claro o seu desengano.

Foram os olhos testemunhas do perigo em que a punha a suspensão, vendo a majestosa ira do que havia de julgá-la; o rostro, que dava resplendor ao dia, despedia raios ao temor. Ali a vara da justiça não florecia, porque ameaçava o livro, porque se havia de ajustar a conta.[134] Era de tão miúdas adições, que o mais ligeiro pensamento era nele figura de algarismo, as testemunhas deste acto o mesmo, porque entercediam, acusavam. Ali não havia para a sentença apelação, nem demora para executá-la, que os Ministros do suplício só esperavam soberana ordem para o castigo de tantas desordens. As portas do favor estavam fechadas pelo agravo, e amortalhada a esperança de merecer pela profia do delinquir. Esta rigorosa perspectiva[135] deixou a Angélica tão turbada, que, esmorecidos os alentos, começou o coração a suspirar entre mortais parocismos. Largou o espelho, reservando só o susto, e começou a desafogar o que sentia neste

[134] Devido à amibiguidade de leituras, optamos por deixar aqui uma leitura alternativa: "Ali a vara da justiça não florecia, porque ameaçava o livro, por que se havia de ajustar a conta, era de tão miúdas adições que o mais ligeiro pensamento era nele figura de algarismo, as testemunhas deste acto o mesmo, porque enterdeciam, acusavam."
[135] "Prespectiva" na edição de 1749.

ROMANCE

Non intres in juditium cum servo tuo.

Quando a contas me chamais,
Que vos esqueceis bem creio
De que só erros de contas
São os cabedais, que tenho.

Se os talentos que me destes
Foram desperdício ao tempo,
A quem foge, como posso
Pedir que pague o que devo?

A moeda com que entrei
Neste contrato, já vejo
Foi lavor da vossa mão,
Na minha o valor perdendo.

Desconheci-lhe os quilates,
Dando-lhe tão baixo preço,
Que o que todo um Céu valia,
Dei por um nada terreno.

Se tão liberal andastes,
Como aqui mudais de intento?
E quando estou mais perdida
Quereis mostrar-vos mais recto.

Triste, afligida, assustada
Da vossa justiça apelo;
Não ao excesso da paga,
Sim da dívida aos excessos.

Dimas

Sei eu que um ladrão chegando
Da vida ao último termo
Uma memória pediu,
E vós lhe destes um reino.

A Madalena

Sei que a lágrimas vencido
O vosso rigor severo,
Destes passage aos delitos
Para contar só extremos.

Não entreis comigo em contas;
Torno a pedir, porque temo
Que pela dívida fique
Eterno o meu cativeiro.

Se as lágrimas são valia
Nesse tribunal supremo,
Já as correntes do meu pranto
Aos vossos pés vão correndo.

Mas satisfeito o temor, passou nos clamores do pesar a incitar as piedades, dizendo:

- Como pode, Senhor, pôr-se em contas convosco, quem nunca as teve comigo? Convosco, que a vossa recta justiça achou nos mais nobres dos vassalos tais infidelidades, que, sendo destinados para validos, estão em eterno degredo? Convosco, diante de quem tremem as maiores potestades, e vos pede o mais inocente não entreis com ele em contas, porque não tem merecimento que o habilite justificado; eu, em quem andam de aposta os vossos extremos com os meus retiros. O mal que pago as finezas com o excesso, que tendes em repeti-las? Eu, que fazendo ao ídolo da minha vaidade sacrifícios do meu cuidado, me descuidei dos vossos sacrifícios? Como posso dar-vos descargos, se me estão acusando os meus distraídos[136] pensamentos? Bem sabeis que não possuo mais bens que os que me destes, suficientes para por eles executar-me, mas não para defender-me. Confesso a dívida, inseparável da alma. Esta vos ofereço em satisfação, porque sempre é do Senhor tudo que adquiriu o escravo; e eu desta escravidão faço todo o meu cabedal e espero que o raio da vossa luz desfaça a minha cegueira. Job

Tinha o Embaixador estado presente aos afectos que nela ocasionou o ameaço do Príncipe, e ela lhe pediu lhos representasse a ele, enquanto se preparava no seu amor novo templo, em que no fogo do amor se queimassem os deslizes de tantas omissões, o que veremos nos mais sucessos.

[136] "Destraídos" na edição de 1749.

CAP. IX.

Non me demergat tempestas aquæ,
neq; absorbeat me profundum.
Psal. 68.

CAPÍTULO IX

No mar de Babilónia naufraga a consideração.

Nos alterados mares soçobrando
Das encrespadas ondas no perigo,
Nas tábuas, que lhe oferece o desengano,
Acha o porto, que tinha já perdido.

Que mal se emendam os perigos, quando desmaia o temor de submergir-se nas ondas quem se entrega às tempestades. Engana a serenidade das águas ao navegante, oferecendo-lhe, em campos de lisa prata, satisfações ao gosto de pisar em delfins de madeira as líquidas correntes que, sendo prisão dos mares, são muitas vezes cárceres das vidas. Embravece-se o elemento aos sopros do vento e em um assopro traga aquele grande edifício em que se criam seguras as que logo são ruínas, e não basta haver tantos naufragantes que dão nos gemidos da dor vozes ao escarmento, para que, passado o conflito, deixe de haver quem se entregue à inconstância do golfo, esquecido já o horror daquele ameaço com que se supunha sepultado o ânimo na confusa turbação do receio. Enquanto a ruína ameaça, assusta o golpe que o pensamento representa; porém, em vendo que a execução tarda, logo o que foi sobressalto se fica como sossego. Os Argonautas não temiam chegar às portas do Inferno, adonde criam se achava o desejado ramo de ouro que buscava a sua cobiça, porque não tinha naquela pavorosa estância perigado até ali a sua vida e, ainda que entendiam o tenebroso da morada, era menos o temor, fiada a esperança em que tardava o castigo e, por uma imaginação duvidosa, se expunham a uma infelicidade certa.

Já a fúria da passada tempestade estava desvanecida, renovando o Sol nos seus resplendores a serenidade ao dia, o prado nos risos da aurora mandava vestir de nova gala as flores, alvoroçando os ânimos o afinado clarim das aves. As fontes já não murmuravam, porque alegres só corriam. Tudo convidava a respirar, sepultado o que tinha dado que sentir, de que, convalecida Angélica e retiradas as sombras em que se lhe representaram as suas ruínas, começou a se alentar no que a fizera esmorecer. Recordava-lhe a memória os passados ameaços para temê-los, mas também a persuadiam[137] os divertimentos para desejar segui-los. Repetia os protestos de não ofender a sua fé, porém queria respeitá-la sem que o gosto batalhasse com o sofrimento, parecendo-lhe dura guerra estar sempre com a mortificação em campanha. Mal armada entra Angélica na conquista, e muito duvidosa lhe considero a vitória, que quem não corta de todo as amarras que a prendem facilmente empreenderá[138] nova viagem em que perigue. Já lhe parecia cerrado aquele livro, por que se vira executada, e riscadas do miúdo da conta as dívidas para que não chegavam à satisfação os seus curtos cabedais. E, alentado o ânimo, que enfraquecera o receio, se prometia favoráveis piedades, crendo grande parte para alcançá-las o tíbio afecto com que desejava consegui-las, não tendo que alegar no merecimento, porque se não deixava a si por amar o Príncipe, sendo ele no seu amor tão melindroso, que se não

[137] "Presuadiam" na edição de 1749.
[138] "Emprenderá" na edição de 1749.

obrigava de quem para penhorar-se lhe entregava um coração partido, quando ainda inteiro era pouco para sacrifício: que fineza que reserva atenções com o gosto é comodidade, e não é fineza. Admiração de Roma foi o valor com que um dos poderosos daquela majestosa corte, vendo acender na praça o fogo em que, por sentença dos juízes, haviam queimar uma dama a quem ele amava com tanto extremo, que preferia o seu amor ao mais amável, que é a vida própria. E ele, desprezando aquela metade que dela lhe ficava, voluntariamente se lançou na mesma fogueira, acrescentando com a sua morte novo holocausto à lástima e mais afinados ecos à fama.

Esta façanha da cegueira, este arrojo da inconsideração que, sem interesse do prémio, obrou alucinado o discurso, tivera desculpa[139] se a executara a razão, alumiada do conhecimento, dando o amor actividades às chamas que suavizam como resplendores, e não às que queimam como lavaredas, adonde tantos amantes dos ídolos de Babilónia são das suas fornalhas vivas brasas, sem nunca chegarem a reduzir-se a cinzas, que esta é a maior infelicidade daquela falsa adoração. Entre o temor e a confiança detido o seu pensamento, se achava Angélica, quando entrou um pajem que a servia, a que chamavam Divertimento e tinha aceitação de todos, porque tinha invectiva nas ideias, graças nos chistes e engenho para divertir as imaginações que costumam a entristecer[140]. Perguntou-lhe ela por que viera sem o chamar, quando não estava para o ouvir. A que ele respondeu:

- Este é, Senhora, em mim o mais estimável: chegar quando tenho em que sirva, ainda que me não chamem, que quem está triste não me busca e quem alegre, em toda a parte me encontra, que nem todos estão como vós, de candeias às avessas com a vida, e sem deixardes[141] que fazer ao feio aspecto da morte. Tudo para vós é sepultura de vivos e nunca dais dia à ressurreição dos mortos, adonde, muito prezada destes[142] fantasmas do temor, assombrais o que sois nas considerações do que sereis. Lá fingiram os poetas que a estátua do deus que adoravam, sendo de insensível mármore, em lhe tocando os raios do Sol, se ouvia dentro dela uma acorde harmonia, por ensinar aos que lhe davam culto que o mais puro do sacrifício era o alegre do ânimo. Celebrava a estátua a formosura daquele planeta e queria que o coração humano, na bem adornada fábrica do mundo, também empenhasse os sentidos, para não deixar inúteis os afectos. Vede-vos vós no cristalino espelho daquela fonte que a alegria das damas é contemplar-se formosas, e deixai o susto para a palidez das caveiras, que eu não acho graça no que se espera, senão só quando recreia.

"E que prevenção há-de haver para o infalível do mal, se, ao executar o golpe, não estiver prevenido de antemão o remédio?"

Respondeu Angélica:

- Pouca esperança pode ficar da saúde a quem não cuidar na causa para evitar a ferida.

- Mártires do cutelo (disse ele) sei eu que fizeram os Dioclecianos, mas da sua mesma esperança só vós sois o tirano, privando-vos a vós dos atractivos de flor e ao mundo das maravilhas de estrelas, como se as louçanias das Primaveras tirassem a

[139] "Disculpa" na edição de 1749.
[140] "Entristicer" na edição de 1749.
[141] "Deixares" na edição de 1749.
[142] "Destas fantasmas" na edição de 1749.

capa aos desabrigos do Inverno. Vamos ao mar, Senhora, que no claro das águas se vem melhor as perfeições[143] da natureza; e não seja tudo pisar a terra das sepulturas quem pode ter império no precioso dos diamantes. E lá, no dilatado do golfo, achareis exemplos de desdém nos desvios da formosa Galateia, e de fineza nos do grande Polifemo; e, ao som das ondas, também eu, com as sereias, vos daremos música, que já começo a ensaiar assim:

Das cadeias de um temor,
Bem limado o ferro duro,
Desatar-vos já procuro
Mártir não, mas confessor:
Se vos não prendeu amor,
E de seus tiros zombais,
Para que vos retirais?
Quando é da vida coroa
Vida boa

Se quando a aurora amanhece,
Então de Morfeu nos braços,
Apertar do sono os laços
É o que mais se apetece,
Como este bem desconhece
Vosso desvelo[144], e cuidado,
Se no mal de desvelado[145]
O descanso vos entoa
Vida boa

Quando dessa ardente esfera
O Sol sua luz retira,
E em sepulcro de safira
Renascer brilhante espera
A flor, a ave, e a fera,
Seu sossego ambicionando;
Mudamente estão clamando
À flor, à fera, à pessoa
Vida boa

Como vós com melhor alma,
Entre aflições do cuidado,
Do futuro, e do passado
Teceis vossa dura palma;
Negando em custosa calma

[143] "Prefeições" na edição de 1749.
[144] "Disvelo" na edição de 1749.
[145] "Disvelado" na edição de 1749.

Os ouvidos à fortuna,
Que em ocasião oportuna
A vosso favor pregoa
Vida boa

Deixai sustos, deixai medos,
Que o divertir é viver;
Quem mais alívios tiver,
Da sorte pisa os enredos
E são do inferno arremedos
Os laços do sofrimento,
Em que, apurado o tormento[146],
Não deixa ouvir quem entoa
Vida boa

Se sois Náiade, ide aos mares,
Se sois flor, aparecei,
Se estrela, resplandecei;
Se Pomona, ide aos pomares;
E não cuideis em azares
Da sorte, formosa ou feia,
Se é giganta ou se é pigmeia,
Quando o gosto vos atroa
Vida boa

Gostosa estava Angélica, ouvindo o donaire com que o Divertimento a persuadia[147] a deixar as sombras da sua apreensão pelos alegres empregos em que passa as horas quem não tem conta com a pressa com que passam. Quando o grande Alexandre chegava a sitiar alguma cidade, mandava acender uma tocha à vista dos sitiados e lançar bando, que se enquanto a luz da tocha não consumia a matéria com que ardia se rendessem, lhes concederia a vida; mas logo que a chama acabasse de luzir, deixariam eles de viver, perdendo nos fios da espada os alentos com que sustentavam a resistência. Estimava o Monarca o triunfo e, para consegui-lo, entendeu que as mais valentes armas eram as asas com que o tempo voa, dando à vida, em cada voo, uma ameaça, e desta astúcia se valia para o que a menos custo dos golpes lhe alcançavam os temores do juízo que os esperava. E a quantos ignorantes não aproveitam estes avisos? Soam os desenganos na voz das experiências: vem o cutelo da Parca sempre levantado para cortar o fio da vida, e passa-se a vida como se não fora forte aquele braço e delgado aquele fio. Se o entendimento se não embaraçara nas inúteis fábricas que representa, não chegaram os males, quando já são impossíveis os remédios. Mas estas são as condições em que se dilatam os ânimos dos professores de Babilónia, adonde se cortam as galas da mesma peça das cinzas.

[146] "Tromento" na edição de 1749.
[147] "Presuadia" na edição de 1749.

A inconstância que em Angélica tinham os protestos a despenhavam cada dia a novos perigos. Parecia-lhe que já nos laços da firmeza tinha segura a sua vontade, sem advertir que a qualquer ar das ocasiões se quebravam aqueles laços e tornava a se fazer natural daqueles países a mesma que acabava de segurar-se estranha das suas leis. E, entregue ao seu pensamento todo o domínio na razão, deixava a razão cativa do seu pensamento. O mar estava sossegado, as ondas faziam o seu movimento duvidoso, porque o vento lhe não alterava o pacífico e, rendida a fúria do Bóreas, se sujeitava às suavidades do Zéfiro. As águas eram cristalino espelho e não alterado golfo, as embarcações nadavam, porque os mares as não investiam[148]; a marinha se via povoada de concurso dos que adonde mais se perdem lhe parece que se não arriscam. E entrou Angélica no discurso de que não seria só para ela naufrágio o que para os mais era só entreter[149] o tempo. Lembrou-se de que o mais fervoroso vassalo do Príncipe, e em quem descansara o mais importante da sua monarquia, e o fizera pedra fundamental da sua confiança, ainda que por servi-lo deixara barcos e redes no mar de Tiberíades, adonde uma vez se tornara a embarcar, lograra a fineza de lançar-se à fúria das ondas, porque o excesso do seu amor novamente se acreditasse nesta valentia. Também ela acharia que alegar pisando, como vassala, aquela cristalina praça, que era dos estados da mesma coroa e não lhe estava proibida para passeá-la, quando a grandeza que via incitava o que respeitava. Determinou-se a dar ao gosto cor de rendimento, que é grande engenheiro o amor-próprio para ajuntar materiais sobre que fundar as suas fábricas, dourando-lhe os deslizes, para que pareçam menos culpáveis. Embarcou-se, levando por piloto o Divertimento, e logo na variedade a que se entregou soçobrou a memória e deu à costa a cautela.

S. Pedro

Andava no mar um pescador tão destro, que das suas redes só livravam as pérolas que no resguardo das conchas se escondiam. Nem a cândida Dóris escapou de sua tributária, nem o poderoso Nereu de render cultos ao seu império, não valendo a severa isenção das Ninfas para frustrar o lanço às suas artes. Dilatou Angélica os sentidos pelo largo campo das águas que, quebradas no liso das pedras, até nas suas escumas acha a vista lisonjas; e o foi igualmente aos ouvidos a música do pescador que, chegando o seu barco ao em que Angélica andava, cantou estas

O amor-próprio prende os sentidos.

ENDECHAS

Amaina ya las velas,
Pobre barquilla mía,
Que el mar al Cielo sube,
Viendo que el Sol le pisa.

En sus olas de plata
Soberbia se divisa,
Pues la Estrella de Venus
En sus aguas se mira.

[148] "Envestiam" na edição de 1749.
[149] "Enterter" na edição de 1749.

Advierte cuánto hermosa
Sobre la blanca orilla,
Es oriente del Sol,
Siendo del Alba[150] envidia.

Prende las libertades,
Que mirando cautiva,
Y de su esclavitud
Ni el mismo amor se libra.

En sus ojos aprende
La bella luz del día,
E por arder en ellos
Nuevo ardor resuscita.

Tristezas divirtiendo
En Caribdis, y Cila,
Cuando el gusto se salva,
Todo el amor peligra.

Han dado en retirarse
Traviesas sus dos niñas,
Porque sin verlas muera,
Quien por verlas suspira.

No te ocultes, le dice
Un alma, que rendida
En los grillos, que arrastra,
La vida sacrifica.

Logra las primaveras
Sin susto, que te oprima,
Que quien te dió belleza,
No que la adoren, quita.

Y pues a tus luzeros
No hay pecho que resista,
Permite[151] que el amor
Sus saetas te rinda.

Al bello rosicler,
Que adorna tu mejilla,

[150] Emndou-se *alva* para *alba* pelo facto de, em português, a palavra conhecer oscilações entre *alva* e *alba*, tendo como étimo latino *albu-*. Desta forma, optou-se por actualizar a grafia.
[151] "Premite" na edição de 1749.

No es justo que un temor
De palideces vista.

Deja vanos antojos,
Que opuestos a tu dicha,
De opacas sombras cubren
En ti la luz del día.

Para escapar ao naufrágio, cerra o marinheiro os ouvidos à suavíssima música das sereias, que, atraindo as atenções do navegante, perdem os sentidos, o norte e erram a viagem. Escutou Angélica as vozes da lisonja e, em as empinadas ondas da presunção, se foi a pique o conhecimento, e perguntou ao Barqueiro:

- Dize-me a que Deidade marítima se dedicam os votos do vosso rendimento, que se, como persuadir[152], sabeis sacrificar, muito favorável será o despacho alcançado, não só pela melodia da música, mas pelo bem explicado do afecto.

Ao que ele respondeu:

- Eu, Senhora, vejo a quem me rendi. Mas não entra na pretensão[153] tão segura a minha esperança, que ainda que me podem animar as forças, deixem de assustar-me as dúvidas, temendo me fique contrária a sorte, quando as oposições a tem tão baralhada, que receio seja para mim azar o que para outrem for ventura.

- Muito alto preço deve de ter o vosso triunfo, se o comprais a custo de tanto sobressalto (disse ela), e quem entra nas batalhas com desmaio no ânimo é o primeiro que nega o seu merecimento.

- Confesso (disse ele) que tenho contrário mais poderoso e que para contender é menos a minha justiça. Porém, não é a primeira vitória que ganha a vontade sem consultar a razão, e a vossa será quem me dê a coroa, se escutardes[154] a minha persuasão[155] sem dar ouvidos a quem vos sabe introduzir[156] agouros. Vede-vos bela, e acabareis de resolver-vos a não vos tratardes[157] como inimiga, negando-vos àqueles aplausos que costumam dar galas à formosura, que para isso, sem dependência do estudo, criou Deus no diáfano cristal das águas tão cristalinos espelhos, em que retratadas as suas perfeições[158] se estimem pelo que valem.

- Grande pregador tem em vós as minhas imaginações (respondeu Angélica) e não deixa o discurso de achar algum oculto fim neste, que parece acaso e se vai introduzindo aviso; porque divertir o ânimo não é ultrajar o respeito, e Deus dá às criaturas tempo para tudo.

- Ora certo que este barqueiro (disse o Divertimento) algum parentesco deve de ter com aquele grande Aqueronte, e me persuado[159] andariam ambos na mesma

[152] "Presuadir" na edição de 1749.
[153] "Pertensão" na edição de 1749.
[154] "Escutares" na edição de 1749.
[155] "Presuasão" na edição de 1749.
[156] "Entroduzir" na edição de 1749.
[157] "Tratares" na edição de 1749.
[158] "Prefeições" na edição de 1749.
[159] "Presuado" na edição de 1749.

barca, porque se ele dá forças à cobardia, para vencer a vossa tristeza até os montes levará pelo rio abaixo, e de ambos contaremos a mesma façanha.

Divertida nas malícias do Criado e curiosa das subtilezas do Barqueiro estava Angélica, quando sobre o eminente de um bruto e tosco penhasco viu um como marino monstro que, desmentida nele a presença de humano, se fazia só natural ao sobressalto. O aspecto severo, os olhos cintilando fogo, o vulto agigantado, os braços pareciam dous movediços troncos. Vestia duras conchas e, tocando um grande búzio que lhe servia de trombeta, despertou os descuidos, para que na sua rouca voz lhe escutassem estes avisos.

Válgate Dios por fortuna,
Dicen las flores del valle,
Ayer lisonja del campo
Cuando hoy desprecio del aire.

Allí el jazmín peligrando,
En los ardores, que esparce
El Sol, cuando de Io hermoso
Airados desprecios hace.

Te enseña, errada hermosura,
A temer, que en tu desaire,
A la luz del desengaño,
Se aclaren tus vanidades.

¿Si tan ruidosos estragos
Miras, como antes que acabes,
No despiertas del engaño,
Que duerme al son de tus males?

¿Si intentas burlar del tiempo,
Cómo dejas que te engañe,
Negándote a los sentidos
La fe de tantas verdades?

Si en mentidas ilusiones
Está el discurso cobarde,
Mira, que el viento las lleva,
Aunque del viento renacen.

Deja locos pensamientos,
Antes que tus ceguedades
Te muestren el escarmiento
Que al fin llega, aunque más tarde.

Os ardis na guerra são créditos de valor e testemunhas da ciência que, para acertar nas conquistas, muitas vezes são as indústrias as que seguram as vitórias. Era o amor do Príncipe extremoso sem igualdade e, para ser conrespondido, como era amante, dava ele as armas que haviam de ganhar a sua mesma coroa. Viu que não bastava o sem-número dos benefícios para evitar em Angélica os tropeços, podendo mais com ela, para prendê-la, o breve laço de um divertimento, que a rija cadeia de tão crescidos interesses. E cansada a grandeza da Majestade de ver o seu respeito tantas vezes atropelado dos descuidos, mandou que nas vozes do temor lhe soassem os avisos, antes que a profia dos agravos fizesse os castigos inevitáveis, género tão novo de fineza, que só no seu amor se via praticado.

As ofensas, nos amantes, costumam ser sepulcro dos afectos, porque ou a vingança os destroça ou o retiro os esteriliza[160], fazendo o coração pundonor de não perdoar o queixume, que é ultraje do respeito; mas tão outros são naquele real peito os excessos, que parece que agravos são para o seu amor maiores estímulos. E quis aqui que obrasse o temor oculto o que não tinha vencido a piedade manifesta, porque em entrando a combater os protestos da fé aquela fragilidade do barro em que Angélica teve o seu primeiro princípio, esmoreciam os fervorosos impulsos do agradecimento, ficando a dívida só por conta do descuido. Advertia ela no despenhado dos seus passos, considerando-lhe os perigos; mas logo perigava outra vez a memória, fugindo da consideração, que esta variedade é o morgado de que nasce dotada a humana natureza. Tornou em si, cobrada a razão, que estava detida nas redes da inconstância e, querendo pelas seguridades do porto trocar o arriscado dos mares, começaram a embravecer-se as ondas, a que iam açoutando os ventos, declarando estes dous elementos tão impetuosa guerra, que cada um esforçava a fúria com que se combatia. O mar com balas de escuma significava a sua cólera e o vento as rebatia nos fortes assaltos com que as humilhava. Os Tritões deixavam as águas pelas areias, medrosos dos seus encontros; as aves, embaraçados os voos, caíam no precipício de que as não livravam as asas; nas embarcações gemiam os mastros, quebravam-se os remos e, despedaçadas as velas, tudo era estrago das fúrias, e os ânimos amortecidos esperavam o último termo da vida no alterado golfo, que lhe ameaçava a morte. Crescia a tempestade, porque o vento das vaidades fazia inchar as ondas da tribulação, aumentava-se o sobressalto no arrezoado do castigo. A vontade resistia o remédio; o entendimento delirava nas proposições da tribulação; a memória representava o de que mais se afligia; a imaginação a todo o discurso se opunha; já se alentava nas esperanças e logo desfalecia nos receios. Neste tremendo conflito aplicou Angélica a vista, por ver se na terra achava quem a socorresse para os perigos do mar, e viu que nela estava sentado o Príncipe, como testemunha da sua tribulação e como quem se não lastimava do seu naufrágio. E ainda que conheceu justa a sua ira pelos descaminhos que em si não ignorava, se lembrou de que, naquele real e magnânimo coração, não se extinguia a misericórdia a persuasões[161] da justiça, antes achava sagrado na benignidade quem se rendia a pedir o socorro, ainda que fosse só pela dependência. As aflições do susto ou as dependências do remédio, fiada na fineza do Príncipe, a obrigaram a dizer-lhe:

[160] Estereliza" na edição de 1749.
[161] "Presuações" na edição de 1749.

Senhor, pois de Céu e terra
És tu das luzes a luz,
E o esplendor que produz
Tua luz sombras desterra,
Esta tormenta, que serra
O passo à minha esperança,
Se transforme em mar bonança,
Salvando-se o meu cuidado
Do rigor ameaçado,
Pondo em ti a confiança.

Nos desacertos do susto, travada na lida dos receios a respiração, continuaram os suspiros dizendo:

- Olha, Senhor, que submergida nos altos mares dos meus delitos, vou por instantes perigando nos abismos. Salva-me, que pereço, pois só tu, neste labirinto de ondas, podes salvar-me. Engolfei-me no proceloso mar de Babilónia, mostrando-me em aparências o divertimento[162] os seguros para a vida e, nesta enganosa perspectiva[163] do gosto, vejo se vai a pique toda a confiança; guie-me o farol da tua clemência, antes que me acabe de fundir a tempestade. Bem conheço que estas máquinas, com que os Babilónios encobrem os mesmos danos que induzem, são uns densos vapores da terra que, entregues ao ar, nele quem os busca em nada os cobra, como viram no alterado tumulto das suas paixões os Assírios contra os Medos, os Medos contra os Persas, os Persas contra os Gregos, e contra todos esses os Romanos, destruindo e dissipando o mesmo de que se animava a sua ambição. E de toda esta conquista, que interesses lhe lucrou o seu trabalho, mais que mostrar-lhe o desengano, que o mesmo espelho em que se lhe representava a ventura lhe figurava a mortalha. Mas este cristal do conhecimento, escurecido das sombras do deleite, se hoje me alumeia, amanhã me cega e torna a persuadir-me, riscando da memória a mesma luz que dá o entendimento, deixando-me, só para não perder-me nas duras rochas da minha cegueira, buscar em vós quem me resgate.

Há majestade de tão ilimitáveis poderes, que se estende o seu domínio às mais eminentes esferas, prende os mares, sujeita os ventos, governa os orbes e os mesmos astros lhe rendem obediência. Mas de todo este império triunfa o amor, dando à fineza tão livres jurisdições, que vence as leis da justiça. Estava a fúria dos mares querendo ser cutelo das culpas e, quando o ofendido podia ficar vingado, se mostra mais enternecido[164]. E, porque não perecesse a que amava, se ostentou, esquecido de que o ofendia. Socorreu liberal o perigo do naufrágio, mandando destro piloto que atalhasse o que o temor já representava infalível, porque na grandeza daquele coração são desquite das ingratidões o multiplicado das piedades. Para Argonautas fazerem ditosa a sua viagem, deu Minerva permissão para se fabricar a nau Argos do tronco de um carvalho, a que ela tinha dado fala e ciência, para que pudesse advertir aos

[162] "Divirtimento" na edição de 1749.
[163] "Prespectiva" na edição de 1749.
[164] "Internecido" na edição de 1749.

navegantes os perigos e se livrassem de cair neles. Diz Plínio que esta nau fora lavrada com preeminência da Deusa, incorruptível aos assaltos das ondas e aos incêndios das chamas. Isto que lá foi ideia na gentilidade se vê aqui na experiência, sendo o amor do Príncipe quem, no inquieto mar de Babilónia, com cientes inteligências, ensina a fugir dos duros escolhos que costumam levar a pique aos que fiam das suas marés, adonde são certas as ruínas. Desenganem-se os descuidados, que só as cautelas livram da voracidade das chamas, sendo quem melhor as apaga os que pelo enternecido[165] dos afectos se embarcam no mar das lágrimas. Chegou Angélica a terra, por benefício da clemência do Príncipe, que, alargando o braço como poderoso, a livrou do perigo, deixando-a ponderar os repetidos estragos que nela faziam os desacordos, para que, advertindo, não falta a misericórdia, ainda que erita[166] a culpa, e sepultando as grosseiras névoas que fabricou a presunção de formosa nas ondas das suas confusões, temesse outra vez desembainhada a espada da justiça. Sem levantar os olhos ao seu benfeitor, se rendeu agradecida nos profundos actos do arrependimento e, acompanhadas as lágrimas dos protestos da emenda, dizia:

- Já, Senhor, que me recordam os mesmos precipícios que me ameaçam e excedem as minhas dívidas o sem-número dos vossos agravos, pois tirais da mesma ofensa motivos que manifestam a vossa grandeza, sepultem-se os meus deslizes no dilatado mar do vosso amor e, repetido o voto que consagro ao vosso respeito, ficará novamente vosso um coração que a cada passo se perde, porque é meu. Sejam vossas as fortalezas, porque outra vez as não destruam as minhas ignorâncias. Confiado o seu remédio no vosso amparo, entro a pretendê-lo[167] no memorial que vos apresento neste

ROMANCE

Já, Senhor, desatado o laço duro,
Com que o mar alterado ameaçava,
As tábuas do naufrágio sacrifica
Nesta clemência a minha fé fiada.

Fragilidades são do humilde barro
Estas, em que a memória tropeçava,
E de que já punida a inconstância,
A firmeza vereis eternizada.

Se olhais para o delito, quem duvida
Que o coração nos sustos se desmaia,
Quando, segura a pena do castigo,
Serdes[168] vós poderoso, e eu culpada?

[165] "Internecido" na edição de 1749.
[166] Não encontrámos o significado desta palavra em nenhum dos dicionários referidos. No entanto, propomos, como sua origem, o étimo latino *eruto*, do verbo *eruo*, que significa "tirar", "extrair".
[167] "Pertendê-lo" na edição de 1749.
[168] "Seres" na edição de 1749.

Mas dessa mão divina o favor pede
Uma alma dos rigores contrastada,
Qual a Eneias será destro piloto,
Que o rumo tome na segura barra.

Entre as iras de Cila e de Caríbdis,
A teus braços me arrojo confiada,
Voto fazendo seres tu meu norte,
Que ao cabo feliz vá minha esperança.

Entendia Angélica que o Príncipe a escutava, compadecido, mas ele, em a pondo na sua liberdade, a deixou, até que o voto tivesse desempenho e, depois de experimentada a perseverança[169] do rendimento, se fizesse ela acredora do prémio. Este só foi o castigo do delito, mas não se negando a benignidade aos ocultos socorros, acrescentava em cada respiração os benefícios por empenho do amor que a favorecia, apesar dos agravos que ela não emendava. Veremos se se emenda o esquecimento no discurso da história.

[169] "Preseverança" na edição de 1749.

CAP. X.
Concupiuit anima mea desiderare iustificationes tuas. Psal. 118.

CAPÍTULO X

Volta as costas aos precipícios para seguir os acertos.

Já dos falsos enredos Babilónios
Cobrada a luz, que tinha amortecido,
Do luzido farol da fé guiada
Angélica vencendo vai o perigo.

Quem se arma da luz triunfa das sombras. Não há mais seguro norte para acertar a carreira da viagem que seguir o brilhante resplendor de uma confiante fineza. É âncora tão incontrastável, que nem os mais furiosos mares podem destruir-lhe a fortaleza. Já as experiências eram mortalhas das esperanças, vendo que aos primeiros impulsos das venturas faltavam as promessas, ficando de Babilónia só as confusões. Discorria Angélica pelos inúteis empregos que lhe tinham custado tantos cuidados e conhecia que só o susto dos cuidados tinha lucrado dos empregos. E nos dilatados espaços da sua consideração entrou a verdade a dar leis ao discurso, medindo os instantes com que em aparentes fortunas a enganava o desejo com os infalíveis desenganos que se seguiam àquelas promessas. Via que nas asas do tempo em apressados voos se tinham levado os ares tantos anos, sem deles ficarem mais testemunhas que as recordações de que passaram para a dor, e a constância do amor do Príncipe, com quem andava de aposta a teima da sua ingratidão dela. E, fazendo-se cargo do próprio desagradecimento, se perguntava a si mesma a razão de deixar, por conta dos descuidos, o desempenho de tantos extremos.

Deus a todos socorre com auxílios.

- Já é tempo (dizia ela) de despertar do letargo em que, sepultado o entendimento, só atendia às ilusões com que nas farsas de Babilónia achavam grilhões os sentidos, cegos para não reparar, que ali tudo que diverte arruína. Quantas vezes busquei no aprazível dos campos deleitar a vista no vistoso das flores e logo me atemorizava o veneno dos Áspides, vendo o estrago do que sou na facilidade com que elas perdem a formosura do que parecem. Os rios, que corriam arrebatados cristais, se eram espelhos em que me retratava, também eram aviso de que a vida com o mesmo voo se precipitava. Se os mares me ofereciam palácios de prata sobre alicerces de pérolas, logo se levantavam em coléricas montanhas para serem sepultura das vidas. Aquele ídolo da ambição de que, adornada a minha vaidade, enchia tesouros a ideia, que é senão uma pequena porção de terra, que para ser em mim opulência tinha sido para muitos já sepultura? Aqueles diamantes de que a presunção fazia gosto são mais que umas luzes que furta a estimação ao que é, para a dar ao que parecem, sem passarem de ser veneno dissimulado em pedra, que a forças da invenção brilha. Quantas vezes as lisonjas de Babilónia me convidaram o gosto para o que parava nos golpes do sentimento. Persuadia-me o aplauso de formosa a dar créditos a mentidos extremos; mas logo encontrava o desar[170] de que me negasse deidade, quem me conhecia humana. Que amor houve que, na inconstância, não desluzisse a mesma fineza que exagerava? E ainda nos dias que dura, que sossego não ameaça? Enquanto

[170] Segundo o Padre Domingos Vieira, defeito físico, imperfeição, mancha, nódoa, falta, acção pouco airosa, vício, defeito, deslustre.

persuade com visos de afecto, é delírio do coração nos desvelos[171] do cuidado, e logo que desmaiam os seus impulsos, nas imaginações do agravo forma fantasmas o ciúme, que com agudos punhais martirizam até a alma, que inquietam, e nem na mais empenhada conrespondência acham os desejos cabal satisfação, porque nesta Babilónia, a que chamam amor, nunca podem achar satisfação os desejos. Tudo pára em uns fumos que, desfeitos no ar de que se formam, nem nos ficam fumos do que foram. E com estes nadas levantam os Babilónios edifícios à confusão, para que o desacordo dos que nas suas redes cativam não acertem a quebrar os grilhões de que deixam prender-se; e que por este infame delírio me negasse eu ao amor do Príncipe, em que cada dia multiplica os excessos, sem que nem o tempo arruíne a fineza, nem a essência me possa mudar a fortuna. Agravo é este que só cabe na sua tolerância e em mim é delito a que nem a inconsideração pode ser desculpa[172]. Do amor do Príncipe é medida a mesma eternidade, que na sua constância não tem termo as horas, assim como nos outros desiguais empregos parece se contam por eternidades até os instantes. Pois que faço? Que deixo prender-me pelo débil fio de um cabelo, quando por um cabelo deixou aquele Monarca prender-se! Seja este conhecimento sepulcro do passado desatino, caiam os falsos ídolos a que levantava altares a minha cegueira e seja o firme aço de um *não quero* o escudo que derrube trocidas as setas que ao meu coração venham disparadas. Sem que possa dizer-se de mim que acertou um cego mais que um lince. Seja o meu peito, de quem por ele foi amor vendido e não se atreverá a conquistá-lo o amor vendado. Não desmaiem outra vez as proposições do acerto, recaindo nos perigos do mal considerado. Acabe um firme propósito de pagar benefícios, de destruir errados pensamentos. O Príncipe é escolhido entre milhares, e não há flor no campo que se compare a esta flor. Não haja também em mim mais suave ramilhete com que se adorne o meu peito.

Ego flos campi.

Estes firmes afectos estavam batendo às portas do entendimento de Angélica, quando, ao som de caixas marciais e sonoros clarins, viu que atravessavam a praça dous bem formados batalhões de soldados, que pareciam querer desafiar as esferas ao esgrimir as armas. Eram os dous Generais ambos de galhardo aspecto e grandes forças, ainda que em um era a valentia essência e, em outro, indústria. Deste eram as armas venenosas flechas, daquele, abrasadas chamas. O das flechas atirava vendado e coberto o rostro, o das chamas, com o peito aberto e só do coração defendido. No escudo, em campo azul, trazia pintada uma esfera e nela umas tábuas em que se divisavam dez cifras separadas com esta letra: *Com estas Céu e Terra se conquista*. O das flechas tinha no escudo pintado o Ar, escurecido de nuvens e cheio de asas, com esta letra: *Quanto mais venço, mais voo*. Chegaram à vista de Angélica, e sobre uma coluna de mármore, que se levantava no meio da praça, fixaram um cartel, que dizia:

Amor divino e amor humano

Tábuas da Lei

Com três lanças conquistar
Amor uma alma pretende[173];
E sendo amor quem defende
Sempre amor há-de triunfar.

[171] "Disvelos" na edição de 1749.
[172] "Disculpa" na edição de 1749.
[173] "Pertende" na edição de 1749.

Tocaram os clarins a alvoraçar os ânimos e, ao partir do Sol, disse o das flechas:

Se a render um coração
De amor um só tiro basta,
Quando uma lança contrasta,
Três lanças para que são?

Ao que respondeu o das lavaredas:

Porque sendo triangular
A força de amor benigno,
Vença o poder de amor trino
Empresa que é singular.

Trindade Santíssima

Indecisos estavam os dous combatentes ao rompimento da batalha e, conhecendo o das lavaredas a fraqueza do seu contrário, lhe disse:

- Não há contender sem constar o justo ou injusto da demanda, porque não fique a vitória só em abono das forças, mas com desar da razão. A praça de uma alma pode entregar-se mais por impulso da vontade que pelos golpes da ira. Saibamos a resistência e entraremos na peleja com mais coragem[174].

- Vós fiais-vos nas vossas forças (respondeu o das flechas), e eu só nas minhas experiências pudera fiar-me, que ao veneno das setas não resistem nem penhascos. Vede como delas se livraram corações, sabendo eu neles introduzir tais efeitos, que fica natural com a vida o mesmo que lhe dá morte.

- Se eu suspender os esforços (disse o das lavaredas), serão vossos os triunfos, que para ganhardes[175] o campo é preciso que eu lhe volte as costas; mas para que vejais que em vós o vencer é muito diverso do investir, e vos não fique a vaidade de que eu quero um alvedrio forçado, quando devem ser meus voluntários os alvedrios, atirai a primeira seta, que eu vos dou a primazia, porque seja mais manifesto o vosso desengano.

Atenta tinha estado Angélica ao que entre os dous passava, e tão desiguais eram os efeitos que no coração sentia, que, inclinada ao das lavaredas pela suavidade do incêndio, desejava dar-lhe a vitória sem lhe custar a conquista. Tudo nele achava íman para atraí-la, como no outro temor para desagradá-la. Obrigada deste amante impulso, começou no mais vivo do coração a falar-lhe nesta

DÉCIMA

Dessas lavaredas logo
Me abrasou uma chama activa;
Porque o meu coração viva,
Qual salamandra entre o fogo.
Seja ao peito desafogo

[174] "Corage" na edição de 1749.
[175] "Ganhares" na edição de 1749.

Este mesmo ardor intenso,
E do coração no lenço
Com um vivo raio daqueles,
Retrate amor, novo Apeles,
De tal fogo o fogo imenso.

Não se lhe ocultavam ao galhardo combatente esses afectos, porque como para ilustrar tinha ciência para conhecer o mais interior dos pensamentos e sabia que, adonde ele punha os olhos, se lhe rendiam as liberdades e, tendo-os aplicado a Angélica, sem mais balas que estas luzes ficariam vencidas as sombras. O seu contrário, a quem se ocultava este mistério e esforçava as suas esperanças no desacordo das cegueiras, inficionou as setas no veneno das lisonjas, por saber que eram estas as balas que naquele país alcançavam maiores vitórias, e pondo-se adonde Angélica pudesse ouvi-lo, lhe disse:

Bella envidia del prado,
Del corazón imán;
No me niegues el triunfo,
Que en fe de tu belleza he de alcanzar.

No burladas mis flechas
Dejes, porque será
Afrienta a mi poder
El ardor de mis llamas despreciar.

Deja que amantes cultos
Ofrezca a tu Deidad,
Finezas de diamantes,
Constancias de invencible pedreñal.

Deja vencer tus ojos,
En quien Cupido está
Saetas envidiando
Para añadir mas gloria a su carcaj.

Bem sabia o das lavaredas que a vontade de Angélica estava inclinada a deixar inúteis estes combates, porque, sacrificada em melhores aras, queria pisar as setas por império da luz que no entendimento lhe tinha amanhecido. É o coração fiel contraste dos afectos e, em ocultos avisos, costuma distinguir a utilidade dos alvoroços. Para retratar a virtude dos deuses pintavam os antigos um Sol, que com um só raio partia uma penha, achando que à dureza de um penhasco bailava uma relíquia da virtude divina para contrastá-la. No peito de Angélica obrou o mesmo milagre, comunicado um só resplendor.

Santa Quitéria

Aquelas sete famosas heroínas, suavíssimos clarins, que na sua constância deram maior glória a Portugal na invicta coroa com que as ilustrou o martírio, Quitéria

e suas irmãs, inocentes jasmins, que na Primavera do seu primeiro Abril alcançava a sua formosura vítimas que lhes rendiam as liberdades, foram conquistadas do carinho de um rei amante. E, ameaçadas do poder e da tirania, não permaneceriam[176] valerosas em desprezar os rogos, se, ilustrada a alma de mais veemente impulso, lhe não dera as armas para alcançar as vitórias, e as que eram impenetrável rocha aos assaltos da peleja renderam o coração ao toque de uma interior ternura, que acendeu no discurso, ponderando mais úteis finezas, trazendo-as a comprar com o preço das vidas o incomparável prémio destas finezas.

Já Angélica estava no acertado acordo de fazer só cabedal do amor do Príncipe e lhe introduziu o pensamento que não podia ser outro senão ele o que, com tão activas chamas, combatia o forte do seu peito, e desejava fosse ele quem o ganhasse.

Não cessava o flecheiro de repetir os tiros, uns rebuçados nas adulações da formosura, outros introduzidos nos suspiros da pretensão[177]. E de umas e outras balas, combatido o ânimo da singela aldeã, inclinando-se ao das lavaredas por íntima atracção, alguma consonância lhe fazia o ruído daquelas vozes que soavam divertimento, e escutava a vaidade do próprio gosto. Não há coração partido que para soberano holocausto não chegue indecoroso, bastando a repartição de um pensamento a deixá--lo indigno de aceitado. Nem vale, para ficar purificada a vontade, não fazer gosto da prisão, porque é necessário cerrar de sorte os ouvidos aos ecos da ofensa, que, ainda antes de pronunciados, se despreze aborrecidos: que quem escuta facilmente se afeiçoa, e não há peito tão dilatado, que sem agravo de um amor possa escutar dous amores. Permaneça na memória o que deve ser único na vontade e não se arrisque a cair no laço quem chega a examinar a força que o armou.

Só Deus deve ser amado.

Conheceu o das lavaredas a fraqueza daquela paixão em que Angélica se detinha e, como costumado a suas quedas, a despertou nos avisos desta

DÉCIMA

Se meu peito ainda ferido,
Inteira posse te deu,
Como posso aceitar eu
Teu coração repartido?
Mas se de amor defendido
Me prometer nova lei,
Daquela antiga, que dei,
Já mudada a dura frágua,
Nesta tábua em sangue e água
Novo artigo tresladei.

Afrontada da sua tibieza, e cobrado o valor que no uso dos descuidos parecia ir perdendo a força dos extremos, quis Angélica, no manifesto do seu repúdio, dar inteira posse ao das lavaredas do mais importante da alma, mostrando que já só amá-lo desejava ter por vida, como lhe segurou neste

[176] "Premaneceriam" na edição de 1749.
[177] "Pertensão" na edição de 1749.

SONETO

Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas.

Esta de amor fineza remontada,
A que imortal minha alma a fé segura,
Se de vossa lei é firme escritura
Em meu peito a vereis lei observada.
Já do falso Cupido não quer nada
Um coração que amar ao vosso jura,
Abrasando estas tábuas, em que apura
A luz da fé, de que já vai ilustrada.
Esse de amor incêndio rutilante
Meu peito abrase, e em activa chama
Se purifique o rendimento amante.
Que se benigna vossa luz inflama,
Este que ser protesta ardor constante,
Como a alma imortal será no que ama.

Saulo

De que impaciente o competidor voltou em iras o que tinham sido rogos, como se pudera opor-se a sombra à luz, ao Sol a nuvem e a noite[178] ao dia, sem que o dia, o Sol e a luz dessem permissão para estes eclipses mais agigantadas forças. Desatado das esferas da ira partiu aquele vivente raio, que para destruir os altos edifícios da fé levava desembainhada a espada, fazendo estremecer a Damasco a cólera com que ameaçava as ruínas a Jerusalém. E o mesmo poder contra quem se armou o delito o enfraqueceu no caminho da empresa, caindo duas vezes cego o que para a vingança se apressara lince. Isto que sucedeu ao rígido valor de um ânimo forte experimenta cada dia aquele fraquíssimo vapor que, levantado da terra, não permanece nela, porque acaba no ar, porque voa. Amor enfim caduco, que atina quando despedaça, e conhecida de Angélica a sua humilde essência, lhe deu o desengano neste

SONETO

Aparta-te de mim, Deus fementido,
Já conhecido teu poder e engano,
Que se me ampara braço soberano,
Sem dúvida era ver-te destruído.
De teus cegos errores já advertido,
As costas te voltou meu desengano
E de ultrajar-te o coração ufano
Se coroa do triunfo conseguido.
De tuas setas caia a fortaleza,
Que a mais altos troféus dedicado,
Meu peito busca a segurar a empresa:

[178] "Noute" na edição de 1749.

Sendo da fé o imortal sagrado
Quem, resistindo já tua fereza,
Vitorioso eternize o meu cuidado.

Despedido, mas não emendado o cego combatente, para a oficina de suas ardentes setas apelaram as desmaiadas esperanças, prevenindo lavrar lanças de mais agudo corte, com que novamente arruinasse a fortaleza que tinha pisado as suas investidas, fazendo que, na fúria da memória, se acendessem mais activas chamas, e da vileza do ferro formasse Vulcano novas armas a que o escudo do temor não pudesse resistir, deixando render-se às proposições do amor-próprio, que ainda usava valentias de gigante, representando na suavidade dos passados divertimentos tão trocadas as presentes isenções.

É este inimigo o maior contrário da justiça e neste sítio foi acampar-se com todos os seus aliados, voltando as costas à primeira empresa, por ver de mau partido o seu partido; mas deixou tão introduzido o seu veneno nos sentidos de Angélica, que, em declarada guerra, começou o pensamento a representar-lhe no mal fortificado da sua defensa os perigos da batalha. Mas quando os socorros vem de mais alto império, sempre ganha a praça quem segue as bandeiras da razão. Ficou o combatente das lavaredas senhor do campo e, premiando em Angélica procurar-lhe a vitória tanto a peito descoberto, a fortaleceu de novos brios para os futuros encontros, dizendo-lhe:

- Agora vereis como triunfa quem por amar-me peleja, que o Senhor dos exércitos não se descuida de acudir pronto adonde vê mais arriscado o assalto, para que não periguem os que por ele se empenham, e nos mais árduos conflitos lhe multiplica os alentos e, se com tão desvelada largueza, lhe dá nos extremos com que ama ajuda de custo para a satisfação que espera, que sem razão será buscar tirano poder, tanto apesar de quem, por sustentar a paz, tomou sobre seus ombros a defensa. Considere o coração, que ingrato se desvia, os lucros que perde, se tanto adiante dos merecimentos passam os prémios, não com limite no tempo, mas sem determinar tempo, nem lhe pôr limite, que assim como no poder não pode haver igualdade, a quem sabe merecer os extremos se remonta a conrespondência ao mais elevado dos prémios.

Angélica, que no peito via ateado o fogo para que a prática do novo Adónis tinha dado sobrada matéria, acendida a fé de que era o Príncipe com quem falava, lhe disse em alvoroços o rendimento do que sentia, na verdade com que já o amava:

Baste de peleja amor,
Que na conquista desmaia
Um coração, que a gemidos
Está dizendo que basta.

Depois de haver com meu pranto
Regado esse verde mapa,
Donde nos ais dos jacintos
Lamentei culpas passadas,

Se declara a fogo e sangue
Contra mim civil batalha,
E de dous fortes guerreiros
Se vê combatida uma alma.

Dous Generais tão valentes,
Que ao furor das suas armas
A terra estremece, vendo
Disparar raios por balas.

Ambos de um ofício e nome,
Porém de sortes contrárias,
Que um venturas assegura,
E o outro inflúe[179] desgraças[180].

Um de Vénus e Vulcano
Filho, e de estirpe tão baixa,
Que de fabricar enredos
Se compõe a sua fábrica;

Outro de Celeste Esfera,
E descendência tão alta,
Que sobre as asas dos ventos
Tem assento a sua Casa.

A esta Deidade infinita
Ofereço com fé jurada
Um sacrifício de fogo,
Donde os sentidos são brasas.

Tão gostoso o coração
Arde nesta activa chama,
Que só para mais arder
Das chamas ressuscitara.

Só da antiga Babilónia,
Reduzida a cinza em nada,
Dura a memória no pranto,
No desengano a mortalha.

[179] Por se tratar de uma forma verbal estranhamente trissilábica, a explicação para a sua ocorrência parece encontrar-se na sua importância na construção das sete sílabas métricas do poema. De outro modo, o verso ficaria hipométrico. Por esta razão, ainda que gerando estranheza, manteve-se a lição de 1749, na sua liberdade poética.
[180] "Disgraças" na edição de 1749.

Acabemos de uma vez,
Senhor, tão inútil campanha,
Que eu só adorar-vos quero,
De outro amor não quero nada.

Já, Senhor (continuou Angélica), está tão trocada a minha vontade, que ilustra o meu sacrifício no desejo de atear-lhe o fogo, e respira a dor do tempo em que deixei de amar-vos na actividade de querer mais do que todos servir-vos. Ainda que vendo se suspende a diligência nos vagares da execução, temo que ao vento da minha vaidade torne a levantar-se o pó da terra, com que se eclipse esta luz que no meu coração começa a amanhecer, e fique o engano da aparência sendo só verdade da perdição; porque se os infalíveis de querer-vos foram, como devem, eficazes, já fora servir isto que ainda parece desejar. Compadecei-vos, Senhor, de me verdes[181] perdida em mim, porque vos deixei a vós, bebendo das cisternas imundas de Babilónia e negando-me às fontes de águas vivas que me oferecia a vossa fineza. Já quero, sobre todas as cousas, amar-vos. Se até aqui vos deixei por qualquer delas, e pondo na vossa mão os meus cuidados, tudo que não sois vós fique aos descuidos.

Não poude[182] o amor do Príncipe sujeitar-se mais aos limites do disfarce e, deixando conhecer-se com agrados de amante, lhe pôs os olhos, mas com majestade de soberano se ausentou, para que nela a firmeza que prometia fosse impulso do amor e não da presença. Apartou-se ele da praça, e ela o seguiu na saudade, como veremos no mais que se passou.

[181] "Veres" na edição de 1749.
[182] Forma alternativa de "pôde".

CAP. XI.
Fiat cor meum immaculatum in iustificationibus tuis vt non confundar
Psal. 118.

CAPÍTULO XI

No cristal da fineza se retrata melhor o coração amante.

> Já de amor os adornos vai compondo,
> Nesse da lei espelho cristalino,
> Um coração, que o duro dos diamantes
> Trocou pela pureza dos auxílios.

É o espelho a lâmina em que melhor se retrata a imagem que se lhe aplica, divisando-se nele as imperfeições[183] para confusão das vaidades, e representando-se ao agradecimento as dívidas em que nos pôs o autor da natureza, para que à vista do benefício desperte a memória que, adormecida nas satisfações de amar-se, se esquece de que a formosura não deve nada a quem a logra, senão a quem a cria. Diga-o a criatura mais bela a que deu ser o poder de Deus, esse depósito de raios, essa ostentação de luzes, esse que, com visos de Omnipotente, fertiliza os campos, pacifica os mares, faz sazonar os frutos, é vida das flores e alegria dos nascidos, e de si não tem mais bem que aquela aparência, a que sustenta a gala a mão que lhe deu a galhardia e, para desengano de que nem o Sol era mais que o que lhe participava quem mais que ele brilha, lhe deu no líquido cristal dos mares espelho em que visse que, ao brilhante da luz, se seguia o pálido do ocaso, e se não gloriasse no oriente o que tão depressa havia eclipsar-se no túmulo.

Tinha Angélica já começado a emendar os deslizes de ingrata nas considerações de agradecida, e os que foram desvios em que não reparava o cuidado, agora eram cuidados para fugir daqueles desvios. Estava o pensamento prevenindo os sucessos em que costumava tropeçar o desacordo, mas não vivia ainda tão desenlaçada a resolução, que deixassem de se achar nela imperfeições na fineza, que dependiam de purificadas em mais nobre sacrifício. Cuidava ela que já o seu amor era tão gigante, que podia medir as forças com o mais valente contrário, esquecida de que a vaidades de cera se seguem precipícios de fogo, quando se não acautela o temor prevenido pela consideração; que a pedra de toque em que há-de examinar-se a firmeza do perfeito amor não é só o sensível dos afectos, senão a total negação das proposições com que o gosto próprio costumava multiplicar os empregos para lisonjear os sentidos.

Estava Angélica enganada com o seu desejo, imaginação que acendia o ar, que da terra se forma desde o berço até o túmulo, para que não acabasse de abrasar a luz da verdade que, sem advertência, ia desfalecendo.[184] Uma das donzelas que costumava assisti-la e se chamava Aura, de quem ela muitas vezes se valia para diverti--la, vendo-a pensativa e mais descuidada das jóias de que usava para o seu adorno, com o cofre que as guardava entrou a dizer-lhe:

- Que é isto, Senhora? Qual daqueles dous combatentes triunfou da vossa alegria, que na verdade ambos podiam fazer sua a vitória e, pelo que em vós vejo,

[183] "Imprefeições" na edição de 1749.

[184] Devido à ambiguidade da interpretação, transcrevemos aqui a pontuação original: "Estava Angélica enganada com o seu desejo, imaginação, que acendia o ar, que da terra se forma; desde o berço até o túmulo, para que não acabasse de abrasar a luz da verdade, que sem advertência, ia desfalecendo."

parece vos ficou prisioneira na batalha, e vos deixou a memória por despojo no vivo da saudade, e até de esmaltardes[185] a formosura vos esqueceis, deixando-a sem alinho, como quem se aborrece de lhe polir os quilates? Dizei-me que mal vos fizeram estas pérolas, que para retratar-vos as congelou a aurora nas conchas. Este Cupido de diamantes vede, que talvez tenha semelhança[186] com o que vistes esgrimir na praça; e por certo a sua gala toda a luz deixava às escuras. Também aqui tendes umas lisonjas de esmeraldas, que em Babilónia são brinco de esperanças, reparais que bem dizem entre o ouro dos vossos cabelos, e se não fiais de mim saber prendê-los, aqui tendes o espelho a que melhor podeis toucar-vos, que para vos divertir bastará que vos chegueis a ver; porque não esteja sempre o ânimo guardando as costas às tristezas.

Era Aura de livre génio e de leve ponderação nos discursos e, parecendo-lhe que com o chiste da malícia fazia mais eficaz o conselho que no ar que o fabricou logo se desvaneceu, foi persistindo[187]; mas Angélica, em quem o amor do Príncipe tinha lançado a primeira pedra no alto edifício com que se defendia das ruínas que a ameaçavam, ainda que inclinou os olhos às galas, já se não agradou de vê-las, porque eram de mais nobres quilates as de que queria guarnecer-se para que o Príncipe a visse, e respondeu com aquele desabrimento que costuma causar nos sentidos o fogo, quando com mais ilustres chamas se ateia. E disse-lhe:

- Essas pedras, que já para o amor foram de toque, hoje para o meu gosto são de escândalo. Não lhe nego ainda o valor, porque as vejo luzir, mas são relâmpagos que anunciam raios, e na minha memória estão de assento umas relíquias do desengano, que preservam das tempestades. No claro espelho do tempo quero só ver-me outra, já que tantos anos em outro menos cristalino me vi sempre a mesma. Hoje são outras as minhas plumas, porque o vento levou as vaidades; que não há veneno tão nocivo que, adoçado com o salutífero da razão, se não venha a tirar dele alguma utilidade.

- Ai, Senhora (respondeu Aura), nos minerais do divertimento também se acham pedras preciosas, que são cordial para as malencolias, e vós da contenda dos dous guerreiros trouxestes penetrante golpe.

- Não vos nego (disse Angélica) que aquele cego me abriu os olhos, e lhe adverti os erros por benefício da luz que não conhecia, como quem andava às escuras; mas estas filagranas, que são respirações do coração, não as pondera quem como vós se preza de viver nos ares.

- Pois, Senhora (tornou a dizer Aura), porque o ar leva o mais ligeiro, para que ele vos não lance adonde não quiserdes[188] ir, fazei lastro desta preciosa pedraria, e vereis que no mar de Babilónia são as riquezas as que seguram as viagens, e este coração de rubim bem pode por pedra fina tomar a altura do Sol.

O amor-próprio engana o coração humano.

Pegou Angélica no coração, parecendo-lhe que via nele copiado o fogo que no seu peito ardia, satisfeita de que naquele incêndio se tinham já purificado as fezes, que tão transformadas deixaram os dotes com que nascera e estavam apagadas da sua

[185] "Esmaltares" na edição de 1749.
[186] "Semilhança" na edição de 1749.
[187] "Presistindo" na edição de 1749.
[188] "Quiseres" na edição de 1749.

ingratidão até as cinzas, que este é o engano em que tropeçam os que principiam, por novo caminho, a seguir a sua jornada, e aos primeiros passos acham que tem vencido a carreira, sem reparar o difícil das estradas e os despenhadeiros em que se encontram os perigos, de que só livra quem leva por guia a desconfiança de si, e o temor de errar o caminho, por ser grande a distância que lhe falta por vencer, ainda quando se lhe representa o muito que já tem andado.

Estava o Príncipe escutando a prática, que sempre as de Angélica o achavam presente, como quem a zelava até do mesmo Sol que a via. Entrou sem falar-lhe e, pegando do espelho que entre as alfaias dos passados deslizes estava como testemunha da sua inutilidade, se lhe pôs defronte, e ela, entre os alvoroços do favor e o respeito da majestade, ajoelhada quis mostrar que se rendia à fé com que já o amava, fazendo-lhe sacrifício do coração que tinha nas mãos, lho ofereceu, como cópia do que já lhe tinha dado por fineza. Mas vendo, no puro cristal do espelho, aquela vítima tão cheia de manchas, quanto ela já a supunha adornada de graças, enfraqueceram os alentos, conhecendo o pouco que se tinham adiantado os seus passos. Ali viu que o que ela cria abrasado incêndio de amor no vivo fogo do rubim era uma aparência de chama em uma realidade de pedra que, lustrada aos golpes do buril, enganava, como lavareda, ficando sempre dura por natureza. Conheceu que o ouro da fé lhe diminuíra os quilates por não estar purificado nele aquele pó que trouxe da terra e, por mal separado dela, ficava de menos valor. Nos diamantes estavam uns afectos corruptos pelo nascimento, e venenosos por desconhecidos. Viu que nas esmeraldas se congelara a esperança, impaciente na dilação das desejadas posses, que deste mal enfraquecem as que de errados bens se alimentam. Magoada de ver que não ficava o coração digno de soberano emprego, sendo tantos os defeitos que nele estavam manifestos, acudiu ao enternecido[189] dos rogos, para evitar na piedade do Príncipe os repúdios. Já advertida de que só um humilde rendimento podia suprir o a que não chegavam seus pequenos cabedais e, acompanhado dos suspiros, o seu requerimento lhe disse nesta

DÉCIMA

Pois és luz de Céu e Terra,
Que à Terra e Céu luzes deu
Deste coração, que é teu
Escuras sombras desterra:
Estes nadas, que em si encerra,
Vapores da terra são,
Que desluzida a oblação
Deixam, se a não fortifica
Essa mão, que sábia aplica
Ardor ao meu coração.

[189] "Internecido" na edição de 1749.

Já vejo, Senhor (continuou Angélica), que os tesouros de Babilónia, quando a ignorância os avalia, são ambições para a vaidade; mas tocados pelo conhecimento se exalam em fumos para o desengano, porque só é cabedal de preço fazer de amar-vos cabedal. Essas mentidas deidades a que levantou altares a cegueira, esquecida de que deuses multiplicados desmentiam a essência na repartição dos atributos, paguem-se embora da impureza do voto, que a fé, que a vós por único vos adora, dando de mão às aparências, busca para adornar-se as realidades, sendo a deixação de tudo que não sois vós o precioso adorno com que entre a merecer-vos, e para não desagradar-vos sede vós quem enriqueça dos vossos dons este coração que nas aras do respeito vos entrega a minha fineza, que eu pobre de cabedais não posso dar-lhe mais gala que a dos desejos, e de vós depende a execução. Este generoso afecto com que, sem atender ao próprio interesse do prémio, só peço o que pode agradar aos vossos olhos, para que me não suceda o que àquele indiscreto convidado, que por entrar nas vodas sem as vestiduras nupciais, foi lançado nas trevas em castigo de aparecer sem o devido lustre na casa das luzes. Alcance de vós o favor de aperfeiçoardes[190] em mim o amor, para que possa dizer: Meu amado para mim, eu só para o meu amado. A vós, Senhor, só quero amar, que compreendeis o Universo: se vos quero poderoso, vós governais o infinito, se vou buscar o luzido, vós dais luz à luz elemental, se quero achar o liberal, vós criais e repartis os tesouros, se a formosura, vós dais que invejar[191] às estrelas. Despendeis[192] agrados aos campos na beleza das flores; retratam-vos os mares na riqueza das pérolas e, finalmente, vós me dais lições de amor nos extremos de amar-me. Pois que pode saciar o meu desejo, que não tenha em vós multiplicado, se tão opulentas circunstâncias acho em vós todas aplicadas a benefício meu, de que vencida a minha passada rebeldia, quero render-vos purificado um coração enternecido, para que o façais merecedor de ser coração vosso, extintas nele ainda as cinzas das vossas ofensas? Que bem sei não quisestes entrar na casa daquele grande homem, que guardava nela os ídolos da falsa adoração, e não era justo que vós, verdadeira Divindade, entrásseis naquela fementida casa, e só da sua dessemelhança quer o meu peito prezar-se como centro vosso.

Ego dilecto meo, & ad me conversio ejus.

O Centurião

Não há para quem ama mais apertado laço que os protestos de bem conrespondido. Então se apura o excesso, quando se justifica o amor, sendo seta que fere dous corações a que entra em um coração. Gostoso estava o Príncipe de tão amante extremo e, fazendo alarde da sua real fineza, segunda vez lhe segurou que a sua voz fazia doce harmonia nos seus ouvidos e, para que mais o amasse, lhe respondeu:

Novo coração teu sou,
E de amor a chama activa
Fará que em doce união viva
O coração, que te dou.

[190] "Aprefeiçoares" na edição de 1749.
[191] "Envejar" na edição de 1749.
[192] "Dispendeis" na edição de 1749.

Desta amorosa prática se aumentavam no peito de Angélica as actividades do seu amor, com desprezo das aparentes suavidades que lhe propunha a rebeldia de contrários pensamentos e entretida[193] em resisti-los a deixou o Príncipe, por dar-lhe mais que merecer em suspirar a sua presença, quando se ouviu, pela região do ar, uma suave harmonia, que entoava esta

DÉCIMA

Suspiro, que al aire vano
Subes en ardiente llama,
Si naces voz de quien ama,
El morir incendio es llano:
De lograr tu ardor ufano
El aire, batiendo luego
Sus mismas alas al ruego,
Vuela encendido calor,
Que suelen alas de amor
Añadir más fuego al fuego.

Na oficina do peito ficou Angélica lavrando nos suspiros setas que combatiam o Céu, para que, chegando ao Príncipe o ruído, se pagasse do exercício com que ela deixava mais destras as suas finezas, que quis suspender com assombros quem se assombrou do fogo dos suspiros, e quis com inundações de água que no rio do esquecimento naufragasse a memória e se fosse a pique a vontade, morrendo a mãos da compaixão o que tinha nascido a impulsos do amor. Soaram as vozes de um enternecido[194] pranto que a soluços se queixava das contrariedades[195] do fado, e foi em Angélica mais poderosa a piedade que o temor, chegando a inquirir a causa de tão bem chorada pena, e viu que era uma dama que trazia na mão um espelho quebrado. Era ela tão formosa, que pudera crer-se que o Sol fizera aquele estrago, invejoso[196] de que não visse nos seus raios a beleza que no espelho se via. Vinha a dama vestida com umas roupas encarnadas, cortadas da púrpura das rosas, e podiam presumir as rosas de que ela se adornasse com a sua púrpura. Eram de ouro as guarnições a que dava esmaltes a beleza. Os cabelos se encrespavam ufanos de poderem neles contar-se os raios de Apolo. Os olhos não eram estrelas, porque as estrelas se corriam de lhe excederem seus olhos. Serviam dous rubins nos seus lábios de tesoureiros das pérolas, de que, avarentos, cerravam a porta a tão preciosa mina. Era finalmente prisão dos alvedrios e emprego das vistas. Compadecida Angélica de ver que se queixava da sorte quem devia à sorte tantos extremos de beleza, lhe disse:

A formosura humana é tropeço da alma.

- Confesso, Senhora, que ou vós desconheceis o que sois ou mentis no que chorais; que não pode haver tanta cegueira na fortuna, que negue em vós o

[193] "Entertida" na edição de 1749.
[194] "Internecido" na edição de 1749.
[195] "Contrariadades" na edição de 1749.
[196] "Envejoso" na edição de 1749.

merecimento, por acreditar a inconstância na sua variável roda, e se me fiardes[197] a causa de tanto desperdiçado aljôfar, em mim, quando não acheis remédio, sempre achará consolação o vosso pranto.

Enxugando as lágrimas e desembuçando os luzeiros, lhe respondeu ela:

- Se vós me quebrais os brios, como podeis adormecer-me a dor, se sois a que lhe dais a matéria? Mas porque fiquem manifestas as razões do meu queixume, quero repetir o agravo a que só pode ser cura a satisfação. Eu, Senhora, nasci em tão infausta era, que empenhadas a meu favor todas as graças, contra todas desembainhou a espada a minha inimiga estrela, destinando no breve da minha duração o sensível destroço de tantas presunções, como me deu em dote o aplauso de Babilónia, chamando-me por antenomásia a formosura da corte, a inveja[198] de Vénus, a seta de Cupido, o desdém de Diana, e a lavareda de Vulcano. Não havia coração que não fosse sacrifício meu. Por mim se desembainhavam as armas de Marte, se navegavam os prateados campos de Neptuno, se encendiavam com o ar dos suspiros os palácios de Mercúrio, e arrastravam cadeias os alvedrios. Estes eram os triunfos de que se adornava o templo do meu respeito; estas as vítimas que me ofereciam os que nas minhas aras se sacrificavam, mas trocou-se a sorte, de sorte que são hoje vossas as vitórias, e só meus os desalentos. Vós sois a que levais as palmas de que a mim me não ficam nem as cinzas, que a vossa beleza ateia nos peitos chamas, e já de mim não voam nem as faíscas. Vede que desprezais em vós o que roubais em mim e pisais os atributos com que vos festeja a corte, não como quem os não quer, sim como quem os não logra, se ainda para vê-los vos falta em que retratá-los, transformando o desengano por arte aquela luz que no espelho havia agradar-vos por semelhança; e como injúria minha vos desdenhais do mesmo de que devíeis prezar-vos, que não há para uma formosura mais crescido dote que ostentá-la para os cultos, e não escondê--la para os rendimentos. Estas façanhas do recato, que vos tem introduzido os vossos aliados, são uns abrolhos que ainda reverdecem na grossaria da terra que vos deu o primeiro ser e vos não deixa elevar o pensamento enlodado no pó que vos assombra, e tudo pára em quebrar-me os olhos nos despedaçados cristais em que se retratava a minha monarquia que, ofendida destas sem-razões, vem a queixar-se, para que a vossa emenda até aquela ferida que executou o vosso temor, ficando nós ambas de bom partido: eu, restituídas as vitórias que vós fazeis perder-me, e vós, ganhando os tributos de que vos vereis coroada, permitindo-vos[199] servida.

Indecisa ficou Angélica na restituição que devia dar a tão importante roubo como o de que se via arguida, quando a publicava causa das suas mágoas, ao mesmo tempo que lhe renovava na memória das passadas estimações os perdidos cabedais em que se viram utilizadas as suas vaidades. Emudeceu para a resposta, detido o discurso nas sombras do amor-próprio.

A intercessão de Santo Agostinho vale nos assaltos a seus devotos.

Conhecida a tibieza do ânimo pelo Príncipe que, ainda que oculto aos olhos, sempre se achava presente aos sucessos, tomando por sua conta apressar os resguardos que eram defensa dos perigos, mandou com particular poder acudir ao desmaio daqueles enfraquecidos alentos um venerável Ancião, que na sua corte valia

[197] "Fiares" na edição de 1749.
[198] "Enveja" na edição de 1749.
[199] "Premitindo-vos" na edição de 1749.

por pessoa de grande dignidade, e em quem o Príncipe conhecia tão fiéis prerrogativas, que não só houve ocasião em que o nomeou pelo título de Grande, mas lhe deu o maior elogio que cabe no ser de vassalo, dizendo era um homem medida do coração de um deus, e tão zeloso da real coroa, que a peito descoberto algumas vezes a defendera de grande número de inimigos, conquistando reinos ganhara para o Príncipe tantos vassalos quantos só poude contar a fama, enchendo das valentias do seu braço os orbes até chegarem ao Reino do Empíreo tantas façanhas. Neste, muitas vezes, grande homem, depositou a majestade tão encendidos espíritos, que lhe fiava o seu soberano as maiores empresas do seu serviço, desempenhadas com aquele valor africano que durará imortal à posteridade sem o sepultarem as minas do tempo. Entrou este herói da casa real como prezado embaixador do Príncipe, com autoridade da pessoa e magistério da sabedoria e, olhando com severidade para Angélica, lhe disse:

- O pouco cuidado que tendes tido de fortificar as defensas deste castelo, aplicando-lhe as guarnições que o sustentem em nome de sua Alteza, o pôs no risco de que, combatida a sua muralha, desse com toda a eminência em terra, ganhado o posto pelos inimigos da Coroa e, para que neste assalto não fiqueis prisioneira, me manda sua Alteza reformar as guardas, antes que vos vençam os tiros, que não serieis vós a primeira que, por falta das cautelas, se deixasse cair nos ardis da guerra. A que vos apresenta esta Senhora, por parte da vossa formosura, se hoje é espada que desembainha a vanglória, amanhã o pode ser da dor, cortando pelo débil fio da vida de que está na mão do Príncipe o escudo, e só ele pode sustentar que não caia reduzida ao nada essa estátua que se levanta simulacro das atenções de Babilónia. E se não, dizei-me: Que lhe valeu a uma Helena que ardesse pela luz dos seus olhos toda Tróia em chamas, se delas não renasceu merecimento o que pela traição se abrasou delito? Que lucrou a formosura de Dalila em render o mais valente dos alvedrios, senão de acumular estragos à sua infidelidade[200] para destroço de tantas vidas quantas acabaram nas mãos das forças? De que lhe valeu àquele que chorava haver palmo de terra que não sujeitasse o seu braço, senão de ver destruído todo o seu império em tantos domínios quantos teve por escravos o seu poder? Acaso durou a pompa ao que irado contra o elemento da água reduziu os rios a breves regatos, para que mais a seu salvo os pisassem os brutos que serviam de alimentar a sua soberba? Que permanência tiveram os deleites que pareciam eternos aos idólatras das suas suavidades, e foram momentâneas as suas experiências? Que vitória fez durável a vaidade, que logo a não abatesse o desengano? Diga-o aquele soberbo bárbaro, que se mandava apelidar açoute dos nascidos, e vomitou o sangue com a vida aos primeiros ensaios das suas vodas. Que deve a beleza ao amor de quem a celebra, que não seja uma mentira da vontade, que começa lisonja, dura desvio, e acaba agravo, sendo hoje desprezo do gosto o que ontem foi desvelo[201] do cuidado? À primeira vista é elevação dos sentidos, e logo morre fastio dos desejos. Que posse houve no amor que o dia de tomá-la não abrisse a porta para aborrecê-la: logo se a formosura em lhe correndo a cortina que a rebuça, é horror que assusta, é guerra que mata, é desengano que despersuade[202]; se as forças são crueldades que arrumam, são lavaredas que tudo

Erudição, que desfaz as vaidades

[200] "Infedilidade" na edição de 1749.
[201] "Disvelo" na edição de 1749.
[202] "Despresuade" na edição de 1749.

transformam em nadas; se o amor é fumo que no ar se consome, é pena que com o vento voa, é paixão que só no engano predomina, que perdeis em pisar o em que vos arriscais, se em pisar o pó, de que só fica a memória no escândalo e a dor no arrependimento, vos poupais a muitos males, que duram pesar e permanecem cativeiro? No amor do Príncipe segurais uma coroa de que é fiadora a constância, e ganhais um reino a que não pode contrastar a oposição de nenhum exército. Voltai as costas ao ameaço, porque não seja mortal o golpe, e vivei para rainha, para não morrerdes[203] escrava; e vós, Senhora formosa, que animais presunções de vidro sobre alicerces de pó, sabei que Angélica nasceu para cuidar o que há-de ser, pisando o que vós lhe persuadis[204] que é, e quem a adornou das perfeições[205] a quer tão descuidada delas, que só esquecê-las seja o seu cuidado. Esse espelho que chorais, quebrado pelo desengano, foi luz que lhe fez mais patentes os nadas para fugir-lhe, e as armas para vencer-vos.

Ao resplendor das verdades fugiram as sombras, e ficou pálido horror da morte o que era aparência da formosura, que desapareceu ao mesmo tempo que o venerável Ancião se despediu, deixando confusa a que no engano achou alucinada, e fortalecida para o mais que sucedeu, como iremos vendo.

[203] "Morreres" na edição de 1749.
[204] "Presuadis" na edição de 1749.
[205] "Prefeições" na edição de 1749.

CAP. XII

Veni dilecte mi, egrediamur in
agrum, commoremur in villis
Cantic. 7

CAPÍTULO XII

Dar costas ao perigo assegura o acerto.

A ilustrar da fineza os extremos
Do campo os sossegos pretende[206] a suspiros,
Que nas praças encontra o cuidado
Altares, que culto lhe dão fementido.

A formosura dos campos é o mapa em que melhor se divisa a pureza dos afectos. Ali acha a fineza realce aos seus extremos, mostrando, na solidão que busca, que no objecto que ama acha só satisfações o gosto, desviados os sentidos das distracções do cuidado, aprendendo a arte de melhor amar ou no verde das folhas, que alentam as esperanças, ou no sazonado dos frutos, empenhando os alvoroços para as posses. Até a variedade[207] das flores faz sacrificar ao amor os pensamentos na significação das suas circunstâncias, competindo a pureza da fé com a nevada candidez das açucenas que, coroadas de fino ouro, retratam os subidos quilates de uma soberana adoração. As rosas se abrasam incêndio do prado, como no peito amante se evitam do amor as chamas. Os cravos, que são fortaleza aos combates do tempo, também nos assaltos de Babilónia estão dando lições de resistência nas contrariedades[208] dos sentidos. Ali se encontra oposta à inconstância da vontade a firmeza com que o girassol persevera[209] no que contempla; no melindre dos jasmins, o perigo das mudanças; na violeta, a humildade com que despreza a vanglória; e na mosqueta, a isenção com que se defende. O canto das aves parece queixume, e é louvor; o riso das fontes se vê zombaria da dureza das pedras, se nem lavradas pelas correntes das águas mudam a natureza de ficar sempre para pedras. Correm os rios a fortalecer as plantas, como as lágrimas em quem ama a purificar as ingratidões. Em tudo acha o amor incentivos para crescer e advertências para mais se cativar. Assim o conhecia Angélica, enfastiada das diversas condições daquela corte, adonde a lida do ânimo era guerra que desfalecia; a infidelidade[210] dos moradores, desengano do sofrimento. Ali batalha com a justiça o interesse, e sempre ele leva as palmas, porque dá a sem-razão às sentenças. A mentira domina nas verdades, que despreza; os suspiros dos pobres são quem dá calor às mágoas, e a opulência dos soberbos quem assopra o pó, para que só deste cabedal se encham os olhos dos necessitados. Ali a tirania é cruel parca das vidas, as sem-razões costume da grandeza, e tudo lástima na perda das almas e desassossego de quem lhe chora os precipícios.

Desejava a já advertida aldeã mudar de aplicação os seus cuidados, conhecida a inútil fadiga em que tinha passado tantos anos, sem mais ganhos que ver consumido o tempo, e sem lucro nos importantes talentos de que a dotara a natureza. Determinou recuperá-los, deixando os intrincados labirintos em que sempre acham redes os

[206] "Pertende" na edição de 1749.
[207] "Variadade" na edição de 1749.
[208] "Contrariadades" na edição de 1749.
[209] "Presevera" na edição de 1749.
[210] "Infedilidade" na edição de 1749.

pensamentos pela agradável estância dos campos, adonde se encontram tantos despertadores para os sentidos. Sabia ela que ainda do mais deserto páramo podia divisar o palácio do Príncipe e, esquecida dos divertimentos, desejava aperfeiçoar[211] os afectos e, habitadora dos campos elísios, adestrar-se no desprezo dos Babilónios, adonde se enlaçam os que não buscam o fio de ouro da consideração para vencer o escuro enredo daquelas moradas. Nestes discursos se entretinha[212], determinada a pedir ao Príncipe a levasse para donde só de amá-lo vivesse, quando ouviu um grande reboliço no terreiro. Chegou a ver o que era, esquecida do que propunha, que sempre a curiosidade arruína, quando se deixa vencer dela o desejo. Viu, entre grande concurso de gente, uma formosa Dama, que mostrava ter dado nos seus adornos muito tempo às vaidades. Era o vestido de riço cor de fogo, lavrado em memórias de diversas cores, e entre elas esta letra:

Os vícios sempre opostos às inspirações

De observá-las me alimento.

Os afectos da vontade

Aos lados vinham dous galhardos mancebos, todos plumas, porque todos ar. Um vestia de azul, lavrado em penas de prata , no braço um escudete, que dizia:

Tudo é ar.

O outro vestia de branco, sem guarnição nem mistura. No escudete, esta letra:

Em branco fico.

Estes dous braceiros, ao som de um clarim, que a espaços tocava, diziam a vozes estas hendecassílabas

ENDECHAS

Ilustres Babilonios,
Atended al pregón,
Que en suave armonía
En claros conceptos y cláusulas dulces intima mi voz
Venid al pregón.

Oy del alto palacio
Un decreto bajó,
Que convidando al hombre
Le llama, a que mire los triunfos de amor.

La voluntad es quien
Para mayor blasón,

[211] "Aprefeiçoar" na edição de 1749.
[212] "Entertinha" na edição de 1749.

A festivos aplausos
Viene llamando al hombre, al ave, y flor.

Vengan las hermosuras
Admirar el ardor,
Que enciende las saetas,
Cuando de sus ojos amor se valió,

No se niegue al festin
Humano corazón,
Que huir al regocijo
Es de civil acuerdo indicio mayor.

A premiar las finezas
Labrado con primor
La voluntad prepara
Al oro del gusto el puro crisol.

No los cobardes pasos,
Suspensos del temor,
Hagan desdén del gusto,
Que es afrienta del noble la omisión.

Com indiferentes impulsos entrou a batalhar o coração de Angélica que, como pouco exercitada em domar paixões, não sabia aplicar-lhe as defensas, ainda desejando armar-se delas. Propunha-lhe o gosto que examinasse o fim daquela aventura, porque satisfazer uma curiosidade não era ofensa da fé, quando dava tanto calor ao desejo o público pregão que o incitava, e que a ser contra a soberania da majestade do Príncipe não consentiria ele o seu agravo sem destruir Babilónia. Mas não advertia, que permitir[213] não é o mesmo que querer. E muitas vezes, para provar os quilates do valor na peleja, se não cortam logo as forças ao inimigo, para ser maior o aplauso na vitória do conflito. Não resolvia a curiosa aldeã divertir-se, satisfazendo a vontade, porque não cobrasse ela mais brios dando-lhe novas coroas; mas fabricava discursos, com que, sem faltar a um, lograsse dous empenhos. O mais forte sempre vence. A este se rendeu o coração pelo poder das luzes. Chamou o Embaixador do Príncipe, que para acudir-lhe nunca estava longe, e disse-lhe:

- Quero, Senhor, informar-vos do meu perigo, porque deis contra ele esforço aos meus extremos, que deixem inúteis as preparações dos meus contrários. Bem sabeis que as minhas forças trazem a debilidade desde os meus princípios, e que não há cautela que segure adonde a fraqueza foi herança. A vontade com impérios vai adiantando o seu partido, e é fiar muito de mim deixar-me no campo desarmada. O Príncipe é amante e poderoso e sabe que, para escapar do encanto das sereias, muitas vezes não basta a recordação do naufrágio. Eu quero amar, mas temo

[213] "Premitir" na edição de 1749.

enfraquecer, que tem a vontade muito vigorosa artelharia e, assentada entre as fortificações da corte, mais a seu salvo faz as suas investidas[214]. A palavra de um sim só a define[215] uma sílaba, e pode dar-lhe consentimento o desejo sem advertência do coração. Se o Príncipe não aplica o que pode, não fie de mim o que devo.

Com silêncio de quem ponderava, escutou o Embaixador o que ouvia e respondeu:

- Se vós quereis ver em que param as venturas para que aquela vossa inimiga vos alvoroça, depressa será o vosso desengano alento do vosso susto, que os desacordos do país, ainda que pareçam lisonja, muitas vezes são aviso, e acabareis de crer que as traições contra a coroa do meu Monarca nesta oficina do engano se fabricam. Aplicai a vista a este misterioso mapa e vereis o que passa em Babilónia.

O mundo com aparências engana.

Tirou um cristalino globo e lhe mandou lhe firmasse os olhos e dissesse o que por ele via. Examinou ela o vidro e viu que, transmutado o sítio em uma populosa cidade, era o tráfego dela confusão de todos, e utilidade de nenhum. Dava a todos leis a vontade com injúria do entendimento que, preso nos grilhões do gosto, era dele tratado como escravo. Em meio de uma dilatada praça se levantava um sumptuoso palácio de artifício tão primoroso, que pareciam as pedras espelhos em que o Sol se via para toucar-se de raios que, em competência com as belezas que ocupavam as janelas, estavam em renhida campanha sobre qual levava a primazia: se elas na formosura, se ele nas luzes. No mais eminente lugar estava a Dama que lançou o pregão para o culto da sua soberania com os dous braceiros a seu lado. Passeavam a praça muitos Adónis que, ardendo no fogo da sua fineza, faziam sacrifício de empregar todo o cuidado, e ao ar dos suspiros se desvaneciam os pensamentos. Adornavam o castelo multiplicadas guaritas que, sendo muito para aparência, eram nada para a realidade. Ali estavam as sedas dando mate ao matiz das esferas, e na sua variedade se retratavam do tempo as inconstâncias. Viam-se na praça festivos torneios, e nas suas voltas ensaiava a fortuna as mudanças da sua roda. Havia músicas, adonde as consonâncias davam que invejar[216] à melodia das aves, excedendo a arte ao natural da ciência. Em outra parte estava o acorde dos instrumentos sendo prisão dos sentidos, fazendo glória de escutá--los aquela apreensão, que de tudo o mais se descuidava. Para os das justas havia prémios, depositados em uma mesa[217] de finíssimos mármores, e de merecê-los havia de ser juiz a triunfante Dama, que quando a vontade avalia, atropelada vai a razão.

Não faltava, na mal governada corte, o divertimento de representadas fábulas, que, equivocando a mentira com a verdade, alcançava créditos de verdade a mesma aparência da mentira. Todos pareciam andar alegres com o que lhe cabia de ventura, ainda que o desejo de mais ventura excedia o que lhe cabia, que a ambição, se tinha em que cevar-se, não chegava a satisfazer-se. As galas pareciam em uns cortadas dos raios do Sol no luzido do ouro, guarnecidas do metal das estrelas no brunido da prata; porém em outros era a desnudez quem afrontava o supérfluo, por não acudir ao preciso do necessitado. Na marinha se admiravam delfins de madeira, em que os

[214] "Envestidas" na edição de 1749.
[215] "Difine" na edição de 1749.
[216] "Envejar" na edição de 1749.
[217] "Menza", no original.

remeiros aprendiam do vento a ligeireza para cortar as ondas, e das aves as plumas para nos galhardetes toucar os ares. Tudo era delícia aos olhos, tudo ao gosto recreação, e tão elevada estava Angélica no que via, que de tudo o que não era ver se descuidava. Perguntou-lhe o Embaixador:

- Que vos parecem, Senhora, as glórias de Babilónia?

- Deixai-me (respondeu ela) saciar a sede de ver sem que me turbe haver de vos falar, que senão pode perder-se sem dor um átomo de vida. Como quereis que, para escutar-vos, desperdice eu nem uma respiração de glória?

- Depressa (disse ele) haveis de largar por horror o que agora estimais por desconhecimento.

Logo os que soaram festivos clarins se trocaram em tristes surdinas. Tocou a rebate a fúria de Marte. A uma parte se ouvia *guerra, guerra,* em outra cortava a parca os debilitados fios das vidas, a que se seguiam lamentáveis estragos da morte. No palácio se atearam as lavaredas, mostrando no irremediável das chamas o desengano das cinzas. Na marinha era estrago das ondas o que nadara gala das águas; o vento, derrubando as Torres, preparava no despedir das pedras as sepulturas. Já os torneios eram brigas, e o tinir das espadas ensaio para as feridas, e se ouvia, entre o labirinto, este queixume do estrago:

Glórias de Babilónia são cinzas da vida.

Acudam-me, que a morte vai abrindo
As portas, porque a vida vai saindo.

Do palácio diziam:

Água, porque nas chamas vai ardendo
O peito, que está o fogo padecendo,

No mar gritavam os tristes naufragantes:

Ai, que as ondas me levam ao profundo
Da morte, donde a vida vai dar fundo.

Uns diziam:

- Que me afogo!

Outros gritavam:

- Que me abraso!

Cerrado o ar de pálidas nuvens, a que subidas do mar as ondas parecia esgotar as suas águas para caírem chuveiros. As galas, que brilhavam lustres do poder, se viam testemunhas da ira, a que os golpes das espadas tinham no sangue mudado as cores. Nas damas, o encendido das rosas era pálido desmaio do susto. Tudo confusão o sucesso, sem haver sagrado que o fosse ao desassossego, quando entre a tribulação mostrou a terra em um grande terremoto que até ela do que passava se estremecia, e desaparecendo toda aquela aparência, se ouviu uma voz, que dizia:

En la confusión triste
Desta desecha esfera,
Despierte el desengaño, que dormía,
A las vozes del llanto, que te enseña.

En este llanto amargo
Verás la diferencia,
Que entre lo verdadero y fabuloso
Empieza vanidad, y acaba pena.

Las eminentes torres
Prostradas mira en tierra;
Porque el poder en polvo las deshace,
Cuando el engaño en humo las sustenta.

Esas luces hermosas,
Que eran de amor saetas,
Son miedo, son horrores, son desmayos
Del dolor, de la muerte, y de la queja.

Escucha el escarmiento,
Que aqui en triste cadencia
Te acuerda, que del sueño no te fíes,
Que las dichas soñadas son quimeras.

Largou Angélica o vidro, confusa, emudeceu assombrada, e o que tinha ideado o alvoroço parou susto. Tornaram-se pálidas as rosas, vendo a pressa com que mudaram de ser as altivezas. Disse-lhe o Embaixador:

- Aqui vedes, Senhora, em que pára o que em Babilónia mais recreia, e se as eminentes torres, que levanta a vaidade desaparecem fumo, porque se edificam em pó, sendo estes os materiais com que os cegos Babilónios levantam as suas eminências, de que podem gloriar-se os seus amadores, se até o que parece perpétuo é a mais certa testemunha das ruínas? E como pode, na débil natureza das flores, haver hora em que confie, se não deve haver instante que não assuste? A pedra Especulares era tão rija, que merecia o nome de pedra, ainda sendo aos olhos tão transparente como o ar mais claro e diáfano. Com esta aparência, que podia crer a vaidade era formada na esfera celeste, mandou Neron que dela se lavrasse um templo à Fortuna, para que, obrigada a mentida Deidade da pureza do voto, ficasse, pela reverência, sempre a seu favor firme a roda. Apurada na obra a perfeição[218] dos artífices e a liberalidade do autor, se satisfazia a esperança de ter tanto da sua mão a própria felicidade. Concorria a admiração dos que viam pelas transparentes paredes o adorno das magníficas falas, dando a este Templo, mais que ao de Diana, o título de

[218] "Prefeição" na edição de 1749.

uma das maravilhas do mundo. Mas diverso do pensamento foi o sucesso, que o edifício caiu desperdício da mortalidade, as pedras não só foram sepultura da grandeza, mas delas a notícia do mineral, sem haver para a lembrança nem uma pequena relíquia, porque extinta a matéria e o seu primeiro nascimento, apenas se conserva a memória para a dor da perda no impossível de recuperada. Não padeça a vossa resolução o mesmo estrago, ainda que os encantos que vos suavizam queiram ser rémora da vossa viagem, que o Sol desterra as sombras, e quem as pisa enriquece das suas luzes.

O pensamento é secretário da alma.

Despedido o Embaixador, e cobrada ela do passado sobressalto, mandou, pelo mais ligeiro dos seus Secretários, de quem fiava os mais íntimos segredos do seu coração e costumava ser desafogo nas aflições do ânimo, que dissesse ao Príncipe o mal que na sua ausência passava.

- Pedi-lhe (lhe disse) se digne de ver-me, porque

De amor meu peito ferido
Em nenhum lugar descansa;
Que quem é minha esperança
Lhe dê a posse de remido.

Foi o portador, que caminhava com asas de ar, ainda que partia com passos de fogo, e não tardou o Príncipe, atraído das actividades de tanto incêndio, em se fazer presente e amante; e como se lhe não encobriam de amor os extremos, vinha informado de que os destroçados bens de Babilónia tinham cansado a Angélica das lidas das suas praças, e suspirava, no retiro dos campos, apurar a fineza dos seus cuidados, entregue só à contemplação de amar sem as perturbadas leis com que os Babilónios costumam divertir; que quando amor toma do coração inteira posse, tudo o que não é o mesmo amor se desestima. Entrou o Príncipe, já deposta a púrpura régia, e trocada no grosso saial da aldeã as insignes roupas que se usam na sua corte, adonde o suave dos ares não necessita de defensa, porque o vento não ofende, porque recreia como aura, o Inverno não aflige porque ali sempre é Primavera, sem o rigor do Estio, nem a esterilidade do Outono, tudo satisfação do gosto sem dilações da esperança. E deste paraíso baixou o Príncipe por fineza adonde Angélica o esperava, desejosa de habitar na sua companhia. Vinha ele vestido de uma graciosa pelica de inocente cordeiro, salpicada de amores-perfeitos, que só o perfeito do seu amor soube inventar este caprichoso vestido e largar a coroa de ouro pela das rosas, que, como estava o peito de amor picado, dele aprendeu a flor incêndios e lhe deu os espinhos para coroar os extremos. Trazia os pés descalços, que quem ama, pisando neves as acende em brasas. Angélica, que, presa pelos grilhões da sua memória, aborrecia as liberdades da corte e só suspirava o solitário dos campos para dar desafogo aos seus afectos, estava tão abstraída neste amoroso pensamento, que não repararam os olhos nos alvoroços do coração, que ardia sem saber que as presenças lhe inspiravam as chamas. Disse, sem ver que ele a ouvia, estas

ENDECHAS

Veni, dilecte mi, egrediamur in agrum, commoremur in villis.

Platas olorosas,
Honor de los valles,
Que adornáis los campos,
Perfumáis los aires.

Vos, que graciosas
En aura suave
Competis las flores,
Sustentáis las aves:

El prefecto amor
De mi fe constante
Firmeza os enseña,
Porque sois mudables,

Y pues sois del prado
Estrellas fragantes,
Al sol, que os alumbra,
Decid de mi parte:

Que de mis suspiros
Escuche verdades,
Que subiendo llamas,
Cenizas no bajen:

Decidle, que muero
De mis soledades;
Si quiere que viva,
Que vuelva a mirarme.

Que se de sus ojos
Luces me faltaren,
Temo que la vida
Al dolor desmaye:

Que a la aldea vamos
Para sólo amarle,
Y hagan mis finezas
Más glorioso alarde.

Permitiu o Príncipe deixar-se ver, e ela, conhecendo nele que estava a favor da sua pretensão[219], sem esperar as dilações do respeito, porque é mais confiada a fineza do amor, chegou a ele alvoroçada e, fazendo-lhe do coração novo sacrifício, lhe disse:

Si quieres, mi amado,
Que a la aldea vamos,
En buena hora amanezca en el valle
Del valle el encanto.

Del campo lo florido
Tus luces admirando
Para alfombra a tus plantas ofrezca
Florecientes mayos.

La voz de las aves
Los aires volando
En acordes trinados saluden
Las dichas del campo.

Que amable estás, mi bien,
Vestido a lo aldeano,
Y el nevado pellico que esmaltas
El Sol va envidiando.

Si la oveja perdida
Buscando va el cuidado,
En mi tienes la perdida oveja,
Que busca en ti el pasto.

- Vamos, Senhor (continuou ela), que quando a vossa mão guia os passos, até os abrolhos são flores, que eu, tendo em vós o lírio dos vales, aprenderei fortaleza para fazer rostro aos perigos e, adornado meu peito do fragrante ramilhete de mirra, darei que invejar[220] às filhas de Sião, vendo que achei a flor do campo, escolhida entre milhares. Cantares

A que o Príncipe respondeu:

- Que suave soa nos meus ouvidos a tua voz, porque o teu nome é para mim óleo derramado para curar meu peito ferido.

Nestes enternecidos extremos estavam reciprocamente empregados os dous amantes, que deixada a mentida grandeza de Babilónia, foram buscando a singeleza dos vales, adonde achava tantos despertadores a obrigação, sem que os arriscados sucessos em que tropeçam as inadvertências sejam laços que prendam os voos. Chegaram a uma campina, pobre por nascimento, porque nada tinha devido à arte, ainda que por soberano agricultor estava alcatifada dos inocentes matizes de que a

[219] "Pertensão" na edição de 1749.
[220] "Envejar" na edição de 1749.

bordou a natureza. Repicavam as campainhas nas ditas de Angélica, e para despertar-lhe o agradecimento lhe aplaudiam as venturas. Ali se viu a singela papoula mostrar, no abrasado da cor, que deve vestir-se dos incêndios quem recebe os benefícios. Lá se entremeteu um cravo que, sem artifício para ser grande, se ficara na esfera de pequeno, e se lia nas suas folhas o seu desengano, dizendo:

Se com um cravo não pára
Do tempo a roda importuna,
De que lhe serve a fortuna
De ser flor, se a não repara?

- Todo o campo é mistérios (disse Angélica), porque em tudo se escutam vozes para o vosso aplauso, Senhor, e se vem vestígios das vossas maravilhas, e até os mesmos astros que aqui alumeiam são sombras que vos retratam. Ditosos os que seguem os vossos caminhos e são contados no vosso rebanho, adonde vive sossegado o discurso sem as sombras do engano, como me diz esta formosa açucena, em quem leio:

De pérola a presunção
Tive, mas sou flor enfim,
E me fica em branco a mim
Da pérola a duração.

Arrebatado o coração de Angélica nas suaves delícias do seu amoroso emprego, que, mais que a lira de Orfeu e a cítara de Anfião, sabia atrair, clamou ao centro das piedades, dizendo que a cobrissem de flores, que estava enferma de amores, e neste amoroso delíquio a deixaremos, até dar conta dos seguintes sucessos.

CAP. XIII.
In lectulo meo per noctes quæsiui quem
dilexit anima mea: quæsiui illum,
& non inueni. Cant. 3.

CAPÍTULO XIII

Quem segue o Sol, *vence a sombra.*

Já das brilhantes luzes arrastrado
Um coração, que andava fugitivo,
Vai incitando os voos do desejo
Que até agora nas pressas foi remisso.

Purificadas as fezes do ouro da fineza no crisol da resistência à própria vontade, e deixadas ao desprezo as vaidades que tinham tão mal debuxados os empregos do gosto, vivia Angélica tão desvelada em amar, quanto tinha sido cuidadosa em ofender. Voaram as cinzas que estavam impressas na memória pelo engano da fantasia, e ficou a dura pedra em que arderam, para padrão do sentimento do que foi e eterna escritura do que havia de ser. Os robustos troncos que se levantavam gigantes na humilde campina daquela aldeia eram arcos triunfais, que adornava o conhecimento para festejar a feliz entrada do seu desengano. Vivia na florida praça daqueles bem matizados campos satisfeita a alma, que se supunha já tão longe dos enredos da vida, escutando nos copados bosques de bem lavradas esmeraldas aqueles afinados clarins que voavam ramilhetes de pluma e a toda a hora davam lições ao agradecimento, recordando da sua conservação o benefício. Ali achavam a mesa sem dependência do cuidado, gozavam a liberdade sem o desconto[221] da calúnia e, empenhados de tanta dívida, madrugavam para confessá-la, despertando a quem com a obrigação de ter mais alma para a remuneração dormia, que até o irracional crimina quando a ingratidão para a emenda não desperta. E se alguma hora a memória se põe da parte da dívida, logo o uso de esquecê-la torna por qualquer outra lembrança a sepultá-la. Aquela curiosa mulher que, violando real decreto, voltou a ver o mesmo de que a mandavam fugir, se converteu em estátua de sal para escarmento dos que, conhecida a piedade no tolerado do castigo, voltam os olhos ao que deixam, quando as grandes empresas se perdem até no que em um voltar de olhos se arriscam.

Conhecida pelo Príncipe a fragilidade da aldeã, se não com uma coluna de fogo, como ao seu Africano mais valido, com os reflexos da sua formosura a guiou, para que, surda aos ecos de Babilónia, se fizesse natural do Empíreo, aprendendo nos campos elísios a ser flor perpétua na constância, já que tinha sido flor mudável nos bem-me--queres dos deslizes. Não podia ela com os seus próprios impulsos seguir os apressados voos com que ele media distâncias, porque a poder infinito se facilitam até os que são impossíveis à mais empenhada diligência[222], e sem tanta ajuda de custo, como lhe prometia quem nada se lhe dificulta, ainda o pensamento suspendera, porque com forças naturais nem ele se adiantara. Destas cobardias, herdadas da terra em que teve a sua primeira origem, atiravam as valentias do amor, que ainda não chegando a ser gigante lhe parecia a ela bastante para obrar façanhas: engano fabricado na imaginação, e tantas vezes destruído pela experiência, que a confiança, se é escudo de tão fino aço, que deixa frustrados os golpes nos mais furiosos combates,

[221] "Disconto" na edição de 1749.
[222] "Deligência" na edição de 1749.

também por indiscreta é muitas vezes lastimosa ruína das que pareciam vitórias. Digam-no alguns soldados que, seguindo a voz do Empíreo, pelejaram a fogo e sangue contra os de Babilónia, e despois de demolir altas torres, ganhar bandeiras, prostrar exércitos, por uma vanglória do que venceram vieram a cair em cativeiro infeliz. Destes perigos, de que deve temer-se ainda o ânimo mais robusto, se livra só quem, conhecendo o pouco que pode, se teme do nada que vale, se para alentar-lhe o braço a não guia poderosa mão. Entre o vigoroso alento que lhe infundia o amor que do Príncipe se lhe comunicava, e o temor que lhe representavam as pagadas quedas, persistia[223] Angélica, já fiada na arrimo que a sustentava, já desmaiada pelo que de si conhecia, mas, sempre que a memória recordava os benefícios do desengano, queria levantar templos ao agradecimento, confusa na dissimulação com que tinha sido tolerada a sua profiosa rebeldia. Estas eram as lustrosas armas com que triunfava dos assaltos do seu pensamento, quando lhe propunha as divertidas horas que, em oposição às solidões da aldeã, passava nos divertimentos da corte de Babilónia. A esta pálida nuvem se opuseram um dia as luzes do Sol, e viu Angélica uma cinta que, tendo uma extremidade presa em altíssima esfera, com a outra lhe cingia um braço, e era de tão formosas e aprazíveis cores, que parecia pedaço do arco-íris, quando vem pacificar as tempestades, e alumiando o ar com claríssimo resplendor lhe mostrava uma estreita e comprida estrada, para donde a conduzia, e entendeu devia segui-lo, o que fez com intrépida resolução, entrando pelo apertado do caminho sem que o susto desanimasse o valor, socorrido da fé, que lhe dava luz para acertar em tão difícil empresa.

Trahe me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum.

A inspiração é guia para a penitência.

Aos primeiros passos reparou que, semeada a terra de duríssimos abrolhos, não estava deles livre espaço em que se firmasse o pé sem dor. Era a áspera vereda cerrada pelos lados de grossos espinheiros, adonde o rigor dos troncos parece que feria até os olhos que se lhe aplicavam. Estava a estrada cortada a espaços com asperíssimas penhas, de donde podia tomar lições a constância, e de todas as pedras corriam umas lágrimas de água, em que se desatavam até os penhascos, e não desciam como riso das fontes, sim como pranto das pedras; porque até as pedras devem chorar, quando da dureza das pedras se vem rir as fontes.

Macário

Elevado na sua corrente, como quem dela aprendia a desprender os grilhões que tinham sido prisão das liberdades, estava lavrada em rijo mármore a estátua de um homem, vestido de uma áspera pele, o cabelo ondeado pelo vento e não pelo artifício, os olhos na fonte e só a água nos olhos. Desmentia-se vivo pelo imóvel, e não o parecia pelo natural da semelhança de homem. Junto dele se levantava um pedaço da mesma rocha, em que estavam entalhadas estas letras:

Lágrimas, se sois de amor
Não pareis,
Que retrato meu sereis
Em rigor.

[223] "Presistia" na edição de 1749.

Macário em vos aprendendo
A chorar,
E ficou no ardor a orar
Ardendo.

Passou adiante, porque a luz que a guiava não parou aqui, e o seu norte era aquela luz. Continuada a aspereza do caminho, em que o duro das rochas estava incitando as fortalezas no ânimo mais robusto, entrou Angélica a ponderar com o seu pensamento as contradições da sua vontade, dizendo:

- Este rigor pode resisti-lo a força de quem para batalhar já nasceu armado de fortaleza, como Macário. E o que pode uma flor gigante, como há-de imitá-lo um jasmim cobarde? Eu quero amar, mas posso amar sem me expor a morrer. Voltar as costas às suavidades de Babilónia, sim, é custoso, porém a minha fineza poderá pisá--las, porém a vida de indomáveis feras não é para quem se criou em mais racionáveis empregos.

Neste argumento tinha vencido grande espaço da fragosa estância, quando chegou a um cerrado arvoredo, adonde nem o sol tinha entrada, defendido pelo impenetrável das silvestres ramas, e tão enredados estavam os troncos, que sem grande trabalho não podia examinar-se o que encerravam aquelas rústicas paredes. A diligência ou o mistério venceu facilitar-se uma estreita porta que, coberta de secas canas, estava delas tão tapada, que, sem particular permissão, não era fácil a entrada. Atropelando sustos e pisando medos, entrou Angélica naquela mais prisão que domicilio, e viu uma mulher a quem os rigores tinham tão trocada a figura, que podia duvidar a vista se se enganava no que representava. O vestido era um estreito e grosseiro saco, a cabeça, em que ainda se divisava o ouro em fios, estava meada embaraçada dos ares, o rostro era testemunha da formosura que fora, e já mostrava o desengano que era, os adornos da casa se cifravam no despido da terra por cama, o mal lavrado de uma pedra por travesseiro, uma tosca cruz por alfaia de preço e uma caveira por espelho. Estava tão vivamente lavrada esta misteriosa imagem, que, enganada com a semelhança, chegou Angélica a perguntar-lhe quem era e, despersuadida[224] do que imaginara, viu na mesma pedra escritas estas letras:

Esta, que vedes correr,
Já de Antioquia foi mimo,
Hoje só tem por arrimo
Do que foi o seu temor:
Onte as pérolas pisou,
Das esmeraldas fazendo
Alcatifa, porém vendo
De mortal a duração,
Para mais alto brasão
Viveu Pelágia morrendo.

[224] "Despresuadida" na edição de 1749.

Certa de que só para muda lição aos seus melindres se lhe mostravam de Pelágia as penitências, deixou a estância, mas não a ideia, dizendo:

- Sim, foi áspera a vida desta mulher, a que o extremado da beleza, o desperdício das riquezas que pisava, as singulares galas com que encantava a quem a via, dando-lhe o título de preciosa margarita, trazia encantados os alvedrios, mas nem a todas se comunicam os mesmos alentos, e eu posso não ser tão robusta, porque ela talvez tivesse compleição mais delicada. Verei adonde me leva esta veloz carreira, que me arrastra, que talvez se pague só de que ame e não de que pene.

Deixou a cabana, e foi buscando o fim daquele fragoso caminho, entendendo que ainda passava a mais quem a persuadia[225] nas asperezas que lhe mostrava. A poucos passos chegou às margens de um rio, que em mansas ondas se ia dilatando por entre copadas faias, que serviam de muro para resguardo das suas águas, e na sua corrente levava despojos que mostravam ser de alguma grande batalha, e com o próprio pensamento disse: "Que estranho é para mim o uso destas armas, ainda que não desconheço que com elas se ganham triunfos nos mais fortes assaltos. Se eu não tivera tanto que vencer no que me deslizei, não me aconselharam para tão profiosos descuidos tão crescidos golpes. Mas que há-de fazer o ânimo adonde o rigor é sobressalto? Este rio, que corre despenhado, me avisa que nada pára donde nasce, e a mim se me introduzia que nascera para não pararem os alentos da minha vaidade, que hoje vejo destroço do meu desengano. Mentia-me a ilusão do desejo, e agora a exala em fumo o meu conhecimento; mas recolhamos estes, que parecem desperdícios e talvez serão tesouros."

Estendeu a mão à veloz carreira com que corriam as águas e tirou delas uma meia roupa, tecida de duros ferros e do mesmo metal, algumas cadeias, umas enlaçadas e espinhosas, outras que rematavam em rosetas de igual artifício, com muitas semelhantes alfaias.

- Que é isto (disse assustada a admiração de Angélica)? Quem, costumada ao delicado de brandas sedas, poderá sofrer o rígido de tão agudos ferros, se não for quem, embalando no berço das asperezas os primeiros ensaios da vida, fizer, sem estranheza, vida destes ensaios? Para fineza é pouco, e para duração é tanto, que não poderá durar muito esta fineza, e abreviar-lhe o tempo parece gosto de diminuir-lhe o excesso, e eu, que já comecei de amar, desejo acrescentar e não diminuir o sacrifício. Mas vejamos como assim se vive, por mais que a mim me pareça que assim se morre, que talvez traga o rio os cabedais de quem bem morre, para despertador de quem mal vive. Quero com o fio de prata destas águas guiar-me no labirinto de tantas confusões. Fique no imóvel tronco deste alto freixo agora o de que fará importância amanhã o meu seguro.

Sofrónia solitária

Continuou o caminho, para que ainda levava a mesma luz por norte, e a pouco espaço viu um grande número de águias que, fazendo escolta em um pequeno vale, estavam cercando um vulto, que ao pé de um seco tronco tinha o seu descanso, e as águias, tendo privilégios de rainhas, se prezavam ali de cuidadosas sentinelas. E, com perseverante[226] diligência[227], cortavam com os arpados bicos verdes ramos, de que

[225] "Presuadia" na edição de 1749.
[226] "Preseverante" na edição de 1749.
[227] "Deligência" na edição de 1749.

cobriam o enigma[228] que guardavam, e o borrifavam com a água do rio trazida nas penas das suas asas, de que sacudiam este reverente chuveiro. Chegou a suspensa aldeã a examinar tão novo sucesso e achou uma mulher, vestida de secas folhas que, tendo despedido do corpo a alma, guardavam aquelas aves decoros ao seu corpo. O páramo era tão pouco habitado, que se não via nele sinal de ter sido pisado de humana planta, nem de inumana fera, e só com especial distinto[229] o assistiam aquelas águias, mandadas por mais alto decreto. Levantou ela os olhos ao tronco e viu nele cravada uma faca, que mostrava ter sido o instrumento com que se tinham entalhado estas letras: *Aqui viveu Sofrónia Solitária*, *sem mais companhia que a sua fineza, e por alto decreto escreveu o seu nome*, *adonde persevera*[230] *ignorada dos homens e respeitada das águias.*

Ao pé do mesmo tronco, em uma lisa tábua de mármore, se liam estas

Óiganme, aun los rusticos páramos,
Sírvanme de testigo las selvas,
Cálmense de los vientos las iras,
Dígante de mi nombre las señas:

Piélago de cristal este río
Háblete en sus voces ligeras,
Cuéntete de mi vida el ocaso,
Círculo de mi muerte la esfera.

Término de Sofronia el espacio
Rígido hoy se admire en la tierra;
Víctima, que obediente al preceto
Rústica en la relva se assienta:

Pródiga la belleza ocultando,
Síncopa, que su amor representa;
Cláusula solo a un polo reduce
Fértiles de su amor las finezas:

Llévente las corrientes las armas,
Rápida se admiró la pelea,
Águila, que naciendo sublime,
Frágila Salamandra se quema:

Ámbares, que envidiaban las flores;
Nácares, que ostentó su belleza,

[228] "Egnima" na edição de 1749.
[229] "Destinto" na edição de 1749.
[230] "Presevera" na edição de 1749.

Tímidos del engaño al estrago,
Símbolos los deshace la arena:

Cándida en su muerte se admira,
Nítida en su aurora se ostenta,
Líbanos, que le dan la mortaja,
Pájaros, que le sirven la ofrenda.

- Que mais evidências espera o meu coração, para transformar os desvios em que se suspende, nas deliberações em que se utiliza? Estas, que, na aula dos desenganos, aprenderam a desprezar vãs aparências, que a sopros do tempo desaparecem fumo, tendo luzido chama, talvez tivessem menos robustas forças e obraram com vida de vidro finezas de bronze, e eu, que, devendo ao Príncipe as que, enchendo os pólos, confundem até os abismos, por que hei-de por amar-me deixar de amá-lo? Pelágia, apetecido grilhão das liberdades, que desprezando o mais precioso das riquezas trazia debaixo dos pés as pérolas de que se prezam as coroas, era o ídolo de Antioquia, a margarita preciosa por antenomásia, tendo-se por ditosos os corações que aos seus olhos ardiam flamantes vítimas, se despojou de tudo que dava calor à sua vaidade, por dar mais lustre à sua fé, satisfazendo ao seu amante na extremosa demonstração de sepultar a sua formosura no estreito espaço de quatro troncos, em que formou o seu palácio, negada aos aplausos de Babilónia, e naturalizada só nas solidões do ermo que escolheu para teatro dos excessos do seu amor. E eu que, com a moeda das ingratidões, comprava os precipícios em que só lucrava os desacordos, ainda não acabo de edificar seguros que me defendam de tão perigosos lances? Grande rebeldia em agradecer, grande liberalidade em dispensar!

Sofrónia, a quem faltavam instantes no dia para numerar os triunfos da sua formosura, tão opulenta nos bens da fortuna, que se gloriava a fortuna de render-lhe os seus tesouros, era elevação da corte, desmentindo a duração de mortal com as aparências de deidade, confusa no multiplicado dos benefícios que recebia e envergonhada, como generosa, do mal que os pagava, buscou o seu brio traças em que lograr os mais raros progressos à sua fineza, vivendo em tão solitário deserto como se, para habitação sua, nascera ela só no mundo. Dos desabrigos se lisonjeava o gosto, dando-lhe o campo as mais sazonadas viandas para a sua mesa, sem mais práticas que as que tinha com o seu amante. Só a ele viu em todos os anos que ali viveu. Até o seu nome se ignorara, se o mesmo amante lhe não mandara o escrevesse em um tronco, quando para premiá-la a levou consigo ao seu reino. Raros são os prodígios de quem sabe amar que ficam eternos na fama, porque o seu clarim seja pregão que lhe conserve a memória, entre as ruínas do tempo. São as demonstrações do amor tão poderosas, que domesticam as feras, e as criaturas mais feras que os brutos apostam ingratidão com o mesmo amor. Esta verdade se vê em mim tão justificada, como se prova nas finezas do Príncipe, tantos anos mal conrespondidas da minha inconstante vontade, não bastando para firmá-la nem as obrigações, nem os exemplos. A planta lótus, que nasce nas correntes do Nilo, é jeroglífico do agradecimento: tem a propriedade que, enquanto o Sol alumeia o hemisfério, o segue ela, como quem dos seus raios recebe os alentos de que vive, e em ele chegando ao

Diz Plínio.

seu ocaso, ela se sepulta nas águas, até que torna a renascer no seu oriente, e então, deixando dos cristais a urna, cobre de frondosas ramas a sua majestosa pompa, para tornar à sua contemplativa fineza. Semelhante extremo se refere da ave íbis, que, seguindo com os olhos a Lua, enquanto ela alumeia, de vê-la se não aparta e, quando já a não divisa, a ave, como mortal, se sepulta, até que outra vez com a sua luz cobra alento. Que maior afronta de um ânimo racional que ver-se excedido de quem com menos alma vive com menos de bruto! Acabemos de uma vez de emendar os passos, que nos aclaram as luzes e seja hoje a última rebeldia que malquiste o meu amor, deixando-me levar de quem pela maior ventura me mostra o caminho de alcançá-la nos suavíssimos extremos que me persuadem[231] a que esqueça as ásperas montanhas que ameaçam as minhas ruínas! Se os ecos do músico Anfião sobre os muros de Tebas assentavam domésticas as feras mais intratáveis, como não basta para prender-me os afectos a doce cadência do amor do Príncipe, sendo atributo da sua soberania vencer amante a quem se lhe resiste ingrata? Diga-o aquele que, nas cadeias da sua cobiça, tinha tão cativa a liberdade, que tudo que não eram as usuras do interesse desconhecia por ventura, e chamado dos ecos do amor, sacrificou quanto o prendia, por ser secretário dos segredos de quem o chamava; e eu, com mais eficazes vozes que o onzeneiro, não acabo a desprender-me dos falsos cabedais com que deixo enlaçar-me. Cessem já, Senhor, os meus vagares, e levai-me aos odoríferos cheiros das vossas moradas.

S. Mateus

Baste, não mais de engano,
Cessem as aparências fabulosas
Que causaram meu dano
Quanto mais belas, sim, mais enganosas,
Deixando em dor interna
Por uma breve vista pena eterna.

Se são do mundo as glórias,
Que em um momento só desaparecem,
Ídolo das memórias,
Que voa fumo, quando luz parece,
Como a Tântalo vejo
Morrer o logro em meio do desejo.

Leva-me já o amor atrás de ti, para que siga o resplendor da tua formosura. Leva-me dos enredos de Babilónia às doces liberdades da tua corte, rompe os grilhões que me tem injustamente cativa, e seguirei os ligeiros passos, porque se caminha ao reino do descanso. Leva-me àquela perfeita união, adonde respira a mesma alma que se enlaça à suavíssima transformação, donde o amante e o amado ficam por fineza um mesmo composto de perfeições, e já que a minha debilidade não pode seguir-vos a voos, leve--me o que amo, mas que seja de rastros, que, indo convosco, a mesma vileza da terra será palácio do Empíreo, e lograrei nas vossas luzes ver destruído o tenebroso das

[231] "Presuadem" na edição de 1749.

trevas. Corra, Senhor, às felicidades quem se desvelou nos precipícios, que para atrair-
-me o coração me serve de estímulo o cheiro dos vossos perfumes, porque

De tu suaves aromas
Tan ambiciosa me miras,
Que al olor de tus fragancias
Mi amor las selvas fatiga.

Flores, tu aliento reparte,
Y el alma dellas ácida
Al ambar de tus ungüentos
Enamorada camina.

Eres bálsamo precioso,
Que de amor por las heridas
Ardientes rosas exhala,
Fragantes llamas respira.

Nestes amorosos delíquios da fineza estava já Angélica tão transformada, que tudo que não era amar parece lhe aborrecia, e bem achada no áspero do caminho fez nele assento, como veremos no mais que se segue.

CAP. XIV.

Adiuro vos filiæ Hierusalem, si inueneritis dilectum meum vt nuncietis ei.
quia amore langueo
Cantic. 5.

CAPÍTULO XIV

Quem busca as delícias deslustra as finezas.

Nos amorosos laços das ternuras
De Angélica os afectos influídos
Parte a buscar o amante, que repousa
Mais amante nos braços do martírio.

Os mais subidos quilates das finezas é amar sem alentarem o valor às esperanças de lograr a suavidade dos favores, que só deve quem muito ama prender o coração pelas perfeições[232] do amado, tendo só o amor por prémio: que amar como quem espera não é amor, é interesse.[233]

Já as doçuras de amorosos sentimentos tinham alvoroçado o ânimo da reduzida aldeã, avaliando um sensível afecto por tão agigantado merecimento, que lhe parecia ter direito para pretender[234] igual remuneração à fineza de deixar as confusões da corte pelo retiro de que seria habitadora, malquistes com o seu gosto aquelas horas em que o Príncipe lhe negava a sua presença, dando por menos experimentada maior valor ao logro das permissões que à eficácia das memórias, que lhe puniam as passadas variedades com que os deslizes da vontade tantas vezes fizeram estragos na razão.

Pagava-se de buscar à sua satisfação os prémios da sua diligência, ainda tendo nela tão pouca actividade os desvelos[235], que, com perda da própria comodidade, não se alentava o cuidado, porque logo enfraquecia o empenho que desta errada proposição se adorna o amor imperfeito, quando as ligeiras plumas de qualquer amante pensamento lhe parecem vigorosas asas, que dão remontados voos para transcender altíssimas esferas. E como se as experiências não foram testemunha dos precipícios, se sepultam os avisos na urna do esquecimento, perdido o acordo de que deve a confiança segurar-se nos alicerces do temor, pondo tal resguardo à luz que a guia, que o ar da presunção de que tem vencido não apague o reflexo que a encaminhou na noite de Babilónia a dar os primeiros passos pelas estradas do Empíreo, adonde aspira a chegar o desejo, mas a fraqueza do ânimo, fugindo de pisar abrolhos, só busca o ameno campo de mimosas flores, enganada a vontade na persuasão de que se pode vencer sem trabalhar. Esta mal fundada ideia, que nos errados discursos costumam introduzir os pensamentos, são os tropeços em que perigam os menos acautelados, destruindo por amar-se a si quanto podiam lucrar no que de si deviam temer-se.

---

[232] "Prefeições" na edição de 1749.

[233] Devido à ambiguidade da interpretação, reproduz-se a pontuação original: "Os mais subidos quilates das finezas é amar sem alentarem o valor as esperanças de lograr a suavidade dos favores, que só deve, quem muito ama, prender o coração pelas perfeições do amado, tendo só o amor por prémio; que amar como quem espera, não é amor, é interesse."

[234] "Pertender" na edição de 1749.

[235] "Disvelos" na edição de 1749.

Filipe, Rei de Macedónia, com mais juízo que fé, mandava que todos os dias pela manhã lhe lembrassem que era homem, para não esquecer-se de temer como mortal, e o susto do fim servisse de espelho em que estudasse o seu desengano, madrugando a luz do conhecimento para não cair na noite das vaidades quem se arriscava aos precipícios entre as sombras de aéreas presunções. Não reparava Angélica no muito que as suas tibiezas excediam as heróicas finezas do Príncipe e o alto preço por que a remira do grosseiro cativeiro em que nascera, subindo-a ao eminente estado para que a destinara, e parecendo-lhe que era excesso o que ainda não passava de primeiro impulso, largou por breve espaço o descanso do sono em que, suspendido todo o acordo, se descuidava dos perigos, entregue toda aos sossegos, querendo, entre as comodidades do gosto, achar remunerado no favor o que ela de si cria superabundante desvelo[236], e com a escassa luz deste inútil desejo, entrou confiada na pretensão[237] de logo achá-lo obrigado, sem ter que alegar-lhe mais que uma diligência[238], que não passava de imaginária e, fiada no que de si supunha, se determinou a explicar-lhe a sua fineza neste

ROMANCE

In lectulo meo per noctes quaesivi, quem diligit anima mea.

Afuera pedazos viles
De mi fantástico sueño,
Aprovechemos la luz
De la razón a reflejos.

Estas sombras coloridas
Con las tintas del deseo,
Si las destempló el error
Las emiende el escarmento.

Si en las láminas del gusto
Erró líneas el despeño,
Las cenizas del descuido
Vuelen átomos del viento.

¡Oh cómo dichosa el alma
De amor en tu fuego ardiendo,
Es cera lo que fue bronze,
Volcán el mas tibio afecto!

Aquí a excesos de finezas
Retórico diga el pecho,
Que sólo en decir que te amo,
Son los suspiros discretos.

[236] "Disvelo" na edição de 1749.
[237] "Pertensão" na edição de 1749.
[238] "Deligência" na edição de 1749.

Decir que amo no es ofensa.
Si de amor el noble empleo,
Va dando a la adoración
Hidalgas señas de premio.

Al furor de las memorias,
Que me representa el tiempo
Enfrene lo que tu puedes,
Pues lo que yo puedo es menos.

Donde he de hallarte, bien mío,
Si en tanto dolor violento,
Pedazos, aun más que votos,
De mi corazón te ofrezco.

A mi ruego no te ocultes,
Cuando rendida prometo
Que hasta el ultimo suspiro
Ha de ser de amor extremo.

Al pecho en ardiente fragua
Del corazón los alientos,
En vez de remedio, sirven
De nueva materia al fuego.

Ya reducido a finezas
En mayor volcán ardiendo,
Más retóricas las llamas
Dan mayor calor al ruego.

No me niegues las piedades,
Pues hoy mi amante disvelo,
Te deja, más que a razones,
A gemidos satisfecho.

A quem não passa da esfera de homem pode uma sensível ternura parecer extremo, ainda quando não é mais que imaginado obséquio; porém, o Príncipe, que por monarca do mais elevado império tinha sublime inteligência, conheceu que Angélica só pelo dos[239] favores atraída, se exercitava nas desveladas[240] demonstrações de empenhada. E, levada do gosto e não da fineza, comprava uma vaidade com o preço de um rendimento. Negou-lhe a sua presença, porque o susto de não achá-lo fosse cautela para não perdê-lo e, ainda que se não ausentou, esteve tão oculto àquele

[239] Este é um caso de sintaxe arrevezada do texto original, que se manteve por fidelidade editorial.
[240] "Disveladas" na edição de 1749.

cuidado de que se desobrigou por omisso, como quem queria que nas actividades do desvelo[241] se fizesse capaz do prémio de bem conrespondido, fiando da experiência deixar patente o infalível de que amor que atende a alcançar não pode chegar a merecer. Foi o sobressalto pedra de toque, em que o coração de Angélica advertiu a nulidade do voto que oferecia, para emendar-lhe o imperfeito no desinteressado[242]. Repetia os passos, multiplicou os suspiros, examinou o aposento e, desenganada de achar o que buscava, sossegou o desejo, embalado no berço da esperança, prometendo-se o bom logro de que o Príncipe, como amante, não sofreria dilatada ausência, quando ela já se confessava saudosa. Tibiamente ama quem tão depressa cansa; mas destas omissões se veste aquele amor que, querendo fazer gala das finezas, se adorna com o sambenito das próprias comodidades. Volta a cobrar o perdido sono, contente na primeira diligência, ainda vendo-a mal desempenhada, quando ouviu um ai, que no campo soava tão lastimoso, que a fez parar a escutar a causa de tão enternecida queixa, que em mal formadas dizia:

Ai infeliz fortuna,
Ai sorte avara,
Que te perdi em ti,
Porque em mim te buscava!

Com a mesma dor continuou assim a lastimar-se:

- Adonde há-de achar recurso a minha aflição, perdida aquela esperança de que as experiências foram tantas vezes fiadoras, e hoje já são espinhos do repúdio as que então eram rosas pelo incêndio? Trocadas pela ingratidão as chora, sem remédio, o meu desengano, que quando às ternuras se negam os ouvidos é porque nas mãos do agravo morreram os afectos, e não fica já sagrado o que deve amparar a emenda. Voltou-me as costas a piedade, perdi de vista o favor, errados os caminhos do cuidado e, se não posso já cobrar o que desperdicei, parece mais justo mudar de emprego o desvelo[243], que, se é infalível o dano, para que há-de perder-se também a vida no sentimento, se enquanto ela dura, posso, por lei natural, tratar de amar-me? Para que agora, e depois, hei-de aborrecer-me? A sentença está dada e não a muda o tribunal, que é recto. Tenhamos do mal o menos: se lá me espera sem dúvida o estrago, goze-se antes o divertimento, que fugir ao com que não posso é injustiça que se pugna.

Bem entendeu Angélica que aquela prática também com ela falava e, querendo apurar quem era que enigmaticamente[244] lhe arguira os pensamentos, aplicou a vista e conheceu era um homem a quem as insígnias de militar mostravam ser pessoa mais que ordinária, o traje de maior ostentação do que mostravam os queixumes da sua má sorte, o qual, em a vendo se adiantou a buscá-la político, e perguntou, cortês, que sucesso a desvelava a horas em que todo o cuidado então dormia, mas se havia caso em que ele pudesse dar-lhe o remédio, o faria como quem tinha por brasão acudir aos que dele se amparavam.

[241] "Disvelo" na edição de 1749.
[242] "Desenteressado" na edição de 1749.
[243] "Disvelo" na edição de 1749.
[244] "Egnimaticamente" na edição de 1749.

Abriu ela a janela, a que até ali as vidraças tinham servido de cortina, e respondeu:

- Estais vós tão mal com a vossa fortuna, que não deixais esperança de poder emendar a alheia, mas, como compadecer dos aflitos é generosidade do ânimo, me lastimei de ouvir-vos enquanto infeliz, suposto me desagradou crer-vos impaciente nas contrariedades do mundo.

- A tolerância (disse ele) nunca pode ser merecimento, que a paciência é cobardia, quando a esforçar a dor se ajunta a grandeza da pessoa agravada com as desporporcionadas condições das sentenças, e para que vós saibais que devo, como nobre, não sujeitar-me aos limites do sofrimento, direi quem sou, e as causas que me fazem sensíveis os males que padeço. Eu, Senhora, nasci com tão altos privilégios e espíritos tão elevados, que pude opor-me ao mais poderoso dos monarcas e, por ter da sua mão recebido o ceptro, entendi me era devido assentar a minha cadeira igual à sua. No cristalino espelho da minha ciência conheci as perfeições com que me dotou a natureza, e que por elas merecia amar-me a mim tanto, que a todos os Babilónios trouxesse a dar-me adoração, mas tão outro foi o sucesso do que me prometia o meu pensamento que devendo-se-me culto, padeço irremediável degredo. A mesma infelicidade vos vejo padecer a vós, pois por querer-vos poupar a um sensível tormento[245], vos deixou o amante a quem queríeis e se ausentou, como vedes, mostrando que era sem-razão ainda o tíbio afecto que aplicais a não matar-vos. Esta tirania não havíeis de achar em mim se, trocada a sorte, me désseis o coração que ele vos compra a preço de mortificações vossas, como sucedeu a essas de quem vistes as imagens, atenuadas nos desertos por força de impiedades, e o mesmo quer de vós, quando intenta vos escondais até da fortuna que vos segue, porque não estimeis o que sois. Dai-me palavra de serdes[246] minha, e vereis tão outra a vossa sorte, que pareça só para lisonja do vosso gosto criaram frutos os pomares, flores as plantas e os mares pérolas. Será tributo à vossa beleza, quanto o sol ilustra, quanto as estrelas influem, quanto os céus rodeiam. Vereis que altero as esferas, que pacifico os ventos, que inquieto os ares, que faço respeitada a vossa pessoa, pretendidas[247] as vossas prendas e adornado dos mais importantes tesouros o vosso trato. E não vos pareçam falidas as minhas promessas, porque me vedes confessar infortúnios, que em mim não é isto diminuição do poder, é cólera, de que se ultraja a majestade do meu ser. O que vos prometo, como grande, desempenharei como rico, e mostrarei, como sábio.

O Espírito rebelde oposto à Alma

Não se inclinava Angélica a aceitar tão largas ofertas, mas não tinha para fugir de ouvi-las aquela valentia de ânimo de que devia armar-se a fineza para crédito da fé. Antes sentia no mais íntimo da alma uma inquietação das potências, que a tinham em declarada guerra. O encoberto pretendente[248], que lhe conhecia o desassossego, multiplicava os rogos, por melhor lograr os laços, dizendo:

- Não vos suspenda, Senhora, o temor de que pare em ilusões o que prometo realidades, que para o meu poder pouco é eclipsar o Sol, amortalhar o dia, apressar a

[245] "Tromento" na edição de 1749.
[246] "Seres" na edição de 1749.
[247] "Pertendidas" na edição de 1749.
[248] "Pertendente" na edição de 1749.

noite[249], alterar os ventos e desprender da sua esfera os raios, que a Júpiter para eles empresto o fogo, a Mercúrio dou ligeireza aos voos, a Plutão assopro as lavaredas, a Neptuno pacifico ou embraveço as ondas, a Marte encolerizo na guerra e a Cupido dou o veneno para as setas e lhe sou guia nos triunfos, e quem assim domina as jurisdições aos deuses, vede se podeis duvidar-lhe os impérios. Se me ouvistes queixar de infeliz, foi porque me agravou quem com diversos efeitos vos quer dominar os passos, sepultando-vos as luzes nas cavernas dos desertos e deslustrando-vos a beleza, atenuada nos rigores do mau trato. Já tendes dado muitos dias a viver de violências, descansai agora das tiranias, que para vos dar merecimento tendes crescido motivo. Que malencólicas ideias, se já vedes, bastaram a malquistar-vos, de que vos serve arrepender-vos?[250] O mal está concluído e, se há-de ser castigado, enquanto tarda, lograi o bem do divertimento, que eu tenho reino com tantos habitadores, que sobram a fazer-vos companhia, se quiserdes[251] seguir os meus passos.

A luz do Céu aclara a tentação.

Aqui chegava o cauteloso encoberto quando, ao reflexo de um grande relâmpago, se aclarou a sombra da noite[252] em que flutuava o coração de Angélica, e lhe ficou patente que o que assim blasonava de rei era um Etíope de tão medonho aspecto, que de vê-lo podia desfalecer o ânimo mais robusto. A forma desmentia o ser de humano, assemelhando o mais disforme monstro: os olhos cintilavam fogo, o alento respirava fumo e, ao estalo de um estrondoso trovão, se ouviu no ar uma voz que disse:

Retírese la sombra,
Que a la luz da combate,
Porque la noche muere,
Luego que el Sol renace.

Camine hacia el abismo
Quien entre llamas arde,
Que locas presunciones
Suelen precipitarse.

Los rayos, que flumina
El poder a abrazarle
Hasta el centro caminen,
Que es de soberbias cárcel.

Caiga infeliz luzero
Adonde su hospedaje

[249] "Noute" na edição de 1749.
[250] A segunda parte da frase tem, necessariamente, uma entoação interrogativa, pelo que foi necessário quebrá-la a meio. A sintaxe desta mesma segunda frase não é de todo evidente, pelo que se regista aqui a versão original: "Já tendes dado muitos dias a viver de violências, descansai agora das tiranias, que para vos dar merecimento tendes crescido motivo, que malencólicas ideias, se já vedes, bastaram a malquistar-vos, de que vos serve arrepender-vos?"
[251] "Quiseres" na edição de 1749.
[252] "Noute" na edição de 1749.

Sean llamas ardientes,
En que su ardor se inflame.

Cessou a voz, mas não os efeitos dela, porque, repetido o eco nos espaços do campo, soava o imperial decreto no côncavo das penhas, para maior confusão do que, desfeito em horroroso fumo, era testemunha evidente da sua infelicidade, baixando ao escuro reino das trevas, por se atrever manifesto opositor das luzes. Não são os sucessos sempre remédio aos enganos, porque, sepultados no esquecimento, ficam inúteis à consideração. Já Angélica se tinha visto outras vezes nas ruínas de Babilónia, ameaçadas suas próprias ruínas, porque não chegavam as forças a ser escudo que a defendesse de tão mortais golpes, e teriam chegado ao último rigor, a não estar sempre a piedade cerrando as portas ao castigo.

Inficionado o ar com o pestífero alento do precipitado Etíope, e assustado o coração da enganada aldeã, trocou em vigorosos passos os suspendidos afectos, dando novo calor às deliberações, esforçava diligências para desmentir deslizes. Tornou a buscar o Príncipe, examinando o mais oculto do próprio peito, para ver se nele achava guia que a encaminhasse na fineza, porque a mesma luz que lhe mostrou o perigo deu actividades ao cuidado, advertindo o discurso os desperdícios do tempo. E, conhecida a fraqueza em que tantas vezes tropeçara o seu pensamento, deixando que as horas da irresolução parecessem erros da vontade, se repreendia de cobarde, por ver que bastara para o seu despenho o que não tinha mais ser que perder o que teve, para eternamente chorar o que hoje era.

Começou a temer-se de si, lembrada de que aquele primeiro homem que, com privilégios de monarca, se lhe deram soberanias de rei universal, não só máximo entre os homens, mas reconhecido e respeitado das mesmas feras, o mais prendado entre os racionais e figura expressa do seu soberano autor, desafiado pela mais débil força, se deixou vencer tanto do primeiro combate que, arrastrada do gosto a fortaleza da razão, caiu vencido, porque da resistência se deixou desarmado e, perdida a coroa e o património, só lhe ficara por herança o amargo da dor no desacordo do sucesso, que ainda dura nos seus descendentes. E se isto sucedera a quem em outras prerrogativas podia confiar-se, ela, que tinha a fragilidade por natureza, e já mais arruinada nas quebras do barro, como se não temia do que podia passar de imaginado a consentido, quando o estrago daquele veneno não ficara só no ser terreno, mas subira a sua operação ao mais alto das esferas, fazendo que os seus habitadores medissem a grande distância que vai do Céu ao abismo? O susto que motivou o possível desta infelicidade e a recordação do benefício daquela luz deu maior actividade às diligências[253] para buscar o perdido bem em que continuou desvelada, e conseguiu, ditosa, que, como buscou o amor no mesmo manancial em que estava reprimido, sem dúvida havia alcançar o extremo premiado. Chorou, magoada, rogou, enternecida, dizendo: Adão

- Vinde, filhas de Sião, a fazer companhia aos meus tristes suspiros e vereis na causa deles que são as minhas lágrimas muda eloquência para explicar a minha dor. Busquei ao que ama minha alma e, quando cri estaria nela como morada sua, só encontro o desengano, porque se desencontrou dele a pureza do meu afecto. Parecia-lhe, ao meu coração, que não era o fogo que nele ardia de outra matéria que não

[253] "Deligências" na edição de 1749.

fosse o amor de meu amado; mas enganei-me com o que amava e, buscando-o a ele, me encontrei a mim tão distante daquele caminho em que só acerta quem a si se deixa, que padeço a dor de ausente, porque não soube apartar-me do que basta a desunir-me. Bem sei que à grandeza de um monarca lhe seria estreito alvergue o meu peito; mas se vós, Senhor, na vossa primeira infância, fizestes digno palácio uma lapa palhiça, no meu coração encontráveis dureza de pedra, fragilidades de palha, ingratidões de bruto. Desencontrei-vos, Senhor, porque na noite[254] da minha inconstância, rebelde aos vossos benefícios, cega e sem luz nas trevas da minha profia, não podia acertar os passos, se os desencaminhavam as sombras. Busquei-vos em uma alma que mais parecia minha que vossa e, devendo buscar-vos pela fineza de servir, só me apressava a ânsia de me ver premiar. Busquei-vos enfim para mim, quando devia esquecer-me de mim por amor de vós. Mas esta minha ignorante fineza tem a desculpa[255] de minha: emende-a agora uma luz vossa, para que, vencida a sombra que me desencaminha, acerte o desvelo[256] a encontrar-vos, descansando em um coração amante.

In lectulo meo noctes.

Desassossegada, como temerosa, fiou novamente do cuidado a sua ventura, repetindo fervorosas diligências a que subiam de preço os suspiros, querendo nas actividades presentes emendar as tibiezas passadas. Não se encontram os prémios sem os rogar o merecimento, que amor que se contenta só de não ofender pouca ambição mostra em se adiantar; mas esta é a diferença que vai de um amor cego a um amor lince, se ainda de uma moderada fineza se deixou o Príncipe achar em um incomparável extremo, porque na cruz do seu amor o achou Angélica crucificado pela ingratidão, porque se visse que o seu amor só descansava nos martírios e, injuriada ela de se ver desagradecida quando mais devedora, lhe disse:

Meu cuidado desvelado[257]
Encontrar-vos procurava;
E porque em mim vos buscava
Me enganei com o meu cuidado:
Já de melhor luz guiado,
Porque foi vossa esta luz,
Vos achou de amor na cruz
Os rigores padecendo,
E amor vosso extremo vendo
Novo extremo em mim produz.

As perplexidades[258] nos discursos são infalíveis efeitos na novidade dos sucessos. Via Angélica que o Príncipe, no incomparável da sua fineza, estava arguindo a ingratidão de tão má conrespondência, novamente confusa se temeu como culpada e, querendo acudir a satisfazê-lo, ouviu que, ausentando-se, dizia:

[254] "Noute" na edição de 1749.
[255] "Disculpa" na edição de 1749.
[256] "Disvelo" na edição de 1749.
[257] "Disvelado" na edição de 1749.
[258] "Preplexidades" na edição de 1749.

Por entre espinhos e lanças,
Mares de sangue vertendo,
Te asseguro padecendo,
Custosas tuas mudanças.

Temeu o desvio, e recordou a memória do que tinha encontrado nas asperezas do deserto, adonde os excessos de tantos solitários corações excediam no rigor as forças do natural e, repreendendo-se por tíbia, passou aos desejos de fervorosa, ainda que as raízes, que tanto se tinham profundado na terra, brotaram espinhos por flores, secando as esperanças de bem sazonados frutos, por mais que os impulsos do arrependimento regassem as plantas com a água das lágrimas, quando para mudarem de ciência traziam de Babilónia o seu princípio, contra quem, armadas as valentias do Empíreo, foram ganhando campo, como veremos no seguinte sucesso.

CAP. XV.
Dilectus meus mihi et ego illi qui pascitus in-
ter lilia donec aspiret dies et inclinen-
tur umbræ Cant. 2.

CAPÍTULO XV

Não podem os humanos alentos com o fogo do amor.

Vencido a desenganos o cuidado
Dos fulminados raios já fugindo,
Socorro pede ao golpe penetrante
Um peito desmaiado em fogo vivo.

Os profiados golpes do desengano, as demolidas torres que em Babilónia edificou a vaidade, caídas ao débil ar de um suspiro, e o mais forçoso combate que foi a luz do conhecimento para aclarar o perigoso pélago em que naufragam todos que no alterado mar de Babilónia se entregam às suas ondas tinham já tão cansado o ânimo de Angélica, que, sem mais cuidado que assegurar o seu perigo, ponderava as ruínas de que se vira ameaçada, e a fineza com que a defendera quem dos mesmos agravos tirava motivos para os remédios. Já o coração estava tão outro, que desejava novo coração para sacrifício novo, sem que dos passados incêndios se vissem nele nem as cinzas. Avivava esta lavareda consultar com o discurso o para que lhe davam assunto as proposições da fé, recordando-lhe todos os excessos de que estava devedora, e quanto se via diminuta nos desempenhos de quem, para melhorar-lhe a fortuna, não só entregara a liberdade, que nascera sem sujeição, mas, negando-se aos impérios de vencer, pisara a prezada monarquia de coroa régia pela humilde servidão daqueles de quem era legítimo senhor. Lembrou-se de uma Catarina da Alexandria, trocadas as setas de que na sua formosura o amor fiava os seus triunfos pela rigorosa e sanguinolenta roda, em que ganhou do amante a maior sorte. Viu uma Clara de Assis, desprezados os melindres de flor pelo grosseiro trato do desabrimento e, pelo fogo em que o seu peito ardia, se esquecera do paternal afecto que o sangue alimentava. Reparou na beleza de uma Rosa de Lima, que se toucava de espinhos, se alimentava de fel e se vestia de rígidas peles, por desprezo das sedas, das plumas e do mimoso das viandas. Nos reflexos destes cristalinos espelhos, em que o Sol aprendia a luzir, o diáfano das fontes a purificar-se e os jardins a florecer, lhe ficavam manifestas as escuras sombras da ingratidão, em que tantas vezes eclipsara os crepúsculos, com que a aurora começara no seu entendimento a amanhecer, ainda que a oposição de ligeiros pensamentos fazia nela antecipada[259] a noite dos deslizes. O acertado destes juízos causou tão vigorosos efeitos, que, não cabendo nos estreitos espaços do silêncio, romperam os suspiros quanto calavam até ali as suas inconstâncias; e, determinada a acabar de uma vez com as cobardias, aumentou o incêndio nestas expressivas vozes:

Exemplo
S. Catarina

S. Clara

S. Rosa de
S. Maria

- Já, Senhor e Príncipe excelso (dizia ela), se acha tão rendido o meu alvedrio ao vosso império, que tudo que não é a sujeição desconheço por liberdade. Ao peso dos benefícios caíram aquelas fábricas que tinha levantado o meu desagradecimento e, guiada já pela razão a minha cega vontade, quer dar hoje tanto calor às finezas, que supram num dia por fervorosas, quantos erraram por cobardes e, ainda quando me não vencessem reconhecidas as minhas dívidas, me prenderiam consideradas as

[259] "Anticipada" na edição de 1749.

vossas perfeições, que só não chega a amá-las quem não sabe conhecê-las. Assim vivia eu nos labirintos de Babilónia, esforçando as suas conquistas, rebelde ao poder das vossas armas, tropeçando nas infidelidades[260] sem dar passo para os acertos, dando-vos as costas como se não fora a vossa face a que dá ao Sol raios com que brilhe, à noite[261] estrelas com que alumeie, às flores fragrâncias com que suavizem. Vós sois cândido e rubicundo, escolhido entre milhares. Aos cortesões do vosso reino, em paga de grandes serviços, se lhe dá o ver-vos por prémio, sem que lhe fique nada que desejar depois de chegar a vos ver. Na vossa monarquia não entra a tribulação, não a conquistam as forças, e só a alcançam as finezas. Pequena praça é a de uma alma para domicílio da vossa grandeza, de que, abrasado o meu coração em ardente incêndio, desfalecem as forças para suportar tão veementes chamas, de que só são desafogo estes suspiros:

Ao raio penetrante
De meu peito homicida,
Minha alma já rendida
No fogo espira amante.

Este voraz incêndio
Que o coração me abrasa,
Quanto respira é brasa,
A que arder é remédio.

Morra na ardente frágua
De tão fino querer,
Porque amor sabe arder
Das lágrimas nesta água.

Se pequena faísca reprimida rebenta em activa lavareda incêndios de amor encerrados no peito, que muito é, que nos vitais alentos façam estragos? Tendo Hécuba nos palácios de Morfeu suspenso o discurso entre os letargos de um sonho, lhe representou a fantasia que dela nascia uma tocha que prendia fogo em todo o reino, e foi o sonho vaticínio de que, por indústria de Páris, seu filho, ardeu Tróia nas vorazes chamas de que só ficaram na memória as cinzas. Isto que em Hécuba foi apreensão do pensamento, e se verificou verdade na experiência, sucedeu a Angélica por efeito da sua consideração. Aplicou-se o discurso a ponderar as perfeições do amado, e ateou o fogo no peito com tão agigantadas fortalezas, que as mesmas respirações que desafogam lhe pareciam a ela chamas que queimam. Traça foi do amor, para verificar o seu poder, quando a uma seta que atira todo um Vesúvio se exala, em que, desfalecidas as forças, enfermou o coração na ardente febre do amor. A este grilhão da sua fineza quis Angélica apertar o laço, buscando na amenidade dos campos mais espaços em que dilatasse os suspiros e pudessem, com maior desafogo,

[260] "Infedilidades" na edição de 1749.
[261] "Noute" na edição de 1749.

explicar-se os seus extremos. É a formosura dos campos livro em que melhor se aprende a arte de amar. Ali, na resignação das árvores, acha lições o discurso para negar-se aos impérios da vontade própria, vendo que uma planta, com menos alma, deixa os progressos da vida às disposições da providência, para renunciar na obediência os benefícios da criação e, quanto mais profundas as raízes nas humildades da terra, com maior vigor cresce a sua louçania, sendo o verdor das suas folhas línguas de esmeraldas, que publicam ditosas esperanças. Tudo ali são artigos, em que se apura a fé dos afectos!

Astrólogo em alcançar os movimentos da esfera celeste estava o coração de Angélica, tomando a altura do Sol, que também na linguagem dos seus raios lhe dava lições de ardores, quando, apostando com ele luzes o conhecimento, se confundia de que lhe excedesse nos extremos quem ainda, menos obrigado, parecia mais agradecido, sem queixar-se da indiferença dos tempos. Determinada a emendar no seu amor esta injúria, entre a ternura das lágrimas e o desejo de remir as passadas omissões, dizia:

Amor, se na arte de amar
Mais vale o maior ardor,
Ou queima dous corações,
Ou não abrases a um só.

Entregue a estes amorosos delíquios estava Angélica, fazendo merecimento de exercitá-los, tão elevada no laço a que novamente se prendia a sua vontade, como empenhada em destruir aqueles grilhões que já foram memória e hoje se constituíram esquecimento, quando, agravados os sintomas na doença de que pela saudade se via já enferma, se entregou aos eficazes acidentes de que queria antes morrer que sarar, que estes são os poderosos efeitos de um amor que, impresso na alma, fica como ela imortal. Ditosa vida a que não pode atrever-se a morte; felice morte, que tem privilégios de eterna vida! Lá fingiram os poetas a Promoteu, preso com cadeias de ouro, quando cativo, e, depois de restituído à sua liberdade, por conservar a memória do trato de majestade, trazia nos dedos os fuzis do grilhão, porque o tempo não estragasse com esquecimento a lisonja do respeito; e daqui se originou serem símbolo da lembrança os anéis com que se adornam as mãos. Não como o fabuloso Promoteu, mas como ao verdadeiro Príncipe do Empíreo, reconhece Angélica preso nas cadeias do seu amor e, para eternizar a correspondência desta fineza sem a malquistarem os desvarios de tanta inconstância, deu todo o poder à fé para não temer estragos na memória e fortaleza à esperança para confiar e não se tornar a esquecer. E nestes dous pólos, encarcerada a liberdade, eram prisão do seu pensamento as dívidas com que a tinha penhorado o amor do Príncipe, de que já não podiam dividir-se os sentidos, ocupados em tão alto emprego os pensamentos.

Neste letargo em que a deixou a penetrante seta de que se via ferida, saudosa do bem que amava e ofendida do tempo em que, no duro penhasco da sua rebeldia, se ficavam inúteis pelos falsos bens de Babilónia os que se lhe asseguravam seguindo as bandeiras do Empíreo, perdeu na veemência da dor os alentos o coração e, sem forças no sofrimento, começou a pedir aos suspiros nova matéria em que se avivassem as

chamas, que amor que se paga do que ama, parecendo-lhe que basta, pouco tem que alegar no que sacrifica. Há-de um peito amante ser tão ambicioso das suas actividades, que lhe pareça tíbio o incêndio, ainda que a alma se equivoque com o mesmo fogo em que arde?

Esperança prémio da fineza

A fé vê sem olhos

Respirando lavaredas a acharam duas formosas pastoras que, ou por mistério ou por acaso, entraram a visitá-la; ambas sabiam atrair, porque ambas se davam a respeitar. Uma fazia gala de pisar esmeraldas, prezada só de apascentar esperanças. Vestia uma roupa verde, perfilada de cor-de-rosa, o corpo apertado com uma cinta da mesma cor, os cabelos coroados com uma capela de louro e, como quem nos perigosos mares de Babilónia esperava segurar a sua viagem, trazia por arrimo uma âncora. A companheira trazia roupa branca, presa com um cendal cor de fogo. Esta cobria o rostro com um delgado volante e, ainda que vinha cega para ver, era lince para penetrar: ambas mistério de extremos, porque eram extremo os seus mistérios. A de verde empenhava amá-la pelos prémios que prometia, a de branco facilitava impossíveis, alhanando dificuldades. Ambas se suspenderam, vendo o desmaio a que Angélica aos primeiros impulsos desfalecera, e querendo saber de que procedera tão impensado acidente, viram que ela o dizia antes de perguntar-lho[262], referindo este

ROMANCE

Quien muriendo está de amor,
Y ausente muriendo está,
Sólo en publicar que muere,
Puede la vida encontrar.

Desfalecido el aliento
Del golpe al rigor fatal,
Toda es desmayos la vida,
Que acaba de no acabar.

Zagalas, si en mí advertis
Hallaréis, que en mi pesar
Son voces de la fineza
Las mudeces del afán.

Si del amor algún día
Llegastes a experimentar
Lo activo de una pasión,
Que mata siendo imortal.

¡Ya que en la florida estancia
La verde alfombra pisáis,

[262] "Preguntar-lho" na edição de 1749.

Mirad donde ama una flor,
Una alma como ha de amar!

Lo encendido del clavel
Que adora, os puede enseñar,
Pues de amor ni lo insensible
Se libra de su carcaj.

Como se a herir no bastara
Una flecha tan sin par,
Nubes dellas apontando
Toda el alma herida está.

Decilde al que es mi homicida,
Decilde si le encontráis,
Que se atira al blanco, en mí
Ya no hay blanco para más.

Decilde, que a ver sus ojos
El alma quiere volar,
Pero con alas de cera
Quien al Sol se ha de acercar!

Que vuelva a verme, porque
De su amor la actividad,
Aunque a la vista es ceniza,
Al pecho es ardor voraz.

- Assim, formosas pastoras (continuou Angélica), vejais conrespondido o vosso amor, sem que o susto de ausente seja trocedor do cuidado. Feriu-me aquele a quem ama minha alma e, deixando-me cravada a seta, se apartou de ver-me a ferida. Quando lhe fugi me buscava, hoje que o busco me foge. A quem há-de recorrer meu coração amante, quando atribulado, se não ao que abraçou as tribulações por amar meu coração? Porventura é de bronze a minha tolerância, para me dar o golpe e se esconder ao remédio? Peço-vos, formosas pastoras, que se o encontrardes[263] lhe digais morro de amor e de ausência. Dizei-lhe que, entre o pesar de não achá-lo, é maior o temor de perdê-lo, porque os princípios do que fui podem arruinar o que desejo ser.

Gostosas ficaram as duas Serranas de ouvir os amantes extremos com que Angélica desafogava o que seu coração sentia e, para avivar mais o enternecido do seus efeitos, lhe disse a pastora[264] que, no cândido da gala com que escurecia os nevados crepúsculos com que a aurora reparte luzes para vencer trevas, que brilhante

[263] "Encontrares" na edição de 1749.

[264] Neste passo, a edição de 1749 mistura as marcas de discurso indirecto com as de discurso directo. Optou-se por respeitar a identidade do texto original.

aparece, Senhora Angélica, o pacífico resplendor do Sol, depois que, vencido o tenebroso da tormenta[265], vence o temor que assusta, quando o perigo se representa. Nas encrespadas ondas do mar de Babilónia, naufragante o sossego, andou tantos anos inquieto o vosso ânimo, já submergido nos abismos que lhe ameaçavam os desacordos, já desanimado nas contrariedades dos sucessos, retratando o infame cativeiro em que vivia a vossa liberdade aquela lamentável sujeição em que, pela tirania do duro Faraó, padeceu em prantos o Egipto o amargo desterro da terra da Promissão, até que foi a ela restituído, por benefício do amor mais extremoso. Isto, que então foi enigmático prelúdio, se viu até agora em vós figurada experiência. Foi o vosso peito impenetrável rocha aos tiros das suavíssimas setas com que o amor do Príncipe vos combatia e, profiada a sua fineza para ganhar o forte da vossa vontade, lhe restituístes o domínio que injustamente lhe negou a vossa inconsideração. Dai agora a vida à fé, já que de negar-lhe a fé fizeste tantos anos vida e não desfaleça o vosso alento, que os primeiros golpes sejam desmaio das forças; persisti[266] como quem ama, não vos queixeis como quem teme, que fraquezas no ânimo dão ao inimigo esperanças no combate; amai, ainda que vos martirize a ausência, que a fé não tem olhos e, se trouxerdes[267] os olhos na fé, não tereis que sentir na solidão.

Ao que respondeu a de verde:

- Muito me ofende quem amando desconfia, nessa cega loucura a que a ignorância chama amor, sendo mortal veneno dos corações, incêndio sem utilidade nas chamas, inferno do sossego, labirinto adonde a razão perde o fio para guiar a liberdade, cadeia que prende o entendimento e sepulta o discurso no abismo do desacerto, mentira que faz das infâmias gala e desatino que cativa o mais importante da razão. Seja embora discrição a desconfiança, culpando a falta das vistas como enfermidade das finezas, que, adonde o padecer é vida, não pode deixar de sentir-se a desconfiança, que tem semelhanças com a morte. Mas em um afecto nobre, em um amor adonde o querer já é possuir e o mesmo fogo em que o peito arde é crisol em que se purifica e a sensível dor da saudade ditosa posse da presença, que queixume pode ficar da ausência, se quem ama só em amar consegue o que deseja? Vós, Senhora Angélica, tendes amante tão extremoso, que não podeis dar horas a esperá-lo, porque a toda a hora podeis vê-lo. Vesti-vos da esperança para possuir-lhe o reino, mas tão conforme na dilação o sofrimento, que ignore o desejo o tempo que tarda o prémio. Bem sei que o esperar é precisa circunstância para vencer, que nas mais renhidas batalhas só quem espera o triunfo não enfraquece no alento; mas há-de ser tão resignada a vontade, que nem a confiança alvoroce, nem o desconfiar assuste. Amai até morrer, mas não se veja que o vosso amor é a vossa enfermidade. Bem sei que houve quem de amor enfermou tanto, que pedia a cobrissem de flores, porque morria de amores. Requintai vós este extremo, pedi mais setas, querendo para novas feridas mais almas, que só nos excessos de amar tem liberdades os desejos para aspirar a impossíveis. Aquele grande africano, com quem só podiam ombrear os Serafins para coroar o seu sacrifício, desejava ser o que não podia, deixando de ser o

Santo Agostinho

[265] "Tromenta" na edição de 1749.
[266] "Presisti" na edição de 1749.
[267] "Trouxeres" na edição de 1749.

que era; porque subindo a esfera mais alta, se ilustrasse a vítima que oferecia por crédito do que amava.

- Bem conheço, Senhoras (respondeu Angélica), que devo estar tanto sem jurisdição na vontade, que nem a dor da ferida articule a queixa, nem as permissões da piedade se conheçam no alvoroço e, subordinada ao império do Príncipe, se veja no meu rendimento que só corro por conta do meu favor. Porém, se no infinito da sua grandeza não coube o imenso do seu amor, sem passar as balizas de não imitadas finezas até chegar a pedir passasse dele aquele amargo transe em que entrou em campanha o seu amor com a sua tolerância, eu, sem mais forças que as que me repartiu a fragilidade do bairro, como pode caber, na limitada praça da minha alma, tão ardente chama, sem desafogar o incêndio no queixume, por mais que, do mesmo instrumento que me feriu, seja ambição para maior dor a mesma dor que desejo aumentar. À ferida da seta a mesma seta é remédio, mas não há no humano sofrimento capacidade para aguardá-la, sem que desmaie ao senti-la, por mais que se valha o discurso de se vestir de uma esperança a que a mesma fé da certeza de conseguir existe na firmeza de bem amar.

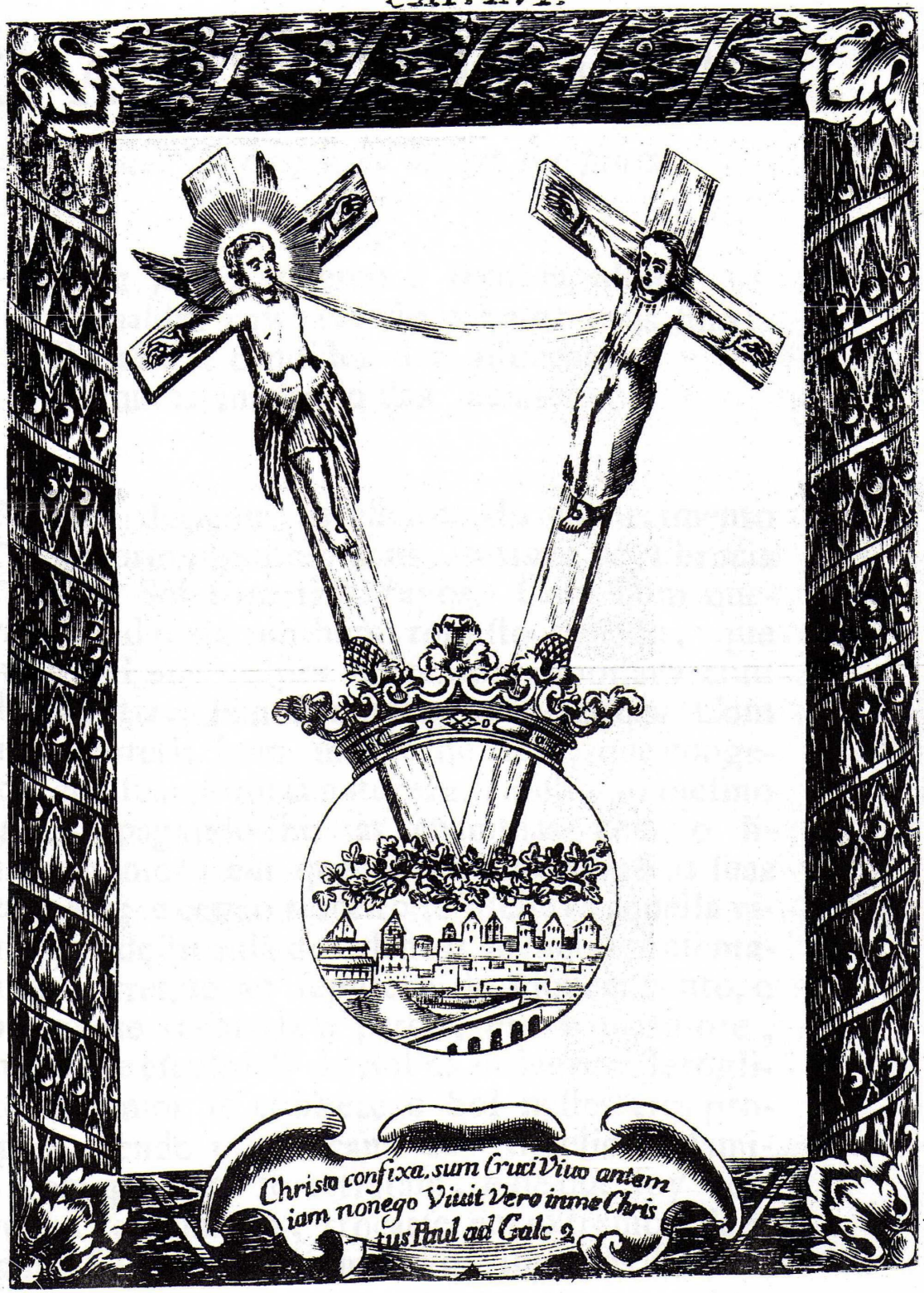
Ao que respondeu a pastora de branco:

- Ditosa aquela que, vista pelas filhas de Sião, lhe deram o título de formosa e a louvam as rainhas e princesas da corte, e perguntam: Quem é esta que sai das confusões de Babilónia, adornada das jóias mais preciosas dos tesouros do Rei, reclinada a seu amado? Quem é que, imitando os passos com que a aurora dá luzes ao dia, é formosa como a Lua, resplandecente como o Sol e espantosa como um bem formado esquadrão? Este, senhora Angélica, será o prémio que alcanceis, se às vossas dívidas igualarem as vossas finezas. Dai costas às praças, adonde o enredo é toda a mercancia em que interessam os seus moradores.

- Alegrai-vos (continuou a pastora de verde), e seja o vosso amor quem faça ditosa a vossa esperança, vendo aquela admirável morada do Empíreo que fabricou o Príncipe para os que bem o servem. Que glória será a de entrar por suas portas e habitar com os cidadões que a frequentam! Em seus muros resplandece o precioso das safiras, as casas esmaltadas com o luzido dos topázios e as portas guarnecidas de finíssimas pérolas, as ruas do ouro de mais quilates e nelas continuado o sonoro das músicas. Ali vive a fortuna sem oposição da inveja, o descanso sem fadiga e o logro à satisfação da vontade. Fazei por merecer servindo, que eu vos seguro que alcanceis logrando.

Despediram-se as duas pastoras e ficou Angélica avivando nos extremos de saudosas memórias de conseguir o ditoso da promessa, para que queria habilitar-se, como veremos no mais que passou.

CAP. XVI.


Christo confixa, sum Cruci Vivo autem
iam nonego Vivit Vero imme Chris
tus Paul ad Galc 2.

CAPÍTULO XVI

Vencer a culpa é coroa da fineza.

Passada já do Inverno a sombra adusta
Grinaldas vai tecendo o amor mais fino:
Retrata a candidez das açucenas,
Ternuras imitando dos jacintos.

Para declarar os efeitos do conhecimento próprio, pintaram os antigos de Trácia um sol com três raios. Com um, quebrava a dureza de um robusto penedo, que, invencível aos golpes do tempo, apostava com ele valentias, sem se render aos combates; com outro, derretia um monte de neve, que, congelada em sua própria natureza, resistia ao mesmo fogo, apagando-lhe as chamas com o líquido humor em que se transformavam as suas isenções; e, com o terceiro, ressuscitava aquela vida que, destituída dos alentos, se lhe representava já entregue ao sepulcro do esquecimento e, novamente reparada a perda, era o mármore em que se esculpiam do Sol os milagres. Jeroglífico do amor se conhece o Sol nestes três prodígios, sendo o coração de Angélica a lâmina em que eles se retratam, e de que foi verdadeira testemunha trocar-se em extremos de amantes finezas aquela dureza de ingratos desvios. Experimentou o Príncipe, na grosseira aldeã, o tosco da pedra e não os quilates de firme, os desabrimentos da geada sem as candidezes da neve, e a sepultura da memória sem recordação da dívida. Tudo venceu o amor, apurando tanto os lances de único, que, quebrado o penhasco de uma rebeldia, desfeita a neve de tanta tibieza e ressuscitada a lembrança de tantos benefícios, já era centro do fogo o mesmo peito que foi incontrastável rochedo. Amanheceu a luz do conhecimento e, quebrado o incontrastável daquele inconstante coração, foi ara para o sacrifício a que tinha sido pedra para o escândalo. Desfez-se a neve com as actividades do Sol e correu em lágrimas de ternura o que se congelou essência da ingratidão. Ressuscitou a morta vida dos benefícios, dando brados à memória para recompensar a dívida. Grandes poderes do amor tolerar agravos para extinguir-lhe a origem, suspender castigos por utilidade dos culpados!

Fingiram os poetas naqueles fabulosos empenhos de Apolo e Dafne que, ofendida a grandeza do mentido deus de não vencer por amante a esquiva condição da ninfa, a converteu em loureiro, por acreditar não só poderoso, mas vingativo; tirania que, considerada por ele depois de sucedida, enterneceu tanto seu irritado ânimo, que, com rendidos cultos intentava abrandar o insensível tronco que, tendo antes alma para fugir, agora tem dureza para se não mover. Trocado se vê em Angélica este sucesso, foi tronco com alma para a resistência dos primeiros tiros, e já vencida das finezas do Príncipe, é loureiro com vida para aclamar-lhe as vitórias e branda cera em que se imprimiram as setas. Não a mudaram as iras, venceram nela as clemências. Os astros que do Sol recebem mais luzes são os que estão mais opostos ao Sol. Que distância pode haver maior que o amor e a ingratidão? Estava Angélica longe da luz e, para atraí-la, empenhou eficácias a chama, que esta é a singularidade daquele

incêndio, atear o fogo no mais frio mármore. Ai das pedras em que se não ateiam as brasas, se, cansado o amor das suas inúteis batarias, deixa ficar as pedras para pedras.

Emendada já a profia dos descaminhos, vencida a vontade de Angélica pela fineza do Príncipe, entrou ela a destruir as altas torres para que os Babilónios tinham dado os materiais. Já os fumos da vaidade que levantou a altivez da presunção se tinham desfeito à luz do conhecimento e, ofendida a razão dos deslizes do discurso, deu todo o poder às confiantes resoluções de seguir as leis de quem só podia segurar-lhe os triunfos na declarada guerra que apresentava aos seus errados pensamentos. Era o tempo que deixou de amar despertador para saber sentir. Já conhecia as falsas vozes do país, em que, dormentes os sentidos, só lhe fica acordo para os enganos. Lastimoso perigo, a não haver no amor tão pronto remédio; mas contra os erros de Babilónia estavam em campo os raios do Empíreo e não disparavam seta em que não aproveitassem o tiro, sendo cada ferida em Angélica uma satisfação para seu amante, a quem ela, gostosa dos golpes, em suspiros prometia:

Dilectus meus mihi, & ego illi.

Enquanto os raios do Sol
Descem a ilustrar os montes,
E ao claro dia se segue
A escura sombra da noite;

Enquanto as estrelas belas
Seu curso brilhante movem,
Competirá durações
Minha firmeza de bronze.

Nas trevas de Babilónia
Protestavam meus horrores,
Que a enganos de uma quimera
A quimera conresponde.

Já constante a minha fé
De verdadeira blasone,
Que quem sabe amar não muda
Quando em amar se melhore.

Sereis emprego ao cuidado,
Que é justo afecto tão nobre,
Se adormeceu nos descuidos,
Já no cuidado recorde.

Tão bem achada estava a sua fineza no extremoso empenho de acreditar-se amante, que tudo o que encarecia achava menos expressão do que desejava e, por desafogo do que sentia, continuou dizendo:

- Amemos, coração, sem perder tempo, já que tanto tempo se perdeu esquecida a obrigação de amar; e se o insensível ama, ou no que obedece, como as

plantas, ou no que emudece, como as árvores, eu com alma para o sentimento, com luzes para o discurso, e com fé para a esperança do prémio, como desperdiço o em que tanto interesso? A ingratidão me fez bruto, faça-me agora racional o agradecimento; seja o amor quem anime a minha vida, ficando-me o amor por alma. Apressemo--nos em servir, que não há ter vagares em querer. O Príncipe antecipou[268] o amar ao nascer; como hei-de pagar esta dívida senão desejando nascer hoje para amá-lo desde que nasci? Que lucrou a minha vida em negar-lhe a minha fineza, quando devia a fineza começar com a minha vida? Agora que já passou o Inverno das sombras e principiam as flores da razão a matizar a Primavera do conhecimento, semeemos, no jardim do meu peito, os perfeitos amores, arrancando dele as raízes dos azares que de Babilónia são ruínas. Já, Príncipe soberano, que as cadeias de tantos benefícios nao bastaram a prender-me, e um cabelo vosso basta a prender um mundo, quebrem-se do mundo os grilhões e enlacem-me convosco os meus pensamentos, para que viva amante quem de vós foi primeiro amada; e caiam de todo aqueles ídolos a que levantou altares a cegueira, passando a verdadeiros tantos errados sacrifícios.

Afrontados se viam os moradores de Babilónia das valentias com que Angélica se declarara vencida pelo Empíreo e, desejando eles arruinar a fortaleza do seu ânimo, maquinou novas traças a destreza que, para impossibilitar-lhe a vitória, lhe pareciam fáceis até os impossíveis. Ela tinha voltado as costas às delícias da corte, e não podiam levar-lhe o afecto as que já pisavam fastios do gosto. Inclinava-se mais à solidão dos campos, adonde achava despertadores a memória, luzes o entendimento e incêndios a vontade, não ficando na sua alma acção que não fosse fazer dela ao seu amor sacrifício e, defendida destas fortíssimas armas, desprezava os assaltos que algum dia lhe foram tropeços, deixando já inúteis os motivos de tornar a contá-la por sujeita àquela infame coroa o que, advertido pelos seus ministros, empenhados em acrescentar o número aos seus tributários, mandaram, em o largo do campo a que chamavam enleio de sentidos, pendente de um alto tronco esta letra:

Ao combate das flores convida
De flora o primor,
Porque vejam que triunfa a beleza
Dos raios do Sol.

Alvoroçou a novidade a todos, sem dar tempo a que a consideração se prevenisse no perigo, que assim se perde quem sem advertência se precipita. Eram do senhor de Babilónia as leis do prometido festejo, e não podia acertar as leis quem segue as do desacerto, guiadas pela vontade. Publicou-se, para o seguinte dia, o que ainda, sendo para a vista, já para a distracção do desejo parecia tarde. Amortalhou-se o dia nas sombras da noite para ressuscitar ao aplauso nos risos da aurora, que madrugou a guarnecer de pérolas o prado e a vestir as rosas de púrpura. Largou o Sol o berço das águas, enchendo a terra de luzes, a que estava ardendo a inveja[269] do cravo, vendo-se encendido na gala dos narcisos. Espinhava-se o bem-me-quer nos desdéns da mosqueta, e em todo o destrito do campo estava a beleza das flores desafiando do Sol

[268] "Anticipou" na edição de 1749.
[269] "Enveja" na edição de 1749.

os raios, a quem esperava ganhar os triunfos. Encheu-se a verde estância de numeroso concurso, incitado da curiosidade de que também se venceu divertimento criado, que, servindo Angélica, lhe tinha já sido precipício; e levou-lhe a notícia que já lhe podiam ter dado as vozes que soavam em todo o espaço das ruas. Rogou-lhe ele se não negasse a ver o que só era divertir sem chegar a ofender, nem podia ultrajar respeitos o que não passava de entreter[270] as horas, que destas cautelas costumam vestir os perigos os que vivem de introduzir o que sempre pára em despenhar. Acautelem-se os olhos, porque se não comunique o veneno aos pensamentos, que nem sempre contra os assaltos estão prontas as defensas. Lembrou-lhe que ali podia achar os estímulos a fineza, já na diversidade das flores e já no cristalino das águas, que tudo sabia aplicar aos seus extremos quem fazia gala de apurá-los. Não quis ela fazer misteriosa a negação, porque ainda nos excessos de amar se devem precatar os excessos, porque a presunção de grandes os não diminua pela vanglória, se os alenta pelo conhecimento. Disse que iria ver o para que se abalava tanta parte da corte, certa em que a grandeza do Príncipe, que ainda a pequenos domicílios dava honras de palácio, e a sua vigilância a todo o lugar estava presente, o havia de achar pela fé, como pelo favor o achava em qualquer parte.

Quem traz Deus presente pela fé se segura.

Estava a rústica praça rodeada de torres de fresca murta, esmaltada das suas naturais flores, e entre elas outras encarnadas, que faziam papel para o adorno, porém não para o olfacto, porque, ainda que bonitas, não eram das cheirosas. Às ruas cobriam alcatifas de gracioso tomilho, cortadas a espaços de verdes assentos e, por entre eles, em pequenos regatos, se dividia um prateado rio, servindo de lâmina em que retratava o Sol, que estava pendente de um robusto tronco com esta letra:

Jasmins da Pérsia

De la belleza siempre
Mi luz triunfó;
Porque no hay hermosura,
Que venza al Sol.

Fronteiro a este estava, em igual grandeza, outro, que era trono de uma cândida angélica com esta letra:

Si hasta al cielo es mi nombre
Claro blasón,
Ya triunfante del astro
Queda la flor.

Ao som de marciais instrumentos se leram os dous desafios, a que se seguiram as aclamações dos que, trazidos da curiosidade, esperavam a ela satisfação na vitória. Soou acorde a harmonia dos instrumentos, que, divididos em dous coros, acompanhava tão suave música, que podia atrair até o insensível o encanto de tantas animadas sereias quantas sobre as águas do rio ajudavam o manso ruído das suas ondas. Cantou o primeiro coro, em defensa do Sol, esta

[270] "Enterter" na edição de 1749.

OITAVA[271]

Do Sol essa brilhante luz formosa,
De que a noute foge, e o dia cresce,
Bordando de ouro a máquina lustrosa,
Quando a dar vida às flores amanhece,
Tocha do céu, fogueira luminosa,
Que na estrelada esfera resplandece,
Se o prado fertiliza, e seus primores,
Quem duvida que o Sol excede às flores.

Aplaudiram os clarins os elogios do Sol, encheu-se de vozes o ar, festejando a bizarria do planeta, que contradisse suavemente o segundo coro nesta

OITAVA[272]

Do prado estrela Angélica se preza,[273]
Mimo da graça, emulação de flora,
Que ao mesmo céu retrata na beleza,
Roubando a candidez da branca aurora;
Finezas de Medoro aqui despreza,
Que da própria isenção só se namora,
Se resiste de amor à seta dura
Mais que a do Sol, da flor é a formosura.

Havia defensores de uma e outra parte, votando uns pelas flores, outros pelas luzes. Travou-se a profia, não querendo ceder nenhum dos que a sustentavam, e só Angélica, descuidada da contenda, tudo desatendia, entregue a memória a merecer na fineza da vontade os realces do seu amor. Um dos maiores potentados de Babilónia, picado de ver, pelos melindres de uma flor, pisada a grandeza da sua monarquia, fiando da prática o que não alcançou a destreza, disse a Angélica:

- Que cuidados são estes, Senhora, que até de vós vos descuidam e nem verdes[274], nesta proposta, celebrada a vossa formosura ou como Sol nos raios, ou como flor nos atractivos, vos diverte tão impertinentes imaginações?

A que ela respondeu:

Tão constante o meu cuidado
Na dor do passado apuro,
Que no descuido asseguro
A grande dor do passado.

[271] "Outava" na edição de 1749.
[272] "Outava" na edição de 1749.
[273] Na edição de 1749, "Do prado estrela Angélica ser preza".
[274] "Veres" na edição de 1749.

- E que lucrais no de que hoje vos esqueceis (disse ele), se o que foi se não emenda, não deixando de ter sido? Dizei-me para que é um sentimento que não tem forças de remédio. Diverti-vos, vendo os extremos com que venceis quando em luzes e flores vos retratais, e deixai os futuros ao tempo, que ele terá cuidado de puni-los, sem que vós lhe antecipeis[275] os golpes no pensamento. Chegai às margens daquele rio e vereis, no cristal das suas águas, que a vós rende o Sol os raios, e Amalteia os seus tributos; e é mal pagar um obséquio desviardes-vos[276] de ouvi-lo.

Ela, que a mais alto hemisfério encaminhava os sentidos, e tinha conhecido que de Babilónia até as cinzas deviam temer-se como lavaredas, respondeu:

- No rio das minhas lágrimas colhi já as pérolas do meu desengano e lucrei na sua fineza o cabedal de que só faz importância toda a minha alma. Nos vossos campos só se acha o veneno no áspide, o amargo nas fontes, a mentira nas flores, a tempestade nos ares. As vossas festas são trombetas da morte que sempre tocam a marchar, cutelos que cortam pela vida, e chaves que abrem os cárceres da eterna pena. O vosso reino é fantasma que formou o engano, aparência que rebuça a tribulação, ferida sem remédio e dor que penetra o mais sensível do peito. Vede agora, sendo esta verdade infalível alicerce em que se funda a minha fé, se trocarei pelo que desprezo a glória de amar a quem, mais que a sua vida, prezou o meu amor, depondo todo um império, por me buscar na aldeia, fazendo-me de montanhesa rainha, e dando até o precioso sangue das suas veias para resgate ao meu cativeiro. Muito é isto para a dívida, mas parece não é menos amável circunstância uma formosura com quem, comparadas as maiores perfeições, é noite[277] o dia, é sombra o Sol, fastio o campo; porque o campo, o Sol, e o dia são produções da sua luz e estímulos para a minha adoração. Na pira da ave imortal, lustre de Arábia, enigma de impenetrável segredo e maravilha da mortalidade, ajunta ela a odorífera lenha e, batendo as asas, acende o fogo por ambição das chamas, em que, com singularidade, renasce das suas cinzas. Para imitar este misterioso extremo de amor, está a minha consideração renovando no discurso o acertado emprego a que rendi o meu alvedrio, desejando que neste amoroso incêndio arda mil vezes o meu coração, para que, renascendo em cada chama, lhe ofereça em cada uma um novo sacrifício. E, se quereis ver destruídas, pelo seu poder, as fábricas que edificou a vossa ilusão, depressa conhecereis que só reina quem como eu ama.

Não tarda Deus em acudir quando o buscam.

Já a este tempo o Príncipe se lhe tinha manifestado no campo e pôs em ela os olhos com tão agradável semblante, que bastara a roubar-lhe o coração, se já dele não tivera tomado inteira posse. São os impulsos do amor línguas com que, sem expressão de palavras, se explicam os afectos nos amantes. Ali fala a ternura, quando emudecem as vozes, e o Príncipe, que em conhecer-lhe os pensamentos estava tão destro, nada do que neles passava lhe ficava oculto. Não tem este privilégio os que erradamente dão culto a esta falsa deidade, a que a ignorância muda o ser, chamando-lhe amor, quando deviam chamar-lhe ódio, pelos estragos que obra nos peitos que se lhe rendem. Foi o desejo de Angélica pedir ao Príncipe favor para castigar os que temerários lhe queriam roubar os tributos e, como estavam já inseparáveis aqueles

[275] "Anticipeis" na edição de 1749.
[276] "Desviares-vos" na edição de 1749.
[277] "Noute" na edição de 1749.

dous corações, viviam de um mesmo alento, sendo fineza de ambos a operação de um só. Conheceu ele, na humildade do rogo, o puro do sacrifício e, por mostrar lhe era grato, mandou por um ministro seu que, sem perdoar com piedade o que devia derrubar-se por justiça, não deixasse naquele campo nem vestígios do que fora, e nele se visse só o nada que era. Logo o rio se alterou, o vento se embraveceu, caíram os troncos que sustentavam os dous quartéis e voaram pelos ares, despedaçados, os que tinham sido instrumentos festivos. Cobardes, os ânimos fiavam da fuga as vidas, sendo o temor espora que lhe apressava os passos, desenganada já a temeridade dos intentos com que determinaram vencer a que, defendida de melhores armas, se não deixava conquistar e, desembaraçada a campina dos inúteis estorvos que a transformaram em praça de armas, se viu nela o poder da obediência aos impérios de soberano domínio e, rebentando misteriosamente em salutíferas águas as fontes, correu manso o rio, cobriu-se de mimosas açucenas o que tinha sido terra de abrolhos, o vento recreava zéfiro, e tudo era suavidade para enleio dos sentidos. Empenhada novamente Angélica em agradecer tanto benefício, chegou à presença do Príncipe, a quem, exalado em chamas o coração, ofereceu a deixação de tudo o que Babilónia preza e de que se ofende o Empíreo, parecendo-lhe, para desempenho, pequeno o valor de render-lhe a liberdade. Colheu do campo o cândido de umas açucenas, de que fez uma primorosa grinalda com que coroou a cabeça de seu amante, e ele a remunerou com outra de mais subidos quilates, tecendo de maior preço a com que reciprocamente deixou tambem coroada Angélica, pagando-se os finos amantes, se desiguais no poder, parecidos na fineza, que ele no favor deu pérolas, quando ela lhe ofereceu flores. E, conhecendo em si a falta dos cabedais, para supri-los nos afectos lhe disse estas

As flores das virtudes valem como pérolas.

OITAVAS

Já, Senhor, despertaram meus cuidados
Em tanta ingratidão adormecidos;
Nasceram a querer-vos destinados,
E em cega idolatria os vi perdidos;
Vossa mesma fineza lhe deu brados,
Porque a tanto favor agradecidos,
Confesse o coração com rendimento
Que é de amor vosso amor doce sustento.

O Sacramento

Dos aparentes bens a prisão dura,
Que o gosto cativavam com violência,
Venceu a vossa luz a sombra escura
Para maior vitória da clemência:
Confiante a minha fé vos assegura
De Babilónia às leis a resistência,
Que é certo pouco faz quem obedece,
Se chegando a vos ver o mais lhe esquece.

Primeiro se verá da quarta esfera
Apagado o monarca refulgente,
Que no palácio etéreo reverbera
A luz, que os montes doura no oriente,
Que meu amor vos falte, quando espera
Que acendais vós com fogo o fogo ardente,
Que o peito, que das chamas tem inveja[278]
Um coração de chamas ter deseja.

Venham formosos lírios, venham rosas,
Maçãs e jasmins venham, que ferida
Minha alma está das setas amorosas,
Que quanto mais me ferem, me dão vida;
Cubram-me de açucenas, que cheirosas
Fragrância vão inspirando à fé unida,
Arda o peito no fogo, em que suave
Imite o coração a imortal ave.

Cantares

Não eram menos activos os extremos do Príncipe que, abrindo todos os tesouros do seu poder, deixava bem premiada aquela rendida fineza, fazendo que a suavíssima aura dos seus favores suavizasse o fogo de tanto incêndio; e, quando a liberalidade do monarca, alargando a mão em que sustentava a grandeza do seu reino, a enriquecia de mercês, fácil lhe ficava a inteligencia de que, convertendo-se seu amado todo para ela, devia ser ela toda para seu amado, que negar a satisfação, estando manifesta a dívida, seria fazer-se indigna da clemência de que ela, dependente, logo continuou, dizendo:

- Sempre, Senhor e amado meu, sereis do meu coração amado, até que as sombras, que escurecem a mortal vida, cessem com a claridade do eterno dia sem noite, daquela luz sem trevas, daquela glória sem desconto[279], em que, entrando no vosso reino, livre dos assaltos dos vossos contrários, logre, sem rebuço, a vossa presença, sendo os minutos que este bem tarda eternidade que martiriza. Bem conheço que, na baixa matéria de que fui criada, não haveria tão nobre afecto, a não ser de vós influído, e que as flores destes amantes sentimentos, a não serem pela vossa mão plantados no meu peito, não teria nelas de que fazer-vos sacrifício, e assim como fora desatino desvanecer-se o barro das perfeições que nele obrou o oleiro, o seria em que se gloriasse a minha rústica vontade, vendo-se a tão alta esfera subida.

Donec aspiret dies.

Destes activos extremos adornado o coração de Angélica, lhe parecia que ainda para vítima era pequena a fogueira em que se abrasava, e começou, com mais viva expressão a dizer:

[278] "Enveja" na edição de 1749.
[279] "Disconto" na edição de 1749.

DuIce amor, pues fiel testigo
Eres de mi ardor constante,
Siguiendo tu luz radiante
Que admitas mi fe consigo.

Logo respondeu um eco: Sigo.

E prosseguiu ela:

Pues que en tus piedades tengo
Bien cifrada mi ventura,
Venga en tu favor segura
La dicha, a que me prevengo.

Eco: Vengo

Si de mi amor Ia centella
El pecho abrasa, en verdad
Dime al mirar tu Deidad,
Que luz puede haver más bella.

Eco: Ella

Quien su belleza admiró
Puede dejar de adorarla,
Si solamente en amarla
Amor Rey se coronó.

Eco: No

Si en amarla merecí
Ver ya laureado mi amor,
Esta dicha es Ia mayor
Que del hado merecí.

Eco: Sí

Luego amor no desconfía
De que aceptes mi fineza,
Si en aras de tu belleza
La mayor dicha confía.

Eco: Fía

Satisfeita do misterioso eco com que o prado respondia assegurar (que até os espaços da terra falavam pelo senhor dela), se recolheu saudosa, porque o Príncipe se tinha também ausentado aos olhos; ainda que inseparáveis, persistiam[280] com ele os pensamentos da amante aldeã, que, guardando as ditas no mais oculto segredo da alma, lhe dava a duração da vida.

Fazendo merecimento das aplicações do cuidado, repetindo extremos a sua fineza nos desprezos com que já tratava as aparentes venturas com que os amadores de Babilónia oferecem cultos aos seus enganos, passava Angélica tão satisfeita de ver, no espelho da sua fé, a pouca duração dos passados empregos, que dava, agora para pisá-los, os mesmos passos que já dera para consegui-los. Era a sua memória o dilatado campo em que o amor tinha sempre armados os seus pensamentos e, rebatendo os golpes contrários no escudo da constância, dava ao Príncipe pacífica posse das potências da sua alma, com afronta daquelas ideias que, sendo lisonja do gosto, são tropeços da liberdade*;* e, cansada das fadigas em que tinha apurado tantos anos o sofrimento, se dava pressa a restaurá-los, satisfazendo em amantes excessos as dívidas a que tinha negado o agradecimento.

- De que me serviram (dizia ela) tantos desvelados pensamentos? Que lucrei no desperdício das horas em que o engano de diverti-las me introduzia inutilidade a ponderá-las? Ganhava aflições e pudera perder prémios, se o amor, que mos prometia, se não oferecera a si para rebater os rigores do castigo, fineza tão sem medida, que só os excessos do mesmo amor podem pagá-la; mas eu amo como eu, e sempre é menos o que amo que o que devo, ainda empenhando em amar toda a alma, porque não fique nem uma pequena relíquia que não seja pura adoração. E deste infalível é testemunha o mesmo Príncipe a quem a minha fé respeita sempre presente, sem que possa haver distância que lhe oculte os meus cuidados, assim como à sua vista tiveram execução os meus delitos; mas ele, de quem já se não aparta o pensamento, sabe que hoje o pesar dá calor ao sacrifício, e não desprezará a vítima por ser menos nobre a chama que de mim tem a matéria.

A penitência e o fervor andam unidos.

A esta elevação de amantes afectos estava rendida Angélica, quando entrou a visitá-la uma mulher, de quem ela, ainda que tinha notícia, não tinha conhecimento. Era de aspecto grave, semblante macilento, mortificada vista, atenuadas forças, sem alinho no traje, e em tudo diversa dos usos daquela corte. Trazia em sua companhia um homem, vestido de ásperas peles de leão, os olhos vivos, a cor acesa, as acções vigorosas, os passos apressados, o peito armado de duro aço, de que também eram cinco lanças que na mão trazia. Assustou-se a débil aldeã com o estranho da visita e perguntou[281] a que fim a buscavam, a que ele respondeu, sem consultar mais respeito que o do seu fervoroso génio:

- Nenhum de nós (disse) vos busca atraído dos melindres de flor, que nos não agradam estes melindres. Não nego que nascestes formosa, mas se mudastes o ser, e só tornando àquele princípio podeis parecer a que fostes, sem esta transformação me não tereis nunca vosso parcial. Com os sossegos nao se ganham os triunfos, quando pelo que valem as coroas se devem medir as pelejas, não para conseguir o prémio, que para este nunca há razão no merecimento, mas por restaurar no esforço das empresas

[280] "Presistiam" na edição de 1749.
[281] "Preguntou" na edição de 1749.

o que arriscaste na ofensa das majestades. Dai-vos presa na prevenção, que pode ser hoje a última batalha, sem alcançardes[282] tempo de se vos dar bom quartel e, uma vez perdido o assalto, não se recupera o campo. Com cinco pedras derrubou o Profeta Rei o maior gigante; com estas cinco lanças, que vos entrego, fareis utilíssima oposição aos inimigos do Príncipe, se pela direcção desta Senhora, que me faz fiel companhia, entrardes[283] na campanha. Não vos fieis na ternura de uns sensíveis afectos, que muitas vezes os avalia a indiscrição por inexpugnáveis muros, e para destruí-los basta um pensamento. Segui os passos de quem não há-de errar os caminhos, porque não desandeis cega os que tendes dado acertada; quando só despois de moradora no Empíreo, corte em que vão habitar os que bem sabem servir, podeis não temer-vos dos perigosos enganos de Babilónia, que o que o Príncipe vos tem dispensado por favor, deve empenhar-vos o agradecimento, mas não segurar-vos tanto a confiança, que vos esqueçais de aldeã, crendo-vos já rainha.

David

A mortificação dos sentidos é uma utilidade da alma.

Voltou as costas apressado, porque tudo lhe parecia perder tempo, mas deixou a companhia que trouxe, e Angélica, mal cobrada do susto, lhe disse:

- Não sei, Senhora, que vejo em vós, que, estimando-vos para companheira, me sobressaltais como quem me há-de ser oposta. Não conheço ainda quem sois, mas desejo ter convosco amizade por vencer o que me atemoriza.

- Eu, Senhora (respondeu a hóspeda), sempre sou de utilidade aos que querem acompanhar-se comigo, porque ainda quando lhe pareço de ríspida condição nos primeiros dias de praticar-me, acham depois rosas os que lhe pareceram espinhos. Nos empregos de servir o Príncipe sou tão empenhada, que, por segurar-lhe fiéis vassalos, ando conquistando alvedrios, e os que lhe negam sujeição sem mim não tornam à sua graça e, ainda despois de alcançá-la, é preciso se valham de mim para os ajudar a não perdê-la. Em Babilónia tenho grande número de inimigos, e todos que habitam aquela corte temem encontrar-se comigo. Mas ainda que de uns sou aborrecida, tambem, como remédio, sempre de outros sou buscada. Aquele homem, que vistes aqui, é meu fiel conselheiro nas empresas mais difíceis que, sem me dar as resoluções, se perderia o tempo nos vagares; ambos afeiçoados à vossa prometida constância vos buscamos, para que segureis a sua eternidade, sem lhe errardes[284] os caminhos, que supô-los já vencidos é causa de desandá-los, e os ardis dos contrários, para não despenhar-vos, necessitam de cautelas. Essas cinco lanças vos podem alcançar grandes triunfos, que, se souberdes[285] empregá-las sem descuido, cada uma vos ganhará uma coroa e, para com mais valentia pelejardes[286], esforçai o braço no uso de esgrimir estas sete espadas que vos entrego, que podem ser arma tão eficaz, que corte as sete cabeças da hidra mais venenosa que vos ameaça a morte. Consultai comigo as façanhas da vossa fineza, que eu vos seguro o prémio, perseverando[287] vós no merecimento.

Os sete Salmos Penitenciais

Vencido o temor no importante da conveniência, se resolveu Angélica a se entregar às direcções da conselheira e, tão animosa lhe sujeitou a vontade, que não

[282] "Alcançares" na edição de 1749.
[283] "Entrares" na edição de 1749.
[284] "Errares" na edição de 1749.
[285] "Souberes" na edição de 1749.
[286] "Pelejares" na edição de 1749.
[287] "Preseverando" na edição de 1749.

houve dia em que não tivesse que alegar ao Príncipe mais um nos desvelos[288] de servi--lo, de que era guia a sua fiel companheira. Ambas se davam conta do que mais lhe convinha, uma alhanando dificuldades, a outra abraçando-lhe os impulsos, e tanto neste útil contrato se adiantou Angélica, que, pelejando com as determinadas armas, se fez tão destra no triunfo, que já a temiam os seus contrários, porque lhe cortava as forças, quando a investiam mais cautelosos.

Uma tarde em que as saudades do Príncipe inflamaram com mais actividade os afectos do coração da amante aldeã, desceu ao campo, adonde na amenidade das flores, na formosura dos prados encontraria, qual outra esposa, o lírio dos vales. Sentada ao pé de um copado loureiro, que era gigante guarda de um cerrado bosque, esteve o seu pensamento acrescentando matéria ao fogo da consideração. A música das aves, o brando sopro do Zéfiro, o sussurro das fontes, tudo incitava à consonância dos suspiros e, lembrada de que já tinha havido águia real que, movida da suave harmonia de uma harpa, cantara terníssimos sentimentos, lançou mão da misteriosa cítara, que com sete cordas faz guerra aos maiores sete monstros que se fomentam nos abismos e, afinando as vozes da dor, suspendem os ventos que levanta a imaginação e muitas vezes são naufrágio do juízo. Com este bem afinado instrumento acompanhou os discursos com tão eficazes ponderações, que, desatado o coração nos rios do pranto, o que não declaravam as lágrimas foram exprimindo as vozes na cadência destas aspirações, a que deu calor aquele penitente Rei Profeta, nos enternecidos brados dos seus desenganados sentimentos, em que Angélica quis estudar como havia remir perdidos passos e emendar deslizes, que ponderou nestes

O uso da penitência faz guerra aos vícios.

ROMANCES

Domine, ne in furore tuo arguas me:	Señor, pues que tu poder Me tiene ya confundido, Suspende el furor, no arguyas A mi ignorante delito.
Neque in ira tua corripias me.	Este barro, que animaste A soplos, mal defendido De tus iras, no premitas Quede deshecho edificio.
Miserere mei Domine, quoniam infirmus sum: sana me Domine, quoniam conturbata sunt ossa mea.	Sane el alma, que doliente De mortal achaque miro, Que la clemencia es remedio, Quando es desmayo el peligro.
Et anima mea turbata est valde, sed tu Domine usquequo.	Hasta cuando ha de arrastrar La cadena el albedrío, Sin que deshagan sus hierros Los golpes de tus auxilios.

[288] "Disvelos" na edição de 1749.

	Deje ya una vez lo fiero Este pecho endurecido, Que ofende la libertad Preciar infame dominio.
Convertere Domine, & eripe animam meam: salvum me fac propter misericordiam tuam	No de mi alma te alejes, Señor, y del labirinto De intrincados desaciertos Salga de tu sangre al hilo.
Quoniam non est in morte, qui memor fit tui: in inferno autem quis confitebitur tibi?	No se quede la memoria Para el último conflito, Que es despreciar tu clemencia Esperarla en el abismo.
Laboravi in gemitu meo, lavabo per singulas noctes lectum meum, lacrimis meis stratum meum rigabo.	En la noche de mis culpas De mi llanto lo vertido Inundará el duro lecho A solas en mi retiro.
Turbatus est a furore oculus meus: inveteravi inter omnes inimicos meos.	Confieso, que a tu furor Cerré los ojos, vencidos De enemigos, que traidores Trocaron el hombre antigo.
Discedite a me omnes, qui operamini iniquitatem: quoniam exaudivit Dominus vocem fletus mei.	Esos profanos contrarios Se alejen de mí, pues miro Que escuchó Dios las ternezas, Porque rogaron suspiros.
Exaudivit Dominus deprecationem meam, Dominus orationem meam suscepit.	Pues a mi humilde oración Escuchaste, Señor pío, No me desdeñes el ruego, Admíteme el sacrificio.
Erubescant, & contusbentur vehementer omnes inimici mei, convertantur, & erubescant valde velociter.	Los que contra mí se oponen Conturbense en su delito, Que es afrienta de lo recto Preserverar inimigos.
	Y pues que despedazado A los golpes de contrito Te busca el llanto fiel, Olvida lo fementido.

No desembainhar desta primeira espada cobrou Angélica tão vigoroso alento, que, sem temor de pouco destra, continuou a segunda em segundo

ROMANCE

Beati quorum remissae sunt iniquitates; & quorum tecta sunt peccata.	Mil veces, dichoso aquel, Que en confusiones violentas Escucha de sus delitos Ya remetida la pena.
Beatus vir, cui non imputavit Dominus peccatum, nec est in spiritu ejus dolus.	Dichoso el que al tribunal, En que ha de oír Ia sentencia, Porque sin malicia erró Le absolven de Ia cadena.
Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea, dum clamarem tota die.	Callé el delito, y mis huesos En vejez tan desatenta Mal logravan en mis días, Que clamase a tu presencia.
Quoniam die, ac nocte gravata est super me manus tua: conversus sum in aerumna mea, dum configitur spina.	Mi alma en mortal letargo Ciega dava en mi dolencia Excessos a Ia osadía, Y a Ia cura Ia tibieza. Mas tu azote profiado En mi cayó con tal fuerza, Que el dolor de Ias espinas Sanó el alma, que era enferma.
Delictum meum cognitum tibi feci: & injustitiam meam non abscondi.	Ya del sueño recordada De mi culpa Ia fiereza, Para alcanzarme el perdón Mi confesión interceda.
Dixi: confitebor adversum me injustitiam meam Domino, & tu remisisti impietatem peccati mei.	Cual publicano pequé, Diré del cielo a Ias puertas, Porque un corazón contrito Los más duros bronces quiebra.
Pro hac orabit ad te omnis sanctus in tempore opportuno.	Tu clemencia invocaré, Pues de begnina se precia,

	Que con los santos es justo Rendida oración te ofrezca.
Verumtamen in diluvio aquarum multarum ad eum non approximabunt.	De la fe bien doutrinados Los justos, que te celebran No los ahoga el diluvio, Que tribulento los cerca.
Tu es refugium meum a tribulatione, quae circumdedit me: exultation mea erue me a circumdantibus me.	De mis aflictas congojas En ti el alivio se encierra, Socorriendome valiente Cuando el cerco más me aprieta.
Intellectum tibi dabo, & instruam te in via hac, qua gradieris, firmabo super te oculos meos.	Soberana inteligencia, En los caminos espera, Quien en tu divino aspecto Firmes sus bienes anhela.
Nolite fieri sicut equus, & mullus, quibus non est intellectus.	No como los brutos ponga Mis cuidados en la tierra, Olvidando la razón Los fines, en que interesa.
In camo, & fraeno maxillas eorum constringe, qui non approximant ad te.	Castiga siniestros dogmas, No haya quien resistir pueda Tus iras, y los trabajos Freno a los delitos sean.
Multa flagella peccatoris, sperantem autem in Domino misericordia circumdabit.	A obstinados pecadores Las calamidades cercan; Pero la esperanza en ti Facilite tu clemencia.
Laetamini in Domino, & exultate justi, & gloriamini omnes recti corde.	Los justos se alegren, pues Miro com intención recta, Que deve gloriarse el alma Del corazón en la ofrenda.

Aos golpes da consideração, quando mais repetidos, vence dificuldades a vontade. Batiam as verdades às portas do discurso e, para não tornar a cerrá-las o engano, continuou Angélica em esgrimir a terceira espada no terceiro

ROMANCE

Domine, ne in furore tuo arguas me, neque in ira tua corripias me.

Otra vez a tus piedades,
Señor, confundida llego,
Que tu furor no me arguya,
Pide arrepentido el pecho.

Quoniam sagittae tuae infixae sunt mihi: & confirmasti super me manum tuam.

Ya de tu mano esgrimido
Tan duro hiere el acero,
Que de la saeta al golpe
Se desmayan los alientos.

Non est sanitas in carne mea a facie irae tuae, non est pax ossibus meis a facie peccatorum.

No hay al dolor resistencia,
Pues de mi culpa al recelo,
Desecha en polvo me miro,
Cuando irado os considero.

Quoniam iniquitates meae super gressae sunt caput meum; & sicut onus grave gravatae sunt super me.

De mis males Io infinito
Numerado en mis cabellos;
Se acaba el número, y quedan,
Más que el cabello, los yerros.

Putruerunt, & curruptae sunt cicatrices meae: a facie insipientiae meae.

Las dolientes cicatrices
Parecen al sofrimiento,
Insufribles al dolor,
Imposibles al remedio.

Miser factus sum, & curvatus sum usque in finem: tota die contristatus ingrediebar.

Perturbado el corazón,
Fatigado el pensamiento;
Miro el Sol tiniebla obscura,
El día ocaso funesto.

Quoniam lumbi mei impleti sunt illusionibus; & non est sanitas in carne mea.

Doliente, turbada, y triste
Todo el corazón enfermo,
Aun de mi dano se burlan
Los que ven cuanto padezco.

Aflictus sum, & humiliates sum nimis: rugiebam a gemitu cordis mei.

Ya de mis ciegas pasiones
Confuso, y humilde el deseo
Sueñan del dolor bramidos
Los racionales alientos.

Domine, ante te omne desiderium meum: & gemitus meus a te non est absconditus.

Delante de nuestros ojos
No presisten los secretos,

	Porque sabéis los cuidados Luego, que nacen intentos.
Cor meum conturbatum est, dereliquit me virtus mea: & lumen oculorum meorum, & ipsum non est mecum.	Turbado mi corazón Ni a pedir, ni a dar acierto; Vos sabéis lo que me importa, Yo sé, que de vos lo espero.
Amici mei, & proximi mei: adversum me appropinquaverunt, & steterunt.	Ya de ampararme se olvidan Los que confidentes fueron, Unos cobardes me dejan Otros presiguen severos.
Et qui juxta me erant, de longe steterunt, & vim faciebant, qui quaerebant animam meam.	Falfisicando razones Desagradecidos dieron, Con ingrata acusación, Desculpa a su esquecimiento.
Et qui inquirebant mala mihi, locuti sunt vanitates: & dolor tota die meditabantur.	Yo constante a las injurias Callo, y sufro a mi despecho El dolor de los engaños, Los males, que contra mi urdieron.
Ego autem, tamquam surdus, non audiebam: & sicut mutus, non aperiens os suum.	Entre callar, y gemir, A las voces sordo el pecho, Sin actividad la queja, Vive emmudecido el ruego.
Et factus sum sicut homo non audiens: & non habens in ore suo redargutiones.	Cual hombre de pedreñal Calamidades sufriendo, Ni arguir, ni reprehender Escuchan a mi ardimiento.
Quoniam in te Domine speravi: tu exaudies me Domine Deus meus.	En ti mi esperanza vive, Que escuchas mentales ecos, Para ayudarme eres Dios, De quien confío el remedio.
Quia dixi: ne quando supergaudeant mihi inimici mei: & dum commoventur pedes mei, super me magma locuti sunt.	No se alegren mis contrarios Otra vez, mi dolor viendo, Que si a buscarte camino, De sus lenguas no me temo.
Quoniam ego in flagella paratus sum: & dolor meus in conspectu meo semper.	Mis contrarios inimigos Multiplicados salieron

	Del odio a los huracanes A fatigarme despiertos.
Quoniam iniquitatem meam annuntiabo: & cogitabo pro peccato meo.	Avaliando mis delitos, Quieren con airado ceño, Que a los ímpetos del mal Se entriegue mi pensamiento.
Inimici autem mei vivunt, & confirmati sunt super me: & multiplicati sunt, qui oderunt me inique.	Juntos me envisten furiosos Para maltratarme ciertos, Multiplicando rigores, Desembainado el acero.
Qui retribuunt mala pro bonis, detrahebant mihi: quoniam sequebar bonitatem.	Agravios por beneficios Comigo van dispendendo, Que del contrario se cobra Solo el mal del vituperio.
Ne derelinquas me Domine Deus meus: ne discesseris a me.	Ya que sois Sol de justicia, Y en las borrascas me anego; Llegen las luces divinas Las tempestades venciendo.
Intende in adjutorium meum, Domine Deus salutis meae.	Vos sois Dios de la salud, Mi pecho, Señor, enfermo Sacadle de ceguedades, Pues que se pierde en si mesmo.

Com mais conhecimento, ainda que não com menos temor, continuava Angélica a batalha contra os seus pensamentos. Ponderava quanto sobressalvam a um homem de tão grande coração ser ingrato a benefícios e via que ela aos que recebia ainda não era fiel conrespondente, e foi esgrimindo a quarta espada no quarto

ROMANCE

Miserere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam.	La multitud de mis culpas, Señor, para indulto mío De vuestras misericordias Buscan poder infinito.
Et secundum multitudinem miscrationum miserationum, dele iniquitatem meam.	Aunque he perdido la cuenta A mis ciegos desvaríos, Apáguelos tu clemencia, No los pongas en el juicio.

Amplius lava me ab iniquitate mea: & a peccato meo munda me.	Acaben ya de alabarse Las manchas de mis delitos, Y en el mar de vuestra sangre Queden otra vez remidos.
Quoniam iniquitatem meam ego cognosco; & peccatum meum contra me est semper.	Siempre contra mi esgrimindo Está en batalla el sentido, Que el pecado, y la memoria Dan al dolor exercicio.
Tibi soli peccavi, & malum coram te feci: ut justificeris in sermonibus tuis, & vincas cum judicaris.	Pequé, Señor, y mi culpa Pertende hallaros propicio, Y del raudal de mi llanto Os compadezca el ruido.
Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum, & in peccatis concepit me mater mea.	Aunque mis yerros a solas Del discurso eran delirios, Siempre sus danos tuviron Vuestros ojos por testigos. En aquel daño primero, Mirad, que fue mi principio, Y del pecado me tocan Los síntomas del peligro.
Ecce enim veritatem dilexisti: incerta, & occulta sapientiae tuae manifestasti mihi.	Vos las verdades amastes, Cuando de ocultos prodigios Las más dudosas materias Me revelastes benigno.
Asperges me hyssopo, & mundabor: lavabis me, & super nivem dealbabor.	Otra vez de vuestra gracia Me refrigere el rocío, Quedará escura la nieve En competencia comigo.
Auditui meo dabis gaudium, & laetitiam: & axultabunt ossa humiliata.	El eco de vuestra voz Dulce alegre mis oídos, Porque mi flaqueza cobre Aliento con su sonido.
Averte faciem tuam a peccatis meis: & omnes iniquitates meas dele.	No al horror de mis pecados Cerréis los ojos, pues miro, Solo puede aniquilarlos, Señor, vuestro sangre mismo.

Cor mundum crea in me Deus, & spiritum rectum innova in visceribus meis.	Crie nuevo corazón En mí ese poder invicto, Y se conozca en mi pecho Que vuestro amparo consigo.
Ne projicias me a facie tua, & spiritum sanctum tuum ne auferas a me.	No me arroje vuestra face De si, porque en tal conflicto El Sol, Ia aurora, y el día Serán noche, horror y abismo.
Redde mihi laetitiam salutaris tui: & spiritu principali confirma me.	Vuélvase a mi alma enferma Aquel profético alivio De esperanza saludable, A quien claman los suspiros.
Docebo iniquos vias tuas: & impii ad te convertentur.	De vuestra gloria Ia senda, Y de enseñar a los impios, Porque en mi ejemplo conozcan La ley de vuestros caminos.
Libera me de sanguinibus Deus, Deus salutis meae: & exultabit lingua mea justitiam tuam.	Ya que eres Dios de salud, Dios, en que solo confío, Líbrame de los afectos, De Ias fabulas del siglo.
Domine, labia mea aperies, & os meum annuntiabit laudem tuam.	Abrid mis labios, Señor, Para que rotos sus grillos, A clamar vuestras victorias Sea mi emprego continuo.
Quoniam si voluisses sacrificium, dedissem utique: holocaustis non delectaberis.	Si de mi vertida sangre Os agrada el sacrificio, Quiero bañar vuestras aras De sangre, vertiendo ríos.
Sacrificium Deo spiritus contribulatus: cor contritum, & humiliatum Deus non despicies.	Pero ya en el mar del llanto, En que navega contrito Este humilde corazón La víctima he conseguido.
Benigne fac Domine in bona voluntate tua Sion: ut aedificentur muri Jerusalem.	Benigna esa voluntad Mostrad de Sion al dominio, Porque en sus muros prosiga De Jerusalén lo invicto.

Tunc acceptabis sacrificium justitiae, oblationes, & holocausta, tunc imponent super altare tuum vitulos.	Y en ofrenda religiosa, En holocausto rendido, Ofreceré a vuestro altar Fuego ardiente, sangre vivo.

Ao passo da constância com que Angélica se adestrava no conhecimento do que podiam as armas da consideração para destruir as máquinas com que seus inimigos a combatiam, crescia o poder para vencê-los, valendo-se do muito que lucrava nas diligências para conseguir as vitórias e, continuando em alcançá-las, passou a desembainhar outra espada, porque os sucessos a não achassem desarmada.

Domine, exaudi orationem meam: & clamor meus ad te veniat.	Escuchad, Señor, mis voces, Que aunque entre clamores tristes El pecho a vos Ias envía Antes que llegue a morirse.
Non avertas faciem tuam a me: in quacumque die tribulor, inclina ad me aurem tuam.	Mi tribulación amarga Al sofrimiento invencible Vos podéis remediarla, Pues que remirla quisistes.
In quacumque die invocavero te: velociter exaudi me.	No en vano llegue a invocaros Mi voz, pues se le premite, Que en fe de vuestras piedades Toda mi esperanza fíe.
Quia defecerunt, sicut fumus, dies mei: & ossa mea sicut cremium aruerunt.	Desterrada de Ia patria Mis dias pasé infelices, Tenebrosa era Ia luz, Humo Ia dicha apacible.
Percussus sum ut faenum, & aruit cor meum: quia oblitus sum comedere panem meum.	Cual heno, en quien el maltrato Executa los deslices, Y por negarse al cuidado, Que Io pisasen, premite.
A voce gemitus mei: adhaesit os meum carni meae.	El eco de mis gemidos, Voz, en que el pavor se exprime, Hizo que Io racional Edificio se arruine.
Similis factus sum pelicano solitudinis: factus sum sicut nycticorax in domicilio.	Mi pecho, cual pelicano Misterioso simbolize Tristezas de solitario, A quien el temor aflige.

Vigilavi, & factus sum sicut passer solitarius in tecto.

Entregue a mi triste llanto,
Hace el dolor, que vigie,
Qual pájaro solitario,
Que de soledades vive.

Tota die exprobrabant mihi inimici mei: & qui laudabant me, adversum me jurabant.

Ya de amigos olvidado
Sólo al dolor se premite
Ver, que unos me buscan ciegos,
Otros de que llore ríen.

Quia cinerem, tanquam panem, manducabam, & potum meum cum fletu miscebam.

Enlutado el corazón
Hasta el sustento le oprime,
Bebe llanto, y se alimenta
Del pan de ceniza triste.

A facie irae, & indignationis tuae, quia elevans allisisti me.

Entre amenaza, y favor
Dispensaste, que divise
Una piedad, que me exalte,
Porque más me precipite.

Dies mei sicut umbra declinaverunt : & ego sicut faenum arui.

Mis años vuelan, cual sombra,
Como para prevenirse,
Que a los estragos del tiempo
El verdor se esterilize.

Tu autem Domine in aeternum permanes: & memoriale tuum in generationem, & generationem.

Vos, que sois Dios inefable,
A quien todo el tiempo rinde
La duración de los siglos,
Sin que puedan decidirse.

Tu exurgens misereberis Sion: quia tempus miserendi ejus, quia venit tempus.

De Sión os recordáis,
Que en triste sollozo gime,
Sin que vuestra piedade nunca
De recuerdo necesite.

Quoniam placuerunt servis tuis lapides ejus: & terrae ejus miserebuntur.

Sus piedras fueron abrigo
A los que fieles te sirven,
Mas transformadas en polvo
Son de las culpas desquite.

Et timebunt gentes nomen tuum Domine: & omnes reges terrae gloriam tuam.

Escudo a tantos combates
Tu nombre sagrado erige

	Fuerte defensa, de quien Huya aquel soberbio Príncipe.
Quia edificavit Dominus Sion: & videbitur in gloria sua.	Este pueblo edificastes, Como soberano artífice, Es justo, que como vuestro Tanto favor se eternize.
Respexit in orationem humilium; & non sprevit precem eorum.	A sus miserias rendido Tu piedad invoca humilde, Que para alcanzar piedades Siempre el rendimiento sirve.
Scribantus haec in generatione altera: & populus, qui creabitur, laudabit Dominum.	De sus deudas la memoria En duros bronzes escribe, Que en nueva generación Nueva adoración dedique.
Quia prospexit de excelso sancto suo: Dominus de Caelo in terram aspexit.	Cuando de vuestra clemencia La vista a la tierra incline, Mandando para remirla Aquel cordero pasible:
Ut audiret gemitus compeditorum: ut solveret filios interemptorum.	Rotos los pesados grillos, En que tanto preso gime, Lo que a los padres fue llanto, A los hijos será timbre.
Ut annuntient in Sion nomen Domini: & laudem ejus in Jerusalem.	Sión y Jerusalen Louvarán tu nombre insigne; Dejando ociosa la fe Las maravillas visibles.
In conveniendo populos in unum: & Reges ut serviant Domino.	Tu immensidad celebrada Se verá sin desunirse Desde lo regio elevado Hasta las voces civiles
Respondit ei in via virtutis suae: paucitatem dierum meorum nuntia mihi.	Aunque de la airada parca Mi vida estrago se mire, Y se retarde el misterio, Por no merecer quien pide:
Ne revoces me in dimidio dierum meorum: *in generationem*, *& generationem*	No revogues el decreto, Que la esperanza marchite,

anni tui.	Porque a tu eterno poder No hay siglo, no, que lo eclipse.
Initio tu Domine terram fundasti: & opera manuum tuarum sunt Caeli.	De tu mano prodigiosa Esas antorchas reciben La luz, que a los elementos Puebla por misteriosos fines.
Ipsi peribunt, tu autem permanes: & omnes sicut vestimentum veterascent.	Con tan bella variedad A la mudanza se rinden; Que para que uno amanezca, Es bien que otro se retire.
Et sicut opertorium mutabis eos, & mutabuntur: tu autem idem ipse es, & anni tui non deficient.	Siendo en firme oposición, En que el tiempo se divide, Del estrago universal Exploradores insignes. Vos en quien mira la fe Sois de los tiempos origen, Sin fin, principio, ni tiempo, Que os pueda poner limite:
Filii servorum tuorum habitabunt : & semen eorum in saeculum dirigetur.	Vuestra gracia le dará La luz, con que eterna brille, Cuando a futuras edades El Evangelio predique.

Adiantando merecimentos andava Angélica em servir o Príncipe e, tão afeiçoada ao que a podia pôr mais destra, não perdia dia em que no uso das espadas não acrescentasse timbres à sua coroa, que foi enriquecendo com os finos diamantes destes exercícios:

De profundis clamavi ad te Domine: Domine, exaudi vocem meam.	De las pasiones del alma, Señor, escucha los males, Que a ti el dolor en suspiros Te quiere dar dellas parte. Del más profundo del pecho Envuelto en lágrimas sale Un ruego, que en tu clemencia De la esperanza renace.
Fiant aures tuae intendentes, in vocem deprecationis meae.	A mis fatigas inclina Tu oído, para que alcance,

	Lo tierno de mi oración, De tu perdón las piedades.
Si iniquitates observaveris Domine: Domine, quis sustinebit?	Confundido del temor, Receloso de tu ultraje, El corazón en tu juicio Va empezando a desmayarse.
Quia apud te propitiatio est, & propter legem tuam sustinui te Domine.	Aunque templado el rigor Llego a creer, pues reparte Al que está cerca de ti Tu mano el mayor realce.
Sustinuit anima mea in verbo ejus, speravit anima mea in Domino.	Oye mi esperanza en tu fe, Porque fiel se señale, En tu palavra confía, Que no es posible que falte.
A custodia matutina usque ad noctem: speret Israel in Domino.	Israel tanbién espera, Que se le abra el duro carcel, Desde que el sol se sepulta, Hasta que su luz renace.
Quia apud Dominum misericordia, & copiosa apud eum redemptio.	Pero de esa fuente dulce, Quiso amor se desatase Copiosa la redención Al hombre ara favorable.
Et ipse redimet Israel: ex omnibus iniquitatibus ejus.	Quedará absuelto tu pueblo De los grillos fromidables, Que arrastra, como cautivo, Todo el humano linage.

- Muito podem os desenganos (dizia Angélica), quando as verdades resplandecem à luz da ponderação. Que diferentes vejo agora, do que até aqui me pareciam, os cuidados dos Babilónios. Mas se as armas do Empíreo rebatem aquelas indústrias, como não haviam poder mais as suas forças? Não fique ociosa a última espada, que quem tem inimigos à vista não deve sossegar nas conquistas.

E com este pensamento continuou o seu exercício, dizendo:

Domine, exaudi orationem meam, auribus percipe ob secrationem meam in veritate tua, exaudi me in tua justitia.	Ya, Señor, que de tu mano La luz hermosa criaste, Alumbra en mí la tiniebla, Que tu resplandor deshace.

	A mi lastimado ruego No se niegue tu semblante, Que de tu justicia apelo Para el mar de tus piedades.
Et non intres in judicium cum servo tuo: quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens.	No entres con airada mano Para sentenciar mis males, Que en tu juicio no hallarás Que llega inocente nadie.
Quia persecutus est nimicus animam meam: humiliavit in terram vitam meam.	Un poderoso inimigo Me oprime con fuerza grave, No sólo contra la vida, Hasta del alma en desaire.
Collocavit me in obscuris, sicut mortuos saeculi: & anxiatus est super me spiritus meus, in me turbatum est cor meum.	En el más obscuro centro De la tierra, cual cadáver, Mi corazón se conturba Que hasta respirar no sabe.
Memor fui dierum antiquorum, meditatus sum in omnibus operibus tuis: in factis manuum tuarum meditabar.	Las antigas maravillas, Que por tu mano labraste, La memoria Ias contempla, Sin que Ia fe Ias embargue.
Expandi manus meas ad te, anima mea, sicut terra, sine aqua tibi.	Cual tierra a que esteriliza Faltarle el licor suave, Mi mano a ti extendí Aspirando a tus piedades.
Velociter exaudi me, Domine, defecit spiritus meus.	Al cielo por tantas gracias Gracias daré, se abrazarme En el fuego de tu amor, Hoy tu compasión llegase.
Non avertas faciem tuam a me, & similis ero descendentibus in lacum.	No retardes el oírme, Señõr, porque en mis pesares El corazón desfallece, Oprimido en los afanes.
Auditam fac mihi misericordiam tuam; quia in te speravi.	Aplícame de tus oídos La receta saludable, Porque no triunfe de mí Aquella mano cobarde.

Notam fac mihi viam, in qua ambulem: quia ad te levavi animam meam.	No le tarde a mi noticia De tu clemencia lo afable, Que puedo desmerecerla, Mas tu no puedes faltarme.
Eripe me de inimicis meis, Domine, ad te confugi, doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu.	Eres mi Dios , e a ti sólo Debe el alma encaminarse, Porque de inimigos libre, Que eres quien puede librarme.
Spiritus tuus bonus deducet me in terram rectam: propter nomen tuum Domine vivificabis me in aequitate tua.	Sólo en tu favor confío De mis contrarios librarme, Y a tu voluntad rendida Olvidaré los ultrajes.
Educes de tribulatione animam meam: & in misericordia tua disperdes inimicos meos.	Sea tu favor el norte, Que en tan alterados mares En el puerto de salud, Antes, que en Ia muerte, pare. Acábese mi congoja, Destiérrense mis afanes, Y de tus misericordias Mi tribulación se ampare.
Et perdes omnes, qui tribulant animam meam: quoniam ego servus tuus sum.	El dolor, que al alma aflige, Pues tu siervo soy, repare, Que cuando a mí me defiendes, Es que defiendes tu parte.

Não estava o Príncipe tão distante, que deixasse de ouvir os ecos destas aspirações, obrigando-se das ternuras de que o seu amor, sendo dívidas, aceitava como merecimentos e, vendo que em Angélica os discursos se alimentavam da fineza, determinou um novo excesso de conrespondê-la, porque, dobrando os grilhões para a prender, lhe não ficasse mais liberdade que para amá-lo. Falou-lhe com afabilidade de amante, que nem sempre os cenhos do rigor ganham as mais difíceis empresas, que Amor, sábio mestre na arte de amar, para render corações também usa das ternezas, que são muitas vezes as que ganham as palmas. Convidou-a para elevá-la ao alto trono de que fazia brasão a sua grandeza, dispondo-a com os importantes avisos para tão difícil assalto e, achando-a armada de valor para entrar a conquistar a coroa, até dar para consegui-la a vida, lhe mostrou os caminhos de segurá-la, e ela, que já em amar achava mais lucros que em temer, deu todo o peito às setas, ambiciosa dos favores, e lhe disse:

- Já sei, Senhor, que a vossa clemência faz timbre de exceder a minha culpa e, esquecido da que sou, quereis dar-me novo ser, fazendo-me a vós semelhante, não só naquele primeiro princípio em que elevastes a vileza do barro, tomando parte na sua natureza, mas querendo que em tálamo igual receba a coroa, que na vossa real cabeça subiu tanto de preço, que ainda a mais vil escrava fica com ela rainha e, por ma tecerdes[289] de rosas, tomais só dela os espinhos. Agora sim, soberano Senhor meu, que, no majestoso trono em que vos adoro, vejo que igual vos retrato, e em tão sublime esfera se sustenta a minha esperança, não nos Exes, mas nos cravos, e fica para mim prémio o que para vós foi ludíbrio. Agora sim, que colho, da árvore da vida, os sazonados frutos de que se alimentam os cidadões do vosso reino, e dos enganosos bens de Babilónia canta o triunfo quem convosco reina. Aqui, nas chamas de amor ardendo esse odorífero lenho, se purifica a minha fineza, para que de vós fique o meu coração um fiel treslado. Dizem que, se se afinam, em igual distância, dous instrumentos acordes, quanto em suaves ecos se escuta em um, naturalmente em outro se percebe. Esta misteriosa ciência de que me dá lições o vosso amor se vê em mim praticada nesta real cadeira, com pontos de aumentação nos meus sentidos, e afinados os contrapontos na dor dos perdidos anos, que foram da cegueira estudos, me mostra o tempo, na prática dos desprezos, que só em os considerar interesso. Já, Senhor, são outros os meus cuidados e, derrubados os ídolos a que ofereciam culto os pensamentos, se desvaneceram os funestos fumos que traziam enredados os discursos, ficando o coração na sombra desse saudável lenho, tão outro para as verdades da fé, que por ela quero dar os últimos alentos da vida e, batendo as asas do conhecimento, se abrase o meu peito, qual amoroso Fénix, que acende no ar dos suspiros a lavareda em que se queima, até que, deixando a antiga morada renasça para melhor hemisfério e logre a posse de que hoje só tenho a esperança.

Na Encarnação

Era o Príncipe cristalino espelho em que Angélica começou a adornar-se para o dia das vodas, vestindo-se de tão semelhantes galas, que em ditosa transformação podia dizer: Eu não vivo só, porque o Príncipe vive em mim. E nesta perseverante[290] união se habilitaram os extremos, a que já, a impulsos da fé, sabia não atrever-se-lhe os contrários, temerosos de ficarem vencidos, que um tão poderoso braço como o com que foi defendida dos golpes de Babilónia deixava[291] inúteis as armas, por mais que fossem do furor esgrimidas, que tudo vence quem da majestade se ampara. Confiem nos mais árduos combates ainda as mais debilitadas forças, se para a peleja desembainharem aquelas sete espadas, que costumam ganhar as coroas. Aprenda a omissão a imitar os vigorosos passos com que se conquistam os ceptros, que para premiar serviços estão abertos os tesouros e, depois das batalhas são glória as lidas. Assim continuou Angélica bem achada nas novas empresas, como quem já tinha tomado o pulso às falidas venturas de que só os moradores de Babilónia fazem importância; mas não se fiem os descuidos de que a toda a hora se abre a porta ao requirimento que, quando a rebeldia prende para o rogo, só a justiça sentenceia a causa.

S. Paulo

FIM

[289] "Teceres" na edição de 1749.
[290] "Preseverante" na edição de 1749.
[291] "Deixavam" na edição de 1749.